

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Victoria Jurkfitz Kessler Thibes

Lula na revista Veja:

uma comparação entre 2002 e 2010

Porto Alegre

2012

Victoria Jurkfitz Kessler Thibes

Lula na revista *Veja*: uma comparação entre 2002 e 2010

Trabalho realizado como pré-requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Prof^a. Dra. Aline Strelow

Porto Alegre

2012

Lula na revista Veja: uma comparação entre 2002 e 2010

Trabalho realizado como pré-requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Prof^a. Dra. Aline Strelow

Aprovado em 26 de junho de 2012

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow/UFRGS

Prof^a. Dra. Márcia Benetti Machado/UFRGS

Prof^a. Dra. Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca/UFRGS

RESUMO

Este trabalho estuda a formação de sentidos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas reportagens da revista *Veja*, fazendo uma comparação entre 2002 e 2010. O objetivo geral é verificar se houve mudança na imagem de Lula na revista após oito anos de presidência, compreendendo o momento em que ele foi eleito e seu último ano de governo. Os objetivos específicos são descobrir os sentidos apresentados pela revista em 2002, descobrir os sentidos apresentados em 2010 e comparar os resultados obtidos. Utilizamos como método a Análise de Discurso de linha francesa (AD), analisando cada uma das matérias selecionadas e identificando suas Formações Discursivas (FD), exemplificadas através de diferentes Sequências Discursivas (SD). Para compor o *corpus* da pesquisa selecionamos uma matéria para cada mês entre Setembro e Novembro de 2002 e Setembro e Novembro de 2010, compreendendo o mês imediatamente anterior às eleições, o período entre o 1º e o 2º turnos e o mês imediatamente após as eleições, quando já se sabia o resultado. Levamos em consideração as matérias que foram mostradas na capa da revista, por entender que esta é a principal da edição, e selecionamos as que se aproximam mais de nosso objeto de pesquisa, Lula. Vimos uma profunda mudança entre os sentidos apresentados em 2002 e 2010. Apesar de uma visão negativa sobre o ainda candidato em 2002, *Veja* o criticava em especial por sua ideologia política do passado, mas sempre destacava uma mudança para melhor ao longo dos anos e seu bom caráter como pessoa. Após a vitória de Lula nas eleições, a revista tinha uma perspectiva otimista para seu governo, e sua visão era, em geral, positiva. Em 2010, no entanto, vemos uma forte oposição de *Veja* contra o presidente e seu partido, com pesadas críticas feitas a Lula, que é visto como autoritário e corrupto.

Palavras-chave: Lula; PT; *Veja*; Jornalismo político; Análise do discurso jornalístico.

ABSTRACT

This research studies the meanings created about ex-president Luiz Inácio Lula da Silva on *Veja* magazine, making a comparison between 2002 and 2010. The general objective is to verify if there was any change in the magazine's view of Lula after eight years of Presidency, taking into account the year in which he was elected and the last year of his term. The specific objectives are to discover the meanings showed by the magazine in 2002, the meanings showed in 2010 and make a comparison between the two. As a method we used the French Discourse Analysis (DA), analyzing each of the selected articles, identifying their Discourse Formations (DF) and exemplifying them through Discourse Sequences (DS). To assemble a *corpus* of this research we selected one article for each month between September and November, 2002, and September and November, 2010, comprehending the month immediately before elections, the period between turns and the month immediately after elections, when results were already known. We took into consideration articles that were featured on the cover, for we understand that these are the most important of the edition, and selected those that were closest to our research object, Lula. We saw a deep change between the meanings showed in 2002 and 2010. Although it had a negative view about the then candidate in 2002, *Veja* criticized him specially about his political inclinations in the past, making it clear, though, that he changed in the past few years and had a good character overall. After Lula's victory in the elections it had an optimistic perspective on his future government, and its view was, in general, positive. In 2010, however, we see a strong opposition from *Veja* towards Lula, who is showed as authoritarian and corrupt.

Keywords: Lula; PT; *Veja*; Political Journalism; Discourse Analysis in Journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A TRAJETÓRIA DE LULA E VEJA.....	13
2.1 A reviravolta dos anos 1960.....	14
2.2 Lula presidente.....	23
2.3 Corrupção e escândalos.....	25
2.3.1 Caso Waldomiro Diniz e CPI dos Bingos.....	25
2.3.2 O Mensalão.....	27
2.3.3 Outros casos.....	30
3 O DISCURSO JORNALÍSTICO.....	32
3.1 Jornalismo e informação.....	32
3.2 Jornalismo e discurso.....	45
4 ANÁLISE.....	53
4.1 Análise do Discurso de linha francesa.....	53
4.2 Definição do <i>corpus</i>	55
4.3 Matérias de 2002.....	57
4.3.1 Cristãos-novos do Capitalismo.....	57
4.3.1.1 FD1 – Lula e o PT eram socialistas.....	58
4.3.1.2 FD2 – Lula e o PT mudaram.....	59
4.3.1.3 FD3 – Sua mudança é superficial.....	60
4.3.1.4 FD4 – A eleição de Lula presidente é um risco.....	62
4.3.2 Triunfo histórico.....	63

4.3.2.1 FD1 – Um homem do povo, como muitos outros.....	63
4.3.2.2 FD2 – Marco histórico, triunfo do Brasil.....	66
4.3.2.3 FD3 – História de derrotas e perseverança.....	67
4.3.2.4 FD4 – Um político moderado, não tradicional e habilidoso.....	68
4.3.3 Um por todos e todos por um.....	70
4.3.3.1 FD1 – Companhias que fortalecem Lula.....	71
4.3.3.2 FD2 – PT renovado, controle da cúpula sobre os radicais.....	73
4.3.3.3 FD3 – Governo de Lula é promissor, aproximação com FHC.....	75
4.4 Matérias de 2010.....	76
4.4.1 A imprensa ideal dos petistas.....	76
4.4.1.1 FD1 – PT e Lula: atacantes mentirosos e autoritários.....	77
4.4.1.2 FD2 – Lula tentou dominar a mídia.....	79
4.4.1.3 FD3 – Governo Dilma: risco de continuidade do autoritarismo.....	79
4.4.1.4 FD4 – Oposição: legítima, inteligente, está se defendendo dos ataques.....	80
4.4.2 Intrigas de Estado.....	82
4.4.2.1 FD1 – Criminosos.....	83
4.4.2.2 FD2 – Vítimas.....	85
4.4.2.3 FD3 – Cúmplices.....	86
4.4.2.4 FD4 – <i>Veja</i> caça os criminosos.....	87
4.4.3 Lula e o futuro do lulismo.....	87
4.4.3.1 FD1 – Lula se acostumou às regalias e quer mantê-las.....	88
4.4.3.2 FD2 – Lula se considera mais importante do que é.....	90
4.4.3.3 FD3 – Lula quer continuar influente na política.....	91

4.4.3.4 FD4 – Lula não foi um grande presidente.....	92
4.5 Considerações acerca da análise.....	94
5 CONCLUSÃO.....	98
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
7 APÊNDICES.....	110
8 ANEXOS.....	144
8.1 MATÉRIAS UTILIZADAS NA ANÁLISE.....	147

1 INTRODUÇÃO

Luiz Inácio Lula da Silva pode ser considerado uma das principais figuras do cenário político brasileiro recente. Idealizou e ajudou a construir o Partido dos Trabalhadores (PT), que desde os anos 1990 se consolidou como um dos maiores e mais influentes do país, foi presidente por dois mandatos seguidos e saiu do cargo com popularidade recorde no mundo, com 87% de aprovação¹. Seu governo foi ao mesmo tempo marcado por um bom desempenho nas áreas econômica e social (aumento do PIB, valorização do salário mínimo, diminuição da taxa de desemprego) (DIEESE, 2012) e diversos escândalos de corrupção (CPI dos Bingos, Mensalão, CPI das Ambulâncias). Nascido no interior de Pernambuco, Lula passou por uma infância e juventude pobres, migrou para São Paulo, entrou para a indústria e se tornou um prestigiado líder sindical para em seguida ingressar na política.

Veja, por sua vez, é referência para o jornalismo brasileiro, sendo a mais vendida revista semanal do país. Lançada em 1968, sofreu anos de prejuízo, prometeu ser um fracasso para a Editora Abril e alavancou nos anos 1980 como herdeira da prestigiada revista *Realidade* e conquistando recordes de vendas (MIRA, 2001). Cobriu importantes momentos da história brasileira e mundial, construiu uma base leal de leitores e se tornou referência como “a revista da classe média”.

A relação entre imprensa e poder por si só já é interessante, e isso certamente pesou na escolha do tema desta pesquisa. No entanto, o que mais se destaca quando se coloca *Veja* e Lula juntos é a oposição que existe entre eles: ao longo dos últimos anos, “*Veja* se tornou um dos maiores carrascos do governo Lula” (MACHADO, 2006, p. 11). Com ampla divulgação dos diferentes escândalos que assolaram o país, a revista chegou a chamar o presidente de “o militante petista que ora ocupa o cargo da presidência”² – e não em uma coluna ou texto abertamente opinativo (ainda que cheio de opinião). Um de seus colunistas, Diogo Mainardi, clamou abertamente pelo *impeachment* de Lula³, e em certos momentos ele foi comparado a Fernando Collor (ALMEIDA, T., 2008), primeiro presidente da América Latina (e brasileiro) a passar por esse processo, em 1992⁴.

No entanto, sabemos que todo mau relacionamento tem um início, e o de *Veja* e Lula era muito mais cordial em 2002, quando ele foi eleito. Apesar de críticas e de ter apoiado quase que abertamente a outros candidatos (SILVA, C., 2006), a revista apostou no novo presidente, tratando sua vitória nas eleições como um “marco histórico” e “vitória do povo

¹ PIRES, Carol. Recorde de aprovação a Lula é mundial, diz CNT/Sensus. **Estadão**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,recorde-de-aprovacao-a-lula-e-mundial-diz-cntsensus,659612,0.htm>>. Acessado em 04/06/2012 às 17:29.

² RIBEIRO, Gustavo. Intrigas de Estado. **Veja**, São Paulo, p. 74, 27 out. 2010.

³ MAINARDI, Diogo. Pelo impeachment de Lula. **Veja**, São Paulo, p. 107, 3 mar. 2004.

⁴ FERREIRA, Carlos. Collor foi primeiro alvo de impeachment na América Latina. **Uol Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/impeachment-collor-foi-primeiro-alvo-de-impeachment-na-america-latina.jhtm>>. Acessado em 04/06/2012 às 19:13.

brasileiro”⁵. O que nos propomos nesta pesquisa é, exatamente, analisar o quão profundas foram essas mudanças na imagem de Lula dentro das páginas de *Veja*.

Assim, nosso **objetivo geral** é verificar, em primeiro lugar, se houve mudança na imagem de Lula na *Veja* após oito anos de presidência. Nós partimos da hipótese de que, sim, houve, mas pretendemos comprová-la através de nossa análise. Como **objetivos específicos**, temos: a) traçar os sentidos atribuídos por *Veja* a Lula em 2002; b) traçar os sentidos atribuídos por *Veja* a Lula em 2010; c) comparar os resultados entre a) e b). Abordaremos questões como o tipo de vocabulário utilizado pela revista, as expectativas que tinha para o futuro governo, como elas se cumpriram (ou não) após oito anos, e diversos aspectos relacionados à eleição de Lula.

Outros trabalhos já foram feitos sobre este tema⁶, e inclusive utilizaremos alguns deles durante nossa pesquisa. No entanto, enquanto encontramos artigos e dissertações em abundância tratando do primeiro mandato de Lula e de sua eleição, não encontramos um específico que traçasse essa mudança de sentidos ocorrida entre 2002 e 2010 na *Veja*. Por considerarmos a relação entre essa revista e esse político em particular emblemática para a política brasileira, acreditamos ser importante essa comparação, podendo ela ser aprofundada em trabalhos futuros com uma análise sobre o *porquê*, exatamente, de isso poder ter acontecido.

Utilizaremos como metodologia a Análise de Discurso de linha francesa, por considerarmos mais apropriada para esse tipo de trabalho. O primeiro passo será a identificação das Formações Discursivas, conceito proposto pela primeira vez por Michel Foucault e incorporado a esta teoria por Pêcheux (1995, p. 160), que as define como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Em seguida, através dessa delimitação dos sentidos, seremos capazes de propor uma visão geral daquilo que a revista expressa sobre Lula, como se posiciona seu discurso.

Nosso *corpus* foi selecionado entre os meses de Setembro, Outubro e Novembro de 2002 e de 2010, com uma matéria escolhida em cada um, totalizando seis textos. Cada um será analisado individualmente, com a identificação de suas próprias Formações Discursivas, para mais tarde serem agrupados e fazerem parte de uma análise geral de um ano e do outro.

Trabalharemos durante a pesquisa com alguns pressupostos teóricos, com o conceito de jornalismo e de notícia, bem como as particularidades do gênero específico da revista. Partiremos da definição de Traquina (2005) de que jornalismo tem caráter duplo: é ao mesmo tempo uma atividade reguladora da democracia e também negócio gerador de lucros, submetido à lógica capitalista. Assim como procura a imparcialidade frente aos fatos, também está destinado a não alcançá-la, visto que todo discurso, como produto do pensamento de uma

⁵ VEJA, São Paulo, Capa, 4 jul. 2001.

⁶ MACHADO, Juremir (2006); ALMEIDA, Tânia (2008); SILVA, Carla (2006); entre outros.

pessoa, não pode desprender-se das ideologias de seu criador (BAKHTIN, 2006). Ainda, veremos em Scalzo (2004) e Vilas Boas (1996) como é construído o jornalismo de revista em especial, visto que, ao contrário da mídia diária, não está preso aos acontecimentos do cotidiano e tem mais tempo e espaço para interpretar e contextualizar os fatos que aborda. Neste sentido faremos também uma comparação entre esse estilo de texto e a literatura, bem como o sensacionalismo, e como esses elementos podem ser utilizados no jornalismo de revista.

Dessa forma, a pesquisa será distribuída em três capítulos: em primeiro lugar faremos uma contextualização de nossos objetos de pesquisa, *Veja* e *Lula*, lembrando sua história e como chegaram à posição de destaque que ocupam hoje no país. Em seguida temos nosso capítulo teórico, onde serão discutidos alguns conceitos sobre jornalismo e notícia, bem como a relação entre esta prática e a política. Também trataremos de alguns aspectos específicos do jornalismo de revista, como seu estilo gráfico e textual, bem como a utilização do sensacionalismo para sedução do leitor e a forma que toma como escândalo político. Em terceiro lugar teremos enfim nossa análise, para então partirmos para as considerações finais.

2 A TRAJETÓRIA DE LULA E VEJA

Luiz Inácio Lula da Silva nasceu em outubro de 1945 em Garanhuns, Pernambuco, sétimo filho de Aristides Inácio da Silva e Eurídice Ferreira de Mello, ambos lavradores pobres. Antes de ele nascer, seu pai foi a São Paulo para trabalhar, e voltaria apenas cinco anos mais tarde para uma rápida visita, quando engravidou a esposa da oitava filha do casal, Tiana (registrada como Ruth) (PARANÁ, 2008). A família o seguiu para o Sul em 1952, quando Lula tinha 7 anos de idade. Eurídice vendeu todas as posses da família e levou os filhos para Santos em um caminhão pau-de-arara⁷, numa viagem que durou 13 dias⁸. Em entrevistas, Lula conta que não lembra muito da época em que morava em Pernambuco, mas se recorda em especial da pouca variedade de comida, que se baseava em farinha misturada com feijão. A família raramente comia carne, valendo-se dos irmãos mais velhos para tentar caçar preá (PARANÁ, 2008).

Após a mudança para São Paulo, Lula se recorda do padrão de vida da família ter mudado drasticamente para melhor, mas o dia-a-dia ainda era difícil. Aristides mantinha uma segunda família com outra mulher, sustentando todos filhos⁹ e as duas esposas com salário de estivador. Ele era violento e não demonstrava afeto com as crianças, além de não permitir que fossem à escola. Após uma briga violenta, sua mãe decidiu abandoná-lo (PARANÁ, 2008).

Na época, os três irmãos mais velhos já trabalhavam, e, para ajudar, Lula e o irmão Chico vendiam laranja, tapioca e amendoim na rua. As duas irmãs mais velhas eram empregadas domésticas e a mãe lavava roupa em casa enquanto cuidava da filha mais nova. Antes disso, para ajudar o pai, ele chegou a buscar lenha e caçar carangueijo e marisco em um mangue longe de sua casa e levava água para a segunda esposa de Aristides junto de Chico. Quando era criança diziam que ele tinha pescoço curto de tanto carregar lenha (PARANÁ, 2008).

Aos 14 anos que Lula conseguiu seu primeiro emprego com carteira assinada, nos Armazéns Gerais Columbia. Ficou lá durante seis meses como auxiliar de escritório quando surgiu uma oportunidade de fazer o curso de torneiro mecânico no Senai¹⁰. Ele recorda da época como uma das mais felizes de sua infância, e foi o primeiro da família a “aprender uma profissão” (PARANÁ, 2008, p. 75). Lula realizou seu estágio obrigatório na Fábrica de

⁷ Caminhão de carga adaptado para o transporte de passageiros usando tábuas como assento e uma lona cobrindo a caçamba. Foi criado e popularizado no Nordeste do país, e hoje é proibido pelo Código Brasileiro de Trânsito devido à falta de conforto e segurança mínimas.

⁸ MARTINS, Ivan; BREDARIOLI, Cláudia. A história de Luiz Inácio Lula da Silva. **IstoÉ Dinheiro**.

Disponível em

<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/13255_A+HISTORIA+DE+LUIZ+INACIO+LULA+DA+SILVA>.

Acessado em 23/04/2012 às 22:17.

⁹ Com sua primeira esposa, mãe de Lula, Aristides teve 8 filhos que sobrevieram a infância (e outros 4 que morreram ainda bebês). Com a segunda, Valdomira, teve 10.

¹⁰ MARTINS; BREDARIOLI, 2012. Op. Cit.

Parafusos Marte, onde ficou até 1964¹¹. Em seguida foi trabalhar na Fábrica Independência, onde perdeu o dedo mínimo da mão esquerda em um acidente com uma prensa.

Depois desse período, ele passou oito meses sem emprego, durante os quais não tinha mais dinheiro para andar de ônibus ou comprar cigarro¹². Quando conseguiu uma vaga nas Indústrias Villares, ainda em 1964, não tinha condições de pagar uma marmita no almoço, e por isso nas primeiras semanas ficava sem comer ao meio-dia (PARANÁ, 2008). Foi nessa empresa que ele acabou ingressando na vida sindical.

2.1 A REVIRAVOLTA DOS ANOS 1960

Os anos 1960 foram uma época conturbada da história brasileira, marcada pelo golpe militar de 1964¹³ e o Ato Institucional número 5¹⁴. Foi neste período também que foram lançadas quatro revistas significativas para a história da imprensa nacional: *Quatro Rodas* (1960), *Cláudia* (1961), *Realidade* (1966) e *Veja* (1968), todas pertencentes à Editora Abril e todas importantes ícones dos anos 1960. Enquanto as duas primeiras apresentavam pela primeira vez no país títulos voltados para um mercado segmentado (MIRA, 2001), *Realidade* e *Veja* mostravam a maturidade da Editora Abril e suas primeiras incursões no Jornalismo (SOUZA¹⁵ *apud* COELHO; VALLE, 2008).

A revista *Veja* foi lançada em 11 de setembro de 1968, com 700 mil exemplares e um “grande estardalhaço” (MIRA, 2001, p. 77). Foi feito um sofisticado esquema de divulgação na televisão aberta, com uma transmissão simultânea às 22h da noite que durou 12 minutos e um jantar para convidados especiais do ramo da publicidade (SOUZA *apud* COELHO; VALLE, 2008).

Na Carta do Editor daquela edição, Victor Civita¹⁶ apresentava ao país uma revista cujo objetivo seria “informar o público brasileiro” e ajudá-lo a “acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião”¹⁷. Em seu texto, ele

¹¹ BIOGRAFIA de Luiz Inácio Lula da Silva. **Biblioteca da Presidência**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>>. Acessado em 23/04/2012 às 22:26.

¹² MARTINS, Ivan; BREDARIOLI, Cláudia. A história de Luiz Inácio Lula da Silva. **IstoÉ Dinheiro**. Disponível em

<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/13255_A+HISTORIA+DE+LUIZ+INACIO+LULA+DA+SILVA>. Acessado em 23/04/2012 às 22:17.

¹³ Em 31 de março de 1964 militares se organizaram em um golpe para tirar do poder o então presidente, João Goulart, que fora eleito democraticamente, para instalar um regime militar no Brasil. A ditadura que se procedeu só iria terminar em 1985, com as primeiras eleições diretas ocorrendo em 1989.

¹⁴ Série de medidas tomadas pelo regime militar em dezembro de 1968 que cerceavam a liberdade política da população e dos congressistas, dando poderes absolutos ao presidente da República.

¹⁵ SOUZA, Ulysses Alves de. A história secreta de *Veja*. **Imprensa**, São Paulo, p. 75-105, 13 set. 1988.

¹⁶ Victor Civita (1907-1990): empresário nascido nos Estados Unidos e naturalizado brasileiro, fundador do Grupo Abril, responsável pela publicação de *Veja* e outras revistas.

¹⁷ CIVITA, Victor. Carta do Editor. **Veja**, São Paulo, p. 21, 11 set. 1968.

agradece aos leitores pelo prestígio que davam à Editora Abril e aos jornalistas que fizeram *Veja* se tornar realidade.

Para compor o primeiro time de profissionais da revista, foram selecionados em todo o país cem jovens jornalistas para serem treinados, formando a primeira turma do Curso de Jornalismo da Editora Abril e o primeiro no Brasil a falar sobre jornalismo de revista (SCALZO, 2004). Até hoje o curso é realizado anualmente. À frente da equipe estava Mino Carta¹⁸, que mais tarde se desligaria da empresa.

Quando lançada, *Veja* era chamada de *Veja e Leia*, nome adotado até 1974. De acordo com Mira (2001), foi por uma questão legal: já existia fora do país uma revista chamada *Look*, que significa “veja” em inglês, e haveria problema no registro internacional se utilizasse esse nome. Mais tarde, quando esta saiu de circulação, *Veja* mudou para o nome mais simples, que mantém até hoje.

Em seus primeiros anos, *Veja* tinha uma organização padrão que dava grande espaço para matérias internacionais e de cultura. Ao todo ela tinha cerca de 134 páginas, incluindo capa e contracapa, e o índice dividia suas matérias entre os assuntos Artes Plásticas, Brasil, Ciência, Cinema, Educação, Esporte, Internacional, Literatura, Medicina, Música, Negócios, Religião, Teatro, Televisão e Vida Moderna. Na primeira edição, a seção Brasil continha 11 páginas, enquanto a internacional teve 13 e as de cultura somavam 14. Desde o início ela deu grande espaço para propagandas, totalizando, em sua primeira edição, 66 páginas ocupadas com publicidade, sendo que 54 foram totalmente dedicadas a isso.

Seu modelo se baseava na revista norte-americana *Time*¹⁹ e foi idealizado por Roberto Civita²⁰, que se formou na Universidade da Pennsylvania, nos Estados Unidos, e sonhava em criar uma revista desse estilo no Brasil (MIRA, 2001). No entanto, sua visão era contrária à de seu pai, que “sonhava com uma revista chamada *Veja*, um semanário ilustrado semelhante à *Look* americana, ou à *Life*, ou à *Oggi* italiana” (SOUZA *apud* COELHO; VALLE, 2008, p. 140). Mira (2001) considera que foi exatamente por essa distorção nas diferentes “versões” de *Veja* que seu lançamento foi um fracasso:

O principal motivo apontado para o fracasso imediato de *Veja* foi a decepção dos leitores, que esperavam uma revista diferente. [...] A campanha de lançamento dera a entender que a Abril estaria lançando uma *Manchete*, ou seja, uma revista semanal ilustrada, quando o que se pretendia lançar era uma revista semanal de informação, semelhante à *Time* e *Newsweek*. (MIRA, 2001, p. 81-82)

¹⁸ Jornalista ítalo-brasileiro. Ajudou a fundar diversas publicações de sucesso do país, entre elas o *Jornal da Tarde*, *Quatro Rodas*, *Veja*, *IstoÉ* e, mais recentemente, *Carta Capital*.

¹⁹ Fundada em 1923, *Time* é uma revista semanal de jornalismo que trata de assuntos gerais, como política internacional, americana, negócios, tecnologia, saúde e entretenimento. É hoje a revista semanal de notícias de maior circulação no mundo, com 3,2 milhões de exemplares por semana.

²⁰ Empresário ítalo-brasileiro, filho mais velho de Victor Civita. É o atual Presidente de Administração e Diretor Editorial do Grupo Abril.

Na primeira tiragem, de 700 mil exemplares, foram vendidos 650 mil, número que baixou para 250 mil na segunda edição, caindo para até 16 mil exemplares nos meses seguintes (MIRA, 2001). Tanto leitores quanto publicitários se mostraram decepcionados com a revista, e a crise chegou a tal ponto que a partir do número 4, *Veja* só contava com um anunciante fixo, a Souza Cruz²¹, que assinara contrato antes da primeira edição e decidira mantê-lo (SOUZA *apud* COELHO; VALLE, 2008). Em dado momento, chegou-se a estimar que a revista causaria prejuízo de até 1 milhão de reais por mês (MIRA, 2001).

No entanto, a Editora Abril decidiu apostar em sua nova publicação, e, para entender essa decisão deve-se, olhar para a outra e melhor sucedida revista de jornalismo da empresa, *Realidade*. Criada em 1966 também por Roberto Civita, *Realidade* reunia uma equipe de jornalistas e fotógrafos que levava meses apurando cada reportagem, “com autonomia e independência, num momento em que o país acanhava-se diante da ditadura militar” (SCALZO, 2004, p. 17). “Valorizada pelos intelectuais pela profundidade de suas matérias, era o paraíso dos jornalistas, que não tinham hora para chegar nem manual de redação” (MIRA, 2001, p. 69).

Assim, enquanto *Veja* amargava maus resultados em vendas e prejuízos nos seus primeiros anos, *Realidade* se construía como um mito na imprensa brasileira. “Era um tempo em que o Brasil precisava se conhecer melhor e *Realidade* ajudou o país a descobrir-se” (SCALZO, 2004, p. 17). Foi exatamente por seus bons rendimentos que a Abril resolveu começar uma revista semanal de jornalismo em primeiro lugar (COELHO; VALLE, 2008). Em seus dez anos de funcionamento, *Realidade* ganhou sete prêmios Esso de Jornalismo²² e chegou a vender 466 mil exemplares em um mês. “Retrato de uma época, considerada ultrapassada, *Realidade* foi, de certa forma, substituíta por *Veja*” (SCALZO, 2004, p. 17). Em 1976 se chegou à conclusão de que não havia mais lugar no mercado para uma revista mensal de jornalismo, apenas semanal, e essa posição já era ocupada por *Veja* (MIRA, 2001). *Realidade* foi descontinuada com uma tiragem de 120 mil exemplares. Em entrevista à *Gazeta Mercantil*²³, Thomaz Souto Correa²⁴ explicava a decisão da editora:

Por mais que estejamos ligados à *Realidade* por razões sentimentais, é difícil pensar numa revista do seu estilo sendo editada em 1980. Não há futuro para a fórmula de uma revista mensal de interesse geral destinada a todos os tipos de público (CORREA, *apud* MIRA, 2001, p. 74).

No mesmo período em que a Editora Abril resolveu lançar aquela que viria a se tornar sua publicação de maior sucesso, Lula também dava um grande passo em sua vida. Sua

²¹ Empresa brasileira de cigarros.

²² Tradicional prêmio conferido a jornalistas e patrocinado pela empresa petrolífera Esso. Sua entrega ocorre anualmente de maneira ininterrupta desde 1955. Já premiou mais de 28 mil trabalhos jornalísticos (PRÊMIO..., 2012).

²³ Revista brasileira de negócios.

²⁴ Jornalista, atual vice-presidente do Conselho Editorial da Editora Abril (EXPEDIENTE, 2012).

entrada no sindicalismo se deu em 1969 por insistência de seu irmão mais próximo, o Frei Chico²⁵, seu antigo companheiro nas vendas na rua. Ele havia sido convidado a participar da presidência do Sindicato dos Metalúrgicos em 1968, mas, como já havia um representante em sua empresa, indicou o irmão mais novo. A princípio Lula ficou apreensivo com a ideia, que também não foi apoiada por sua namorada na época, Maria de Lurdes. Ela temia que ele sofresse com a repressão da polícia e fosse preso (PARANÁ, 2008).

No entanto, apesar das restrições, Lula acabou ingressando na chapa, e foi eleito suplente na Diretoria do Sindicato. Em abril, seu grupo foi vencedor, e, em maio, ele se casou com Lurdes²⁶. No ano seguinte, em 1970, ela estava grávida do primeiro filho do casal. No sétimo mês da gravidez, ela contraiu hepatite e teve de ser levada ao hospital, onde ficou internada por quatro dias antes de vir a óbito. O filho também não sobrevivera. Ele teria sido um menino²⁷.

Para superar a perda da esposa e do filho, Lula passou a se dedicar com furor ao sindicalismo, procurando fazer mudanças estruturais na instituição²⁸. Não seria até o final da década de 1970 que ele começaria a ganhar destaque na grande mídia como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Na *Folha de S. Paulo*²⁹, seu nome é citado pela primeira vez na edição de 8 de fevereiro de 1977, na página 5 do Primeiro Caderno.

Na ocasião, se falava sobre uma declaração do presidente da Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo (FCCESP), José Papa Jr., que, em uma festa da Cictrade³⁰, falou que o empresariado queria “a liberdade, a democracia, as eleições diretas. O empresário ama o Estado de Direito”³¹. Na época, o Brasil vivia ainda a Ditadura Militar e o Estado de Exceção³², e a declaração causou polêmica na mídia. A *Folha de S. Paulo* entrevistou líderes de diversos sindicatos sobre o que pensavam a respeito do empresariado estar se manifestando em favor do Estado de Direito, e, na edição de 9 de fevereiro de 1977, *Veja* fez uma matéria duas páginas e um terço a respeito. Lula não chegou a ser citado.

²⁵ José Ferreira da Silva, dois anos mais velho que Lula. Não é religioso: o apelido de “Frei Chico” lhe foi dado por ser careca (PARANÁ, 2008).

²⁶ MARTINS, Ivan; BREDARIOLI, Cláudia. A história de Luiz Inácio Lula da Silva. **IstoÉ Dinheiro**. Disponível em

<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/13255_A+HISTORIA+DE+LUIZ+INACIO+LULA+DA+SILVA>. Acessado em 23/04/2012 às 22:17.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Jornal diário de notícias editado em São Paulo, é o segundo com maior circulação no país, de acordo com o Instituto Verificador de Circulações.

³⁰ Companhia brasileira que fazia exportação e importação entre Estados Unidos e Brasil.

³¹ POR um lugar no jogo político. **Veja**, São Paulo, p. 72, 9 fev. 1977.

³² Estado de Direito: situação em que todos estão submetidos à Constituição, incluindo entidades da Federação e autoridades oficiais. Estado de Exceção: situação decretada por autoridades em que certos direitos constitucionais são suspensos temporariamente em decorrência de calamidade pública ou ameaça à nação. O Estado de Exceção foi decretado no Brasil em 31 de março de 1964, data do Golpe Militar, e durou até 1988, com a instauração da nova Constituição e o fim do regime (PEREIRA, 2012).

A primeira aparição do então sindicalista só aconteceu em 18 de maio daquele ano, em uma matéria sobre as demissões em massa na indústria automobilística do país, que estava em momento de crise. Lula é citado como um dos membros convidados a discutir na Comissão de Economia e Finanças da Câmara³³. Ele aparece em *Veja* em outras ocasiões, sendo chamado de “Lula” pela primeira vez em 1978, em uma matéria sobre mulheres operárias³⁴. Antes, a revista apenas o tratava como Luiz Inácio da Silva.

Nessa época, *Veja* recém estabilizava seus resultados de vendas após sete anos de prejuízos. A situação financeira começou a melhorar em 1971, com a disponibilização das assinaturas (SCALZO, 2004), e foi apenas em 1978 que a revista emplacou no mercado. Pouco antes, em janeiro de 1976, seu primeiro diretor de redação, Mino Carta, saiu do Grupo Abril. De acordo com Mira (2001), foi por pressão do regime militar, que não concordava com sua linha editorial. Alguns meses depois foi levantada pela primeira vez a censura sobre a publicação, que vigorava desde sua criação. Na Carta ao Leitor da edição de 9 de junho de 1976, escreve José Roberto Guzzo, novo diretor de redação:

Pela primeira vez em mais de dois anos, *Veja* chega às mãos de seus leitores, neste número 405, como sempre deveria ter chegado: sem censura prévia por parte das autoridades. [...] Em dezembro daquele ano [1968], na semana seguinte à edição do Ato Institucional nº 5, a censura estreou em *Veja* e, desde então, fomos submetidos a um convívio quase permanente com os controles e as limitações, sob as mais variadas formas. [...] Ao longo desse processo, obviamente, *Veja* sofreu todo o tipo de prejuízos, alguns deles devastadores. Trabalhos inteiros foram cortados sem deixar qualquer traço. Outros foram mutilados tão severamente que acabaram perdendo todo seu sentido. Outros mais foram destituídos, através de cortes aqui e ali, de sua qualidade ou de seu interesse. Em termos numéricos, e só nesta última fase, foram cortadas de *Veja* mais de 10.000 linhas de textos. Sessenta reportagens desapareceram, cortadas na íntegra, bem como 64 ilustrações.³⁵

Naquela época, Lula recém havia saído de um “bom ano” para a atividade sindicalista. Em 1976, o sindicato teve “várias brigas na categoria” (PARANÁ, 2008, p. 120), e, em 1977, foi feita campanha de reposição salarial que cobrava 34,1% de aumento para os trabalhadores da indústria³⁶, o que acabou tendo grande impacto político na vida dos sindicatos. Na vida pessoal, em 1978, Lula já comemorava quatro anos de casado com Marisa Letícia, sua esposa até hoje e com quem teve três filhos³⁷. Assim, quando foi reeleito

³³ QUEM se entende?. *Veja*, São Paulo, p. 110, 18 mai. 1977.

³⁴ A matéria fala sobre o aumento da participação sindical das mulheres metalúrgicas no ABCD paulista. Interessante notar que Lula é caracterizado como o “comedido e realista presidente do sindicato”. DO QUE elas se queixam. *Veja*, São Paulo, p. 60-61, 8 fev. 1978.

³⁵ GUZZO, José Roberto. Carta ao leitor. *Veja*, São Paulo, p. 11, 9 jun. 1976.

³⁶ Em 1977 foi publicado pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) um estudo indicando que desde 1973 os trabalhadores da indústria haviam tido perda de salário de 34,1% devido à alta inflação. O governo negava os números e proibiu o Ministério do Trabalho de negociar com os sindicatos, provocando grande mobilização nacional (CAMPANHAS..., 2012).

³⁷ Lula adotou o filho de Marisa de um primeiro casamento, Marcos Cláudio (1971), e teve com ela outros três: Fábio Luís (1975), Sandro Luís (1979) e Luís Cláudio (1985). Ele ainda teve uma filha, Lúria (1974), com a enfermeira Miriam Cordeiro, com quem namorava antes de conhecer Marisa (PARANÁ, 2008).

presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, ele estava em um bom momento político e pessoal. Naquele mesmo ano, eclodiu a greve geral que paralisou o país.

O movimento começou em maio, durante a campanha de reposição salarial. A discussão sobre o salário mínimo estava em voga no país, provocando reações até mesmo do presidente Ernesto Geisel, que, segundo o ministro do trabalho da época, Arnaldo Prieto, “foi o primeiro a não ficar satisfeito com o novo salário mínimo”³⁸. A questão foi amplamente discutida pela revista *Veja*, que publicou diversas matérias a respeito. Na edição de 10 de maio, foi colocado um infográfico³⁹ mostrando o valor que “deveria” ser o salário mínimo na época, acompanhado de texto que afirmava que “a resposta [qual deveria ser o valor do salário mínimo] depende do método utilizado para calculá-lo. Parece certo, porém, que não deveria ser inferior ao dobro dos 1.560 cruzeiros em vigor desde 1º de maio”⁴⁰. No dia 12, os trabalhadores da fábrica da Scania⁴¹ foram os primeiros a parar, após um período de 10 anos sem greves no país⁴².

Na edição de 17 de maio, *Veja* reportou as paralisações como “greves-relâmpago”, em que os trabalhadores paravam apenas por “15 minutos”. De acordo com matéria da época, a Ford⁴³ foi a primeira a aderir ao movimento, “no início da semana, e Scania, na sexta-feira”⁴⁴. Na mesma matéria, é afirmado “que o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, embora não desmentisse, deixou claro que o movimento não contou com seu patrocínio”. De acordo com Lula, no livro de Denise Paraná, a decisão de não assumir a greve foi tomada para não atrair o “aparato repressivo” para cima do sindicato (PARANÁ, 2008, p. 134).

Naquele mesmo ano, em julho, Lula teve “a ideia de criar um partido dos trabalhadores” (BETTO, 2006, p. 57). Ele sofreu oposição de grupos de esquerda, como o PC, PCdoB e MR-8, que, de acordo com seu irmão, Frei Chico⁴⁵, “eram contra a criação de um partido dos trabalhadores porque eles já tinham o ‘partido’ deles” (PARANÁ, 2008, p. 138). A ideia do PT foi lançada em 11 de dezembro de 1978 e ele se tornou oficialmente um partido em 10 de fevereiro de 1980, depois de outro período de greves em 1979. Foi nesse ano, na edição 28 de março, que Lula apareceu na capa da *Veja* pela primeira vez⁴⁶.

³⁸ ALÉM das festas oficiais. *Veja*, São Paulo, p. 86, 10 mai. 1978.

³⁹ Disponível nos Anexos.

⁴⁰ ALÉM..., 1978, p. 86. Op. Cit.

⁴¹ Empresa automobilística brasileira especializada em veículos de grande porte: caminhões, ônibus, etc.

⁴² BIOGRAFIA de Luiz Inácio Lula da Silva. **Biblioteca da Presidência**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>>. Acessado em 23/04/2012 às 22:26.

⁴³ Empresa automobilística norte-americana.

⁴⁴ GREVE-Relâmpago. *Veja*, São Paulo, p. 93, 17 mai. 1978.

⁴⁵ Frei Chico foi um participante ativo na militância comunista durante a ditadura, motivo pelo qual foi inclusive torturado. Ele era filiado ao PCB quando este ainda era clandestino (PARANÁ, 2008)

⁴⁶ Capa disponível nos Anexos.

Desde o dia 13 daquele mês as indústrias do ABC paulista estavam paralisadas, com cerca de 180 mil funcionários sem trabalhar⁴⁷. Para tentar fazer pressão nos trabalhadores, a Polícia Militar ocupou três sedes de sindicatos dos metalúrgicos da região: de São Bernardo do Campo, São Caetano e Santo André. *Veja* caracterizou a mobilização como “o ponto culminante do primeiro grande confronto entre operários de um lado, governo e empresas do outro, desde que as greves e a militância trabalhista ressurgiram no Brasil, um ano atrás”⁴⁸. Em janeiro, havia tomado posse o presidente militar João Baptista Figueiredo, e o combate à greve foi seu primeiro grande ato no governo. Lula foi retirado da presidência do sindicato pelo Ministério do Trabalho e em seu lugar entrou um funcionário da Delegacia Regional do Trabalho, Guaraci Horta.

Os trabalhadores continuaram em greve até o dia 13 de Maio, quando foi feito acordo com as indústrias automobilísticas. Os grevistas receberiam pelos dias não trabalhados, não perderiam as férias e teriam 15% de aumento real. Lula considerou a proposta boa e teve de enfrentar os companheiros, que ainda queriam manter a paralisação, o que lhe trouxe certo desgaste nas categorias de base (PARANÁ, 2008). O governo acabou retirando sua intervenção nos sindicatos e Lula voltou à diretoria sob aclamação dos operários⁴⁹. Em fevereiro do ano seguinte, ele fundaria o Partido dos Trabalhadores.

Entre 7 e 9 de fevereiro de 1980, se reuniram líderes sindicais na cidade de João Monlevade, em Minas Gerais, onde foi criada a Anampos (Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais), que contou em sua fundação com a presença de diversos nomes da política sindical: Lula, João Paulo Pires Vasconcelos, Olívio Dutra, Vítor Buaiz, entre outros (BETTO, 2006, p. 59). No dia seguinte, ao final do encontro, em 10 de fevereiro, foi fundado o PT, na cidade de São Paulo. O evento foi notificado pela mídia, mas *Veja* só comentaria a respeito do partido no final do mês, com a matéria “Radicais minam o PT”⁵⁰.

Naquele ano, *Veja* se consolidava como uma potência do jornalismo no país, chegando a ultrapassar o patamar de 500 mil exemplares em 1981. A revista entrou na “Era do Marketing”, como explica Mira (2001), aplicando uma grande quantidade de recursos em atendimento aos assinantes e em pesquisas de mercado que auxiliavam na hora de decidir

mudanças na diagramação, na forma de redação, na escolha dos temas [...]. Desde o início dos anos 70, portanto, revistas como a *Veja* já se utilizam de pesquisas de mercado para tentar compreender e agradar ao leitor. Durante a década, isso se tornará uma constante para todas as revistas da Abril (MIRA, 2001, p. 94).

⁴⁷ DIAS de intervenção. *Veja*, São Paulo, p. 116-125, 28 mar. 1979.

⁴⁸ *Idem*, p. 116.

⁴⁹ CADA um em seu lugar. *Veja*, São Paulo, p. 88-90, 23 mai. 1979.

⁵⁰ A matéria trata sobre tumultos que teriam ocorrido durante a cerimônia de fundação do PT por conta de militantes esquerdistas radicais, que se opunham aos dirigentes mais moderados do partido (RADICAIS minam o PT. *Veja*, São Paulo, p. 12-13, 27 fev. 1980).

Ainda em 1980, estouraram novamente as greves no ABC Paulista e, dessa vez, Lula e outros sindicalistas foram presos com base na Lei de Segurança Nacional⁵¹. Após vários dias vigiando a casa onde ele vivia com a esposa e os filhos, policiais bateram na porta e disseram ter uma ordem de prisão para Lula (PARANÁ, 2008).

Toda a diretoria do sindicato foi presa. Eu dormia em casa de Lula, em companhia do deputado Geraldo Siqueira (PT-SP), na madrugada em que o levaram. [...] Pelo rádio da viatura, Lula escutou aliviado a notícia de sua prisão. Temia ser vítima de uma armação do Esquadrão da Morte. (BETTO, 2006, p. 66)

Trinta e um dias depois, o sindicalista foi libertado (PARANÁ, 2008) e passou a se dedicar ao Partido dos Trabalhadores, que cresceu rapidamente. Nesse período faleceu sua mãe, Eurídice, a “Dona Lindu” (BETTO, 2006, p. 75). De acordo com sua irmã, Maria, ele teve permissão para visitá-la “três ou quatro vezes” e pôde ir em seu enterro no período em que ficou preso (PARANÁ, 2008, p. 266).

Sobre a greve de 1980, o editorial de *Veja* de 9 de abril deixa clara a posição da revista contrária ao movimento. José Roberto Guzzo, diretor de redação na época, inicia seu texto afirmando que “a situação de confronto que armou na região do ABC, em São Paulo, não parece prometer nada de bom para o futuro próximo”⁵². Lula já não é mais tratado como liderança sindical, mas é o “líder do PT”. Ele analisa a postura dos sindicatos de manter a greve mesmo após tentativa de acordo do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) como “intransigente”, mantendo-se na “mesma trilha que havia marcado seu início”. Ainda em outra matéria da mesma edição, intitulada “Os riscos do ABC”, a revista mostra em números porque a greve “não vale a pena” para os trabalhadores (tratados como “você”) se forem levados em consideração os descontos de salário e os ganhos: “Você, junto com a sua família, precisa levar em conta que a greve custa dinheiro para o grevista. [...] Pense bem. Na hora de sofrer os descontos de salário, você fica sozinho. Você e o seu carnê”⁵³.

A partir dessa época, a carreira política de Lula começa a decolar. Em 1983, junto de uma série de sindicatos e a Anampos, fundada três anos antes, cria a Central Única dos Trabalhadores. Em princípio aglutinando apenas os grupos alinhados com o PT (BETTO, 2006, p. 64), a CUT passa a ter grande representatividade política na área sindical a partir dos anos 1990.

O PT também vai crescendo, passando de oito deputados federais eleitos em 1982 para dezesseis em 1986. Nesse mesmo pleito, Lula é eleito o deputado federal mais votado da história, com 651.763 votos em São Paulo, e, em 1990, conquistam a primeira vaga de senador, com Eduardo Suplicy no mesmo estado. Em 1994, foram eleitos os primeiros

⁵¹ BIOGRAFIA de Luiz Inácio Lula da Silva. **Biblioteca da Presidência**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>>. Acessado em 23/04/2012 às 22:26.

⁵² GUZZO, José Roberto. Carta ao leitor. *Veja*, São Paulo, p. 15, 9 abr. 1980.

⁵³ OS RISCOS do ABC. *Veja*, São Paulo, p. 19, 9 abr. 1980.

governadores: Vitor Buaz, no Espírito Santo, e Cristovam Buarque, no Distrito Federal, número que passa para três em 1998, nos estados do Rio Grande do Sul, Acre e Mato Grosso do Sul, além de 59 deputados federais em 19 siglas da federação (BETTO, 2006, p. 80). E, enquanto a representatividade política de seu partido ia aumentando de forma exponencial, Lula foi tentando a presidência.

A primeira tentativa foi em 1989, nas primeiras eleições diretas desde o golpe de 1964. A coalisão Frente Popular (PT, PCdoB e PSB) tinha um programa de governo pautado por questões de economia, reforma agrária, democratização do Estado, reforma urbana e sociedade (direitos sociais, de minorias e trabalhistas). Ele era “fundamentado na ideia de conflito entre os trabalhadores (oprimidos, maioria) e proprietários (classe dominante, minoria privilegiada)” (OLIVEIRA, A., 2009, p. 87).

Já nesse pleito, *Veja* mostra sua preferência por um candidato ao invés de outro. Sua candidatura é vista pela revista como “conjuntura grave, de eleição de um candidato ‘radical’ de esquerda” (SILVA, C., 2006, p. 137). Na edição de 22 de novembro de 1989, Lula é associado pela revista à União Soviética através da fala: “Em 1917, na União Soviética, os trabalhadores chegaram ao poder através de uma revolução armada. Em 1989, os trabalhadores chegarão ao poder, no Brasil, através de uma revolução pelo voto”⁵⁴. *Veja* ainda afirma, na mesma matéria, que

se pode fazer, a respeito do PT, a mesma constação que, no passado, era feita sobre o PDS e que, hoje em dia, tornou-se a matriz da melancólica campanha de Ulysses Guimarães, do PMDB, e de Aureliano Chaves, do PFL – a de que o candidato Lula agrada muito mais ao eleitorado que o vê fazendo discursos na oposição do que àquele que é obrigado a aguentar a ação de seu partido no governo.

Ao final das eleições, Fernando Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), venceu com 49,94% dos votos, cerca de 35 milhões. Mais tarde ele sofreu processo de *impeachment* devido a seguidas denúncias de corrupção em seu governo e renunciou⁵⁵.

Em 1994, Lula se candidatou novamente com uma rede mais ampla de aliados. A Frente Brasil Popular pela Cidadania abrangeu PT, PSB, PCdoB, PPS, PV, PCB e PSTU, seguindo as mesmas linhas da campanha anterior: distribuição de renda, elevação de salários, combate ao desemprego, ampliação dos serviços públicos em saúde e educação. Dessa vez o pleito não chegou nem ao segundo turno, com Fernando Henrique Cardoso se elegendo com 54% dos votos (OLIVEIRA, A., 2009). De acordo com SILVA, C. (2006, p. 141), nesse ano

a *Veja* adotou uma tripla tática na campanha: a) insistir sobre o risco Lula, apontando-o como ameaça efetiva para a modernização. Isso permitiria soldar as

⁵⁴ A ARRANCADA de Lula. *Veja*, São Paulo, p. 54, 22 nov. 1989.

⁵⁵ FERNANDO Collor. **Biblioteca da Presidência**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/fernando-collor>>. Acessado em 25/04/2012 às 21:53.

alianças internas em torno de FHC [Fernando Henrique Cardoso], e se configuraria como uma espécie de retórica da ameaça para o grande público; b) inflar a candidatura de FHC; c) desqualificar o PT como arcaico, rançoso, rancoroso e, finalmente, como incapaz.

No pleito de 1998, o PT participou da coligação União do Povo Muda Brasil (PT, PDT, PSB e PCdoB), novamente com Lula encabeçando a chapa. Foi apresentado um programa de governo curto e sistemático, contando pela primeira vez com ajuda dos outros partidos da coalizão. A geração de empregos foi dada como prioridade número um, a ser alcançada com um “projeto de desenvolvimento que alie crescimento econômico e estabilidade monetária” (OLIVEIRA, A., 2009, p. 90).

Nesta campanha Lula foi mais moderado, imagem inclusive apresentada pela *Veja*. Em sua primeira capa desde o início da campanha, ele aparece de terno, o que lhe daria uma imagem de político mais sério, imagem que se opõe à que ele tinha em 1989, em que ele é mostrado mais como um sindicalista desleixado. No entanto, a revista continua se opondo ao candidato, mantendo a posição de que ele estaria se portando de forma moderada apenas como estratégia política (FERNANDES, 2008). A imagem de Lula, portanto, continua sendo assustadora para a classe média, pois, apesar das mudanças, ele continuaria desqualificado, atrasado e inadequado para o cargo (SILVA, C., 2006). Naquele ano, Fernando Henrique Cardoso venceu novamente em primeiro turno, com 53% dos votos válidos, enquanto Lula obteve 31,7%.

2.2 LULA PRESIDENTE

Em 2002, Lula se candidatava pela quarta vez à presidência da República, agora na Coligação Lula Presidente (PT, PL, PCdoB, PMN e PCB). Seu vice era José Alencar, empresário filiado ao Partido Liberal (PL), o que mostrou a adesão dos empresários ao projeto de mudanças (OLIVEIRA, A., 2009). A primeira menção à candidatura em *Veja* é ainda em julho de 2001, com a capa “Lula light: Na tentativa de parecer simpático e escapar da quarta derrota, o candidato do PT fala agora em fazer alianças amplas e em defender a estabilidade da moeda”⁵⁶. A matéria a que ela se refere é intitulada “Quarta tentativa” e mostra logo de início uma foto de Lula preocupado e no escuro. Na página seguinte, é mostrado um gráfico com a “evolução” do candidato e seu discurso desde que se candidatara pela primeira vez, em 1989⁵⁷.

Durante toda a matéria, são enfatizadas as mudanças pelas quais Lula e o PT passaram desde 1989 e sua popularidade e possível vitória no próximo pleito. As alas mais radicais são taxadas como ultrapassadas, defendendo “um modelo de sociedade que deixou de existir com

⁵⁶ VEJA. São Paulo, Capa, 4 jul. 2001.

⁵⁷ A QUARTA tentativa. *Veja*, São Paulo, p. 38-46, 4 jul. 2001.

a queda do Muro de Berlim, em 1989”⁵⁸. Para a revista, a maior parte do PT, o que incluiria Lula, “pode até sonhar com um igualitarismo utópico, mas faz isso apenas fora do expediente de trabalho. De segunda a sexta, aprendeu a separar fantasia de realidade” (A QUARTA..., 2001, p. 42).

Nisso já vemos uma mudança de posição em relação ao passado. No entanto, durante toda a campanha, a proposta de *Veja* seguiu sendo de desqualificar Lula e o PT, taxando seu programa de fantasioso⁵⁹ e enfatizando o “risco” de elegê-lo:

No derrotismo, o medo toma conta e o desastre parece iminente. [...] ‘A turbulência no Brasil tem suas causas nas incertezas políticas em relação às eleições de outubro’, disse John Taylor, subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos. O FMI manifestou a mesmíssima opinião. Nem um nem outro chegou a apontar claramente Lula como o fator gerador de incerteza. Esse papel coube ao megainvestidor George Soros, cujo nome e as crises parecem andar juntos. ‘O mercado vai impor José Serra’, disse Soros ao jornal Folha de São Paulo. O que ele quis dizer é simples. A eleição de Lula, segundo Soros, estrangularia os investimentos externos e levaria ao Brasil à moratória antes da posse do novo presidente⁶⁰.

Ainda assim, apesar da oposição de *Veja*, Lula se elege presidente em segundo turno com 61,2% dos votos válidos⁶¹, assumindo o cargo em janeiro de 2003. Em seu discurso de posse, prometeu “cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da Previdência Social e acabar com a fome neste país”, afirmando estes serem compromissos “morais e éticos” de seu mandato (SILVA, L. 2003). Na mesma ocasião ele anunciou o programa “Fome Zero”⁶², o primeiro em uma série de pacotes que seriam lançados para diminuir a miséria no país. Entre os projetos mais importantes de sua gestão pode-se destacar também o “Bolsa Família”⁶³, a Reforma da Previdência⁶⁴, o “Programa Universidade para Todos (ProUni)”⁶⁵, além da implementação de cotas sociais e raciais em diversas universidades públicas do país.

Para Neri (2011), esses programas mostraram resultados nos números do país. O autor compilou os dados das PNADs⁶⁶ da última década e mostra que, entre 2001 e 2009, houve uma queda de 51,9% da pobreza no Brasil, com um aumento de 69,08% na renda dos 10%

⁵⁸ Idem, p. 42.

⁵⁹ Suas propostas são consideradas pela revista “tão efetivas para promover mudanças quanto ‘abracadabra, leite de cabra, um, dois três’” (LULALICE..., 2002, p. 30).

⁶⁰ ALCÂNTARA, Eurídepes. A crise explodiu antes da hora. *Veja*, São Paulo, p. 36-41, 19 jun. 2002.

⁶¹ RESULTADO da eleição 2002. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em <http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/2002/result_blank.htm>. Acessado em 25/04/2012 às 23:01.

⁶² Projeto conjunto entre ministérios lançado com o objetivo de acabar com a fome no Brasil.

⁶³ Programa de transferência de renda, com benefício dado a famílias pobres mensalmente em forma de dinheiro.

⁶⁴ Estabeleceu novas regras para a previdência de servidores públicos de todas as esferas, diminuindo benefícios e aumentando o tempo de serviço necessário para se aposentar.

⁶⁵ Programa de concessão de bolsas de estudo totais ou parciais a estudantes de baixa renda (renda familiar per capita abaixo de três salários mínimos) em cursos de graduação em universidades privadas.

⁶⁶ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD): investiga diversas características socioeconômicas da população, incluindo renda, acesso a educação e saúde, natalidade, migração, entre outros.

mais pobres e de 12,8% dos 10% mais ricos. O autor ainda calcula uma média de aumento na renda per capita em 11,3% acima do PIB⁶⁷. Ainda, em 2000, os 10% mais ricos ganhavam em média 18,12 vezes mais que os 10% mais pobres, valor que caiu para 9,76 vezes em 2010. No entanto, “esse nível de desigualdade ainda é considerado alto” (NERI, 2011, p. 45).

Portanto, entre os pontos positivos do governo Lula (2003-2010) pode-se destacar o esforço pela diminuição da desigualdade no país e o aumento da renda da população. Na política externa, também foram dados passos importantes, como o pleito por uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU⁶⁸ e a missão de paz para manter a estabilidade política no Haiti, que abriram caminho para “uma das fases mais dinâmicas da diplomacia brasileira em qualquer época histórica” (ALMEIDA, P., 2004).

Em meio a todas essas mudanças, *Veja* se manteve crítica ao governo, unindo posições elogiosas⁶⁹ e ao mesmo tempo de oposição⁷⁰ nas mesmas matérias. No entanto, ainda no início do primeiro mandato (2003-2004), a revista mantinha uma imagem positiva do presidente, seguindo “a forte tendência brasileira de dar legitimidade ao presidente eleito” (OLIVEIRA, L.; NAPOLEÃO, 2008, p. 99). Enquanto, no passado, o petista era visto como uma figura “assustadora” por suas tendências “comunistas”, com a constatação de que “Lula e seu governo não representavam perigo para os investidores internacionais o olhar da mídia mudou completamente” (SILVA, C., 2006, p. 9). Mais tarde, em meio a escândalos de corrupção, *Veja* acaba se consolidando como oposição ao presidente.

2.3 CORRUPÇÃO E ESCÂNDALOS

O governo Lula foi marcado por diversas crises e escândalos de corrupção, todos amplamente divulgados pela revista *Veja* sem fazer distinção entre erros do partido, governo e do presidente (ALMEIDA, T., 2008). Durante seus dois mandatos, destacamos cinco ocasiões que foram de maior crise, das quais falaremos em ordem cronológica.

2.3.1 WALDOMIRO DINIZ E CPI DOS BINGOS

O escândalo de corrupção envolvendo Waldomiro Diniz, um alto funcionário do governo Lula e homem de confiança de José Dirceu⁷¹ foi deflagrado em 12 de fevereiro de

⁶⁷ Produto Interno Bruto (PIB): soma final da produção de bens e serviços em uma determinada região.

⁶⁸ Órgão internacional vinculado à Organização das Nações Unidas. Tem como responsabilidade primária a manutenção da paz e da segurança internacionais.

⁶⁹ “Deve-se ao governo petista o fato de que, hoje, o Brasil é um país com uma economia ainda mais estável e uma democracia ainda mais vigorosa” (PETRY, 2005, p. 46).

⁷⁰ “Depois de tentar oficializar a cultura e coibir a liberdade de imprensa, o governo investe no aparelhamento de agências reguladoras e anuncia uma reforma universitária que agride o bom senso, a economia do mercado e o mérito acadêmico” (Ibidem, p. 48)

⁷¹ Ministro-chefe da Casa Civil na época, Dirceu era considerado um dos homens mais fortes do PT.

2004 pela revista *Época*⁷². Em vídeo exclusivo fornecido à publicação, Diniz aparece pedindo propina ao empresário Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira⁷³, em troca de vantagens em uma licitação pública. Os dois acertam um valor de R\$ 150 mil que seria doado para a campanha de Lula nas eleições de 2002 e mais 1% desse valor para Diniz, que na época era presidente da Loteria do Estado do Rio de Janeiro, a Loterj⁷⁴.

A instituição renovaria em breve seus contratos para exploração de loteria com aposta em papel, internet e telefone. Cachoeira pediu para Diniz que o negócio de apostas *online* em caça-níquel ficasse fora do edital, por medo de perder monopólio que detinha sobre esse tipo de jogo. Os dois ainda conversaram sobre negócios envolvendo casas de bingos operadas por agentes da Máfia Italiana, e Diniz pediu doações para as campanhas de Benedita da Silva (PT) e Rosinha Matheus (PDT) ao governo do Estado do Rio de Janeiro⁷⁵.

A gravação instigou a criação da CPI⁷⁶ dos Bingos, primeira do governo Lula. O requerimento para sua criação foi lançado em 4 de março de 2004 pelo senador Magno Malta (PL-ES), mas a instauração não foi adiante por falta de indicação de líderes dos partidos da base aliada⁷⁷. As investigações só começaram em 29 de junho de 2005, quando já haviam sido feitas as denúncias do Mensalão (do qual falaremos em seguida). Pouco antes, em maio daquele ano, o assessor do parlamentar José Adalberto Vieira da Silva (PT) foi flagrado levando R\$ 209 mil em uma mala e outros R\$ 100 mil presos ao corpo, na cueca. O homem e outras sete pessoas foram indiciadas por suspeita de que o dinheiro fosse ser utilizado para pagamento de propina⁷⁸.

Durante a CPI foram discutidos outros assuntos além da questão dos bingos, como o assassinato do ex-prefeito de Santo André-SP, Celso Daniel (PT), caso que também envolveu esquemas de propina na administração pública (BRASIL, 2012a). Em seu relatório final, a comissão indiciou 79 pessoas físicas e jurídicas por irregularidades de contrato de prestação de serviços entre a empresa de tecnologia Gtech e a Caixa Econômica Federal, banco público vinculado ao Ministério da Fazenda. Os mesmos acusados também foram relacionados com

⁷² Revista semanal de jornalismo pertencente à Editora Globo. É concorrente direta de *Veja*.

⁷³ Empresário acusado de participação no crime organizado. Além de deflagrar a crise dos bingos em 2004, foi preso em 2012 por envolvimento com um esquema de jogo de máquinas de caça-níquel. Na ocasião foram reveladas ligações suas com o deputado federal Demóstenes Torres, do DEM, em esquemas de propina. Enquanto a pesquisa estava sendo escrita seu julgamento ainda estava aberto.

⁷⁴ MEIRELES, Andrei; KRIEGER, Gustavo. Bicho na campanha. *Época*. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI42738-15223,00-BICHO+NA+CAMPANHA.html>>. Acessado em 02/05/2012 às 21:53.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Comissão Parlamentar de Inquérito, abreviado CPI, é uma investigação conduzida pela Câmara dos Deputados ou Senado Federal (em conjunto ou separadamente) para apuração de fato determinado e com tempo de duração pré-estabelecido. Suas conclusões são encaminhadas para o Ministério Público para que sejam tomadas as devidas providências com os acusados.

⁷⁷ CASTANHÊDE, Eliane. KRAKOVICS, Fernanda. Tropa de choque de Lula manobra e aniquila CPI. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A4, 5 mar. 2004.

⁷⁸ GUIBU, Flávio. Oito são denunciados em caso da cueca. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u74368.shtml>>. Acessado em 02/05/2012 às 23:22.

outros casos de irregularidades envolvendo a administração de Antônio Palocci Filho (PT) em Ribeirão Preto-SP (2001-2002).

O principal tema da CPI, no entanto, foi a questão legal dos bingos e máquinas de caça-níquel no Brasil, que seriam utilizados por grandes organizações criminosas para fazer lavagem de dinheiro⁷⁹, além de estarem relacionados a crimes de contrabando, sonegação de impostos e contratos de trabalho irregulares. Esse tipo de jogo era proibido pela constituição, mas as leis Zico (1993) e Pelé (1998) tornaram os bingos e caça-níqueis exceções à proibição de jogos de azar no país. A Lei Pelé, que havia substituído a Lei Zico, foi revogada pela Lei Maguito (nº 9.981) em 2001, quando essas atividades se tornaram ilegais novamente (BRASIL, 2012a).

O relatório final da comissão foi aprovado em 20 de junho de 2006 e encaminhado para o Ministério Público, Polícia Federal, Receita Federal, Banco Central do Brasil, Tribunal de Contas da União, Tribunal Superior Eleitoral e para as polícias civis do Rio de Janeiro/RJ, Santo André/SP, Ribeirão Preto/SP e Campinas/SP⁸⁰. Durante 2004, o caso Waldomiro Diniz foi a principal crítica de *Veja* ao governo Lula, mas foi apagado quando começou o Escândalo do Mensalão, que teria proporções muito maiores.

2.3.2 O MENSALÃO

O escândalo do Mensalão foi o maior do governo Lula, envolvendo importantes políticos de sua base aliada e uma grande rede de parlamentares do congresso⁸¹. A primeira denúncia do caso foi feita a partir de gravação divulgada por *Veja* em 18 de maio de 2005 mostrando o então diretor dos Correios, Maurício Marinho, oferecendo esquema de pagamento de propina para o advogado Joel Santos Filho, que fingia-se de empresário de uma empresa de informática que queria começar a fornecer produtos para a instituição. Ele chega a pagar três mil reais durante a gravação, e Marinho revela que tem ligação com o deputado federal e presidente do PTB, Roberto Jefferson. Ele explicita ainda outros casos de licitação nos Correios envolvendo pagamento de propina⁸².

Nessa matéria, *Veja* faz ligação entre PTB e PT, citando um caso de suspeita de compra de votos em 2004⁸³, mas o maior destaque é dado ao primeiro. É feita crítica à

⁷⁹ Atividade que tem por finalidade dissimular ou esconder a origem ilícita de ativos financeiros ou bens patrimoniais, dando a eles uma origem lícita ou dificultando investigações para provar sua origem.

⁸⁰ RECONDO, Felipe. Oposicionistas derrotam governo e aprovam relatório da CPI dos Bingos. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u79671.shtml>>. Acessado em 02/05/2012 às 23:06.

⁸¹ MENSALÃO. **Estadão**. Disponível em <<http://topicos.estadao.com.br/mensalao>>. Acessado em 02/05/2012 às 23:38.

⁸² JUNIOR, Policarpo. O homem-chave do PTB. **Veja**, São Paulo, p. 54-61, 15 mai. 2005.

⁸³ Na ocasião, o tesoureiro Emerson Palmieri foi pego com dinheiro que teria vindo do PT para comprar votos dos deputados do PTB. A matéria foi publicada por *Veja* e por outros veículos de comunicação, mas não chegou a criar “escândalo”, como mais tarde aconteceria com o Mensalão.

quantidade de Cargos de Confiança distribuídos no Brasil⁸⁴ e o ministro da Fazenda Antônio Palocci é elogiado pela forma como trata a situação⁸⁵. Marinho foi indiciado por fraude e corrupção pela Polícia Federal⁸⁶, e em 25 de maio Senado e Câmara dos Deputados criaram em conjunto a CPI dos Correios, que investigaria supostos casos de corrupção na ECT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos)⁸⁷.

O pior da crise começou duas semanas depois, com declarações de Roberto Jefferson sobre um esquema de pagamento de “mesada” a congressistas pelo PT para que votassem a favor de medidas do governo⁸⁸. Na primeira semana de junho o deputado deu entrevista para a *Folha de S. Paulo* relatando que deputados da base aliada recebiam R\$ 30 mil por mês de Delúbio Soares, então tesoureiro do PT⁸⁹. Ele afirmou ainda ter avisado Lula que Delúbio “colocaria uma dinamite embaixo de sua cadeira” e que o presidente “chorou” ao ouvir o que estava acontecendo. O pagamento teria terminado nessa época, o que provocou “insatisfação brutal”⁹⁰. Nessa mesma entrevista, Jefferson chamou o esquema de um “mensalão”, apelido que acabou nomeando o escândalo.

O resultado foi a instauração de uma segunda CPI, a do Mensalão - Compra de Votos, também mista entre Câmara dos Deputados e Senado. O documento de requerimento foi assinado por líderes de 11 partidos (PL, PDT, PT, PFL, PSDB, PCdoB, PPS, PV, PP, PSB e PMDB) e pelo líder do governo, Arlindo Chinaglia, do PT⁹¹. Além de investigar a compra de votos durante o governo Lula, a comissão também investigaria esquema semelhante ocorrido em 1997 para aprovar a Proposta de Emenda à Constituição nº 1/1995, que permitiu a candidatura do então presidente Fernando Henrique Cardoso para um segundo mandato.

Os dois acusados de realizar os repasses foram Marcos Valério Fernandes de Souza, dono de uma empresa de publicidade que fazia negócios com órgãos públicos, e Delúbio Soares. Outros réus no processo incluem⁹² ainda José Dirceu, José Genuíno Neto (presidente do PT entre 2002 e 2006), Sílvio José Pereira (secretário-geral do PT na época), Luiz Gushiken (secretário de comunicação da presidência na época) e Duda Mendonça (publicitário responsável por diversas campanhas políticas, incluindo a eleição de Lula em

⁸⁴ “Na origem da praga da corrupção estão os 25.000 cargos de confiança no governo federal, que são ocupados por indicação política” (JUNIOR, 2005, p. 60).

⁸⁵ “Atualmente, em função do rígido ajuste fiscal implementado pelo ministro Antônio Palocci, o interesse dos políticos migrou para cargos que ficam fora do alcance do contingenciamento do Orçamento” (JUNIOR, 2005, p. 60).

⁸⁶ POLÍCIA Federal indícia Marinho por fraude e corrupção. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69182.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 12:22.

⁸⁷ EM SESSÃO conjunta, Câmara e Senado criam CPI dos Correios. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69182.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 12:27.

⁸⁸ CABRAL, Otávio. O que será que ele sabe?. **Veja**, São Paulo, p. 48-51, 1 jun. 2005.

⁸⁹ JEFFERSON denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69402.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 12:31.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ CONGRESSO cria CPI para investigar “mensalão” e compra de votos. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u70262.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 1:26.

⁹² Na data de realização da pesquisa, o processo ainda estava correndo no Superior Tribunal Federal.

2002), além de deputados federais do PT, PFL, PP, PL, PMDB e PTB (BRASIL, 2012b). Eles foram acusados de corrupção ativa, formação de quadrilha e outros crimes. Os recursos teriam vindo de contratos de prestação de serviço em publicidade com o Banco do Brasil (supervalorizados em R\$ 74 milhões) e Câmara dos Deputados. “Outros inquéritos e ações foram abertos para investigar desvios nos Correios, Eletronorte, Ministério dos Esportes e outros órgãos públicos” (BRASIL, 2012b, p. 9).

O escândalo do Mensalão ganhou grande destaque em 2005 na *Veja*, ocupando a capa de 17 publicações seguidas entre 1º de junho e 21 de setembro. A corrupção é tratada pela revista através da dicotomia entre bons e maus, mostrando os envolvidos como homens sem virtude (ALMEIDA, T., 2008). Ainda em agosto, um editorial se referia a membros do governo como “a quadrilha que avançou sobre o dinheiro público no governo Lula”⁹³. É a partir dessa época que a revista se coloca na oposição do governo: “A partir da edição de 18 de maio de 2005 [...] os fatos passaram a preceder de tal forma a opinião que *Veja* se tornou um dos principais carrascos do governo Lula” (BENETTI, 2006, p. 11).

Como resultado do escândalo, três deputados federais foram cassados (Roberto Jefferson, do PTB, Bispo Rodrigues, do PFL, e Pedro Corrêa, do PP), dois renunciaram (José Borba, do PT, e Valdemar Costa Neto, do PL), um homem foi condenado à prisão (Rogério Tolentino, considerado braço direito de Marcos Valério, também teve perda dos bens e deve pagar multa de R\$ 2 milhões), José Dirceu renunciou ao cargo de ministro-chefe da Casa Civil e depois foi cassado como deputado federal, Marcos Valério perdeu todos os contratos que tinha com o governo e Luiz Gushiken, que era chefe da Secretaria de Comunicação da presidência e tinha status de ministro, deixou o governo⁹⁴. Além disso, Antônio Palocci Filho, ministro da Fazenda, foi demitido durante o escândalo devido a fato relacionado ao caso: ele teria quebrado ilegalmente o sigilo bancário de seu caseiro, Francenildo da Costa, que o acusava de abrigar negociações do Mensalão em sua casa⁹⁵.

O inquérito do Mensalão (INQ 2245) foi julgado em agosto de 2007 e durou cinco dias, com decisão do Supremo Tribunal Federal de acatar a denúncia de 40 réus⁹⁶. Em novembro daquele ano o processo foi convertido em Ação Penal (AP 470), quando começaram a ser ouvidas as testemunhas e os réus, além de ser feita a revisão de provas⁹⁷. No

⁹³ CARTA ao leitor. *Veja*, São Paulo, p. 9, 17 ago. 2005.

⁹⁴ LISTA dos réus no processo do Mensalão. *O Globo*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/infograficos/lista-mensaleiros/>>. Acessado em 03/05/2012 às 3:05.

⁹⁵ CARNEIRO, Marcelo. O riso virou choro. *Veja*, São Paulo, p. 54-62, 5 abr. 2006.

⁹⁶ JULGAMENTO do inquérito do Mensalão foi o maior da história, diz o ministro Celso de Mello. **Superior Tribunal Federal**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=71001&caixaBusca=N>>. Acessado em 05/03/2012 às 3:29.

⁹⁷ INQUÉRITO do Mensalão é convertido em Ação Penal 470. **Superior Tribunal Federal**. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=77522&caixaBusca=N>>. Acessado em 03/05/2012 às 3:36.

dia 20 de dezembro de 2011 o ministro Joaquim Barbosa divulgou o relatório da ação, que seguirá para julgamento em 2012⁹⁸.

2.3.3 OUTROS CASOS

Funcionários e membros do governo Lula foram acusados em outros casos de corrupção menos polêmicos que o Mensalão, mas que também trouxeram constrangimentos para o governo. Entre eles citamos:

– CPI das ambulâncias (ou sanguessugas): em junho de 2006 foi denunciado um esquema de corrupção em que seria desviado dinheiro do Ministério da Saúde destinado à compra de ambulâncias, que eram vendidas a municípios por preços superfaturados em até 110%. A Polícia Federal apurou que o grupo teria movimentado R\$ 110 milhões⁹⁹. Em seu relatório final a comissão pediu o indiciamento de 10 pessoas¹⁰⁰.

– Escândalo do dossiê: em setembro de 2006 dois homens foram presos acusados de intermediar uma compra de documentos que ligariam José Serra e Geraldo Alckmin, ambos candidatos do PSDB na eleição daquele ano, ao esquema de corrupção dos “sanguessugas”. O escândalo motivou a renúncia de Ricardo Berzoini da presidência do PT e do cargo de coordenador da campanha de Lula em 2006¹⁰¹.

– Farra dos cartões corporativos: escândalo deflagrado por reportagem da *Folha de S. Paulo* em 2008, mostrando gasto excessivo de membros do governo nos cartões de crédito cedidos pelo Estado. As denúncias chegaram a atingir a filha de Lula, Lurian, cujo segurança teria gastado R\$ 55 mil nos cartões corporativos em um período de nove meses. A ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, renunciou ao seu cargo em decorrência de acusações de ter gastado irregularmente R\$ 171 mil em 2007¹⁰².

– Caso Erenice Guerra: Em reportagem publicada pela revista *Veja* em 15 de setembro de 2010, Israel Guerra, filho da ministra da Casa Civil Erenice Guerra, é denunciado por tráfico de influência. Ele teria facilitado o contrato de uma empresa de transporte aéreo e

⁹⁸ MINISTRO Joaquim Barbosa conclui relatório do processo do Mensalão. **Superior Tribunal Federal**. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=77522&caixaBusca=N>>. Acessado em 03/05/2012 às 3:39.

⁹⁹ RECONDO, Felipe. Entenda o esquema de compra irregular de ambulâncias. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u78858.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:58.

¹⁰⁰ COLON, Leandro. CPI dos Sanguessugas pede indiciamento de dez pessoas. **G1**. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1387377-5601,00.html>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:33.

¹⁰¹ CRISE do dossiê já derrubou 5 petistas. **Folha Online**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u83514.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:41.

¹⁰² ENTENDA os casos envolvendo os cartões corporativos no governo. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u386659.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:49.

recebido R\$ 5 milhões em propina¹⁰³. O caso foi deflagrado na época da eleição de Dilma Rousseff, sucessora de Lula e líder da pasta antes de Erenice.

Durante o período Lula presidente *Veja* representou uma forte oposição, sempre engajada em denunciar as irregularidades de seu governo e seus aliados. Por conta do Mensalão a imagem do PT foi comprometida frente ao público e à imprensa, situação acentuada pela atuação da revista. Veremos as mudanças no discurso de *Veja* durante nossa análise, no capítulo 4.

¹⁰³ REVISTA afirma que filho de Erenice Guerra cobrou propina; ministra nega. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/09/revista-afirma-que-filho-de-erenice-guerra-cobrou-propina-ministra-nega.html>>. Acessado em 03/05/2012 às 5:06.

3 O DISCURSO JORNALÍSTICO

Nesta pesquisa pretendemos analisar o discurso de *Veja* em relação ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e os sentidos que cria sobre ele. Para chegar a esse propósito é relevante primeiro tentar compreender como funciona o discurso jornalístico e como ele pode criar sentidos não explícitos em seus textos. Assim, discutiremos neste capítulo o jornalismo e sua função social, o jornalismo político e sua relação com as teorias do discurso.

3.1 JORNALISMO E INFORMAÇÃO

Charaudeau (2007, p. 33) define a informação como “uma transmissão de saber feita com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo”. Esta é uma “noção que abrange simultaneamente um conteúdo e a sua forma, bem como o ato de transmitir” (CORNU, 1999, p. 13), ou seja, não apenas aquilo que é dito, mas também como e por quem. No caso do jornalismo, além de aumentar o saber, a informação também afeta a visão do leitor sobre aquilo que o cerca, o que a torna um agente de transformação social (BUCCI, 2000).

Esse tipo de definição levanta diferentes questionamentos: quais os motivos que levam alguém a transmitir seu conhecimento a outrem? De onde vem esse conhecimento? Quem é o sujeito informado e quem é o sujeito informador? Qual é o resultado dessa interação e troca de informação? (CHARAUDEAU, 2007) Nas próximas páginas, iremos refletir sobre algumas dessas perguntas.

Consideremos a *Veja*, nosso objeto de estudo. Ela é uma revista semanal de jornalismo pertencente ao Grupo Abril. “Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (SCALZO, 2004, p. 11). Ao contrário do jornal, que procura publicar o máximo possível de notícias, a revista “não se obriga a registrar ocorrências que não se enquadrem em seu apelo e seu leitor-alvo” (VILAS BOAS, 1996, p. 72).

Em espaço dedicado a atrair anunciantes para *Veja*, o Grupo Abril a caracteriza como “abrangente, cobrindo desde o mundo da política, economia, internacional, até artes e cultura, com uma linguagem clara e atraente, gostosa de ser lida”¹⁰⁴. Ainda, garante que seu objetivo é ser a maior publicação brasileira em “todos os sentidos”, incluindo “circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística”. Sua missão é auxiliar os leitores a “entender melhor o mundo em que vivemos”. Essa visão vai ao encontro com a definição de Scalzo (2004, p. 14), para quem “revista une entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos”.

¹⁰⁴ VEJA. **Publiabril**. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>>. Acessado em 29/04/2012 às 17:32.

Veja tem uma tiragem de de 1.213.821 exemplares, sendo que 926.223 destinam-se a assinaturas e 141.130 são vendidos avulsos em bancas¹⁰⁵. Esses números a tornam “a revista mais vendida e mais lida do Brasil, a única revista semanal de informação no mundo a desfrutar de tal situação. [...] É a quarta revista de informação mais vendida no mundo, atrás das norte-americanas *Time*, *Newsweek* e *US News & World Report*” (SCALZO, 2004, p. 31).

O público de *Veja* é caracterizado como o seguinte¹⁰⁶:

- 43% é de homens, 57% de mulheres;
- 27% está acima dos 50 anos, 10% entre 45 e 49 anos, 20% entre 35 e 44 anos, 21% entre 25 e 34 anos, 11% entre 20 e 24 anos e 11% abaixo de 19 anos;
- 20% pertence à classe A, 53% à classe B, 24% à classe C e 3% à classe D;
- 59% mora no Sudeste, 14% no Sul, 14% no Nordeste, 9% no Centro-Oeste e 4% no Norte.

Ainda, em pesquisa realizada entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011 com os leitores que acessam a revista pelo iPad¹⁰⁷, foi verificado que, dos 900 entrevistados, 84% possuíam curso superior completo e 60% possuíam filhos e renda familiar acima de R\$ 15 mil¹⁰⁸. Ainda que essa pesquisa não seja abrangente o suficiente para mostrar todo o universo de leitores (afinal, entrevistou apenas aqueles que a leem através de um aparelho específico), aliando esse dados àqueles advindos da pesquisa de mercado pode-se chegar à conclusão de que o público de *Veja*, em geral, é: adultos; com curso superior completo; de classe média; e, em sua maioria, habitantes do Sudeste do país, região que abriga grandes centros urbanos.

Sabemos que o ato de informar compreende um informador e um informado. No entanto, no caso da revista, o leitor tem um papel que vai além do de pedir e receber informação: nessa relação, revista e leitor formam a identidade um do outro. “Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas, e, nesse sentido, ajuda a construir a identidade. [...] Quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor” (SCALZO, 2004, p. 12). Dessa forma, enquanto o público define a pauta da revista e a forma como ela irá se apresentar, esta também o ajuda a definir a si mesmo, colocando-o em um grupo de pessoas que se identificam de acordo com certas características e atitudes¹⁰⁹.

¹⁰⁵ VEJA. **Publiabril**. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>>. Acessado em 29/04/2012 às 17:32.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Tablet mais popular da atualidade (GARTNER..., 2012).

¹⁰⁸ 1ª PESQUISA com leitores de VEJA no iPad. Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/upload/files/0000/0417/Pesquisa_publiabril.pdf>, acessado em 17/04/2012 às 20:58.

¹⁰⁹ Revistas adolescentes tratam de assuntos com que os adolescentes se identificam (namoro, música, escola, crescimento), revistas de mulheres tratam de assuntos com que as mulheres se identificam (relacionamentos, carreira, cuidado com a aparência, sexualidade), etc (SCALZO, 2004).

Na questão da comunicação, a relação entre *Veja* e seu público se dispõe através de um contrato, estabelecido entre solicitante (leitor) e solicitado (revista), em que o primeiro atribui ao segundo um saber e uma competência. Ou seja: o leitor pressupõe o poder de informar da revista e, ao comprá-la, realiza o pedido de ser informado (CHARAUDEAU, 2007). Esse pedido é feito porque ele tem necessidade de compreender a realidade que o cerca e a si mesmo, e vê na revista uma forma de supri-la (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993). Assim, a informação serve para aumentar os conhecimentos do leitor, o que no caso das revistas semanais é feito através de análises e reflexões, procurando ângulos que não são possíveis na mídia impressa cotidiana (SCALZO, 2004).

No jornalismo, esse contrato entre público e locutor envolve noções sobre “o que é jornalismo, o que pode ser dito (e o que não pode ser dito), o lugar reservado ao leitor, o papel que o jornalista deve exercer e o tipo de informação que deve entregar” (BENETTI, 2007, p. 38). Existe uma relação de confiança entre o jornalista e seu público, em que fica entendido que a função de um é servir ao outro, informando aquilo que ele necessita saber (CHARAUDEAU, 2007). Dessa forma, a comunicação no jornalismo só será possível se o leitor confiar no jornalista e acreditar que este lhe conta a verdade (CORNU, 1999), pois sem essa confiança ele não irá firmar o contrato. Esse acordo não é recente, mas é uma construção realizada ao longo dos séculos que veio a definir o jornalismo como é praticado hoje (BENETTI, 2007).

As raízes do jornalismo moderno podem ser traçadas na Europa do século XIX, quando a Revolução Industrial permitiu uma multiplicação de até mil vezes nas tiragens dos jornais e houve grande aumento na população alfabetizada (LAGE, 2009). Nessa época surgiram dois gêneros jornalísticos distintos: na França o opinativo, voltado para a interpretação da realidade, e na Inglaterra o objetivo, voltado para o relato de acontecimentos (MARQUES DE MELO, 2006). Até então, desde o século XVI, o jornalismo era praticado como forma de orientar e dar interpretações políticas ao público, com uma linguagem que se assemelhava à “fala parlamentar, a análise erudita e o sermão religioso” (LAGE, 2009, p. 10). No entanto, com a queda do modelo feudal, não se tinha mais o embate político e ideológico entre aristocracia e burguesia¹¹⁰, e, portanto, a imprensa passou a se dedicar aos acontecimentos para atrair seu público (LAGE, 2009).

Também foi nessa época que a publicidade passou a vigorar na mídia impressa. Devido à mecanização do processo de produção, os custos dos jornais aumentaram, e não bastava mais apenas o leitor para financiá-lo (LAGE, 2009). A informação em forma de notícia passou a ser vista como uma mercadoria que poderia ser vendida ao grande público, o que deu oportunidade para a criação de grandes empresas jornalísticas baseadas na lógica

¹¹⁰ Ainda existia a organização de operários alimentando o embate político, mas estes sofriam repressão policial e financeira, o que os tornava marginalizados e menos representados (LAGE, 2009).

capitalista e sustentadas exclusivamente pelo lucro dessas vendas (MARQUES DE MELO, 2006).

Ao mesmo tempo em que promoveu uma “venda” do jornalismo à lógica capitalista da produção e do lucro – tornando-o não mais uma prática ideológica, mas um negócio –, essa comercialização também proporcionou a profissionalização do jornalista, com pessoas praticando-o como meio exclusivo de ganhar seu sustento (TRAQUINA, 2008). Com isso, foram surgindo sindicatos para reivindicar melhores condições trabalhistas e universidades para treinar os futuros profissionais dessa área (TRAQUINA, 2005), assim como códigos deontológicos para regular sua prática (CORNU, 1999). Além disso, essa tendência de profissionalização permitiu a criação de uma técnica jornalística, caracterizada pela objetividade e pelo uso do *lead* e da pirâmide invertida¹¹¹ (MARQUES DE MELO, 2006). Mais do que uma atividade, então, o jornalismo passou a ser uma técnica praticada por um profissional específico.

Traquina (2008) caracteriza o jornalista como fazendo parte de uma cultura própria marcada por certos princípios, mitos e ideologias. Ele é constantemente pressionado pelo tempo (tempo de fechamento do jornal, tempo de conseguir chegar ao local da notícia antes de seus concorrentes e ter acesso a mais informações, etc), devendo saber reconhecer uma notícia e elucidar os fatos de forma clara para o leitor, sempre da maneira mais rápida possível. Além disso, deve ser capaz de captar o máximo de informações com o mínimo de palavras, com o intuito de economizar dinheiro para sua empresa e também tempo de produção (MARQUES DE MELO, 2006). Por fim, faz parte de um grupo de indivíduos que acreditam fazer um serviço à sociedade, sendo “seus ‘cães de guarda’ que protegem os cidadãos contra os abusos do poder” (TRAQUINA, 2008, p. 51). Essa visão idealista faz parte do imaginário coletivo em sociedades democráticas e é amplamente difundido na cultura popular¹¹².

Para saber reconhecer a notícia, o jornalista recorre mais uma vez à técnica, e pode utilizar certas prioridades para identificar se um fato é relevante ou não. A principal característica, no entanto, é a anormalidade: “O mundo jornalístico pressupõe uma referência a uma noção de ‘normalidade’ como ponto de referência fundamental. Assim, a ruptura da ‘normalidade’ consegue um lugar de referência do mundo das notícias” (TRAQUINA, 2008, p. 96). Dessa forma, o jornalismo acaba criando um padrão para seus leitores sobre o que é normal ou não, pois tudo o que reporta seria incomum.

¹¹¹ *Lead*: primeiro parágrafo da notícia, explicando as informações fundamentais sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? (LAGE, 2005) Pirâmide invertida: Forma de escrever o texto que coloca as informações de acordo com uma sequência, que vai da mais importante para a menos importante. (TRAQUINA, 2005)

¹¹² Exemplos de filmes: Cidadão Kane (1941), A Hora da Vingança (1952), Os Gritos do Silêncio (1984), Leões e Cordeiros (2007), entre outros. Ainda, o super-herói de quadrinhos Super-Homem (Clark Kent) é jornalista, e o Homem-Aranha (Peter Parker) é fotógrafo para um jornal. Tintin, o personagem principal de uma série de quadrinhos belga de aventura, também é jornalista.

Como os jornalistas não são capazes de divulgar todas as histórias extraordinárias a sua volta, devem escolher quais irão para o seu veículo. Para selecionar o que interessa ou não, eles atribuem “valores-notícia” aos acontecimentos, procurando entre eles quais serão de maior interesse do público (LEAL et al., 2010). Esses valores não são imutáveis, pelo contrário, sofreram diversas mudanças através da história e variam de acordo com a sociedade em que o profissional está inserido (TRAQUINA, 2008), bem como o meio de comunicação para o qual ele trabalha (MARCONDES FILHO, 1989).

Diversos estudos foram feitos para determinar os valores-notícias do jornalismo¹¹³. Galtung e Ruge (1965), cujo estudo foi pioneiro na identificação desses valores (TRAQUINA, 2008), propõem oito critérios que são considerados na hora de transformar um fato em notícia, independente de valores culturais: frequência (proximidade do tempo que dura o fato ao tempo de fechamento do jornal), amplitude (quantas pessoas afeta), ambiguidade (quanto menor, melhor), consonância (grande valor simbólico, influência sobre a vida das pessoas), expectativa (se o público aguarda pelo fato, tem expectativa sobre ele), novidade (algo inesperado, incrível, raro), continuidade (notícias que dão continuidades a outras, grandes coberturas) e composição (o conjunto de notícias deve ter um equilíbrio, ou seja: *soft* e *hard*¹¹⁴, domésticas e internacionais, etc). Eles ainda propõem outros quatro fatores que selecionam as notícias de acordo com os valores culturais de uma sociedade: nações elitizadas (se o fato envolve nações “de elite”, há mais chance de ser noticiado), pessoas elitizadas (celebridades, políticos, pessoas muito ricas), personalização (quanto mais o público se envolver na história e se identificar com os personagens, melhor) e negatividade¹¹⁵.

Wolf (1987) complementa os estudos de Galtung e Ruge, adicionando os critérios de disponibilidade (acesso às fontes, ao local do acontecimento, etc), brevidade (pode ser explicada com facilidade), visualização (quanto mais imagens, melhor), formato (a notícia deve ser completa, com introdução, desenvolvimento e finalização), exclusividade em relação à concorrência e expectativa de que outros veículos vão noticiar a mesma coisa (“se o concorrente vai publicar essa história, eu devo publicá-la também”).

¹¹³ Em Traquina (2008), o autor cita os estudos de Galtung e Ruge (1965), Ericson, Baranek e Chan (**Visualizing Deviance: A Study of News Organizations**, 1987), Fishman (**Manufacturing the News**, 1980), Gans (**Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time**, 1979), Hartley (**Understanding News**, 1982) e Wolf (1987), além de propôr valores de acordo com suas próprias pesquisas.

¹¹⁴ *Soft news* (notícias brandas): referentes a eventos menos relevantes para a sociedade, abordados com narrativa livre e aproximada do cotidiano do público. São exemplos notícias de esporte, celebridades e cultura. *Hard news* (notícias duras): referentes a eventos de maior relevância para o interesse público, focando em assuntos como política, economia, segurança, saúde pública, etc.

¹¹⁵ Os autores explicam que em geral notícias consideradas “ruins” ou “tristes” costumam cumprir com os critérios de noticiabilidade falados anteriormente (leva mais tempo para um fato bom ser construído, enquanto uma fatalidade pode acontecer em um segundo; há mais consenso quando se considera algo “ruim” do que quando é “bom”; elas captam mais a atenção do público, ou seja, têm mais consonância; e notícias negativas costumam ser mais inesperadas, exatamente pelo fato de levarem menos tempo para acontecerem). Por isso, em geral, elas entram mais nos noticiários do que notícias “boas” ou “felizes”.

Esses critérios de noticiabilidade não são obrigatórios em todas as notícias, mas quanto mais deles estiverem presentes em um acontecimento, maior será a possibilidade de ele ser noticiado (GALTUNG; RUGE, 1965). Ao mesmo tempo em que servem de referência aos jornalistas na hora de realizar suas pautas, eles também seguem uma lógica de produção industrial, permitindo a seleção de material com precisão e rapidez, de forma quase automática (WOLF, 1987). No fim, seu objetivo é auxiliar o jornalista para que ele apresente ao público os fatos que mais lhe interessam.

Essa ideia está diretamente relacionada ao caráter duplo do jornalismo: ao mesmo tempo em que ele é um negócio gerador de lucros, ele também é caracterizado como instrumento da sociedade, se identificando como difusor de informação essencial à manutenção da democracia (TRAQUINA, 2005). Assim, além de informar ao público aquilo que precisa saber, o jornalista também deve gerar lucros a sua empresa, tomar cuidado para não ir contra sua orientação política e fazer o seu trabalho da forma mais rápida possível, mas sem ferir a ética ou a qualidade de seu texto. Ou seja, é um profissional pressionado por diversas funções e comprometimentos que muitas vezes podem contradizer uns aos outros.

De acordo com Bucci (2000, p. 41), jornalismo “consiste em publicar o que os outros querem esconder mas que o cidadão tem o direito de saber”. Ele está diretamente relacionado ao exercício da democracia e da cidadania, cabendo a este profissional distinguir entre as inúmeras informações a que tem acesso aquelas que merecem ser divulgadas. Sua função é perceber e relatar o notável (CORNU, 1999). O objetivo final desse informar seria “equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações” (TRAQUINA, 2005, p. 129).

Para realizar sua atividade, os jornalistas se munem de certos princípios éticos e técnicos. Devem falar a verdade, além de manter sua liberdade, autonomia, credibilidade e objetividade (TRAQUINA, 2005). Também têm um compromisso com a sociedade de revelar aquilo que lhe é relevante, além de dar a notícia da melhor forma possível a seu público (BUCCI, 2000). Devem saber reconhecer o que é notícia e o que não é, que fatos são mais importantes, quais fontes devem ser utilizadas e quais as intenções que estas têm em dar informação (TRAQUINA, 2008).

No entanto, é nesse ponto que vemos uma contradição com o aspecto comercial do jornalismo: no momento em que sua atividade, que deveria ser leal à democracia, serve também aos interesses de uma empresa particular, que, além de ter a obrigação de gerar lucros, também é propriedade de uma pessoa com sua própria agenda ideológica, qual será a primeira escolha do jornalista? E de sua publicação?

Peguemos nosso objeto de estudo como exemplo: a revista *Veja* é um produto, e como tal deve ser vendida tanto para seus leitores quanto para os anunciantes que pagam para fazer publicidade em suas páginas. Ela está sujeita à lógica de mercado, da oferta e da procura, da convivência com os concorrentes, e deve lutar para conquistar um espaço próprio diferente de

outros produtos de comunicação semelhantes (CORNU, 1999). E porque é um produto, sua finalidade como veículo difusor de informação não serve apenas à sociedade, mas também à captação de recursos.

É nessa lógica que a revista trabalha com a conquista do leitor, pois precisa dele para continuar gerando lucros. Isso se reflete em seu formato de texto e diagramação: A primeira venda é realizada quando o leitor vê a capa, que possui os atrativos de uma embalagem (VILAS BOAS, 1996). “Ela precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” (SCALZO, 2004, p. 62). Após essa “provocação”, a revista deve continuar a venda através de sua parte interna, que dá uma continuidade da experiência de oferta de informação, educação e entretenimento (FETTER, 2011). Nesse caso as fotografias exercem um papel importante, servindo para chamar o leitor para as matérias (SCALZO, 2004), que depois, através do texto, deverão sustentar seu interesse. Isso pode ser feito com narrações climáticas ou com uma forma de escrever que instigue a curiosidade do leitor (VILAS BOAS, 1996). Diferente da experiência de ler um jornal, o público espera, ao folhear uma revista, ter uma experiência prazerosa, e é essa característica que acaba permeando seu texto (SCALZO, 2004).

Ao contrário da imprensa diária, representada pelo jornal, o estilo de revista tem maior possibilidade e liberdade de criação (SCALZO, 2004). Por causa de suas longas matérias, esse tipo de veículo ao mesmo tempo permite ao jornalista pensar melhor o seu texto e também o obriga a fazê-lo, de forma que ele deve ter em mente, antes de escrever, como irá desencadear os fatos (e a história), ou seja, em que tom (humor, drama, tragédia, etc) e com qual angulação (VILAS BOAS, 1996). No jornal diário, o tom *em geral* é sempre o mesmo, o da busca por uma objetividade e neutralidade (VILAS BOAS, 1996).

O texto em revista se propõe mais abertamente a interpretar o fato. Depois de ‘assentada a poeira’, vem a reflexão, a visão detalhada do contexto, a narrativa instigante e atraente, que faça o leitor mergulhar na ‘história’. Ou que, em outras palavras, o faça ver imagens em forma de texto. De certo modo, a revista tende a preencher a lacuna deixada pelo telejornalismo, também veloz e dinâmico, sem tempo para extrapolações de ordem analítica. (VILAS BOAS, 1996, p. 14-15)

A “obsessão pelo lucro”, característica da lógica capitalista, acaba muitas vezes diminuindo os valores da prática profissional (AUGUSTI, 2005). Isso pode fazer com que veículos de comunicação recorram “à sedução, o que nem sempre atende à exigência de credibilidade que lhe cabe na função de ‘serviço ao cidadão’” (CHARAUDEAU, 2007, p. 59). Isso proporcionou, por exemplo, a criação do jornalismo sensacionalista, especialmente forte nos Estados Unidos dos séculos XIX e início do XX e que ainda hoje é praticado por certos veículos de comunicação. “Para cumprir função socializadora, educativa, devia-se atingir o público, envolvê-lo para que lesse até o fim e se emocionasse. Precisava-se abordar temas que o empolgassem” (LAGE, 2009, p. 15).

Enquanto na revista o papel da capa é “impactar, chamar a atenção, despertar interesse pela edição” (FETTER, 2011, p. 23), no sensacionalismo a manchete (ou seja, a primeira coisa que se vê da matéria, sua “capa”) “deve provocar comoção, chocar, despertar carga pulsional¹¹⁶ nos leitores” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 16). Na prática, então, qual seria a diferença entre uma capa que deve “impactar, chamar atenção” e uma manchete que deve “chocar, despertar carga pulsional”? Ao contrário do sensacionalismo, que trata de assuntos violentos (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995), as revistas tratam também de temas leves, como carros, esportes, cultura, então eles não convergem nesse ponto. No entanto, quando ela entra no campo da política¹¹⁷, em que casos de corrupção se tornam “escândalos” e políticos corruptos se tornam “bandidos”, vemos que o choque e a personificação dos “personagens” da história podem ser ferramentas eficazes para a conquista do leitor, e estas acabam tendo espaço exatamente pela maior liberdade que define o jornalismo de revista.

Vejamos, primeiro, como política se relaciona com jornalismo, e por que o escândalo político pode ser retratado de forma apelativa – e funcionar para atrair o público.

Arendt (1985, p. 18) define o poder como “a habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo”. Assim, ele não é propriedade de um indivíduo, mas lhe é conferido por um certo número de pessoas, que lhe dão licença para agir em seu nome. Sendo os meios de comunicação a principal referência que se tem na sociedade para tomar conhecimento do mundo (LEAL et al, 2010), eles acabam se tornando ferramenta essencial para a obtenção e manutenção dessa “licença” de governar (GOMES, 1994).

É nesse sentido que, já em 1918, o filósofo alemão Max Weber define o jornalista como “homem político”. Em seu *Politik als Beruf*¹¹⁸, ele demonstra a importância desse profissional na disputa de poder, afirmando que “a política [...] é na verdade conduzida em público por meio da palavra escrita ou falada” (WEBER, 1967, p. 64). Ele caracteriza o demagogo como “líder político típico do Ocidente”, fazendo uso da oratória e da palavra impressa para manter o seu poder¹¹⁹. E, “acima de tudo”, considera o jornalista como “o representante mais importante da espécie demagógica”.

Weber (1967, p. 67) também compara o jornalista a um pesquisador (no sentido acadêmico), afirmando que “uma realização jornalística realmente boa exige pelo menos tanto ‘gênio’ quanto qualquer realização erudita”, além de exigir muito mais “senso de responsabilidade”. O autor atribui muitas dificuldades a esse profissional, como lidar com

¹¹⁶ Definição do autor, em nota rodapé: “Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão)” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 16). Ou seja, é uma reação física a um componente externo, o que no jornalismo pode ser uma imagem sangrenta, um relato assustador, etc.

¹¹⁷ Nosso objeto de pesquisa está intimamente ligado a isso, visto que Lula fez carreira nessa área.

¹¹⁸ “Política como vocação”, discurso pronunciado em janeiro de 1918 na Universidade de Munique e publicado como texto em 1919 por Dunker & Humdoldt, Munique.

¹¹⁹ Vale lembrar que *Politik als Beruf* foi enunciado quando ainda não se tinha desenvolvido o rádio e a televisão, portanto o autor não considera esses dois meios em suas afirmações.

pessoas poderosas e provavelmente falsas¹²⁰, ter habilidade para se expressar sobre “todos os imagináveis problemas da vida” e ainda fazer tudo isso “sem se tornar absolutamente raso e acima tudo sem perder a dignidade”. Ele observa que o jornalismo

não é um caminho para todos, muito menos para o caráter fraco, especialmente para as pessoas que podem manter seu equilíbrio interior apenas com uma posição social segura. [...] A vida de um jornalista é um jogo absoluto sob todos os aspectos e sob condições que põem à prova a segurança interna da pessoa, de forma que raramente ocorre em outra situação.¹²¹ [...] Não é de espantar que existam tantos jornalistas que se tornaram fracassos humanos e homens indignos. É, antes, espantoso que, apesar de tudo isso, esta camada mesma inclua um número tão grande de homens de valor e realmente autênticos. (WEBER, 1967, p. 69)

McCombs e Shaw (1972) afirmam que “mais do que nunca” o único contato que a população comum tem com a política é através da comunicação em massa. Apesar dessa passagem datar dos anos 1970, ela ainda permanece atual, como observa Berger (1997, p. 6) ao dizer que “o reconhecimento e a consagração dos agentes políticos passam pela legitimação dos jornalistas”. Assim, a mídia acaba se tornando palco da disputa de poder tanto em períodos de eleições e crises quanto em momentos de normalidade, quando os agentes políticos buscam a simpatia dos meios de comunicação (RUBIM, 2000). Ela própria se torna um dos sujeitos nessa disputa, visto que ocupa posição de construtor da realidade no imaginário do público (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1989) e pode, como empresa, impôr suas próprias visões e defender seus interesses (MARCONDES FILHO, 1989).

Se “criar jornais é encontrar uma forma de elevar a uma alta potência o interesse que têm indivíduos e grupos em afirmar publicamente suas opiniões e informações” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 11), na revista temos um espaço ainda mais propício para disseminação dessas visões, já que é esperado do texto que ele contenha uma dose de interpretação. Ainda, seu tamanho, *geralmente* maior do que de um jornal, dá a liberdade de corroborar e legitimar essas opiniões com detalhes que não teriam espaço na imprensa diária. Unindo essas características com política temos uma possibilidade ainda maior em participar ativamente da “disputa de poder”, já que um posicionamento contrário ou favorável a um político ou instituição poderá ser explorado através de argumentos longos e bem estruturados

¹²⁰ “Não é, na verdade, problema pequeno frequentar os salões dos poderosos em pé de igualdade e, geralmente, ser lisonjeado por todos, porque se é temido, sabendo porém durante todo o tempo que, mal fechada a porta, o anfitrião talvez tenha de se justificar perante seus hóspedes pela sua associação com os ‘lixeiros da imprensa” (WEBER, 1967, p. 69).

¹²¹ É importante lembrar que este ensaio de Weber foi idealizado em 1918, quando a Europa e a Alemanha passavam por um conturbado período entreguerras e a atividade jornalística não era protegida por sindicatos e leis de imprensa.

que serão tomados como reflexo da verdade. “Esta [opinião], quando torna evidente a postura dominante na sociedade – isto é, nas elites –, tende a não ser percebida como tal: o que está escrito parece constatação ou evidência” (LAGE, 2005, p. 153).

Para Scalzo (2004, p. 58), “não dá pra confundir texto de revista com texto opinativo. É verdade que muitas revistas carregam na opinião, mas o bom texto de revista tem que estar calçado prioritariamente em informações”. No entanto, qualquer texto interpretativo inevitavelmente se afasta da neutralidade (VILAS BOAS, 1996). Seguindo a ideia de que texto de revista é longo, interpretativo e abrangente, selecionamos três estilos que seguem essa linha, diferenciando-se no nível de apelação à emoção do leitor e a margem que dá para expressão de opinião: reportagem interpretativa/opinativa, reportagem narrativa e sensacionalismo. Os três têm espaço no jornalismo de revista (SCALZO, 2004; VILAS BOAS, 1996; LAGE, 2005), inclusive em *Veja*, e veremos algumas de suas características nas matérias de nossa análise.

Reportagem interpretativa e reportagem opinativa não são necessariamente a mesma coisa:

São semelhantes, porque ambas buscam ir além do fato em si e dar uma explicação a ele. Mas são muito diferentes. A opinião, no fundo, apenas se alimenta do fato reafirmar um ponto de vista prévio. Já a interpretação é uma primeira leitura do acontecimento, é uma tentativa de juntar e relacionar seus vários fragmentos no momento em que ele está acontecendo. A primeira fecha o foco em cima de uma explicação e quer passar certezas. A segunda, ao contrário, busca abrir o leque de possibilidades e sugerir linhas de raciocínio. (MARTINS, 2005, p. 22)

No entanto, em se tratando de revistas, nem sempre se tem uma linha definida de onde termina a interpretação e onde começa a opinião. Existe uma oscilação “entre a interpretação e a opinião manifesta” (LAGE, 2005, p. 153), em que uma tenta determinar o sentido dos fatos e a outra os valoriza (VILAS BOAS, 1996). Em ambos os casos há apuração do contexto, dos envolvidos na história, do que está por trás dos acontecimentos. No entanto, algumas diferenças sutis podem ser destacadas, como o uso constante de adjetivos e a utilização de certas palavras¹²² (LAGE, 2005). Portanto, uma matéria pode ao mesmo tempo possuir partes meramente interpretativas e outras em que é mostrada uma opinião, ou ainda tender para apenas um dos lados.

¹²² “Se um funcionário tem a incumbência de selecionar currículos de pessoas indicadas para cargos públicos, diz-se que o homem ‘bisbilhota’ a vida desses candidatos; se o presidente da República assina expedientes de rotina sem ler – coisa inevitável para qualquer executivo, chama-o de ‘nefelibata’” (LAGE, 2005, p. 153).

Dessa forma, utilizaremos essa denominação para textos narrados em terceira pessoa, sem participação do repórter, em que é feita uma interpretação dos acontecimentos através de sua contextualização baseada em fatos e informações colhidas através de pesquisa (VILAS BOAS, 1996). Interpretação e opinião podem ser relatados de outras formas, inclusive em reportagens, mas nesse momento utilizaremos essa classificação.

A reportagem narrativa, por sua vez, se aproxima da literatura e, de certa forma, faz uma ponte com o sensacionalismo: existe a presença de “um narrador com uma personalidade discernível, que não esconde sentimentos, sensações e observações” (COSTA, 2005, p. 272). Dessa forma ele se relaciona com o leitor, envolvendo-o na história e despertando suas emoções. Assim como na reportagem interpretativa, vemos uma grande margem à difusão de opinião, já que o repórter se insere no acontecimento e expressa o que pensa.

O estilo narrativo pode ser realizado também através de uma narração cronológica dos fatos, contando uma história, mas sem a intervenção do repórter (LAGE, 2005). Apesar de poder ser classificada como não-ficção criativa (um estilo literário), a apuração dos fatos é tão ou mais exigente na reportagem narrativa quanto em um estilo mais tradicional, e o compromisso em contar a verdade é o mesmo (BLOOM, 2002).

O jornalista sensacionalista, ao contrário do que ocorre na reportagem narrativa, não é considerado um herói. Seu estilo é definido através de uma série de características que o conferem uma visão em geral negativa do público: ele “torna essencial um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 16); para tanto, utiliza um tom “*escandaloso, espalhafatoso*”, obrigando “o leitor a se envolver emocionalmente com o texto” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 16, grifo meu); ainda, apela para o lado instintivo do público, apoiando-se no trinômio escândalo-sexo-sangue (MARCONDES FILHO, 1989). Quando surgiu, no século XIX, seu objetivo era tornar a realidade “tão fascinante quanto a ficção” (LAGE, 2005, p. 15).

Não admira que o personagem do folhetim¹²³ e o da reportagem sensacionalista sejam, de certa forma, aparentados. Os dois gêneros tratam de assuntos perturbadores, descritos num estilo dramático, com explícita intenção de chocar, assustar, excitar, colocar o leitor em suspense. (COSTA, 2005, p. 244)

¹²³ “Textos literários extensos, que se publicavam em capítulos, nos rodapés de página” (LAGE, 2009, p. 14). Eram muito populares entre os séculos XVIII e XIX (idem).

Assim como no jornalismo narrativo há uma aproximação com a literatura, mas no sentido de que são criados vilões e mocinhos, e é feito o apelo para que o leitor ou telespectador queira se inserir na história e punir os bandidos: “O ideal é [...] ser bastante agressivo com o transgressor, usando o microfone, as imagens e as perguntas como um chicote punitivo” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 40). Seu objetivo é relaxar o leitor após um longo dia de trabalho, fazendo-o canalizar suas frustrações do dia-a-dia no vilão que é mostrado para ele (MARCONDES FILHO, 1989). Esse estilo é particularmente forte na televisão, onde se pode fazer o uso de imagens fortes e pode-se ver e ouvir as vítimas dos atos do “bandido” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995).

Ao mesmo tempo em que seu uso danifica a credibilidade de um veículo de comunicação – e logo sua imagem frente ao público (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995) –, ele possui características que cativam o leitor (ou pelo menos são utilizadas para este fim). Para Vilas Boas (1996), o sensacionalismo é um dos três princípios editoriais do jornalismo de revista, acompanhado de sucesso e relaxamento. Ele cita *Veja* como exemplo:

Veja procura responder aos porquês de acordo com sua proposta de ter, no mercado editorial, acima de tudo, um produto agradável e ao mesmo tempo requintado. [...] Os assuntos considerados de interesse [...] são abordados por ângulos espetaculares, *sensacionais* (VILAS BOAS, 1996, p. 81).

Assim, também na revista vemos o uso do sensacionalismo como válvula de escape para o leitor: ela o relaxa e o faz esquecer de seus problemas do cotidiano através de uma leitura que lhe proporciona entretenimento e uma história que o envolve (VILAS BOAS, 1996). As duas formas anteriores utilizam de certos apelos do sensacionalismo, como o juízo de valor (opinativa) e o envolvimento emocional do leitor (narrativa). No entanto, o sensacionalismo se difere por seu estilo extremo, linguajar coloquial e agressivo e o apelo ao lado instintivo do público (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995).

No jornalismo político, ele toma forma como escândalo, quando políticos são julgados publicamente por suas transgressões e têm sua privacidade invadida pelas câmeras e a curiosidade alheia (THOMPSON, 2002). Assim como nos casos de polícia, em que assassinos e estupradores são expostos pelos repórteres para serem punidos em frente ao público (MARCONDES FILHO, 1989), no escândalo político os acusados se tornam parte de um espetáculo. Isso ao mesmo tempo pode acelerar as investigações feitas contra eles ou pode comprometê-las, pois elas se tornam forma de angariar credibilidade junto ao público, especialmente em casos de corrupção (RUBIM, 1999).

Quando submetido a um escândalo, o político perde grande parte de seu capital simbólico, ou seja, sua legitimidade e credibilidade frente ao público, que são a fonte de seu poder (THOMPSON, 2002). Os escândalos políticos não apenas são maximizados como sua própria existência depende da mídia de massa, pois é ela quem transforma transgressões em espetáculos frente ao público (THOMPSON, 2002). Seu valor-notícia também é alto: permite continuidade, com séries de matérias sendo publicadas durante dias ou até meses, envolve pessoas “da elite”, afeta o público diretamente (afinal, trata de seus representantes e daqueles que o governam), é relatado pela concorrência, é negativo, sua frequência é semelhante à dos diferentes veículos de comunicação e há abundância de fontes dispostas a tratar do assunto.

A notícia sempre tem uma vítima, e a primeira vítima (não a única) é aquele quem perde com a divulgação de uma informação que era guardada em segredo. Com um detalhe: se um perde, há quem saia ganhando. [...] Isso cria em torno da imprensa um jogo de interesses que não tem fim (BUCCI, 2000, p. 42).

Rubim (1999) considera que, no modo como se configura a sociedade atual, a mídia cada vez mais monopoliza o ato de publicizar, ou seja, tornar público um fato ou um conhecimento, o que lhe confere grande poder como detentora e produtora de poder simbólico. “Cada vez mais a atividade política se vê obrigada a ser exercida e transitar na dimensão pública da sociedade, através do trabalho de mediação da contemporânea comunicação” (RUBIM, 1999, p. 128).

Dessa forma, mesmo quando não se trata de um escândalo, o jornalismo político deve ter especial cuidado com as fontes. Devido a sua abrangência, a mídia pode se tornar uma importante ferramenta de governos e autoridades oficiais, e jornalistas muitas vezes acabam fazendo uso muito maior de material divulgado por essas fontes – seja por praticidade ou credibilidade (DARDE, 2006). Nessa área, quando uma pessoa se dispõe a ser fonte de informação, dificilmente o fará sem ter um interesse próprio, seja de promoção pessoal, para prejudicar outrem, ou mesmo por razões nobres, como denunciar algo que considera errado (MARTINS, 2005). Dessa forma, tanto o jornalista pode utilizar suas fontes como maneira de expressar sua visão de mundo (MARCONDES FILHO, 1989), quanto as fontes podem utilizar os jornalistas para se promover de forma positiva frente ao público.

Como já vimos em Chareaudeau (2007), ao analisarmos um processo de comunicação, é importante levar em conta que os envolvidos nesse ato podem ter seus próprios interesses. Assim como no caso jornalista-público, também o jornalista e sua fonte mantêm um contrato de comunicação, mas dessa vez quem informa é a fonte.

As fontes são a forma como os jornalistas adquirem as informações necessárias para construção da notícia, através de entrevistas e consultas, e sua credibilidade é transferida para a informação que dá (TRAQUINA, 2005). Quanto têm caráter institucional, elas podem ser oficiais¹²⁴, oficiosas¹²⁵ ou independentes¹²⁶, ou então podem ser testemunhas¹²⁷ de um fato ou especialistas¹²⁸ em uma área (LAGE, 2009). Elas podem ser identificadas pelo nome (Luiz Inácio Lula da Silva), título (Presidente Lula), função (o perito, o especialista, etc) ou de forma vaga (os meios autorizados, a oposição, as pessoas, etc), e cada uma dessas denominações influirá em como elas serão percebidas pelo leitor (CHARAUDEAU, 2007).

Sua relação com os jornalistas “é, muitas vezes, uma relação de luta e negociação, marcada por uma disputa geralmente desigual entre os diversos tipos de fontes” (DARDE, 2006, p. 59). Em geral instituições oficiais são privilegiadas na hora do jornalista investigar uma pauta, e entidades pequenas e movimentos sociais não costumam conquistar muito espaço nos noticiários (TRAQUINA, 2004). As fontes oficiais são escolhidas por serem capazes de fornecer grandes quantidades de informações e por gozar de credibilidade junto ao público (WOLF, 1987), o que inclui o próprio jornalista.

3.2 JORNALISMO E DISCURSO

Para Charaudeau (2007, p. 39), comunicar é uma escolha: “Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas”. Dessa forma, o próprio ato de comunicação se torna um ato ideológico, pois durante sua execução o locutor irá se inserir no discurso, com todas as suas visões de mundo e o contexto em que vive, seja através

¹²⁴ São organizações mantidas pelo Estado. Suas informações são consideradas as mais confiáveis e normalmente tidas como verdadeiras mesmo sem verificação. Exemplo: pesquisas do IBGE (LAGE, 2009).

¹²⁵ Pessoas reconhecidamente ligadas a uma instituição ou indivíduo, mas que não estão autorizadas a falar em seu nome. Podem espalhar boatos, e portanto suas informações podem ser desmentidas. Exemplo: funcionários de empresas ou do governo (LAGE, 2009).

¹²⁶ Organizações Não-Governamentais (ONGs) e seus funcionários. Como muitas vezes essas pessoas estão ligadas a uma causa específica, suas informações devem ser avaliadas de acordo com seu interesse em divulgá-las. Exemplo: Greenpeace (LAGE, 2009).

¹²⁷ Lage (2009, p. 67) considera o testemunho mais confiável aquele que é dado mais perto do fato, quando as lembranças ainda estão “frescas”. Para o autor, quando três fontes diferentes que não tiveram meios de se comunicar entre si relatam a mesma coisa, pode ser considerado totalmente confiável.

¹²⁸ Especialistas costumam ser consultados para fazer uma interpretação dos fatos, não sendo eles fontes primárias de informação. Eles também estão sujeitos a interesses, colocando em suas constatações suas próprias opiniões e visões de mundo (LAGE, 2009).

da escolha de palavras, de assuntos, do que diz ou do que deixa de dizer (CHARAUDEAU, 2007).

O discurso jornalístico também não está livre dessa subjetividade. Entre a ocorrência de um fato relevante e sua transmissão ao público está o jornalista e sua instituição, e isso inevitavelmente irá mudar a forma como a história será narrada (MARCONDES FILHO, 1989). “Esse falseamento não se dá, por via de regra, de forma intencional; ao contrário, normalmente, ele faz parte da própria forma do jornalista estruturar seu mundo, de discernir os fatos (inconscientemente) com uma ‘visão dominante’” (MARCONDES FILHO, p. 39). Durante todo o processo de comunicação a informação será primeiro interpretada pela fonte e depois pelo jornalista antes de finalmente ser passada ao receptor, que é o público (LAGE, 2009).

Gerbner (1956) propõe um modelo geral de comunicação que explica esse fenômeno, a que chama de corrente de comunicação: 1) alguém; 2) percebe um evento; 3) e reage; 4) em uma certa situação; 5) através de algum meio; 6) para disponibilizar material; 7) em alguma forma; 8) e contexto; 9) que transmite conteúdo; 10) de alguma consequência. Cada item é uma variável no processo e influencia as próximas, criando um elo da corrente. Dentro deste modelo, a notícia passaria duas vezes pelo ciclo antes de chegar ao destinatário final, o público, e portanto seria permeada pela subjetividade não apenas do jornalista, mas também de sua(s) fonte(s). Apesar de não utilizarmos o sistema de comunicação de Gerbner em nossa análise, ele nos auxilia a entender a natureza dialógica do discurso, conceito que nos acompanhará durante todo o restante do trabalho.

Como já vimos, foi no século XIX que a objetividade surgiu como premissa do jornalismo “de qualidade”. No entanto, pela própria natureza do ato de comunicação, a total abstração do sujeito não é possível, pois “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2006, p. 96). É isso que caracteriza o dialogismo da linguagem, conceito proposto por Mikhail Bakhtin para refutar a linguística objetivista¹²⁹. Para o autor, por mais que a língua possa ser entendida como um sistema objetivo de regras, ela nunca será utilizada pelo locutor dessa forma, mas sim para os seus propósitos subjetivos de comunicação (BAKHTIN, 2006). Ou seja, ela só lhe será útil

¹²⁹ Nessa passagem o autor cita “os partidários do objetivismo abstrato” (p. 93), colocando Ferdinand de Saussure (1857-1913) como seu principal representante. Ele admite a importância do linguista, afirmando: “Suas formulações dos conceitos da base da linguística tornaram-se clássicas. E mais, ele levou todas suas reflexões a seu termo, dotando assim os traços essenciais do objetivismo abstrato de uma limpidez e de um rigor excepcionais [...] Podemos dizer que a maioria dos representantes de nosso pensamento linguístico se acha sob a influência determinante de Saussure e de seus discípulos.” (BAKHTIN, 2006, p. 85-86).

enquanto ele puder moldá-la de acordo com sua vontade e seus interesses em comunicar. “A língua não é só um instrumento, nem um dado, mas um trabalho humano” (ORLANDI, 1996, p. 99).

Para Bakhtin (1997, p. 295), “a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma”. Ou seja, a fala (e por conseguinte todo ato de comunicação) é uma interação entre sujeitos, e sua forma e sentidos dependerão de como o locutor fará uso da linguagem e como o receptor a interpretará (BARROS, 1997). “A linguagem aparece, então, como a possibilidade da subjetividade e o discurso como provocando a emergência da subjetividade” (ORLANDI, 1996, p. 107).

Por conta disso, podemos dizer que a objetividade no jornalismo - que é em si uma forma de discurso - é, na verdade, um mito: um objetivo inalcançável que adquiriu contornos de doutrina (MARQUES DE MELO, 2006). “Com a ideologia da objetividade, os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e aos procedimentos criados para um mundo no qual até os fatos eram postos em causa” (TRAQUINA, 2005, p. 138). Essa ideologia se tornou particularmente forte após a Primeira Guerra Mundial, quando jornalistas se deram conta de que os fatos que lhes eram passados por comunicadores de partidos e governos não eram tão confiáveis quanto esperavam (AGUIAR; NEDER, 2010). Ela deve ser encarada então como um método e não como negação da subjetividade, uma forma de defesa contra as críticas (TRAQUINA, 2005) e de ganhar a confiança do público (BUCCI, 2000).

No discurso noticioso, os elementos da subjetividade não desaparecem, nem poderiam, mas são reduzidos ao mínimo: para isso, combina-se método de apuração e técnica de redação e concentra-se o foco do discurso no referente factual (LAGE, 2005, p. 82).

No entanto, assim como a objetividade orienta o jornalista a procurar todas as versões possíveis de um fato e a apurá-lo com precisão (CORNU, 1999), ela também aparece como “camisa-de-força”, uma forma de tolher sua criatividade e colocar no pauteiro a função de aferir a realidade (MARQUES DE MELO, 2006). Este, por sua vez, segue “inevitavelmente a visão da empresa” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 44). “As ‘normalizações técnicas’ de como produzir uma notícia atuam de tal forma que castram grande parte do potencial crítico e da periculosidade das notícias” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 39). A objetividade passa, então, a ser uma forma de auto-centura (MARCONDES FILHO, 1989).

Como interação entre sujeitos, vimos que o discurso jornalístico não pode ser objetivo, já que sua estrutura e todas as escolhas que envolvem sua produção serão feitas por pessoas, elas próprias imbuídas de suas próprias crenças e opiniões (BUCCI, 2000). Isso faz parte da natureza da linguagem como forma de comunicação, podendo ser utilizada apenas de acordo com os interesses de um indivíduo, nunca sendo totalmente imparcial (BAKHTIN, 2006). No entanto, há outras características que temos de levar em conta antes de iniciarmos nossa análise dos textos de *Veja*: além de dialógico, o discurso jornalístico também é “polifônico; opaco; ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares; com um contrato de leitura específico, amparado na credibilidade de jornalistas e fontes” (BENETTI, 2006, p. 2). Ainda, “não reflete a realidade”, mas “a constrói via recursos discursivos, simulando realidades mediante todo um sistema próprio de cada veículo” (ROSA, 2003, p. 58).

Para Bakhtin (1997), um texto polifônico é aquele em que os diálogos entre discursos são visíveis, aquele em que se percebe vozes de indivíduos diferentes. Isso pode acontecer inclusive em obras escritas por apenas um autor, como romances. Ele cita em especial Dostoiévski¹³⁰, que considera um precursor nesse tipo de texto devido à sua capacidade de criar em seus personagens indivíduos autênticos que debatiam entre si sobre questões existenciais da humanidade (BAKHTIN, 1997). Polifonia, então, caracteriza um texto em que “o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes. [...] Nos textos monofônicos eles [diálogos] se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz” (BARROS, 1997, p. 35).

No texto jornalístico a polifonia se apresenta através das diversas vozes que por ele circulam: as fontes, cada qual com suas próprias ideias, o jornalista-indivíduo (quando o texto é assinado), o jornalista-instituição (quando não é assinado), o leitor que assina uma carta publicada (BENETTI, 2006). Como exemplo podemos citar uma notícia em que fontes com pontos de vista diferentes se manifestam e dão suas opiniões, mostrando diversas abordagens de um assunto polêmico e gerando debate. Dessa forma, a polifonia se aproxima da objetividade como método, mostrando diferentes ângulos de um mesmo tema (MOUILLAUD, 1997). No entanto, quando muitas fontes de opiniões semelhantes são consultadas, o texto acaba tendo um aspecto monofônico, pois todos os sujeitos enunciam sob a mesma perspectiva (DARDE, 2006). O uso desses diferentes sujeitos pode, então, ser feito

¹³⁰ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): escritor russo, considerado um dos precursores do existencialismo. Suas obras tratavam de assuntos como a autodestruição, humilhação, assassinato, suicídio e loucura. Entre seus livros mais famosos estão: Crime e Castigo (1866), O Idiota (1869) e Os Irmãos Karamazov (1881).

pelo jornal para reforçar a sua própria opinião, dando a ela um aspecto de veracidade ao ancorá-la na citação de uma ou mais fontes (MOUILLAUD, 1997).

Ao dizer que o discurso jornalístico é opaco, Benetti (2006, p. 3) afirma que, exatamente por ser uma interação entre sujeitos, ele não pode conter uma verdade intrínseca ou uma literalidade: “Ora, se o discurso depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos - não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê o discurso”. É isso que o torna não-transparente, capaz de múltiplas interpretações (BENETTI, 2006). Essa perspectiva coloca o receptor como membro ativo na produção do sentido do discurso, na medida em que sua interpretação pode transformar o texto como foi intencionado por seu autor original.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc, e esta atitude do ouvinte está em colaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 291)

Para interpretar e dar sentido a um discurso, no entanto, o sujeito-leitor precisa também de referenciais, outras experiências de leitura nas quais possa se basear (BENETTI, 2006). “Todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Por isso, na realidade, não se trata nunca de um discurso, mas de um *continuum*” (ORLANDI, 1993, p. 18). Com isso, o enunciado não é na verdade único em si mesmo, pois nenhum locutor é o primeiro a romper “o eterno silêncio de um mundo mudo” (BAKHTIN, 1997, p. 292). Pelo contrário, ele faz uso da língua (que é anterior a si) e outros enunciados aos quais o seu se relaciona, e a partir disso cria uma nova ideia que mais tarde irá gerar ainda mais conteúdo (BAKHTIN, 1997). O mesmo acontece com o receptor: as leituras que ele já fez servirão para alargar ou restringir a compreensão que ele terá do discurso, e este mais tarde poderá lhe servir de inspiração em suas próprias locuções (ORLANDI, 1993).

Para que o ato de comunicação exista, é preciso que os participantes estejam cientes de certas normas e acreditem que sua contraparte as está seguindo (MAINGUENEAU, 2001): é o contrato de comunicação, do qual já falamos antes. Maingueneau (2001) propõe seis leis principais para o discurso (pertinência, sinceridade, informatividade, exaustividade, clareza e economia¹³¹), que podem ser adequadas de acordo com o gênero discursivo em que elas se

¹³¹ O locutor deve realizar uma enunciação adequada ao contexto (pertinência), na qual ele está engajado e acredita (sinceridade). Ainda, deve acrescentar informação ao receptor (informatividade), que será dada da maneira mais completa possível dentro daquela situação, sem haver ocultação de fatos conhecidos

inserem, ou seja, seu tipo de enunciado. No caso do jornalismo, que é um gênero próprio, o contrato é baseado na premissa de que o jornalista e seu veículo de comunicação não mentem, colocando os interesses do leitor e da sociedade acima de seus interesses pessoais (BENETTI, 2006). Ainda que não correspondam necessariamente à realidade, os interlocutores devem pressupor que sua contraparte cumpre com as leis do discurso, ou então ele não estará disposto a entrar no ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2007). Um leitor não vai comprar um jornal se acreditar que suas informações são falsas, por exemplo, pois não faria sentido lê-lo.

Mesmo que o leitor esteja ciente da natureza do discurso jornalístico e de que as premissas do contrato de comunicação podem não ser cumpridas, ele não tem opção senão acreditar no que lhe diz o jornalismo, pois este é uma voz estruturadora do real (BENETTI, 2007).

Ao transformar imaginariamente o distante espacial/temporal em próximo, [...] a comunicação mediática, na sua derivada dimensão pública, obscurece, de modo quase obrigatório, quaisquer referencialidade concreta, realizando o apagamento, ou, na hipótese mais otimista, turvando a diferença existente entre uma realidade produzida na atividade/experiência humana e outra “realidade”, construída imaginariamente pela comunicação midiática. (RUBIM, 1999, p. 120)

O jornal se insere em uma rede que “não impõe ao mundo apenas uma interpretação hegemônica dos acontecimentos, mas a própria forma do acontecimento” (MOUILLAUD, 1997, p. 32). Isso lhes confere o que Bourdieu (1989, p. 10) chama de capital simbólico, “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica”, ou seja, de construção do conhecimento. “A comunicação midiática deixa transparecer sua mutação fundante: de mera intermediária, [...] plasma-se como produção e divulgação (é óbvio) sociais de bens simbólicos” (RUBIM, 1999, p. 143). Dessa forma, enquanto os indivíduos vão dependendo mais e mais a mídia como forma de descobrir o mundo, eles acabam se tornando vítimas da inevitável distorção entre realidade objetiva e realidade relatada (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1989), seja ela ocorrida em função do processo natural de representação de um acontecimento (em que o indivíduo, como ser único, tem seus próprios valores e formas de ver o mundo, que são representados por seu enunciado) ou propositadamente distorcida em função dos interesses da empresa de comunicação. Para Bourdieu (1989), todo

(exaustividade). A enunciação deve vir de maneira clara, com pronúncia correta e utilização de um vocabulário adequado aos interlocutores (clareza), além de procurar a formulação mais direta possível (economia) (MAINGUENEAU, 2001).

poder simbólico é utilizado pelas classes dominantes para legitimar sua posição em relação às dominadas, podendo ser exercido através da religião, política, comunicação, entre outros.

Em *Veja*, por exemplo, isso pode ser visto em sua tendência a defender valores capitalistas, como afirma Augusto Nunes, redator-chefe da revista nos anos 1980, em entrevista a Maria Celeste Mira.

Voltamos à questão ideológica e percebemos o quanto ela está atrelada, atualmente, à lógica do mercado. Pode-se dizer que a atuação política de *Veja* fez dela uma revista de amplitude nacional que conquistou o mercado, e que hoje sua força ideológica reside no seu poder mercadológico” (MIRA, 2001, p. 96).

A Editora Abril tem que defender os valores da livre iniciativa, sistema no qual ela deu certo. Se o Sr. Victor Civita apoiasse o PT ou quisesse a implantação da co-gestão, ele seria um louco e, se fosse um louco, a Abril não existiria, porque todo o seu passado reflete uma trajetória coerente (MIRA, 2001, p. 79-80).

Iniciamos esse capítulo com uma série de perguntas que consideramos pertinentes para tentar analisar as matérias da revista *Veja* acerca de Lula. Procuramos entrar a fundo no processo de comunicação, especialmente o de caráter jornalístico, e, no que se refere à análise que propomos nesta pesquisa, chegamos às seguintes conclusões:

– Quem informa? É a *Veja*, uma revista semanal que pratica jornalismo e também é um produto vendido pelo Grupo Abril. Quem escreve seus textos são jornalistas, que possuem características próprias como profissionais e são munidos por si mesmos e pela sociedade com a autoridade de “dizedores da verdade”. Os jornalistas buscam suas informações em fontes, que também são indivíduos (ou instituições) – e portanto portadores de características específicas – e possuem seus próprios interesses ao informar.

– Informa a quem? O leitor, um sujeito que possui suas próprias ideias e opiniões, capaz de ler um texto e interpretá-lo a partir de seu contexto histórico e social. Se pressupõe que ele acredita naquilo que a revista lhe informa, pois se não o fizesse, acreditamos que não firmaria contrato de comunicação com ela. Em um perfil divulgado pela própria Abril, ele é em maioria de classe média.

– Informa por quê? Informa porque essa é a função primordial do jornalismo, para que o público, seus leitores, possam compreender a realidade que os cerca e tomar decisões acerca de sua vida e da sociedade. Informa também porque a revista é um produto e se vende através de sua capacidade de fornecer informação em formato de notícia. Ainda, serve como

forma de transmitir a visão de mundo dos donos do Grupo Abril, que pertencem a uma classe dominante que utiliza a comunicação como forma de legitimar seu poder na sociedade.

– Informa o quê? O que informa são as notícias, ou seja, os acontecimentos do mundo. Elas são selecionadas de acordo com certos valores, chamados valores-notícia, e também de acordo com o que se julga ser do interesse de seu público-leitor.

– Informa como? Fazendo uso do discurso jornalístico, um gênero específico de texto que possui suas próprias regras e rotinas de produção. Ela mantém ainda um contrato de comunicação com o leitor, que pressupõe estar sendo informado tendo em vista o interesse maior da sociedade e de si mesmo, não sendo enganado e não tendo a verdade ocultada de si. O discurso na revista se apresenta através de textos longos e interpretativos, que dão margem para a difusão de opinião e o uso do sensacionalismo, um estilo de escrita que apela às emoções do leitor para seduzi-lo e induzi-lo a consumir a notícia.

4 ANÁLISE

Sabemos agora qual é nosso objeto de pesquisa e como ele funciona, mas, antes de partirmos para a análise, é preciso, naturalmente, conhecer também que método utilizaremos para realizá-la.

4.1 ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Partimos do pressuposto de que a língua é um trabalho humano (ORLANDI, 1993), sendo utilizada por um sujeito locutor, de acordo com seus interesses, para interagir com um sujeito receptor (BAKHTIN, 2006), ele mesmo um participante ativo no ato de comunicação (BENETTI, 2006). Ambas as partes, assim como o enunciado que as une, fazem parte de um contexto social e histórico específico (MAINGUENEAU, 1997). Essas ideias são corroboradas pela Análise de Discurso de linha francesa¹³², abreviada a partir daqui como AD.

De acordo com Maingueneau (1997), não são todas as formas de linguagem que são estudadas pela AD. Seus interesses se centram especificamente em textos que demonstram a relação entre diferentes posições sócio-históricas e cujos enunciadores são substituíveis. Para o autor, a AD não se centra em examinar um *corpus* como a produção de um sujeito específico, mas sim como a interação entre diferentes noções de mundo (MAINGUENEAU, 1997). “Dessa forma, a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, [...] mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio-ideológica” (BRANDÃO, 1997, p. 14).

Os objetos de interesse da AD, assim, correspondem às Formações Discursivas (abreviadas como FD), definidas por Orlandi (1993, p. 58) como “aquilo que numa *formação ideológica* dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito”. Esse conceito permite entender como “sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras” (BRANDÃO, 1997, p. 39). Ou seja, as FD

residem no próprio discurso; ou antes em suas fronteiras, nesse limite em que se definem as regras específicas que fazem com que exista como tal. Por

¹³² Existe também uma linha anglo-saxã, definida por Maingueneau (1997, p. 15) como “uma disciplina dominada pelas correntes interacionistas e etnometodológicas que toma como objeto essencial de estudo a conversação ordinária”.

sistema de formação, é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 1987, p. 82)

O conceito de Formações Discursivas foi proposto por Michel Foucault como forma de determinar os elementos que compõem o discurso, seus objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias (BRANDÃO, 1997). No entanto, como o autor define, o próprio discurso “é um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem [sic] na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1987, p. 135). Os enunciados, assim, são a unidade básica que forma um discurso, e entender como eles são formulados, ou seja, o *processo de enunciação*, passa pela análise da relação entre locutor e receptor, do que um diz e o que o outro compreende (ORLANDI, 2005).

As Formações Discursivas estão intrinsecamente ligadas às Formações Ideológicas (abreviadas a partir de agora como FI), pois são estas que definem sua natureza (Pêcheux, 1995, p. 160-161):

As palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: [...] diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Benetti (2007, p. 111) afirma que a compreensão de um discurso passa pelo entendimento de seu contexto histórico. “O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário”. Ele é o resultado de uma rede de outros discursos, e é essa *interdiscursividade* que define a fala da FD e seu sujeito (MAINGUENEAU, 1997). Ter essa percepção é essencial para que se veja as particularidades do texto, e que aquilo que ele diz poderia ter sido dito de outra forma (ORLANDI, 2005).

O primeiro passo então é separar o texto em duas camadas, a externa (discursiva, facilmente visível) e a interna (ideológica, visível apenas quando se aplica a AD) (BENETTI, 2007). A partir daí se começa a identificar as diferentes FDs do texto, “relacionando o que foi dito com o que não foi dito, com o que poderia ter sido dito etc” (ORLANDI, 2005, p. 78). Elas carregam uma memória discursiva, ou seja, fazem referência a discursos anteriores,

podendo ter transformado seu sentido ou não (MAINGUENEAU, 1997). Esse é um aspecto que levaremos em conta ao analisarmos as matérias cronologicamente.

As FDs serão identificadas dentro de Sequências Discursivas (SDs), trechos recortados arbitrariamente do texto para serem analisados (BENETTI, 2007). Elas devem aparecer no trabalho de forma clara, em um quadro, e devem ser justificadas por marcas discursivas encontradas no texto (estas podem ser palavras, expressões, etc) (BENETTI, 2007).

4.2 DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

Como explicado anteriormente, o objetivo desta pesquisa é traçar a formação de sentidos da revista *Veja* sobre Lula (como político e governante) em dois períodos históricos diferentes: 2002, durante sua campanha e posterior vitória nas eleições, e 2010, quando estava prestes a deixar a presidência após oito anos de governo. Para formular um *corpus* dentro desse objetivo, criamos o seguinte critério para seleção de matérias:

a) as que foram publicadas em 2002 devem ter como enfoque principal Lula, sua campanha e/ou a formação do novo governo; as de 2010, o presidente, o governo PT e/ou o final do mandato. Dessa forma, ficam excluídos textos sobre o processo eleitoral de maneira geral, outros candidatos e personalidades do PT;

b) entre as edições do mês será escolhida aquela que tiver uma capa dedicada aos assuntos citados em a); caso mais de uma edição tenha essa característica, será selecionada aquele que dê maior destaque e seja mais focada em: Lula como governante, seguida de seu partido, o PT, e em último lugar as que citam o governo em geral (menos importante). Ainda, damos prioridade àquelas que possuam uma imagem de Lula, seu nome, a estrela-símbolo do PT, o nome do PT.

c) ficam selecionados os meses de setembro, outubro e novembro para coleta de material. Esse período foi escolhido levando em consideração os dias de votação: 6 e 27 de outubro para 2002 (primeiro e segundo turno, respectivamente) e 3 e 31 de outubro em 2010¹³³. Assim, setembro é o mês imediatamente anterior ao pleito, outubro representa o período entre turnos e em novembro já se tem os resultados;

d) as matérias devem ter um mínimo de três páginas e um máximo de oito, considerando dentro desse tamanho as imagens e textos paralelos a partir do início do texto

¹³³ CRONOLOGIA das eleições. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/cronologia-das-eleicoes>>. Acessado em 20/05/2012 às 16:27.

principal, excluindo-se desta contagem páginas exclusivamente dedicadas ao título, imagens ou publicidade. Consideramos o final da matéria o sinal gráfico de um quadrado preto ao lado da última palavra, que é marca da revista. Com esse critério descartamos notas, textos curtos e colunas de opinião, além de incluir edições temáticas sem analisá-las por inteiro;

e) ficam excluídas entrevistas longas;

f) será analisado o texto principal, o título, antetítulo (se aplicável), subtítulo (idem), títulos de continuação (idem), intertítulos (idem), textos dos *boxes*¹³⁴ (idem) e legendas de imagens, excluindo-se a análise destas¹³⁵ (que poderão, no entanto, ser citadas a fim de auxiliar na demonstração de nossas hipóteses). Na análise também consideraremos a capa como parte da matéria, sendo considerados todos os seus elementos textuais;

g) não será selecionado mais do que uma matéria por edição.

Levando em consideração esses critérios, selecionamos as seguintes matérias:

1) “Cristãos-novos do capitalismo”, não assinada, publicada na edição número 1.770 de *Veja*, de 25 de setembro de 2002;

2) “Lula muda a história”, não assinada, publicada na edição número 1.775 de *Veja*, de 30 de outubro de 2002;

3) “Um por todos...”, assinada por João Gabriel de Lima, Thaís Oyama e Maurício Lima, publicada na edição número 1.776 de *Veja*, de 6 de novembro de 2002;

4) “A imprensa ideal dos petistas”, assinada por Fábio Portela, publicada na edição número 2.184 de *Veja*, de 29 de setembro de 2010;

5) “Intrigas de estado”, assinada por Gustavo Ribeiro, publicada na edição número 2.188 de *Veja*, de 27 de outubro de 2010;

6) “Lula e o futuro do lulismo”, assinada por Laura Diniz, Sandra Brasil e Otávio Cabral, publicada na edição número 2.189 de *Veja*, de 3 de novembro de 2010.

¹³⁴ Espaço graficamente delimitado que inclui texto explicativo ou auxiliar sobre o assunto principal da matéria.

¹³⁵ Consideramos a Análise de Discurso de linha francesa um método que se propõe a analisar principalmente textos e, portanto, insuficiente para uma análise mais profunda das imagens das matérias sobre Lula. Portanto, as deixamos fora de nossa proposta, servindo apenas como ilustração.

4.3 MATÉRIAS DE 2002

4.3.1 CRISTÃOS-NOVOS DO CAPITALISMO

A primeira matéria que escolhemos foi publicada em 25 de setembro de 2002, ou seja, cerca de duas semanas antes do dia de votação do primeiro turno das eleições presidenciais. Naquela época, havia quatro candidatos fortes: Lula, do PT, com 41% das intenções de voto¹³⁶, José Serra (PSDB), com 18%, Anthony Garotinho (PSB), com 15%, e Ciro Gomes (PPS), com 11%¹³⁷. No início da campanha, *Veja* havia mudado de posição entre o apoio a Ciro Gomes e José Serra, apresentando desde o início uma forte oposição à candidatura de Lula (SILVA, C., 2006).

O título do texto é “Cristãos-novos do capitalismo”, o que já remete a duas ideias que consideramos centrais no texto: Lula costumava ser socialista, algo que compreendemos como uma característica negativa para a revista, e mudou para o capitalismo, o que foi *bom*.

“O que boa parte da opinião pública deseja saber é como o PT, que **durante vinte anos se preparou para a construção do socialismo**, vai se sair agora diante do desafio de governar de acordo com **os padrões capitalistas que se compromete a seguir**” (FD1, SD2, VEJA, 25/09/2002, p. 40).

A própria utilização do termo “cristão-novo”, nome conferido a judeus que se converteram ao cristianismo, já remete à ideia de conversão, como se o socialismo fosse uma religião, partindo de princípios dogmáticos, e deve-se negá-lo, ou seja, se desfiliar dele, para partir para a ideologia capitalista, que por sua vez também é uma seita portadora de seus próprios dogmas. E não apenas isso, mas os cristãos-novos de Portugal foram obrigados pela coroa a se converter (SANCHES, 2003), situação que é colocada também para o PT, que, sem a “conversão”, teria sucumbido ao tempo e não estaria na posição de partido mais forte na corrida presidencial – ou seja, foi obrigado.

“Se o Fora FHC tivesse vencido e o Zé Dirceu perdido a presidência, é quase certo que **o PT teria se tornado um partido insignificante**, avaliou **Lula** recentemente a um grupo de amigos” (FD1, SD12, VEJA, 25/09/2002, p. 43).

¹³⁶ PESQUISAS - Presidente. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/eleicoes/pesquisas-presidente.shtml>>. Acessado em 26/05/2012 às 14:11.

¹³⁷ Em matéria publicada na mesma edição, intitulada “Tudo pelo segundo turno” e não assinada, *Veja* aponta 39% para Lula, 19% para Serra, 14% para Garotinho e 14% para Ciro Gomes. A fonte citada é pesquisa Ibope encomendada pela Confederação Nacional da Indústria e publicada em 20 de setembro daquele ano, ou seja, é a edição imediatamente anterior àquela que utilizamos. Verificamos os números e eles estão corretos. Fonte: idem.

A revista coloca então duas situações: eles eram socialistas e mudaram. No entanto, *teriam mudado mesmo?* Ou isso foi apenas um golpe de marketing? E, se o PT não mudou, ele conseguirá fazer um bom governo? Cabe ainda destacar que essa matéria não é assinada, e, dessa forma, *Veja* se coloca como o sujeito enunciativo, responsabilizando-se por aquilo que é dito e pelas ideias passadas pelo texto (CHARAUDEAU, 2007).

Analisaremos então essas visões da revista através de quatro Formações Discursivas que indentificamos na matéria:

FD1 - Lula e o PT eram socialistas (13 SDs¹³⁸)

FD2 - Lula e o PT mudaram (31 SDs)

FD3 - Sua mudança é superficial (21 SDs)

FD4 - Lula não irá conseguir fazer um bom governo (11 SDs)

4.3.1.1 FD1 - LULA E O PT ERAM SOCIALISTAS

A primeira Formação Discursiva que encontramos foi a ideia de que Lula e o PT eram socialistas, algo considerado ruim pela *Veja*. Esse juízo de valor é colocado baseado em diversas atribuições que a revista faz a esse passado, que frequentemente é relacionado a situações de medo e insegurança.

“Três meses de moderação anulam duas décadas de história? A indagação se coloca porque, embora a campanha de televisão não conta disso, **o PT sempre foi o partido ‘contra tudo isso que está aí’**. Há três anos, no congresso nacional de 1999, dez anos depois da queda do Muro de Berlim, o PT reafirmou sua crença no socialismo. No ano seguinte, em maio, Lula dizia que o PT estava ‘mais socialista do que nunca’. Até ser revista, ou seja, três meses atrás, o programa do partido prometia a ruptura do modelo econômico, renegava qualquer acordo com o FMI e pregava a suspensão das privatizações e a revisão das vendas de estatais já feitas. **O mesmo documento mantinha um perturbador silêncio sobre a manutenção da estabilidade monetária e da disciplina fiscal, conquistas duras e preciosas da sociedade brasileira na década que passou**” (FD1, SD6, VEJA, 25/09/2002, p. 43).

Nesta sequência discursiva encontramos diversas passagens em que a revista faz oposição entre a ideologia socialista do PT e o capitalismo seguido por Fernando Henrique Cardoso, presidente anterior. Mais ainda, colocando as duas ideias em pólos opostos, o socialismo se torna incompatível com *as conquistas de FHC*, como a estabilidade monetária e a disciplina fiscal. Ou seja: ou Lula abandona essas ideias ou seu governo deixará o país mergulhado novamente em crise econômica.

¹³⁸ As Sequências Discursivas podem aparecer em mais de uma Formação Discursiva ao mesmo tempo.

O socialismo é colocado pela revista como parte essencial do histórico de Lula e do Partido dos Trabalhadores, mesmo que eles tenham mudado nos últimos anos (FD2). Dessa forma, ao mesmo tempo em que elogia o candidato por seu comprometimento com a democracia e o capitalismo, ela constantemente lembra o leitor de que nem sempre foi assim, e que ele construiu sua história dentro de uma ideologia oposta.

“Recém convertidos à disciplina fiscal e à economia de mercado, Lula e o PT querem governar o Brasil. As pesquisas mostram que eles não estão longe desse objetivo” (FD1, SD1, VEJA, 25/09/2002, p. 38).

“O que boa parte da opinião pública deseja saber é como o PT, que **durante vinte anos se preparou para a construção do socialismo**, vai se sair agora diante do desafio de governar de acordo com os padrões capitalistas que se compromete a seguir” (FD1, SD2, VEJA, 25/09/2002, p. 40).

4.3.1.2 FD2 - LULA E O PT MUDARAM

Em oposição à ideia de que antigamente o PT e Lula eram socialistas, visto na FD1, temos a noção de que hoje, *apesar de seu passado*, houve um *amadurecimento* do candidato, que descobriu com o passar do tempo que ele não poderia continuar seguindo sua antiga ideologia *ineficiente*. Tanto Lula quanto a cúpula petista *reconhecem que melhoraram*, o que é colocado na matéria através de falas e ideias atribuídas a eles. O resultado, assim, foi um ótimo momento para o partido, que pela primeira vez se vê na possibilidade de ganhar a presidência.

“Todo mundo reconhece, a começar pelo próprio Lula, que o Brasil e o PT **amadureceram**” (FD2, SD18, VEJA, 25/09/2002, p. 38).

“Sob o calor da atual campanha, **com a rampa do Palácio do Planalto se aproximando no horizonte como nunca esteve, o PT agora decide primeiro e se reúne depois**. O partido, que se notabilizou pelo assembleísmo, de repente parece confiar cegamente em Lula e Dirceu” (FD2, SD1, VEJA, 25/09/2002, p. 43).

A mudança de Lula da esquerda para o centro é vista como uma evolução, algo que lhe proporcionou respaldo junto do eleitorado e até mesmo de instituições financeiras. É graças a ela, portanto, que o candidato está na liderança da campanha, condição confirmada por pesquisas de intenção de voto – fontes oficiais e que, portanto, gozam de grande credibilidade.

“A maneira **inequívoca** com que **Lula se comprometeu** durante a campanha a **manter intocados os fundamentos da estabilidade econômica** também **convenceu boa parte do eleitorado**, conforme

mostram as **pesquisas de intenção de voto**” (FD2, SD3, VEJA, 25/09/2002, p. 38).

“Lula **não é mais a ovelha negra** das eleições presidenciais **passadas**’, diz Graham Stock, estrategista-chefe para a América Latina do **banco JP Morgan**” (FD2, SD16, VEJA, 25/09/2002, p. 40).

Essa mudança é mostrada pela revista como requisito para governar o país, pois *governantes radicais não dão certo*. Ela é positiva, portanto, porque, caso ele vença, seu novo posicionamento tornará possível que ele dê continuidade ao *bom governo* de FHC. Nesse sentido Lula é visto como um candidato válido e sério, capaz de rever seus conceitos em nome do que é melhor para o país.

“É curioso constatar que, nas prefeituras e **nos governos petistas, os administradores xiitas em geral têm se dado mal. Administrações que negociaram e admitiram entender-se com a oposição em geral se deram bem**” (FD2, SD22, VEJA, 25/09/2002, p. 44).

“O Lula da campanha fez tudo para apagar o Lula da história recente. ‘O mundo e o Brasil mudaram. O PT e eu mudamos’, repete ele. Lula **sacramentou o acordo do governo com o FMI, comprometeu-se com a estabilidade e com a diminuição dos gastos públicos e até mesmo elogiou a política desenvolvimentista da ditadura militar**” (FD2, SD24, VEJA, 25/09/2002, p. 43).

“Lula **não hesitou em rever**, ponto por ponto, **vários itens essenciais de sua cartilha ideológica**” (FD, SD19, VEJA, 25/09/2002, p. 41).

4.3.1.3 FD3 - SUA MUDANÇA É SUPERFICIAL

Em diversos momentos durante a matéria, *Veja* elogia o novo posicionamento de Lula, mas deixa a dúvida se isso foi algo verdadeiro ou se o *radicalismo* ainda governa o PT. Ela varia entre colocar a moderação do candidato como algo orquestrado apenas para ganhar a campanha e lembrar ao leitor que, apesar de Lula e da cúpula do PT terem mudado, suas bases continuam as mesmas, e grande parte do partido ainda deseja um governo socialista.

“Depois da queda de Ciro, Lula tomou o lugar do cearense como alvo do tiroteio eleitoral. **Sua competência está sendo questionada** nos programas eleitorais do tucano José Serra, para quem **o Lula sorridente e flexível da televisão não passa de uma invenção de marketing**” (FD3, SD2, VEJA, 25/09/2002, p. 38).

“Mas também é **um erro imaginar que a súbita transformação imposta a ele**, primeiro pela mudança do mundo a sua volta e depois pelas necessidades eleitorais, **tenha magnetizado todo o Partido dos Trabalhadores**” (FD3, SD11, VEJA, 25/09/2002, p. 42).

Assim como os cristãos-novos de Portugal e Espanha, Lula não deu uma guinada ao centro porque quis, e sim porque foi obrigado pela conjuntura. Ele mesmo reconhece que mudou junto do Brasil (FD2). No entanto, indaga a revista, “três meses de moderação anulam duas décadas de história?” (FD2, SD7, p. 43). A recente mudança de Lula é caracterizada diversas vezes através de palavras que remetem ao passageiro e efêmero, como uma maquiagem que ele utiliza enquanto candidato e que mais tarde poderá ser apagada.

“Só com uma **roupagem moderada, calculava** Dirceu, **Lula poderia se vender** fora dos bolsões sinceros mas radicais do esquerdismo” (FD3, SD16, VEJA, 25/09/2002, p. 42).

“É bom que se diga que, **em política, mudanças são frequentes. Em campanhas**, o ajuste do candidato ao gosto do eleitor é uma **manobra clássica. Está nos manuais**. Como os artistas, os candidatos também tentam sempre ir até onde o povo está. **Quando as pesquisas mostraram o apelo eleitoral de um anti-Lula, o próprio Luís Inácio passou a se apresentar como o anti-Lula**” (FD3, SD18, VEJA, 25/09/2002, p. 43).

A matéria utiliza de diversas fontes para confirmar o que está dizendo, como membros da alta cúpula do PT e economistas. Através dessas fontes ela representa a desconfiança não de *Veja* com esse candidato, mas do eleitorado e do setor financeiro. Não é que a revista não acredite na mudança de Lula, é o público que não tem certeza. É sugerido que o próprio leitor se indague a respeito.

“**Pode-se especular**, no caso de Lula, **se o desvio para longe do radicalismo de esquerda não teria sido brusco demais**, a ponto de trincar a estrutura interna do candidato e do partido” (FD3, SD9, VEJA, 25/09/2002, p. 44).

“Lula é aplaudido nos encontros com banqueiros, empresários e pecuaristas, **mas as ambiguidades em torno dele ainda não se dissiparam**” (FD3, SD4, VEJA, 25/09/2002, p. 38).

“Segundo **Stock**¹³⁹, os desafios atuais para um eventual governo petista são de três tipos. Primeiro: **ainda existem dúvidas sobre certos aspectos da política econômica do PT**. Segundo: não se conhecem os nomes dos integrantes de sua equipe econômica. Terceiro: **não se sabe qual será a real influência no futuro governo dos militantes radicais do partido**” (FD3, SD5, VEJA, 25/09/2002, p. 40).

Portanto, se Lula era socialista antes e agora se porta de forma tão moderada, uma mudança brusca, talvez isso não passe de uma forma de *se vender* na campanha. E se no fundo ele ainda é socialista mesmo, ou mesmo seu partido, o que acontecerá caso ele se eleja?

¹³⁹ Graham Stock, estrategista-chefe para a América Latina do banco JP Morgan, fonte já citada na SD16 da FD2.

Afinal, como já vimos, *o socialismo não se compromete com as políticas do bom capitalismo*, e sua ascensão ao poder pode significar a volta da instabilidade.

4.3.1.4 FD4 - A ELEIÇÃO DE LULA PRESIDENTE É UM RISCO

Essa é a ideia que fica por trás de todas as indagações colocadas pela matéria acerca do candidato Lula. O socialismo é ruim para a economia (FD1) e, mesmo que ele tenha se comprometido a mudar para a boa prática capitalista (FD2), talvez no fundo isso não passe de um golpe de campanha, e, mesmo que não seja, a base eleitoral do partido ainda fará grande pressão por um governo socialista (FD3). A conclusão a que se chega é que *eleger Lula presidente é um risco. A economia pode afundar, o Estado ficará maior do que nunca, as contas públicas vão escalar ao céu*. O cenário proposto por *Veja* para o futuro governo PT, neste momento, é extremamente pessimista.

“Um segundo problema seriam as expectativas que o PT despertou em seu eleitorado. **Esperam os que votam no PT que, se ganhar, o partido execute uma política inédita de benefícios sociais. Os funcionários públicos**, que são a base mais forte do partido desde que se tornaram mais numerosos que os operários na relação de filiados da agremiação, **aguardam uma compensação pela política salarial rígida em que vêm sendo mantidos pelo governo FHC. Como poderá cortar despesas um partido comprometido a esse tipo de pressões?**” (FD4, SD4, VEJA, 25/09/2002, p. 41).

“Se o petista ganhar a Presidência, esse bloco vai se mover novamente em busca de uma fatia de poder no novo arranjo governamental. **Será difícil para Lula convencer esse segmento revolucionário de que as leis da estabilidade e do mercado precisam ser levadas a sério**. Mais difícil ainda será calar essa fatia respeitável da agremiação petista” (FD4, SD5, VEJA, 25/09/2002, p. 43).

Novamente, a revista não coloca essas ideias apenas como fruto de sua própria visão, mas as apóia em falas de fontes do sistema financeiro – ou seja, especializadas – e indagações do próprio público. Assim, se *especialistas* acreditam que o governo Lula não irá dar certo, estariam eles errados? Afinal, um economista e ex-ministro da Fazenda *conhece economia e sabe o que pode vir a acontecer*. Poderia o leitor contrariar a opinião um estudioso de alto calibre? O uso de fontes especializadas é feito para reforçar as ideias da própria revista.

“‘O PT, se eleito, terá de passar por uma prova de fogo’, diz Carlos Langoni, **diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas e ex-presidente do Banco Central**. ‘As expectativas negativas que

se criaram em torno do partido são **uma ameaça no curto prazo. A taxa de risco pode disparar**. Lula precisaria agir rápido, construindo uma ponte de credibilidade que o ajudasse a superar os problemas dos primeiros meses” (FD4, SD6, VEJA, 25/09/2002, p. 40).

A matéria finaliza com um parágrafo que remete à dúvida sobre a capacidade de Lula e seu partido em governarem o país – algo que foi questionado durante o texto e frequentemente negado. Ela termina lembrando o leitor, que faz parte do eleitorado e do povo brasileiro, sobre sua grande responsabilidade na hora de votar pelo próximo presidente:

“A partir de agora, **o tema do preparo do petista para a Presidência será uma das perguntas centrais que os eleitores farão nesta fase final de campanha**, antes de decidir **a quem entregarão o comando do país**” (FD4, SD10, VEJA, 25/09/2002, p. 45).

4.3.2 TRIUNFO HISTÓRICO

Na edição de 30 de outubro de 2002, publicada dois dias após a divulgação dos resultados das eleições, *Veja* exibe a manchete “Triunfo histórico”, com o antetítulo “O primeiro presidente de origem popular” e o parágrafo “Seu desafio: retomar o crescimento e corrigir as injustiças sociais sem colocar em risco as conquistas da era FHC”. Apesar do pessimismo mostrado durante a campanha eleitoral, a revista recebe a vitória de Lula com otimismo, classificando-a logo na capa como um *triumfo*, e não apenas isso, mas algo que *ficará na história*. O “primeiro presidente de origem popular” chega ao poder, e isso é uma *vitória*. De quem? Durante a matéria, fica entendido que não é apenas de Lula ou do PT, mas também do povo brasileiro e do país como democracia.

Encontramos, portanto, quatro FDs principais, que demonstram o tom de legitimação que *Veja* dá ao mais novo presidente:

FD1 - Um homem do povo, como muitos outros (26 SDs)

FD2 - Marco histórico, triunfo do Brasil (8 SDs)

FD3 - História de derrotas e perseverança (11 SDs)

FD4 - Um político moderado, não tradicional (13 SDs)

4.3.2.1 FD1 - UM HOMEM DO POVO, COMO MUITOS OUTROS

O principal sentido que encontramos nesta matéria é a humanização de Lula. Ele é visto através de suas qualidades, defeitos e excentricidades. Não como um político, uma

figura institucional, mas como um homem, filho, pai, marido, chefe. Ele ama, chora, se irrita e grita.

“Quando **se irrita, fala alto, xinga, gesticula e dá murros na mesa. Berra** que querem matá-lo sobrecarregando-lhe a agenda ou que é inacreditável que ninguém tenha conseguido lembrá-lo de um compromisso importante.” (FD1, SD23, VEJA, 30/10/2002, p. 40).

“Outra de suas características, **que amigos conhecem e desavisados descobrem rápido, é que Lula não gosta de críticas** - pelo menos não as que tenham ele próprio como objeto” (FD1, SD25, VEJA, 30/10/2002, p. 40).

Ele tem o comportamento de uma pessoa comum. Afinal, se irritar é parte do trabalho, *todo mundo se irrita. E ninguém gosta de críticas*. O que a princípio parecem ser características negativas logo são amenizadas pelo caráter simples e bem-humorado do presidente, que, apesar de chefe, sabe como lidar e ser amigo de seus funcionários.

“Sabe que, no minuto seguinte, o chefe poderá virar-se para seu assessor de imprensa - um tanto fora de forma e embrulhado em uma camiseta vermelha - para **dizer-lhe que está ‘parecendo uma melancia de boné’. Lula, o possesso, vira Lulinha Paz e Amor em questão de segundos**” (FD1, SD24, VEJA, 30/10/2002, p. 40)

Além disso, Lula também tem família, uma esposa e filhos. Ele é o homem mandão e o chefe no trabalho, mas em casa é subordinado de sua mulher (a quem chama pelo apelido carinhoso de “minha galega”) e obedece a seus caprichos. Assim, não apenas ele é humanizado e aproximado do homem comum brasileiro, mas também o são seu casamento e sua esposa, Marisa, que manda no marido e o ensina hábitos do cotidiano.

“Seu apartamento, em São Bernardo do Campo, **é um dos poucos lugares em que manda menos que os outros**. Assim como o sítio perto da Represa Billings, **o local pertence aos domínios de Marisa**, com quem se casou há 28 anos, três depois de ter enviuvado de Lurdes, morta durante o parto. **Foi com sua ‘galega’, como chama a mulher, que Lula aprendeu a cuidar das próprias roupas íntimas**, hábito que mantém mesmo quando está hospedado em hotéis: lava as meias, as peças de baixo e pendura tudo perto do aquecedor. **Os filhos aprenderam a fazer o mesmo**” (FD1, SD19, VEJA, 30/10/2002, p. 41).

Na SD acima, ainda, *Veja* faz menção ao passado de Lula, de sua ex-esposa Lurdes. Nada é mencionado sobre ela além do nome, o fato de que morreu e que pouco tempo depois ele já estava com Marisa. Também em dado momento é mencionada Lurian, sua filha de um relacionamento curto que igualmente é ignorado (não é dito, por exemplo, que ela nasceu no período entre a morte de Lurdes e o casamento com Marisa). O sentido de homem

monogâmico é fortemente atrelado a Lula, e seu casamento atual é aquele que parece ter sido o mais significativo para sua vida. Quem foi Lurdes? Quem foi Mírian Cordeiro? A revista não dá a resposta. Sabemos apenas quem é Marisa, pois é apenas ela que importa.

“Dos cinco que tem - Marcos, do casamento anterior da mulher; Fábio, Sandro e Luís Cláudio, da sua união com Marisa; e Lurian, **fruto do romance com Mírian Cordeiro** -, nenhum até hoje se arriscou a enveredar pela política” (FD1, SD20, VEJA, 30/10/2002, p. 41).

Outras relações familiares são atribuídas ao presidente, como sua mãe, o pai e seus irmãos. Eles próprios também se tornam personagens característicos do povo brasileiro: a mãe pobre e batalhadora que faz tudo pelos filhos, o pai opressor que traiu a esposa e abandonou a família, o irmão que também é pai. Apenas Frei Chico é mencionado, enquanto os outros irmãos são vistos apenas como números e não se sabe sobre eles. O foco principal é dado a Lula, seus pais e como seu relacionamento com eles moldou seu caráter.

“Nasceu pobre e anônimo. **Caçula dos meninos Silva, só foi conhecer o pai aos 7 anos de idade.** Quando Aristides Inácio da Silva saiu de Garunhuns para tentar a vida em São Paulo, deixou a esposa, Eurídice, grávida de Lula. Em 1952, **Lindu, como era chamada a mulher, decidiu juntar-se ao marido. Reuniu os sete filhos e embarcou com eles num pau-de-arara,** numa viagem que durou treze dias - durante os quais Lula usou uma única camisa” (FD1, SD8, VEJA, 30/10/2002, p. 39).

“**Para mim, é uma coisa incrível um pai negar um doce a uma criança. Mas o meu era um homem muito ignorante. Batia nos filhos, comprava pão doce só para ele e escondia da gente.** Era um homem muito duro, talvez porque a vida tenha sido muito dura com ele.” [fala de Lula]” (FD1, SD10, VEJA, 30/10/2002, p. 39).

A família é parte essencial de outra característica marcante do novo presidente, e a mais importante: ele é um homem do povo. “Nasceu pobre e anônimo”, assim como milhões de brasileiros. Veio do Nordeste, da seca, pois seus pais foram tentar a vida em São Paulo – assim como milhares de outros retirantes. Ser nordestino e pobre é uma parte importante da construção de seu personagem, e suas origens populares são mostradas também por sua influência sobre a carreira política do presidente.

“Pegou os filhos e mudou-se para a Vila Carioca, **periferia de São Paulo,** numa casa que ficava nos fundos de um bar, cujo banheiro era o mesmo usado pela família. **Os Silva na época eram tão pobres** que, entre as lembranças de Lula, está a de ter saído correndo de vergonha quando um médico veio visitar sua irmã e a mãe não tinha uma cadeira para oferecer-lhe. **Lindu sustentava os filhos lavando roupa para fora. Lula vendia tapioca na rua, fazia bicos de engraxate e entregava roupas de uma tinturaria.** Lembra-se de ter percebido que a vida começava a melhorar

quando, numa das mudanças da família, o caminhão de transportes já levava um fogão. **‘Eu e o meu irmão colocamos ele bem no alto da carroceria e fomos com muito orgulho em cima. Afinal de contas, a gente já tinha um fogão’, conta**” (FD1, SD11, VEJA, 30/10/2002, p. 40).

“O negócio dele era **jogar pelada e namorar**. Dizia: **‘O que é que eu vou fazer no sindicato? Lá só tem ladrão e comunista’**”, lembra Frei Chico” (FD1, SD14, VEJA, 30/10/2002, p.41).

O personagem de Lula é então construído como um homem comum, com defeitos e qualidades. Ele é simples, humilde e de origem pobre. É um nordestino. É pai, filho e marido.

4.3.2.2 FD2 - MARCO HISTÓRICO, TRIUNFO DO BRASIL

Exatamente por ele ser um homem do povo que *Veja* mostra sua vitória como um marco histórico, e exalta a democracia brasileira por permitir que uma pessoa com aquele perfil chegue ao *cargo máximo da República*. Este sentido é explorado em apenas algumas Sequências Discursivas, mas demonstra o otimismo da revista e legitimação que dá ao presidente. Mais ainda: o fato de que um pobre chegou ao poder é sinal de que o país está melhor *hoje* do que já foi antes.

“O Brasil afirma-se como **uma nação de extraordinária mobilidade social, com a chegada de um homem do povo à Presidência**” (FD2, SD2, VEJA, 30/10/2002, p. 35).

“Lula presidente é uma demonstração para o mundo de que a **democracia no Brasil, e por reflexo na América Latina, não é exercida apenas para salvar as aparências das elites que se revezam no poder**” (FD2, SD3, VEJA, 30/10/2002, p. 35).

Nesse momento o presidente é comparado inclusive com Machado de Assis, escritor brasileiro que também nasceu pobre e mulato e hoje é considerado um dos maiores nomes da literatura nacional. Esse paralelo coloca Lula numa posição de personagem histórico, que apenas pelo fato de ter sido eleito já se coloca nas páginas da história do Brasil.

“**Meninos pobres como Lula não nascem no Brasil para ser presidentes da República**. Antes dele, os mandatários da nação, mesmo os que se apresentavam como políticos de esquerda, foram todos escolhidos entre marechais, generais, fazendeiros, advogados e empresários. **Como Machado de Assis, mulato, epilético, nascido pobre num morro carioca e que se tornou o maior escritor brasileiro de todos os tempos, Lula desafiou a história para chegar ao posto máximo da atividade política**” (FD2, SD4, VEJA, 30/10/2002, p. 35).

4.3.2.3 FD3 - HISTÓRIA DE DERROTAS E PERSEVERANÇA

Além de pobre, Lula também é um *vencedor*. No entanto, suas conquistas *não foram fáceis*, e foram necessários *anos de derrotas* para que *crecesse e se tornasse o homem que é agora*. Por isso, outro importante sentido atribuído a ele pela revista é de perseverante, uma pessoa que, apesar de derrubada de novo e de novo, foi capaz de se levantar e conquistar a maior vitória de sua carreira política.

“Lula se especializou na arte de fazer do limão uma limonada. Com base em adversidades, amadureceu a si e ao partido que criou e construiu uma biografia desde já extraordinária. Agora, sai triunfante de sua quarta tentativa de eleger-se presidente da República” (FD3, SD1, VEJA, 30/10/2002, p. 43).

Em diversos momentos, a revista demonstra as adversidades pelas quais passou o presidente antes de chegar ao poder, como os pequenos orçamentos de campanha (parte também de seu sentido como homem pobre, do povo) e suas antigas atitudes *equivocadas*. As dificuldades não são apenas demonstradas como resultado de seu nascimento ou do período histórico, mas também de suas ideias que *não correspondiam à realidade*. Dessa forma, *Veja* volta a enfatizar uma FD que já utilizava em setembro, a de que ele mudou e, com isso, cresceu. Sua antiga ideologia é colocada como parte de sua história e responsável em parte por suas derrotas, mas dessa vez fica explícito que Lula aprendeu com isso e a deixou de lado. E foi exatamente por causa dessa mudança que ele finalmente venceu a eleição.

“Construiu sua vitória à base de derrotas. E, por meio delas, forjou o que é hoje” (FD3, SD5, VEJA, 30/10/2002, p. 37).

“Lula tinha reais chances de vencer Fernando Collor em 1989, mas, como se sabe, de novo perdeu. Hoje, acredita que poderia ter evitado a derrota se não houvesse cometido o que considera seu maior erro político” (FD3, SD10, VEJA, 30/10/2002, p. 38).

“‘Ele temia ser identificado com aquilo que considerava a velha esquerda brasileira. Até hoje se arrepende da decisão’, afirma José Dirceu, presidente do PT e deputado federal. A diferença entre os votos do petista e os conquistados por Collor foi praticamente igual àquela obtida no primeiro turno pelo PMDB que Lula havia esnobado. Ele jamais esqueceu do episódio. Tanto que, nesta campanha, usou-o como argumento definitivo para convencer setores resistentes do PT a aderir à aliança do partido com o PL” (FD3, SD9, VEJA, 30/10/2002, p. 38).

Veja dá grande ênfase ao fato de que as eleições de 2002 foram a quarta tentativa de Lula em chegar à presidência. Ela detalha suas tentativas uma a uma, demonstrando seu *crescimento e amadurecimento*. Além disso, a trajetória é vista por suas dificuldades, pelos

momentos em que o presidente perdeu o ânimo e as esperanças. Nesse sentido sua perseverança é ainda mais acentuada, pois fica claro que *foi extremamente difícil* para Lula chegar aonde chegou e, em seu lugar, *outra pessoa poderia ter desistido*. São mostrados seus sacrifícios, especialmente os pessoais (o que novamente demonstra a FD1), e situações que quase o levaram a deixar a carreira política.

“Sentia-se explorado pelo PT, exausto diante da perspectiva de enfrentar uma eleição com pouquíssimas chances de vitória e prejudicado em sua vida pessoal. Em entrevista que concedeu à época, afirmou que **a política o impediu de estar ao lado da mulher, Marisa, quando seus três filhos nasceram**; reclamou do fato de que sua imagem pública não lhe permitia ‘ir a um baile e dançar até morrer’; e **chegou a dizer que, na próxima encarnação, gostaria de vir ao mundo rico e anônimo, em vez de pobre e famoso**” (FD3, SD7, VEJA, 30/10/2002, p. 39).

“O terceiro fracasso ocorreu em 1994, ano em que Lula, em sua segunda tentativa de chegar à Presidência, **apostou todas as fichas** no fracasso do Plano Real. **A decisão se mostrou tão equivocada que, quatro anos depois, ele partiria para a terceira campanha presidencial com o entusiasmo de quem caminha para a força**” (FD3, SD6, VEJA, 30/10/2002, p. 38).

Nessa FD, portanto, outra característica importante é incorporada à imagem de Lula: ele é perseverante, não desistiu. No Brasil, existe o ditado que diz que “Brasileiro não desiste nunca”. Dessa forma, ela acentua ainda mais a FD1, dando motivos para o leitor se identificar com o presidente e admirá-lo por suas qualidades positivas. Ao contrário de setembro, quando sua mudança para o centro é vista com desconfiança e questionada pela revista, dessa vez ela é colocada como parte da trajetória de Lula e do seu processo de crescimento na política. Se lembrarmos do fato de que esta matéria não é assinada, podemos considerar essas opiniões como sendo da própria *Veja*, o que acaba demonstrando sua admiração pelo novo presidente.

4.3.2.4 FD4 - UM POLÍTICO MODERADO, NÃO TRADICIONAL E HABILIDOSO

Novamente a matéria dá um tom positivo para Lula, que é caracterizado agora como moderado. Em momentos anteriores já vimos que a revista *Veja* parece ser avessa à ideia de radicalismo, portanto o fato de colocá-lo como político de centro demonstra aprovação de suas atitudes. Mais ainda, ter abandonado o discurso de esquerda o tornou um homem

civilizado, o que reforça a ideia de que ele *evoluiu* de um político *bárbaro* para *um membro da sociedade civil*.

“O flerte da direita com o metalúrgico, porém, teve tanto sucesso quanto o assédio da esquerda organizada sobre ele - nenhum” (FD4, SD4, VEJA, 30/10/2002, p. 42).

“Ligado historicamente às esquerdas, Lula eleger-se com uma agenda política moderada e com a aceitação das regras civilizadas de gerência de contas públicas” (FD4, SD5, VEJA, 30/10/2002, p. 35).

Outra característica que reforça sua imagem de moderado é o fato de não fazer parte da política tradicional, de acordo com a revista. Apesar de sua longa trajetória no sindicalismo e campanhas, Lula é mostrado como um político novo, sem experiência em cargos públicos. Isso não é visto como algo negativo, mas sim parte de sua personalidade, pois logo a revista justifica sua falta de experiência como resultado de uma aversão à política tradicional e aos cargos em que *não tem muito poder*. Fica gravada então a imagem de que ele tem vontade de produzir, de ter como fazer a diferença.

“Lula não conquistou o mais alto posto da hierarquia do país alavancado por triunfos eleitorais. Jamais foi vereador e nunca administrou uma cidade. Também não se elegeu governador de Estado nem foi ministro de nada” (FD4, SD1, VEJA, 30/10/2002, p. 37).

“Ele nunca escondeu que odiou a experiência no Congresso. Detestava a burocracia do Legislativo e, mais do que tudo, o fato de que ali não mandava em nada” (FD4, SD2, VEJA, 30/10/2002, p. 38).

Seu triunfo nas eleições é então atribuído à capacidade pessoal de Lula, seus méritos como político e, principalmente, como interlocutor. Ele é colocado como extremamente habilidoso em fazer negociações e se comunicar com as massas. Esse sentido é demonstrado não apenas como opinião da revista, mas também é reforçado por pessoas próximas a ele, como o irmão Frei Chico, e colocado como consenso geral:

“Ninguém duvida de que entre suas qualidades está a extraordinária capacidade de conciliar diferenças. A sobrevivência de seu partido é a prova disso.” (FD4, SD7, VEJA, 30/10/2002, p. 42)

“Nesse percurso, há outro elemento que não pode ser desprezado: o fascínio que Lula exerce sobre uma multidão. ‘No apogeu dos movimentos grevistas, quando ele pegava o microfone, você via 100 000 metalúrgicos, que cinco minutos antes estavam enfurecidos, ficar em silêncio total’, conta Frei Chico. ‘Se o Lula quisesse tocar fogo no Brasil naquele momento, conseguiria. Ele tinha o controle total da massa’, diz.” (FD4, SD11, VEJA, 30/10/2002, p. 42)

A opinião da revista é então reforçada por outras fontes e ainda *comprovada*, pois o *fato de o PT ter sobrevivido e chegado onde está é prova do mérito pessoal de Lula*. Dessa forma, vemos uma grande aproximação entre a figura do partido e do presidente, como se ele sozinho fosse responsável por seus rumos. Além dele, também é dada grande importância a José Dirceu, que já havia sido caracterizado em outra edição como “O homem que faz a cabeça de Lula”¹⁴⁰.

“Dois fatores ajudaram na consolidação da terceira alternativa: a criação do grupo Articulação, uma espécie de **rolo compressor liderado por José Dirceu**, que foi aos poucos cuidando de esmagar a ala ultra-radical do partido, e **a habilidade de Lula em fortalecer sua posição de mediador, do líder que paira acima das correntes e das disputas pessoais** - a mesmíssima imagem que alavancou sua fulminante trajetória no sindicalismo” (FD4, SD9, VEJA, 30/10/2002, p. 42).

Dessa forma, ao longo da matéria *Veja* caracteriza Lula através de diversas facetas: ele é um homem comum, com família, qualidades, defeitos e um passado (FD1), é um vencedor, superador de desafios (FD3), e um grande negociador e político (FD4). Sua vitória é atribuída essas características, aos seus méritos pessoais e, principalmente, ao fato de ter abandonado suas antigas ideias, *que nunca o teriam permitido se eleger*. Ainda, sua vitória é vista como simbólica e marcante para o Brasil (de forma positiva), o que imediatamente já o coloca na história do país (FD2).

4.3.3 UM POR TODOS E TODOS POR UM

A terceira matéria que escolhemos foi publicada na edição imediatamente posterior a outra, mas já demonstra uma mudança no discurso de *Veja*. Enquanto antes o aspecto pessoal de Lula era enfatizado e elogiado, agora a revista dá mais atenção às questões técnicas de seu futuro governo, como as medidas para a economia e suas escolhas para os ministérios. No entanto, ainda segue uma atmosfera de otimismo, com a matéria inclusive defendendo o PT de seus críticos que ficaram na oposição.

O tema principal é a formação dos ministérios no governo Lula, com destaque especial a José Dirceu, Antônio Palocci e Luiz Gushiken. Os três são vistos através de diferentes qualidades, sendo representados como as principais cabeças por trás do sucesso de

¹⁴⁰ DE LIMA, João Gabriel; OYAMA, Thaís. O homem que faz a cabeça de Lula. *Veja*, São Paulo, p. 46, 25 set. 2002.

Lula. Encontramos nesta matéria três FDs que consideramos ser as principais ideias do texto¹⁴¹:

FD1 - Companhias que fortalecem Lula (20 SDs)

FD2 - PT renovado, controle da cúpula sobre os radicais (9 SDs)

FD3 - Governo de Lula é promissor, aproximação com FHC (10 SDs)

4.3.3.1 FD1 - COMPANHIAS QUE FORTALECEM LULA

Esta FD é a mais destacada durante a matéria, representando a maior parte de seu texto. A revista enfatiza as qualidades de José Dirceu, Antônio Palocci e Luiz Gushiken, que considera os principais aliados de Lula. Os três são vistos individualmente, cada um representando uma faceta diferente do futuro governo PT: Dirceu é trabalhador e pragmático, Palocci é sociável e eficiente, Gushiken é calmo e honesto. Em nenhum momento eles são mostrados como influências negativas para o presidente, e cada um é visto como peça essencial para o sucesso de Lula, tanto no passado quanto em seu futuro governo.

“Luiz Gushiken, Antônio Palocci e José Dirceu, **a poderosa tróica do novo governo: um é amigo de Lula, o outro é o interlocutor no mercado e o terceiro é o braço forte na articulação política**” (FD1, SD2, VEJA, 06/11/2002, p. 41).

“Ele é o sujeito que nunca leva problemas para Lula. **Palocci só chega diante do chefe com soluções à mão, e sempre com uma cara sorridente e descansada de quem acabou de sair do banho**” (FD1, SD16, VEJA, 06/11/2002, p. 44).

“Na campanha, enquanto a equipe comemorava em restaurantes ou bares uma notícia boa, **José Dirceu ia direto para o hotel, para acordar cedo no dia seguinte. Se necessário, trabalha de dezesseis a dezoito horas por dia e cuida de tudo – da grande política aos detalhes**” (FD1, SD13, VEJA, 06/11/2002, p. 42).

“Se a saúde não permitir, com certeza [Gushiken] integrará o grupo palaciano de Lula, pois **seu papel, no fundo, é fazer uma avaliação pessoal e intransferível ao presidente eleito de como andam as coisas**” (FD1, SD12, VEJA, 06/11/2002, p. 42).

Além de destacar as qualidades do que a revista chama de “santíssima trindade” do governo Lula, ela ainda enfatiza a importância para um grande líder em ter pessoas próximas para lhe auxiliar. É feito um paralelo com diversas figuras históricas, desde Itamar Franco e

¹⁴¹ Outra forma de dividir as FDs desta matéria passaria pelas percepções da revista sobre José Dirceu, Antônio Palocci e Luiz Gushiken individualmente, já que elas são bem uniformes, mas escolhemos separar os sentidos por sua relação com Lula, nosso objeto de pesquisa.

Fernando Collor até Franklin Roosevelt, presidente dos Estados Unidos durante o início da Segunda Guerra Mundial. As companhias citadas pela revista estão intimamente ligadas aos destinos de seus líderes: os companheiros de Collor eram atrapalhados como ele, enquanto George Marshall liderou as tropas aliadas na guerra, que foi vencida. Assim, grandes líderes são caracterizados por grandes conselheiros e vice-versa.

“Qualquer presidente, não importa a origem nem a ideologia, tem um círculo de colaboradores mais próximos. **Fernando Collor de Mello** celebrou a chamada República das Alagoas, **grupo que se tornou mais conhecido pelas estripulias do que propriamente pela excelência de seu trabalho**” (FD1, SD8, VEJA, 03/11/2002, p. 40).

“**A um presidente, é fundamental ter críticos por perto.** Conta a história que, numa reunião sobre um tema relevante da II Guerra, o presidente americano Franklin Roosevelt expôs uma opinião e esperava a concordância geral. Circundou a mesa e, dirigindo-se a um jovem general, recém-chegado a Washington, disse: ‘Estou certo de que você também concorda’. A resposta: ‘Não, não concordo, senhor’. Os demais assessores acharam que seria a primeira e última reunião do novato, mas **Roosevelt ouviu-o com atenção. O jovem general era George Marshall, que liderou as tropas aliadas e batizou o plano que recuperou a Europa dos escombros da II Guerra**” (FD1, SD10, VEJA, 03/11/2002, p. 42).

Dessa forma, as qualidades que a revista atribui aos conselheiros de Lula recaem diretamente sobre ele, que cresce como líder. *Se seus mais próximos colaboradores são dessa forma, com certeza auxiliarão o presidente positivamente.* É interessante notar também o contraste entre eles: cada um tem um papel. José Dirceu é o homem que faz o trabalho pesado, Palocci traz soluções e se relaciona com o empresariado, Gushiken está lá para dizer o que está errado.

“Vivendo as delícias de sua primeira semana como presidente eleito do Brasil, e festejado em sua visita a Brasília como se fosse um artista popular, Luiz Inácio Lula da Silva apresentou ao país **sua santíssima trindade – a tróica que teve alta influência em sua campanha, tem profundo domínio sobre o Partido dos Trabalhadores e, possivelmente, terá papel relevante na formação de seu governo**” (FD1, SD9, VEJA, 03/11/2002, p. 39).

Na capa da edição os três aparecem vestidos de mosqueteiros, sendo que o título da matéria é “Um por todos e todos por um”, o lema dos guerreiros da obra de Alexandre Dumas¹⁴². No livro, o jovem D’Artagnan, de 18 anos, saiu do interior da França para Paris a fim de se tornar um guarda de elite do rei, um dos *mosqueteiros*. Ele conhece então Athos,

¹⁴² “Les Trois Mousquetaires”, publicado originalmente em 1844, é um romance de capa e espada escrito pelo francês Alexandre Dumas. Conta as aventuras dos espadachins Athos, Porthos, Aramis e D’Artagnan, que fazem parte da guarda real de Luís XIII e batalham diversas vezes contra os homens do cardinal Richelieu e sua companheira, Milady de Winter.

Porthos e Aramis, três amigos inseparáveis que o acolhem, e com eles vive aventuras para defender a coroa. O paralelo é interessante: D'Artagnan é um jovem inexperiente com ambições de liderança, vindo do interior. É acolhido em Paris por três homens astutos, cada qual à sua maneira, que o protegem e o auxiliam: Athos é a figura paterna (Gushiken), Porthos é honesto, batalhador e leal (Dirceu), Aramis é elegante, cavalheiresco e ambicioso (Palocci).

Veja transforma novamente Lula em um personagem, romantizando a ele e a seus companheiros mais próximos. Outras figuras importantes do PT são citadas na matéria, como Aloízio Mercadante e Martha Suplicy, mas o destaque é dado a Gushiken, Dirceu e Palocci, seus “três mosqueteiros”.

4.3.3.2 FD2 - PT RENOVADO, CONTROLE DA CÚPULA SOBRE OS RADICAIS

Apesar de dar destaque à *trindade de Lula*, outros sentidos são vistos na matéria, ainda que de forma mais superficial. Um deles reafirma outras FDs encontradas nos textos analisados anteriormente, a de que *a cúpula do PT controla os radicais*. A contradição entre o topo e a base do partido são recorrentes no discurso de *Veja*, ainda que abordada de forma diferente. Enquanto em setembro a revista sugeria que os radicais talvez pudessem tomar o poder, em novembro ela já afirma que não, *eles estão sob controle*. O sentido de mudança do PT “de antigamente” com o atual é novamente colocado à mostra, de novo como algo positivo.

“Não se sabe até quando vai durar a **boa vontade da cúpula petista em relação ao mercado, tão odiado no PT até meses atrás**. As primeiras manifestações dos mosqueteiros de Lula na semana passada, no entanto, parecem reafirmar aquilo que, a portas fechadas, os cardeais do partido vinham garantindo antes da eleição: **as alas radicais e reacionárias do PT estão sob controle da hierarquia do partido, e não se espera que incomodem a ponto de confundir o jogo**” (FD2, SD6, VEJA, 03/11/2002, p. 44).

“A **parte mais progressista e moderada do PT descobriu recentemente que jamais chegaria a lugar algum com aquela pregação ultrapassada de um modelo socialista para o Brasil**, num momento em que os regimes comunistas foram varridos do mundo inteiro a partir do fim dos anos 80, só deixando vestígios em duas ditaduras, a de Cuba e a da Coreia do Norte. Até o último momento o PT continuou fazendo oposição irresponsável ao governo Fernando Henrique Cardoso, mas às vésperas da eleição presidencial finalmente resolveu dizer que estava jogando a toalha” (FD2, SD5, VEJA, 03/11/2002, p. 44).

A revista dá destaque ainda aos “novos petistas”, figuras importantes que se filiaram ao partido nos últimos anos e o ajudaram a se renovar. *Ao invés de militantes, eles são técnicos, qualificados e competentes. Com eles, o PT conquistou espaços antes jamais imaginados*, como a prefeitura de São Paulo e, naturalmente, a presidência. O partido é caracterizado como uma estrela ascendente, ou seja, em uma trajetória *de baixo para cima*, que é o caminho percorrido da esquerda para o centro e que o levou ao poder. A comparação faz sentido, considerando que o símbolo do PT é justamente uma estrela.

“Com sua trajetória ascendente, o PT transformou-se num partido com muitas estrelas de primeira grandeza. A sigla reúne técnicos respeitados, como o economista Guido Mantega, responsável pelas principais idéias econômicas da plataforma eleitoral de Lula, e o agrônomo José Graziano, que conseguiu agregar grandes cabeças sobre questões agrícolas e produzir o prato de resistência do início do mandato de Lula – o projeto de combate à fome, chamado de Fome Zero. Um trabalho que o qualificou para ocupar o primeiro órgão anunciado por Lula, a Secretaria Nacional de Emergência Social” (FD2, SD3, VEJA, 03/11/2002, p. 43).

Considerando essa mudança como algo positivo, a revista chega até mesmo ao ponto de defender o PT. A oposição, representada na matéria por PFL e PSDB, nesse momento é mostrada como rancorosa e irresponsável, mesma posição que o partido ocupava no passado. Para *Veja*, essas manifestações são contraditórias, pois o que Lula e sua equipe estão fazendo é justamente uma continuidade das políticas de FHC, e era o que foi prometido e esperado durante a campanha.

“Na semana passada, os líderes tucanos e pefelistas, agora na oposição, armaram um circo para satirizar o caminho de austeridade escolhido pelo PT e fartamente premiado nas urnas. Fizeram galhofa dizendo que, agora, o salário mínimo teria de subir para 100 dólares e a alíquota do imposto de renda deveria ser reduzida, como sempre pregou o partido de Lula. ‘Vai ser curioso ver o PT defendendo um salário mínimo menor que 240 reais’, ironizou o deputado Jutahy Junior, líder do PSDB na Câmara. O PT por muito tempo defendeu essas bandeiras, com o propósito de constranger o presidente Fernando Henrique e firmar-se como defensor dos excluídos. Mas isso não justifica a atitude de tucanos e pefelistas.” (FD2, SD7, VEJA, 03/11/2002, p. 39-40)

E é justamente nesse ponto que chegamos à terceira FD, que mostra o otimismo de *Veja* em relação ao futuro presidente.

4.3.3.3 FD3 - GOVERNO DE LULA É PROMISSOR, APROXIMAÇÃO COM FHC

Diversas vezes, no passado, a revista *Veja* defendeu o governo Fernando Henrique Cardoso. Ele foi diretamente relacionado à fase estável na economia alcançada pelo país nos anos 1990, ao sucesso do Plano Real e o fim da superinflação¹⁴³. Durante a campanha o medo apresentado em relação a Lula era exatamente de que ele fosse acabar com essas conquistas, já que sua ideologia ia diretamente contra aquelas de FHC.

No entanto, dando continuidade ao sentido de que o PT passou por uma profunda mudança ideológica nos últimos anos e agora é comprometido com o capitalismo, *Veja* demonstra acreditar que Lula fará um bom governo. Ela faz diversas aproximações com o ex-presidente tucano, que vão desde sua equipe ministerial até as medidas de transição. Dessa maneira ela tranquiliza o leitor após as previsões alarmistas lançadas durante a campanha. A matéria legitima essa posição através de citações diretas de membros da alta cúpula do PT, incluindo, naturalmente, os “três mosqueteiros”.

“**Não haverá mudança nas metas de inflação**’, completou **Antônio Palocci, perseverando na linha da austeridade**” (FD3, SD2, VEJA, 03/11/2002, p. 40).

“**Sem as reformas tributária e previdenciária não haverá renegociação da dívida dos Estados**’, disse **José Dirceu**, usando apenas uma forma delicada de se recusar a abrir o cofre para governadores endividados, já que uma coisa não tem nada a ver com a outra” (FD3, SD1, VEJA, 03/11/2002, p. 40).

“FHC, reunido em Brasília com a equipe que dará informações ao novo governo, na transição mais civilizada do país: **tanto no grupo mais próximo de FHC quanto no de Lula, só há ‘paulistas’ e fundadores de partido.**” (FD3, SD5, VEJA, 03/11/2002, p. 40)

A aproximação feita pela revista abrange as medidas econômicas, *maior preocupação que se tinha sobre o PT*, como a manutenção das taxas de inflação e o comprometimento com as reformas legislativas. No entanto, ela vai além disso, partindo para as características pessoais de membros do governo: além das qualidades já explicitadas anteriormente, os conselheiros de Lula se inspiram naqueles de FHC, dividindo, portanto, suas ideias. Uma singela justificativa é dada ainda para essas informações não terem chegado ao leitor durante a campanha: se os petistas têm admiração pelos tucanos, isso é feito em seu íntimo e expressado apenas em locais reservados.

¹⁴³ Essa posição fica particularmente clara durante a análise da matéria de setembro, “Cristãos-novos do capitalismo”.

“Em conversas reservadas, Palocci até já comentou sua admiração pessoal por Armínio Fraga, atual presidente do Banco Central.” (FD3, SD8, VEJA, 03/11/2002, p. 44)

Veja lembra durante toda a matéria que a continuidade das medidas do governo FHC foi uma promessa na campanha petista, e, *ao que tudo indica*, ela será cumprida – e a revista cobra que isso aconteça. Com um pé atrás, comenta que *ainda* não se tem nenhum sinal de que o PT voltará ao seu passado de radicalismo, e seu governo *provavelmente* será um sucesso. No entanto, a aposta que faz é otimista, e nesse momento sua posição é de apoio ao novo presidente.

“Na posição de governo, o PT, agora, está lidando com o plano da realidade, e não do teatro político, como fez até anteontem. Nesse sentido, os cardeais do partido deram uma demonstração de realismo na semana passada, mantendo-se fiéis às promessas de austeridade feitas na campanha.” (FD3, SD4, VEJA, 03/11/2002, p. 40)

“Lula, em sua primeira visita a Brasília após a eleição presidencial, saúda militantes em frente ao Palácio do Planalto: **por enquanto, promessa cumprida.**” (FD3, SD3, VEJA, 03/11/2002, p. 39)

4.4 MATÉRIAS DE 2010

4.4.1 A IMPRENSA IDEAL DOS PETISTAS

Como vimos no 1º Capítulo, o governo Lula foi marcado por diversos escândalos de corrupção nos quais a revista *Veja* participou ativamente, fazendo denúncias e chegando a sugerir um *impeachment*. Essa mudança de postura ao longo dos anos, do entusiasmo de 2002 à oposição em 2010, pode ser vista logo na primeira matéria que nos propomos a analisar. O nome já é sugestivo: “A imprensa ideal dos petistas”. Na capa, a imagem de uma estrela vermelha (símbolo do PT) atacando o capítulo da Constituição brasileira que se refere à (liberdade de) comunicação.

Durante todo o texto, assinado por Fábio Portela (que é um dos editores da revista¹⁴⁴), é possível ver claramente uma oposição à figura do presidente Lula e de seu partido, especialmente no que se refere ao seu posicionamento e políticas sobre a mídia brasileira. É

¹⁴⁴ EXPEDIENTE. *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/expediente/>>. Acessado em 29/05/2012 às 1:18.

colocada uma oposição entre o governo petista e a imprensa livre, com o primeiro sendo caracterizado como mentiroso e “atacante” e a segunda, como inteligente e “se defendendo”.

Encontramos quatro FDs principais durante o texto, explicitadas a seguir:

FD1 - PT e Lula: Atacantes mentirosos e autoritários (15 SDs)

FD2 - Lula tentou dominar a mídia (10 SDs)

FD3 - Governo Dilma: risco de continuidade do autoritarismo (5 SDs)

FD4 - Oposição: legítima, inteligente, está se defendendo dos ataques (10 SDs)

4.4.1.1 FD1 - PT E LULA: ATACANTES MENTIROsos E AUTORITÁRIOS

Essa foi uma FD muito clara durante toda a matéria. A começar pelo título, “A imprensa ideal dos petistas”, acompanhado de uma imagem mostrando um teclado apenas com estrelas, já sugere oposição entre o PT e a imprensa livre, pois, *para o partido, ela deveria apenas dizer que eles querem*. Dessa forma, ele estaria se opondo ao próprio jornalismo.

“Desacorçoados com a revelação pela imprensa de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto, Lula e seu partido sacam do autoritarismo e atiram na imprensa, que acusam de ser golpista e de inventar histórias. Eles querem um jornalismo melhor? Não. Querem jornalismo nenhum” (FD1, SD2, VEJA, 29/09/2010, p. 75).

Os próprios verbos escolhidos durante o texto remetem à situação de atacante: “Lula e seu partido *sacam* do autoritarismo e *atiram* na imprensa”. Ao utilizar o verbo sacar, comumente usado para descrever o ato de tirar uma arma de fogo de seu coldre, o autor sugere que o autoritarismo seria uma arma, utilizada por “Lula e seu partido” contra a imprensa, que recebe o tiro. Ela é, dessa forma, vítima de um *ato violento*. Esse sentido é repetido em outras SDs:

“A queda provocou **uma violenta reação do governo**. Não contra os acusados de malfetorias e corrupção na Casa Civil, de onde emanaram os episódios mais cabeludos, mas **contra quem os denunciou**. Em uma série de comícios e entrevistas, **o presidente Lula dedicou a semana a desferir ataques contra a imprensa** com uma virulência inédita. Afirmou que os veículos de comunicação ‘inventam’ coisas e torcem ‘para o Lula fracassar’. **Vociferou contra jornais e revistas** que destilariam ‘ódio’ e prometeu ‘derrotar’ aqueles que ‘se comportam como se fosse um partido político’. Foi um passo perigoso” (FD1, SD4, VEJA, 29/09/2010, p. 75).

“Os ataques de Lula (setembro de 2010): Depois que a imprensa trouxe à tona os escândalos da Casa Civil, **Lula fez três discursos em que atacou os jornalistas**” (FD1, SD11, VEJA, 29/09/2010, p. 79).

Os motivos dos “ataques violentos” também são discutidos na matéria. Eles variam desde uma predisposição genética do partido em agir contra a imprensa até uma reação às diversas denúncias de corrupção feitas por ela. Essa reação, para a revista, seria um passo *para dentro do pântano da censura*, o que colocaria Lula *lado a lado de tiranetes* – ou seja, pequenos tiranos – *como Hugo Chávez, da Venezuela*. O uso de figuras de linguagem é frequente, sempre remetendo a situações negativas em que as atitudes de Lula o tornam *pior*.

“A estratégia de tentar controlar a imprensa está no DNA do PT” (FD1, SD13, VEJA, 29/09/2010, p. 76).

“Ao sujar suas botas nesse lodo, Lula se aproxima do que há de pior na política da América Latina. Trilha o caminho dos caudilhos e ombreia-se com tiranetes do porte de Hugo Chávez, o presidente venezuelano que, para não ver suas próprias contradições expostas, solapou jornais, emissoras de rádio e chegou a fechar o principal canal de TV da Venezuela, a RCTV” (FD1, SD6, VEJA, 29/09/2010, p. 75).

“Os reflexos da sucessão de escândalos que fizeram a lama subir até o gabinete mais próximo da Presidência da República e derrubaram até agora sete funcionários do governo fizeram-se sentir pela primeira vez nas pesquisas eleitorais divulgadas na semana passada” (FD1, SD3, VEJA, 29/09/2010, p. 75).

Por fim, a própria atitude de se colocar em oposição à imprensa demonstra o *mau-caráter* de Lula e do PT, que, ao invés de investigar as denúncias e os supostos criminosos, decidem ir contra o próprio ato de levar à tona os problemas de seu governo. E, *ao tentar suplantar a verdade, acabam se mostrando mentirosos*, a mesma acusação que Lula faz à imprensa.

“Na semana passada, num movimento concertado com os ataques presidenciais, o PT organizou uma manifestação contra o que chamou de ‘golpismo midiático’. Anunciado no site oficial do partido, **o ato convocava os filiados a enfrentar ‘a onda de baixarias** que visa forçar a ida de José Serra ao segundo turno’. **A ‘onda de baixarias’, bem entendido, eram as reportagens que revelaram, entre outros descabros, que petistas violaram o sigilo de pessoas próximas ao candidato do PSDB, José Serra, e que a família de Erenice Guerra, ex-ministra da Casa Civil e ex-braço direito de Dilma Rousseff, operava um balcão de negócios na soleira da porta do gabinete presidencial**” (SD1, FD7, VEJA, 29/09/2010, p. 77).

4.4.1.2 FD2 - LULA TENTOU DOMINAR A MÍDIA

Em diversas partes da matéria a revista afirma que, além de atacar a imprensa verbalmente, Lula também tomou ações práticas durante seu governo para tratar do assunto. Entre as piores, medidas estaria a tentativa de criar o Conselho Nacional de Jornalismo, que iria *controlar* a mídia, além de disciplinar e orientar jornalistas *de acordo com as ideias do PT*.

“Conselho Federal de Jornalismo (agosto de 2004): A missão do órgão que o governo tentou criar por meio do projeto de lei era ‘orientar, disciplinar e fiscalizar’ jornalistas - **ou seja, controlar a imprensa**. Diante das reações, o projeto foi engavetado” (FD2, SD7, VEJA, 29/09/2010, p. 79).

“A realizar-se o desejo do PT, o conselho iria ‘orientar, disciplinar e fiscalizar’ os jornalistas. **A ideia naufragou assim que foi revelada pela imprensa, mas não morreu nem foi enterrada**. Em diversas oportunidades, **o PT e o governo petista tentaram relançá-la** - repaginada, recauchutada ou disfarçada de ‘conselhos’ - aqueles órgãos que seriam formados por **uma certa ‘sociedade civil’ que ninguém jamais conseguiu enxergar fora do arco de alianças do partido** e que teriam como função, por exemplo, interferir na programação das emissoras de TV” (FD2, SD2, VEJA, 29/09/2010, p. 76-77).

Além da criação do CNJ, a matéria ainda destaca outras cinco ocasiões em que o governo teria tentado cercear a liberdade de imprensa (incluindo a tentativa de expulsar o jornalista norte-americano Larry Rohter, do *New York Times*, que fez uma matéria relatando o hábito de beber “excessivo” de Lula). Todas teriam ocorrido após jornalistas ou veículos de comunicação terem denunciado ou ofendido Lula e o PT de qualquer forma. A conclusão a que se chega: “Ele só quer elogios” (VEJA, 29/09/2010, p. 77).

4.3.1.3 FD3 - GOVERNO DILMA: RISCO DE CONTINUIDADE DO AUTORITARISMO

Essa é uma FD que não é recorrente em muitas partes da matéria, mas fica clara pelas dúvidas que se coloca sobre a visão da candidata na época Dilma Rousseff sobre a liberdade de imprensa. Ao mesmo tempo em que afirma que o PT quer dar continuidade ao “projeto de autoritarismo”, a matéria também defende Dilma, citando-a de forma positiva. Dessa forma, fica dúvida se seu governo realmente seguirá a mesma linha de Lula ou se ela, *ao contrário do antecessor*, realmente acredita na imprensa livre.

“Entre brados contra a ‘conspiração da imprensa’ disparados pelo presidente do PC do B, Renato Rabello, e discursos em defesa do ‘controle social da mídia’, feito pela deputada Luiz Erundina, do PSB, **chegou-se a uma conclusão que deixou exultantes os participantes: Lula não avançou o quanto poderia no controle da imprensa. Dilma, se eleita, deverá fazê-lo**” (FD3, SD1, VEJA, 29/09/2010, p. 78).

“A petista Dilma Rousseff apresentou-se bem mais comedida do que seus companheiros de partido: ‘A imprensa pode falar o que bem entender. Eu, o máximo que vou fazer quando achar que devo, é protestar dizendo: está errado o que disseram por isso, por isso e por isso. Usando uma coisa fundamental que é o argumento’. Dilma também rechaçou a mais explosiva das propostas do seu partido: ‘O único controle social da mídia que eu aceito é o controle remoto na mão do telespectador’. Se Dilma está sendo sincera em suas afirmações, não se sabe. Mas a ela, que nunca teve a oportunidade de exercer um cargo eletivo, cabe o benefício da dúvida” (FD3, SD2, VEJA, 29/09/2010, p. 79-80).

Nas SDs encontradas fica uma oposição entre Dilma e Lula/PT: Ela defende a liberdade de imprensa, mas seu partido e o antecessor *certamente* continuarão tentando levar adiante seu “projeto de poder”. Assim como em 2002 víamos contradições entre Lula (capitalista, responsável) e a base petista (socialista, radical), a revista cria novamente a mesma situação com Dilma, ainda que esse não seja o foco da matéria.

“Já em relação a certos representantes do alto-petismo restam apenas certezas, incluindo a de que, em um eventual governo Dilma, o partido insistirá na estratégia autoritária” (FD3, SD3, VEJA, 29/09/2010, p. 80).

4.3.1.4 FD4 - OPOSIÇÃO: LEGÍTIMA, INTELIGENTE, ESTÁ SE DEFENDENDO DOS ATAQUES

Durante o texto é feita uma clara oposição entre Lula/PT e a imprensa: enquanto um é *mentiroso, tirano e ataca de forma violenta*, a outra *traz a verdade à tona – ou seja, é honesta –, luta pela democracia e se defende dos ataques de jeito pacífico e inteligente*.

“Nos países democráticos, a liberdade de imprensa não é um assunto discutível, mas um dado da realidade. E nem eventuais opiniões divergentes, exageros e mesmo erros passíveis de arbitragem e punição cometidos por jornalistas podem pôr em risco o direito de informar, o dever de fiscalizar e de alertar para os abusos perpetrados por quem está no poder” (FD4, SD1, VEJA, 29/09/2010, p. 75).

Em passagens anteriores a revista havia citado Lula, que dizia ser ele mesmo atacado pela imprensa, que estaria “inventando mentiras” sobre ele. Além de deixar claro no início da matéria que isso não podia ser verdade, já que as denúncias feitas contra o governo são

apoiadas em “evidências irrefutáveis”, a revista ainda justifica qualquer deslize que possa ter sido feito: *mesmo quando erra, a imprensa não pode estar errada, pois o direito de informação está acima de tudo em uma democracia*. Dessa forma, qualquer governante que tente “calar a imprensa” estaria atentando contra o Brasil como Estado de Direito. Essa opinião é corroborada por citações de outros candidatos à presidência:

“Os principais candidatos **a presidente da República** também **repudiaram o cerco aos veículos de comunicação**. O **tucano José Serra**, em campanha no Mato Grosso, afirmou: ‘O que está incomodando este pessoal é o fato de que a imprensa está apresentando notícias que mostram abusos, desvios de dinheiro, nepotismo, maracutaia com dinheiro público, e esta imprensa incomoda os donos do poder. É somente isso. **Não há país democrático no mundo sem imprensa livre**’. A senadora **Marina Siva, do PV**, tratou do assunto em uma entrevista coletiva em São Paulo: ‘O presidente fez uma crítica à imprensa que é contraditória com toda a sua trajetória. **Considero fundamental a cobertura da imprensa**’” (FD4, SD6, VEJA, 29/09/2010, p. 79).

“**O Extra satiriza os ataques de Lula. Dilma Rousseff** (atrás, candidato do PSOL, Plínio Arruda Sampaio), **felizmente, discorda**: ‘A imprensa pode falar o que bem entender. O único controle social da mídia que eu aceito é o controle remoto na mão do telespectador’” (FD4, SD10, VEJA, 29/09/2010, p. 77).

Colocado no lado contrário de outros políticos e aspirantes à presidência da República, Lula acaba ficando em uma posição de deslegitimação: ao lado dele, ditadores (FD1); contra, membros ativos da democracia, os candidatos das eleições – o que inclui Dilma, que é de seu partido. Na FD1 também vimos que foi criada uma imagem de mentiroso e violento ao presidente. Para a oposição, vemos um tratamento oposto:

“**Os ataques de Lula contra a imprensa** levaram o **jornal carioca Extra**, das Organizações Globo, a estampar na sua capa **uma crítica tão bem-humorada quanto precisa**. Na sexta-feira, o jornal circulou com uma carta de baralho em que Lula aparecia como o Rei. Sobre a extremidade superior da carta, a manchete dizia: ‘Lula é bonito - Essa é a manchete para quem acha que o papel da imprensa é bajular os donos do poder e, por isso, deve publicar apenas notícias positivas do governo. Denúncias de falcatruas são um abuso, uma forma de conspiração’. Na outra extremidade do baralho, escrito de ponta-cabeça, vinha a contraposição: ‘Bonito, hein, Lula... - Essa é a manchete para os que acham que o papel da imprensa é fiscalizar os atos de qualquer governo, denunciando os desvios e lembrando que eles não estão acima do bem e do mal’” (FD4, SD3, VEJA, 29/09/2010, p. 75-76).

A capa não possui adjetivos atribuídos a ela, mas é reproduzida na matéria e uma de suas frases, “Bonito, hein, Lula...”, é repetida pelo autor. Dessa forma, há um posicionamento de *Veja* ao lado do jornal *Extra* – ambos representantes da imprensa, aquela que está sendo

atacada –, feito através da citação de partes de seu discurso de forma integral. Também são citadas outras oposições ao presidente, compostas de pessoas “notáveis”:

“Em contrapartida à investida do governo e do PT, **um grupo de notáveis se organizou para repudiar os ataques contra a liberdade de imprensa.** O grupo incluía, além de representantes históricos da esquerda, como **o jurista Hélio Bicudo, um dos fundadores do PT,** nomes como **o do arcebispo emérito de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns,** e dos **ex-ministros da Justiça Paulo Brossard, Miguel Reale Junior, José Carlos Dias e José Gregori.** Reunido no centro de São Paulo, no Largo São Francisco, em frente à Faculdade de Direito, o grupo presenciou a leitura de um manifesto em defesa da democracia lido por Hélio Bicudo” (FD4, SD4, VEJA, 29/09/2010, p. 78).

“O contrapeso à corrente de Franklin dentro do partido é liderado pelo **ex-ministro da Fazenda, Antonio Palocci, coordenador da campanha de Dilma.** Em 2003, ele fez parte da campanha de Lula e foi o fiador da estabilidade econômica no governo. Espera-se que, em um eventual novo governo petista, seja também um fiador da estabilidade democrática” (FD4, SD7, VEJA, 29/09/2010, p. 80).

Na SD acima a corrente de Franklin (Martins)¹⁴⁵ seria a dos contrários à liberdade de imprensa, já que ele é caracterizado como “o mentor” do projeto de criar o Conselho Nacional de Jornalismo. Antônio Palocci, assim como Dilma, é colocado na oposição de Lula, além de ser lembrado também como o “fiador da estabilidade econômica do governo” em 2003 – algo que, como já vimos nas análises de 2002, é positivo.

Entre a FD4 e a FD1, então, é criada uma situação maniqueísta: de um lado Lula e parte do PT tentando atacar a imprensa de forma violenta; do outro, a própria imprensa e os membros “mais lúcidos” do partido, que defendem a democracia. Essa dualidade nos acompanha ainda no próximo texto selecionado.

4.3.2 INTRIGAS DE ESTADO

Assim como a matéria anterior, esta é assinada, dessa vez por Gustavo Ribeiro, repórter de *Veja*¹⁴⁶. Seu tema envolve denúncias de que funcionários de altas escalas do governo estariam se utilizando do Estado para fins pessoais e partidários. Ela dá continuidade a uma série de matérias publicadas em setembro que acusavam o PT de “ter tomado o controle da República”¹⁴⁷. Após uma interrupção de três edições (que falaram sobre as

¹⁴⁵ Uma das fontes utilizadas nesta pesquisa para tratar sobre Jornalismo Político, por sinal.

¹⁴⁶ EXPEDIENTE. Op. Cit.

¹⁴⁷ “O partido do polvo”, 08/09/2010, “O polvo no poder”, 15/09/2010, e “A alegria do polvo”, 22/09/2010. Aquele mês foi fechado com a capa “A liberdade sob ataque”, em 29/09/2010, matéria que analisamos anteriormente.

eleições), a revista voltou a tratar desse tema, quatro dias antes do pleito que decidiu o segundo turno daquele ano.

Este texto traz uma oposição ainda mais forte entre dois lados: os criminosos, que utilizam o poder público para difamar seus adversários, e as vítimas, que têm sua privacidade violada ou são punidos por não concordar com essas práticas. Notamos uma forte presença da figura de *Veja* na matéria, que é citada sempre por “trazer a verdade à tona”, o que lhe confere uma figura de *detetive* (ou policial) que *pega os criminosos*. Assim, dividimos as FDs de acordo com os personagens que encontramos no texto:

FD1 – Criminosos (18 SDs)

FD2 – Vítimas (10 SDs)

FD3 – Cúmplices (5 SDs)

FD4 - *Veja* caça os criminosos (10 SDs)

4.3.2.1 FD1 – CRIMINOSOS

Escolhemos esse nome para a FD porque é exatamente essa a ideia que é passada por *Veja* na matéria: PT, Lula e seu governo são criminosos. E mais, utilizam o aparato público para seus próprios interesses, *tomando o controle da República*. Diversas características negativas são creditadas a eles de forma clara e até agressiva. Em dado momento, Lula não é tratado como o presidente, e sim como “o militante petista que ora ocupa a Presidência da República”. Dessa forma, há um distanciamento entre a figura de Lula e do Estado: ele não é *o presidente*, e sim *um militante ocupando um cargo*.

“A reportagem que se vai ler a seguir não foge à regra. Ela revela, talvez da maneira mais clara até hoje, o tipo de governo produzido pela **mentalidade petista de se apossar do estado, aparelhá-lo e usá-lo em seu benefício partidário**” (FD1, SD2, VEJA, 27/10/2010, p. 70).

“Como ‘previu’ **o militante petista que ora ocupa a Presidência da República**, horas depois de sua entrevista apareceram as tais ‘novidades’. Um delegado anunciou que, com a identificação de Amaury, o caso estava encerrado, já que o ex-jornalista, ao violar o sigilo, ainda era funcionário do jornal O Estado de Minas, portanto não haveria nenhuma ligação com a campanha do PT” (FD1, SD18, VEJA, 27/10/2010, p. 74).

O crime, como já vimos, seria exatamente utilizar o Estado para servir a seus próprios interesses. O foco da matéria é o Ministério da Justiça, caracterizado como “um dos mais antigos e venerandos ministérios da República” (p. 70). Nesse sentido temos mais uma relação simbólica: o PT estaria usando o ministério da Justiça para praticar “injustiças”, ou

seja, para burlar a lei. Isso em si já dá dimensões muito maiores a seus atos, pois, além de vitimar outras pessoas, o partido também estaria atentando contra uma instituição respeitável e tradicional, o que é em si um crime contra o próprio Brasil e a República. São citados nomes históricos como dom Pedro I (primeiro imperador do país, que declarou a independência de Portugal), Rui Barbosa (ajudou a construir a República do Brasil) e Tancredo Neves (ex-presidente), o que evoca ainda mais o sentido de *instituição respeitável que foi maculada pelos petistas*.

“É conhecido o desprezo que o PT nutre pelas instituições republicanas, mas o que se tentou no Ministério da Justiça, criado em 1822 por dom Pedro I, ultrapassa todas as fronteiras da decência. Em quase 200 anos de história, o ministério foi chefiado por homens da estatura de Rui Barbosa, Tancredo Neves e quatro futuros presidentes da República. **O PT viu na tradicional instituição apenas mais um aparelho a serviço de seu projeto de poder**” (FD1, SD4, VEJA, 27/10/2010, p. 70).

“As conversas e sua vinda a público funcionam como o poder de limpeza da luz do sol sobre os porões. Elas são reveladoras da triste realidade vivida por instituições respeitadas quando passam a ser aparelhadas por integrantes de um projeto de poder” (FD1, SD14, VEJA, 27/10/2010, p. 73).

A palavra “desprezo”, utilizada mais de uma vez durante a matéria, mostra um criminoso que não apenas comete seus crimes porque isso lhe é vantajoso, mas porque *não tem respeito e não se importa com os valores e as leis tradicionais do país*. Termos como “República” e o nome de dom Pedro I, o homem que declarou a independência do Brasil, evocam sentimento de patriotismo, levando o leitor a sentir o orgulho de *seu* país ferido. E quem o fez foram “os petistas”.

Neste grupo são incluídos Lula, Franklin Martins (já citado na matéria de setembro como *ex-sequestrador e ex-jornalista*, mentor do projeto que “cercearia” a imprensa) e Luiz Fernando Corrêa, diretor da Polícia Federal, acusado de utilizar recursos da polícia para grampear¹⁴⁸ autoridades sem autorização. Os mentores dos crimes seriam Dilma Rousseff (que estava concorrendo nas eleições presidenciais) e Gilberto Carvalho, chefe do gabinete da Presidência.

“RELAÇÕES PERIGOSAS: As conversas às quais VEJA teve acesso mostram que **o braço direito do presidente Lula, Gilberto Carvalho, e a candidata à Presidência Dilma Rousseff tentaram usar o Ministério da Justiça para executar ‘tarefas absurdas’**” (FD1, SD1, VEJA, 27/10/2010, p. 69).

¹⁴⁸ Monitorar ligações telefônicas.

“As ordens emanam do coração do governo - do chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho, e da candidata a presidente, Dilma Rousseff” (FD1, SD7, VEJA, 27/10/2010, p. 71-72).

O crime, enfim, teria sido cometido tendo em vista a campanha de Dilma à presidência, com a revelação de dados bancários de membros do PSDB para prejudicá-los. Considerando que a matéria foi publicada em momento crítico da campanha, na última semana antes do Segundo Turno – que estava sendo disputado contra José Serra –, vemos um certo apoio de *Veja* à eleição tucana, com Serra sendo colocado entre as “vítimas” dos “esquemas do PT” comandados por sua adversária, Dilma Rousseff.

4.3.2.2 FD2 - VÍTIMAS

Ao contrário dos *criminosos*, que *desrespeitam a República*, as vítimas dos crimes cometidos pelo PT são vistos como defensores do Ministério da Justiça que foram punidos por se opôr às “patifarias”. O mais destacado entre eles é Romeu Tuma Júnior, que deixou o cargo de secretário nacional de Justiça devido a denúncias de envolvimento com a máfia chinesa – arquivadas por falta de provas, como mostra a matéria. Além dele, também Pedro Abramovay, que na época substituía Tuma, é mostrado em trechos do texto como profissional virtuoso que teve sua carreira ameaçada pelo PT.

“Acrescentou Tuma: ‘Há um jogo pesado de interesses escusos. Para atingir determinados alvos, lança-se mão, inclusive, de métodos ilegais de investigação. **Ou você faz o que lhe é pedido sem questionar, ou passa a ser perseguido. Foi o que aconteceu comigo**’, afirma o ex-secretário, que deixou a pasta em junho, depois que vieram a público denúncias de que teria relacionamento com a máfia chinesa. **Tuma Júnior atribui a investigação contra si — formalmente arquivada por falta de provas — a uma tentativa de intimidação por parte de pessoas que tiveram seus interesses contrariados.** Ele não quis revelar quais seriam esses interesses: ‘Mas posso assegurar que está tudo devidamente documentado’” (FD2, SD6, VEJA, 27/10/2010, p. 72).

“‘Não aguento mais receber pedidos da **Dilma e do Gilberto Carvalho** para fazer dossiês. (...) Eu quase fui preso como um dos aloprados’, disse Pedro Abramovay, secretário nacional de Justiça, em conversa com seu antecessor, Romeu Tuma Júnior. **Abramovay é considerado um servidor público exemplar, um ‘diamante da República**’, como a ele se referiu um ex-ministro. Aos 30 anos, chegou ao Ministério da Justiça no início do governo Lula pelas mãos do ex-ministro Márcio Thomaz Bastos. **A frase dele pode confirmar essa boa reputação, caso sua ‘canseira’ tenha se limitado a receber pedidos e não a atender a eles**” (FD2, SD3, VEJA, 27/10/2010, p. 71).

Além de funcionários do Ministério da Justiça, que foram vítimas por terem suas carreiras ameaçadas, há também os membros do PSDB. A matéria cita não apenas os políticos e candidatos, mas também seus familiares e amigos, trazendo ao “crime” pessoas que, além de tudo, não fazem parte do “jogo político”. Em especial Serra acaba tendo sua imagem mais humanizada, já que ele teria sido “violado” em sua vida pessoal.

“Em junho passado, VEJA revelou que o comitê de campanha de Dilma Rousseff arregimentou um grupo de **arapongas para espionar o candidato José Serra, seus familiares e amigos.**” (FD2, SD10, VEJA, 27/10/2010, p. 73)

4.3.2.3 FD3 - CÚMPLICES

Há figuras na matéria que são colocadas claramente na categoria “criminoso” ou “vítima”. No entanto, alguns possuem papéis ambíguos: colaboram com as “arapongas”, mas não são seus mentores e nem se beneficiam diretamente com isso. É o caso de Pedro Abramovay, que em certos trechos é tratado como vítima e em outros como cúmplice. É uma posição que a própria revista trata como controversa. Ele seria o “cúmplice”, sem coragem o suficiente para realmente se impôr frente aos problemas e nem disposição para realmente se envolver com eles.

“Mesmo um alto funcionário com excelente imagem não pode ficar ao mesmo tempo com a esmola e o santo. Em algumas passagens da conversa, Abramovay se mostra assustado diante das pressões externas e **diz que pensa em deixar o governo. Não deixou. Existem momentos em que é preciso escolher.** Antes de chegar ao ministério, ele trabalhou no gabinete da ex-prefeita Marta Suplicy, na liderança do PT no Senado e com o senador Aloizio Mercadante. Vem dessa etapa da carreira a explicação para a parte da frase em que ele diz ‘quase fui preso como um dos aloprados’. A frase nos leva de volta à **campanha eleitoral de 2006, quando petistas foram presos em um hotel ao tentar comprar um dossiê falso contra José Serra.** A seu interlocutor, **Abramovay sugere ter participado do episódio e se arrependido, a ponto de temer pedidos semelhantes vindos agora do Palácio do Planalto.** Ele disse que quase foi preso na época do escândalo e que, por isso, teve de se esconder para evitar problemas. ‘Deu ‘bolo’ a história do dossiê’, comenta. **Em pelo menos três ocasiões, Abramovay afirma que não está disposto a novamente agir de forma oficiosa.** E justificou: ‘...os caras são irresponsáveis’” (FD3, SD2, VEJA, 27/10/2010, p. 71).

Sua integridade é colocada diretamente em oposição a Tuma. Foi mostrado anteriormente na matéria que o ex-secretário perdeu o cargo exatamente por ser contra o que estava acontecendo. Abramovay nega ter feito parte dos dossiês, mas ele o contradiz.

“Procurado por VEJA, Abramovay disse: **‘Nunca recebi pedido algum para fazer dossiês, nunca participei de nenhum suposto grupo de inteligência da campanha da candidata Dilma Rousseff e nunca tive de me esconder** — ao contrário, desde 2003 sempre exerci funções públicas” (FD3, SD3, VEJA, 27/10/2010, p. 72).

“Romeu Tuma Júnior, seu interlocutor, porém, confirmou integralmente o teor das conversas: ‘O Pedro reclamou várias vezes que estava preocupado com as missões que recebia do Planalto. **Ele me disse que recebia pedidos de Dilma e do Gilberto para levantar coisas contra quem atravessava o caminho do governo**” (FD3, SD4, VEJA, 27/10/2010, p. 72).

4.3.2.4 VEJA CAÇA OS CRIMINOSOS

As denúncias colocadas por *Veja* em sua matéria são sérias e poderiam ser disputadas por leitores mais incrédulos. No entanto, a própria revista prevê essa possibilidade e garante sua própria integridade. Dessa forma, ela mesma se coloca na história, fazendo o papel de *policia*l que está mostrando os *criminosos* para a sociedade. Seu valor é ainda mais aumentado pelo reconhecimento de outros veículos de imprensa, citados através da agência Reuters, do Reino Unido (um agente externo, e, portanto, sem opinião sobre o assunto).

“Estamos a menos de uma semana das eleições e, como escreveu o correspondente Stuart Grudgings, da agência noticiosa Reuters, políticos e jornalistas correrão às bancas mais próximas para ver se será esta a edição de VEJA que vai abalar a liderança de Dilma Rousseff nas pesquisas eleitorais. Embora a análise do funcionário da Reuters demonstre um total desconhecimento do que seja jornalismo, atividade em que os fatos fazem as notícias e não o contrário, ele acertou em seu diagnóstico a respeito da ansiedade que as capas de VEJA provocam no meio político” (FD4, SD1, VEJA, 27/10/2010, p. 70).

“Os diálogos aos quais a reportagem teve acesso foram gravados legalmente e periciados para afastar a hipótese de manipulação” (FD4, SD5, VEJA, 27/10/2010, p. 71).

Seu discurso durante a matéria garante ao leitor de que está contando a verdade, certeza que em si não deveria ser necessária, já que, como vimos, o jornalismo – idealmente – pressupõe um leitor que acredite no jornalista e um jornalista que não minta. Não fica explicitado se essa justificativa é feita devido a algum episódio anterior que tenha posto em risco a credibilidade de *Veja* ou simplesmente porque achou importante. No entanto, ela fortalece ainda mais as denúncias, pois é mais uma garantia de que são verdadeiras.

4.3.3 LULA E O FUTURO DO LULISMO

Mais leve do que as duas matérias anteriores, “Lula e o futuro do lulismo” foi publicada no dia 2 de novembro, após o término das eleições. Nela, pode-se ver características mais pessoais atribuídas ao presidente, que perde a roupagem de “criminoso” ou “autoritário” e passa a ser mostrado pela forma como age fora do cargo. Ainda assim, em geral vemos uma posição negativa em relação a ele, sendo dado maior foco à forma como trata as “regalias” de seu posto do que a maneira como o exerce. Identificamos também uma leve crítica em relação ao Mensalão que acaba se inserindo no sentido geral da matéria.

As FDs que identificamos são expressadas de forma mais sutil:

FD1 - Lula se acostumou às regalias e quer mantê-las (12 SDs)

FD2 - Lula se considera mais importante do que é (8 SDs)

FD3 - Lula quer continuar influente na política (9 SDs)

FD4 - Lula não foi um grande presidente (18 SDs)

4.3.3.1 FD1 - LULA SE ACOSTUMOU ÀS REGALIAS E QUER MANTÊ-LAS

Já no primeiro parágrafo da matéria *Veja* deixa bem claro: Lula não está feliz em deixar a presidência. É comentado de que ele chorou em público e declarou não querer deixar o cargo. Durante o resto do texto são dadas duas explicações para isso, e uma que achamos com bastante frequência é a de que Lula não está disposto a deixar para trás as “regalias” de ser presidente. Esse sentido é demonstrado em diversas passagens e não fica exatamente explícito no texto, mas pode ser visto através de certas relações feitas:

“Referindo-se ao fato de ser aquele o último aniversário que celebraria antes de passar a faixa presidencial adiante, afirmou: ‘Com toda a sinceridade, preferia que este dia não tivesse chegado’. Na última semana, ele chorou quatro vezes em público” (FD1, SD12, VEJA, 03/11/2010, p. 73).

“Lula entregará o cargo ao seu sucessor em 1º de janeiro. Para o Brasil, será o fim de uma era. Para ele, uma mudança pessoal tão brusca quanto a que enfrentou quando subiu pela primeira vez a rampa do Palácio, oito anos atrás. A rotina diária, com todos os seus detalhes, será a primeira coisa a amanhecer diferente em 2 de janeiro. Ao acordar, por exemplo, Lula não terá tido a visita noturna do funcionário destacado para dirigir-se ao quarto do presidente nas madrugadas com a função de verificar se o mandatário da nação repousa tranquilo. Lula gosta de contar do susto que levou na primeira noite que passou no Palácio da Alvorada. ‘Estava

dormindo e, de repente, vi aquele sujeito no meu quarto. Só depois descobri que ele estava passando para ver se estava tudo bem” (FD1, SD1, VEJA, 03/11/2010, p. 73-74).

“**Hoje**, muitas madrugadas depois, **ele se sente tão a vontade no palácio** que, ao convidar assessores e amigos para visitá-lo, costuma dizer apenas: ‘**Passa lá em casa**’. Quando recebe novas visitas, **gosta de exibir os tapetes e mostrar as vastas estantes de livros da biblioteca**. ‘Já li todos’, diz, brincando” (FD1, SD2, VEJA, 03/11/2010, p. 74).

“Momentos para lembrar: **Lula joga futebol no Palácio do Planalto**, em foto de 2003, e é aclamado no Nordeste. À direita, em visita ao Egito, em 2003. Ao lado, no **Aerolula, o jato de que sentirá saudade**” (FD1, SD7, VEJA, 03/11/2010, p. 78).

Vemos nas passagens acima três momentos: Lula, quando chegou à presidência, oito anos antes, passou por uma *mudança brusca*. De que para quê? “Um grande susto” foi quando se deparou com um funcionário designado especialmente para ver se dormia tranquilo durante a madrugada, sinal de que isso *lhe era estranho*. “Hoje”, no entanto, *está completamente à vontade*. Já trata o Palácio da Alvorada como *casa*. A mudança sugerida pela revista, então, vai de uma realidade no mínimo menos privilegiada para uma de maiores confortos, com funcionários especiais para servi-lo e uma casa luxuosa. E fica sugerido que Lula gostava disso. Afinal, ele “gosta de exibir os tapetes e mostrar as vastas estantes de livros da biblioteca”, ou seja, aquela casa *lhe dá prazer*. E chegamos então ao terceiro momento: essas “regalias” chegaram ao fim, e ele não está satisfeito. A prova são suas próprias palavras, dizendo que gostaria que “este dia não tivesse chegado”.

Uma outra forma que esse sentido é expressado no texto é o projeto futuro atribuído ao então presidente: Lula irá criar um instituto que leva seu nome, “ao molde do que outros presidentes já fizeram”. Alguns detalhes sobre a sede da instituição deixam parecer que ele irá tentar recriar, ao menos em parte, o ambiente que tinha no Palácio da Alvorada.

“Sua equipe se instalará na capital paulista em **endereço de cartão-postal: uma confortável casa de três andares, com vista para o Parque do Ibirapuera**. O imóvel já foi comprado e teve a reforma iniciada” (FD1, SD5, VEJA, 03/11/2010, p. 76).

“O pecuarista **José Carlos Bumlai, fornecedor da carne dos churrascos do Palácio da Alvorada, foi destacado para fiscalizar as obras**, que incluem a construção de um memorial da Presidência, salas para reunião e arquivos e espaço para os presentes que ele recebeu. **O instituto contará com duas suítes para Lula e pessoas de sua intimidade**” (FD1, SD6, VEJA, 03/11/2010, p. 76).

O sentido que se leva dessas passagens, assim, é de que, no mínimo, Lula se acostumou bem às “regalias” que vieram com a presidência, e tentará mantê-las no futuro,

quando deixar o cargo. A própria capa da edição mostra a figura do presidente desenhado como caricatura, de shorts, boné, chinelo, uma água de côco nas mãos e a faixa da presidência estampada no peito. A indagação: “Ele sairá da Presidência, mas a Presidência sairá dele?”. Vimos que essa pergunta não se refere apenas ao cargo como presidente, mas também das posses materiais que vêm com ele.

4.3.3.2 FD2 - LULA SE CONSIDERA MAIS IMPORTANTE DO QUE É

Este sentido pôde ser visto de forma relativamente clara quando a matéria aborda o futuro do presidente. Como já vimos, ficou dito que ele irá abrir um instituto com seu nome. Isso não é criticado, visto que é lembrado que outros presidentes fizeram projetos semelhantes. *Ao contrário dos outros*, no entanto, seu instituto terá propósito *narcisista*:

“Diante disso, Lula optou por um plano B. **Abrirá um instituto que levará seu nome, nos mesmos moldes daquele que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso montou ao deixar o poder.** O tucano seguiu o exemplo do ex-presidente americano Jimmy Carter, ganhador do Nobel da Paz de 2002 e até hoje cultuado como o melhor ex-presidente dos Estados Unidos. **Bill Clinton, depois de deixar o cargo, em 2001, também criou um instituto de finalidades humanitárias. O de Lula cuidará do acervo de sua passagem pela Presidência e das obras do Instituto Cidadania, ligado ao PT e que já foi presidido por ele**” (FD2, SD5, VEJA, 02/11/2010, p. 75-76).

Fica clara a comparação: enquanto Fernando Henrique Cardoso, Jimmy Carter e Bill Clinton criaram instituições com propósitos humanitários, Lula irá abrir um que *exalta seu mandato e seus próprios projetos pessoais do passado*. Esse sentido pode ser visto ainda quando é comentado sobre o que seria seu “plano A”, fazer parte de algum órgão importante da política internacional, uma *pretensão que colidiu com a realidade*.

“Embora negue em público, **o presidente cultivou planos de comandar algum órgão relevante da política internacional**, como a ONU, o Banco Mundial ou a FAO, agência da ONU para agricultura e alimentação. **Os projetos, porém, colidiram com a realidade** - Lula não conseguiu apoio suficiente para eles. Em maio, o presidente reuniu-se no Rio de Janeiro com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, para expor **sua pretensão. Ouviu que ela era inviável, dado que esses cargos costumam ser ocupados por diplomatas de carreira**” (FD2, SD2, VEJA, 02/11/2010, p. 74-75).

“Além disso, **o alinhamento do Brasil com governos totalitários** como os de Cuba, Irã e Venezuela **enfraqueceu o presidente junto a comunidade internacional** que define quem vai para onde” (FD2, SD3, VEJA, 02/11/2010, p. 75).

“Ban Ki-moon chegou a oferecer a Lula o comando de uma ação que a ONU desenvolverá para combater o aquecimento global, ao lado da alemã Angela Merkel, mas a proposta não animou o presidente” (FD2, SD4, VEJA, 02/11/2010, p. 75).

O sentido atribuído a Lula nessas passagens fica então de homem “pretensioso”, que acha ser mais importante do que é: ele *não é diplomata de carreira* (ou seja, não estudou a área e não tem experiência), *seu governo não foi bom na área internacional* (afinal, não agradou à comunidade de gente que “entende do assunto”) e, *ainda por cima*, quer chefiar algum órgão importante, como a ONU ou o Banco Mundial. Um último toque é dado a essa imagem: Ban Ki-moon *chega a oferecer* o comando de uma ação importante sobre aquecimento global, mas ele recusa – não fica animado com a proposta, ou seja, *ela não lhe interessa*.

4.3.3.3 FD3 - LULA QUER CONTINUAR INFLUENTE NA POLÍTICA

A própria “pretensão” de Lula em fazer parte de algum órgão importante da diplomacia internacional já nos leva a essa FD: ele quer continuar influente na política. Nomes conhecidos, como a ONU e o Banco Mundial – que em si já tem grande conotação: o banco do mundo –, são citados. Mesmo que o leitor não conheça sobre diplomacia, sabe através da matéria que eles são importantes, pois, ao que parece, *estão acima do patamar de Lula*. No entanto, mesmo que tenha sido recusado para fazer parte do cenário político mundial, a matéria mostra que há chances de ele desejar continuar influenciando em caráter nacional.

“Uma vez acomodado em seu novo escritório, Lula promete voltar a por o pé na estrada. Quer viajar pelo interior do país para ver os resultados do seu governo. O plano é **reeditar a Caravana da Cidadania, que ele organizou para se preparar para a eleição presidencial de 1994**” (FD3, SD4, VEJA, 03/11/2010, p. 76).

“A segunda questão demorará um pouco mais para ser respondida: **concorrerá Lula à Presidência em 2014? São muitos os indícios de que sim**, a começar pelo fato de **onze entre dez interlocutores do presidente apostarem na tese**. ‘Nenhum animal político do peso do Lula veste o pijama aos 65 anos’, diz o **cientista político Paulo Fábio Dantas**, da Universidade Federal da Bahia” (FD3, SD7, VEJA, 03/11/2010, p. 78).

Ele está *reeditando* um projeto de quando ele fazia campanha para a presidência, em 1994. Seria indício de que ele estaria pensando em concorrer em 2014? *Tudo indica que sim*, já que “11 entre 10” pessoas perto dele apostam nisso. A opinião é reforçada com citação de

um cientista político, ou seja, uma autoridade no assunto. Sua fala também é interessante: chama Lula de “animal político”. Com isso, podemos entender que *a política faz parte da natureza da Lula*.

4.3.3.4 FD4 - LULA NÃO FOI UM GRANDE PRESIDENTE

Nossa última FD funciona como um fechamento do governo Lula: ele não foi um grande presidente. Para chegar a essa conclusão podemos pegar uma passagem já utilizada, em que a matéria fala sobre a criação do Instituto Lula. Ele é comparado a Jimmy Carter, “cultuado como o melhor ex-presidente dos Estados Unidos”, sendo colocado em oposição a ele: enquanto Carter criou uma entidade com fins humanitários, Lula o fez para exaltar a si mesmo. No entanto, para chegar a esse sentido, fazemos uso principalmente da FD anterior, em que vimos que ele pretendia continuar na política, de acordo com a matéria. É nesse ponto que temos SDs mais reveladoras:

“Desde a redemocratização, **a maioria dos presidentes que deixaram o cargo não conseguiu deixar a política, mesmo quando os eleitores os abandonaram.** José Sarney teve de mudar seu domicílio eleitoral para o Amapá para se eleger senador. **Fernando Collor, após ter sido apeado do poder, perdeu uma eleição até se eleger senador por Alagoas.** Itamar Franco tentou, sem sucesso, voltar à Presidência e se contentou em eleger-se governador e senador. A história da América Latina registra um caso em que a dificuldade de desencarnar do poder atingiu o paroxismo. Entre 1960 e 1996, **o dominicano Joaquín Balaguer cumpriu sete mandatos presidenciais em seu país. No penúltimo, já estava cego e praticamente surdo, o que não o impediu de governar até o fim, concorrer e vencer na eleição seguinte (acusado de fraudar o pleito, como da vez anterior) e, em 2000, aos 94 anos de idade, disputar a Presidência pela derradeira vez, com a saúde completamente debilitada.** Foi derrotado e morreu dois anos depois” (FD4, SD5, VEJA, 03/11/2010, p. 78).

Além de citar ex-presidentes brasileiros dos quais não podemos fazer julgamento, pois não lhes é atribuído sentido (Itamar Franco, José Sarney), a revista também lembra o caso de Fernando Collor: o presidente que sofreu *impeachment*. Isso não é citado diretamente, sendo dito apenas que ele foi “apeado do poder”. Ainda, conta um caso que mostra exagero no apego pelo poder, o de um homem que governou por 36 anos, sempre se reelegendo – e acusado de utilizar fraude para isso. Dessa forma, o apego pelo poder é comparado a algo velho, caquético, de maus-políticos que não sabem a hora de se aposentar. E, como a matéria já mostrou (FD3), Lula tem apego pelo poder. Essa figura é contrastada por Fernando Henrique Cardoso, que em matérias anteriores foi visto com bons olhos pela revista:

“No Brasil, o **único ex-presidente que controlou a tentação de disputar eleições foi Fernando Henrique**, que se manteve como conselheiro do seu partido, o PSDB” (FD4, SD6, VEJA, 03/11/2010, p. 78).

“Os cientistas políticos acreditam que a resposta para essa pergunta independe de quem será seu sucessor. Ela está vinculada unicamente à posição que o presidente assumir daqui para a frente. **Se ele de fato se afastar da política, como chegou a prometer, o lulismo tenderá a esmaecer. Como o getulismo, vai se resumir a uma referência histórica - um quadro na parede**” (FD4, SD2, VEJA, 03/11/2010, p. 76-78).

“Se, no entanto, Lula trocar os dias de descanso em seu sítio pela militância política em qualquer esfera, **vai assombrar quem quer que ocupe a cadeira que foi sua - como oposição ou influência, não necessariamente solicitada**” (FD4, SD3, VEJA, 03/11/2010, p. 78).

Assim, não continuar na política é mostrado como “controlar a tentação”, ou seja, uma atitude comedida, pensada. E quem não consegue fazê-lo *tende ao exagero*, podendo acabar com 94 anos disputando uma eleição após 30 no poder. Isso é atribuído também a Lula, que, caso opte por voltar à “militância”, irá “assombrar” seu sucessor, que *não necessariamente* teria pedido por sua ajuda. São colocadas duas perspectivas então: ou Lula abandona a política e, assim como Getúlio Vargas, “entra na história”, ou irá se tornar uma projeção fraca de si mesmo, um “fantasma assombrando os vivos”. No entanto, como já vimos que ele de fato parece ter tendência de continuar atuante, *é provável* que a segunda alternativa se torne verdadeira.

Além dessas comparações, encontramos uma leve crítica que julgamos digna de nota: em um *box* na página 74, temos o título “Todos os homens do ex-presidente”, falando dos funcionários e assessores que continuarão trabalhando para Lula após o fim do mandato. Isso é uma clara referência ao livro **Todos os homens do presidente**, escrito em 1974 e adaptado para o cinema com o mesmo nome em 1976. A obra fala sobre o Caso Watergate, nos Estados Unidos, quando o presidente Richard Nixon se viu forçado a renunciar devido a denúncias de espionagem ao Partido Democrata, da oposição.

A comparação é emblemática: o caso foi um escândalo denunciado pela imprensa, resultado de investigação dos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, do *The Washington Post*. Foi na edição anterior de *Veja* que foi feita denúncia semelhante sobre a criação de dossiês sobre o candidato tucano José Serra, da oposição. Na matéria, que nós também analisamos, vimos que a revista se colocava ativamente no caso, representando um jornalista que investigou e foi a fundo para descobrir o PT utilizando da máquina pública para espionar seus opositores. A crítica é reforçada pelo perfil dado aos “companheiros” de Lula, como são chamados: Celso Amorim é o criador de uma política “megalomaniaca”, Márcio

Thomaz Bastos foi “bombeiro de crises”, e Sérgio Xavier Ferreira, tradutor, “corrige os erros de português” do presidente e evita que cometa gafes (p. 74-75). “Todos os homens do ex-presidente”, assim, trabalham juntos para evitar que Lula cometa ou seja punido por seus erros.

Por fim, nas legendas de imagens temos novamente a mesma crítica, com algumas que, colocadas juntas, também criam um sentido negativo em relação ao mandato de Lula:

“Momentos para lembrar: Lula joga futebol no Palácio do Planalto, em foto de 2003, e é aclamado no Nordeste. À direita, em visita ao Egito, em 2003. Ao lado, no Aerolula, o jato de que sentirá saudade” (FD4, SD10, VEJA, 03/11/2010, p. 78).

“Momentos para esquecer: Acima, Lula com José Dirceu, o ministro da Casa Civil que protagonizou o maior escândalo de seu governo: o mensalão. Ao lado, com o atômico Mahmoud Ahmadinejad. A proximidade com o ditador iraniano ajudou a enterrar as ambições do petista de assumir um cargo internacional” (FD4, SD9, VEJA, 03/11/2010, p. 76).

Os momentos para lembrar colocados pela revista: Lula jogando futebol, visitando o Egito e dentro de seu jato, apelidado de Aerolula (outra colocação que reforça a FD2, de que Lula é narcisista). Nenhuma realização política é destacada. Nos “momentos para esquecer”, no entanto, temos o Mensalão e a aproximação com um ditador “atômico”. A conclusão a que se chega, então, é de que, de fato, Lula não foi um bom presidente, tanto em seu perfil, que se aproxima mais do de maus líderes, quanto nas ações de seu governo, que *foi marcado por escândalos de corrupção e amizade com ditadores*.

4.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE

Nos três períodos de 2002 é possível ver uma mudança de postura de *Veja* em relação a Lula. Antes das eleições, ela passava um sentido de desconfiança em relação ao petista, enfatizando o risco para o mercado financeiro e a estabilidade econômica que sua vitória traria. Seu passado socialista, “não tão distante assim”, é constantemente lembrado ao leitor. Essa matéria se aproxima bastante do estilo de reportagem interpretativa e opinativa: em alguns momentos é feita uma contextualização dos fatos, mas a opinião da revista é constantemente expressada através de certas figuras de linguagem.

No entanto, após o pleito, nota-se que *Veja* dá legitimidade ao novo presidente, apostando em seu governo. Os sentidos tornam-se positivos, e o que antes era visto como negativo, como seu passado sindical e socialista, se torna “sinal de crescimento”. Lula é

mostrado por seu lado humano, enfatizado pela presença no texto de seus filhos e parentes. A difícil relação com o pai e a infância pobre ganham destaque, dando ao presidente um caráter com o qual o leitor pode se identificar. Em novembro, segue a aposta positiva em relação a Lula, com a revista apenas elogiando sua escolha de ministros e companhias para governar.

Essas duas matérias fazem uso de algumas técnicas do jornalismo narrativo, em que as pessoas envolvidas nos fatos relatados são mostradas como personagens (a revista, no entanto, não se coloca dentro do texto). A eles são atribuídas características que os tornam humanos. Na matéria de outubro é feita uma narração (não sempre cronológica) da vida de Lula, desde sua infância pobre até a o início da carreira política e o sucesso das eleições. Na matéria de novembro, ainda, é feita uma aproximação com o romance “Os três mosqueteiros”, de Alexandre Dumas, e tanto Lula quanto seus assessores são comparados aos heróis dessa narrativa.

Em 2010, no entanto, nota-se uma mudança radical. O “homem do povo” se torna o “militante petista”, o partido “com uma história ética” se torna “autoritário” e “corrupto”, com planos de “tomar a República” – um termo que é frequentemente utilizado e apela para o sentimento de patriotismo do leitor. Nas duas primeiras matérias, que também foram publicadas antes das eleições, pesadas críticas são feitas ao governo, inclusive a Lula como pessoa. Seguidamente ele é mostrado como um presidente autoritário, sendo comparado ao que a revista considera como tiranos, e suas intenções seriam de utilizar o Estado para seus próprios interesses.

Nesses dois textos se vê características do escândalo político remanescentes dos diversos casos de corrupção deflagrados durante a administração Lula. Encontramos algumas marcas de sensacionalismo, como a separação entre “vilões” e “mocinhos”, a apelação para a emoção do leitor (na forma de seu patriotismo) e a própria inserção da revista na história, especialmente em “Intrigas de Estado”, a segunda matéria. Ela não chega a clamar pela punição dos “criminosos”, uma característica essencial do sensacionalismo quando é aplicado a casos de polícia, mas mostra e repete ao leitor todos os crimes e falhas do governo PT. Enquanto na matéria de setembro *Veja* se coloca ao lado de outros veículos de imprensa como vítima dos ataques de Lula, em outubro ela assume uma posição mais ativa, de “descobridora da verdade” – aquela que investigou os “podres” do governo e os mostrou para a sociedade.

Na terceira matéria, de novembro, há um tom menos agressivo no texto, que chega a tomar ares de humor: Lula é desenhado como uma caricatura, é visto jogando futebol e seu avião é apelidado de AeroLula. No entanto, ainda se pode observar algumas críticas: a revista em nenhum momento cita qualquer avanço no país durante seu mandato, e seguidamente faz

menção aos casos de corrupção, ainda que de forma sutil. Notamos que Lula é mostrado como um homem “folgado”, que se acostumou às regalias da presidência e não quer largar delas. Nessa matéria, a revista volta a se aproximar do estilo interpretativo-opinativo, apenas contextualizando os fatos e em certos momentos demonstrando sua opinião, de forma mais sutil que anteriormente.

O uso de figuras de linguagem é constante, assim como de adjetivos. Tanto em 2002 quanto em 2010 encontramos matérias que se aproximam da construção literária de personagem, mas Lula é colocado em lados opostos: em 2002 ele é o homem do povo, aquele com quem o leitor pode se identificar, o ignorante mas bem intencionado D’Artagnan, que se apóia em seus companheiros leais e astutos. Em 2010, no entanto, ele passa a ser o vilão, o bandido sem respeito pelos valores tradicionais da República que tomou o poder apenas para seu benefício próprio.

A dicotomia é, assim, um elemento comum em *Veja*, e dificilmente mais de dois lados são apresentados em relação ao mesmo tema: há os bons e há os maus, as vítimas e os vilões. Quando não é feita essa separação maniqueísta, ainda assim ela coloca as pessoas envolvidas na matéria em pólos opostos: o competente e o incompetente, o capitalista e o socialista, o bom presidente e o mau presidente. Nesses oito anos, como podemos ver, Lula passou de uma esfera à outra na visão da revista.

Essas opiniões são corroboradas por fontes que concordam com o que é dito, seja quando se elogia ou critica Lula. Quando tratou de momentos da sua vida pessoal (outubro/2002), a revista mostrava entrevistas com Frei Chico e com pessoas que o acompanharam durante sua trajetória política. Quando o criticou em relação a suas políticas econômicas (setembro/2002), utilizou a palavra de economistas e profissionais do setor financeiro – ou seja, especialistas. Frequentemente houve menção de fontes não especificadas, mas que ainda assim mantinham seu *status* como autoridades no assunto (“membros da alta cúpula do PT”, “um dirigente do PT”, etc). Em geral, vimos pouca variação nas vozes mostradas nas matérias. Mesmo quando foi feito o uso de muitas fontes, os sentidos sempre tenderam para um lado, seja positivo ou negativo em relação ao governo Lula.

Ainda, notamos mudanças radicais nos discursos da revista dentro dos próprios anos: antes das eleições, os sentidos eram de oposição (setembro/2002) ou extremamente agressivos (setembro/2010, outubro/2010), enquanto que passado o segundo turno foi passada uma visão mais otimista (outubro/2002, novembro/2002) ou ao menos menos agressiva (novembro/2010) em relação a Lula. Acreditamos que isso tem a ver com o posicionamento

político da revista, que se opunha à eleição do petista para a presidência e utilizou de suas páginas para passar essa opinião ao leitor.

5 CONCLUSÃO

O jornalismo não é neutro. Essa é uma das ideias mais importantes que tiramos de nossa revisão teórica. E mais: ele não deixa de ser neutro por pura má fé de jornalistas e seus patrões, mas porque a língua, em si, não é neutra. Cada escolha de palavras e assuntos a se comunicar reflete um passado e um contexto do enunciador, que não pode e nem tem como se desvenencilhar deles.

No entanto, existe nessa área uma busca pela neutralidade, o chamado mito da objetividade, em que os fatos podem ser expostos simplesmente por si próprios, sem nenhum juízo de valor e nenhuma demonstração ideológica do veículo de comunicação. É reconhecido que isso não é possível, mas a *busca* por esse ideal acaba munindo o jornalista de uma obrigação ética que ao mesmo tempo o fiscaliza e o protege de abusos das fontes e dos donos das empresas de comunicação.

Esses ideais éticos fazem parte da natureza dupla do jornalismo, de regulador da democracia e produto a ser vendido, e novamente servem para proteger esse profissional. Com a função de “denunciar os abusos dos poderosos” e “mostrar ao público o que ele precisa saber” ao mesmo tempo em que deve aumentar a receita de sua empresa e vender um produto para leitores e anunciantes (estes mesmos podendo constar entre a lista de poderosos abusivos), o jornalista se torna um profissional dividido, pressionado por valores morais, éticos e materiais. Além disso, é escravo do relógio, precisando resolver todas essas contradições antes do horário de fechamento do jornal ou revista. Seu único ponto de defesa acaba sendo a ética e seu compromisso com a sociedade, sem os quais receberia propostas abusivas e corruptas e não teria motivos para não aceitá-las.

A partir do século XIX, quando o jornalismo passou a ser vendido como um produto, seu discurso também mudou. Foi desenvolvida uma técnica baseada na objetividade, o que lhe conferiu as características de polifônico, opaco e produtor de sentidos, sendo ainda elaborado dentro de uma rotina específica e dependente de um contrato de comunicação próprio, que é baseado na credibilidade do jornalista e de suas fontes. Assim, o texto jornalístico deve conter as vozes de diferentes opiniões, e, ao ser lido, ele será interpretado pelo leitor e produzirá sentidos próprios. Para que haja a busca da informação produzida pelo jornalista é preciso que se acredite que o que ele diz é verdade, pois o pressuposto que se faz ao comprar uma notícia é a de que ela será uma fonte de informação. O *lead* e a pirâmide invertida também se tornaram característicos desse estilo.

No meio de tudo isso, temos também o jornalismo de revista, um meio de comunicação peculiar e com uma rotina de trabalho diferente do jornal diário. Com fechamento semanal, a revista trata de assuntos que foram destaque na semana, dando a eles um aprofundamento que não é possível nos veículos mais imediatistas. É seu papel entreter o leitor e passá-lo informações que não tiveram tempo de entrar no jornal. A grande armadilha de tudo isso, no entanto, é que ela precisa também seduzi-lo para que ele leia o texto inteiro, e isso pode dar vazão ao uso de estratégias menos éticas. Entre elas está o sensacionalismo, meio de informar que apela para a emoção do leitor e o reduz a seus instintos de violência e sexualidade.

Na política, esse sensacionalismo toma forma de escândalo, uma arma particularmente poderosa da mídia de massa no que chamamos de “jogo de poder”. Porque o poder do governante vem da legitimidade do povo, algo que é especialmente forte em uma democracia liberal, o espetáculo de uma transgressão grave pode acabar com a carreira de um político, tirando-lhe toda a credibilidade que pudesse ter para assumir o papel de líder na sociedade.

Temos dois momentos na análise realizada sobre as matérias de *Veja*: em 2002, Lula primeiro é mostrado como um ex-socialista (mas não tão ex) que possivelmente faria um mau governo (setembro), mas depois são expostos sentidos sobre ele que o colocam como homem do povo e bem intencionado (outubro), acompanhado de assessores competentes e dispostos a ajudá-lo (novembro). Já em 2010, há oposição da revista ao presidente, tratando-o primeiro como autoritário (setembro) e bandido (outubro), para depois mostrá-lo como narcisista e, em geral, mau presidente (novembro).

Nesses dois períodos há uma variação entre utilização de técnicas características do estilo de reportagem interpretativa, opinativa, narrativa e sensacionalista. Em certos momentos as matérias apenas se limitam a contextualizar o assunto de que estão tratando (setembro/2002, novembro/2010) e em outros é feita uma narração dos fatos (outubro/2002), romantização dos envolvidos neles (outubro/2002, novembro/2002) ou uma divisão entre bons e maus (setembro/2010, outubro/2010). As opiniões que a revista mostra são frequentemente reforçadas pelo uso de fontes oficiais e especializadas, além de pessoas próximas a Lula e que, portanto, têm autoridade para falar sobre ele.

Os sentidos atribuídos pela revista a Lula e seu partido são relativamente simples de encontrar, pois em diversos momentos ela dá sua opinião de forma bem clara e faz grande uso de adjetivos e figuras de linguagem. Em geral vimos que sim, os sentidos mudaram nesses oito anos de presidência, e *Veja* passou de um otimismo e legitimação a Lula como presidente para uma posição extremamente contrária, caracterizando-o como tirano e líder não-legítimo.

Essas caracterizações variaram bastante dependendo do período em que a matéria se encontrava: antes das eleições (setembro/2002, setembro/2010, outubro/2010), o tom apresentado sempre foi mais negativo, até mesmo agressivo. Quando elas passaram, no entanto (outubro/2002, novembro/2002, novembro/2010), o tom mudou para positivo, o que foi o caso em 2002, ou, ainda que tenha se mantido negativo, o que foi o caso de 2010, o fez de forma menos agressiva. Com isso, vemos uma tendência de *Veja* em tomar partido durante as eleições, quando seu posicionamento em relação aos candidatos se torna mais claro.

Apesar do jornalismo não ser neutro, percebemos que existe nessa categoria de profissionais uma busca por esse ideal: aprendemos que se deve ouvir todos os lados da história, apurar a veracidade dos fatos antes de publicá-los, não devemos acusar sem ter provas. Temos o dever de consultar as mais diferentes fontes possíveis, e dessa forma agregamos suas vozes a nossos textos, que se tornam polifônicos. No entanto, nem sempre isso é seguido, seja por indisponibilidade, pressa ou falta de vontade. O que vemos é que muitas vezes o veículo de comunicação se torna uma forma de propagação das ideias de seus donos e funcionários.

Nosso *corpus* nessa análise, composto de apenas seis matérias divididas em dois anos, certamente não representa o discurso de *Veja* numa totalidade. No entanto, aplicando a Análise do Discurso fomos capazes de verificar uma tendência da revista para certos posicionamentos, mesmo quando expostos de forma sutil. Outros trabalhos podem vir a ser desenvolvidos sobre este assunto no futuro, como a delimitação dos sentidos de *Veja* em um ano inteiro ou a comparação com outros veículos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Tradução de Maria Cláudia Drummond. Brasília: UnB, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas : Editora da UNICAMP, 1997, p.27-38.

BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

BETTO, Frei. **A mosca azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BLOOM, Stephen. **Inside the writer's mind**: writing Narrative Journalism. Ames: Iowa State Press, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. Tradução de Ângela Maria da Silva Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

COSTA, Cristiane. **Pena de Alugel**: escritores jornalistas no Brasil (1904-2004). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra Ball. **Teorias de Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**. São Paulo: DIEESE, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GOMES, Wilson. Propaganda política, ética e democracia. In: MATOS, Heloiza (Org.). **Mídia, eleições e democracia**. São Paulo: Scritta, 1994, p. 53-90.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Petrópolis: Elsevier, 2005.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEAL, Bruno Souza et al. Agendamento, enquadramento e noticiabilidade. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 187-219.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1989.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Tradução de Sérgio Dayrell Porto. Brasília: Paralelo 15, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise do discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. 3 Ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1995.

RUBIM, Antônio Albino. **Mídia e política no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

_____. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

SANCHES, António Ribeiro. **Cristãos Novos e Cristãos Velhos em Portugal**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

THOMPSON, John. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. v.1.

_____. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008. v.2.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

WEBER, Maximilian Karl Emil. A política como vocação. In: GERTH, Hans; WRIGHT MILLS, Charles (Orgs). **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Livros Técnicos de Científicos, 1967.

WOLF, Mario. **Teorias da comunicação**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1987.

ARTIGOS CIENTÍFICOS, DISSERTAÇÕES E DOCUMENTOS:

AGUIAR, Leonel; NEDER, Vinícius. Objetividade jornalística: a prática profissional como questão política. In: **Comunicação & Sociedade**. São Paulo: UMSP, n. 54, p. 103-126, jul./dez. 2010.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Uma política externa engajada: a diplomacia do governo Lula. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília: IBRI, v. 47, n. 1, jan./jun. 2004.

ALMEIDA, Tânia. **Opiniões e sentenças em capas de *Veja* sobre o primeiro governo Lula (Brasil, 2002 a 2006)**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação.

BENETTI, Márcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação. In: **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v.1, n. 14, p. 1-11, jan./jun. 2006.

_____. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. In: **Líbero**. São Paulo: Casper Líbero, n. 20, dez. 2007.

BERGER, Christa. A reestruturação política em tempos midiáticos. In: **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v.1, n. 1, p. 1-11, jan./jun. 1997.

BRASIL. Senado Federal. **Resumo da CPI dos Bingos**. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/comissoes/CPI/Bingos/ResumoCPIBingos.pdf>>. Acessado em 02/05/2012 às 22:34.

_____. **Relatório parcial do processo do Mensalão**. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/especiais/2011/12/relatoriomensalao.pdf>>. Acessado em 03/05/2012 às 1:59.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; VALLE, Maria Ribeiro do. A revista *Veja* e o movimento estudantil em 1968: entre o engajamento e o entretenimento. In: **Clio – Revista de pesquisa histórica**. Recife: UFPE, n. 26.1, p. 139-154, 2008.

DARDE, Vicente William da Silva. **As vozes da AIDS na imprensa**: Um estudo das fontes de informação dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação.

FERNANDES, Carolina. **O imaginário de Veja sobre “os Lulas presidenciaíveis”**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação de Mestrado em Letras.

FETTER, Luiz Carlos. **Revistas, design editorial e retórica tipográfica**: a experiência da revista *Trip* (1986-2010). Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. In: **Journal of Peace Research**. Londres: Sage Publications, v. 2, n. 1, p. 64-90, mar. 1965

GERBNER, George. Toward a general model of communication. In: **Educational Technology Research and Development**. Boston: Springer, v. 4, n. 3, p. 171-199, 1956.

MACHADO, Juremir. O governo Lula em revista: o jornalismo como fenômeno de descobrimento (a cobertura de *Veja*). In: **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, n. 29, p. 7-15, abr. 2006.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. In: **The Public Opinion Quarterly**. Oxford: Oxford University Press, v. 36, n. 2, p. 176-187, jun./ago. 1972.

NERI, Marcelo Cortes. **Desigualdade de renda na década**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2011. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/DD/DD_Neri_Fgv_TextoFim3.pdf>. Acessado em 09/06/2012 às 18:31.

OLIVEIRA, Augusto Neftali Corte de. **Os Partidos nas Eleições e no Governo: um estudo comparado sobre mudanças partidárias com foco na política social – Partido dos Trabalhadores (Brasil) e Partido Socialista (Chile), 1989-2006.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Dissertação de Mestrado em Ciência Política.

OLIVEIRA, Luiz Ademir; NAPOLEÃO, Poliana Monteiro. A (des)construção da imagem do presidente Lula nas capas da revista *Veja* a partir de uma abordagem semiótica. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciência da Comunicação.** São Paulo: SBEIC, v. 31, n. 1, p. 79-103, jan./jun. 2008.

ROSA, Rosane. A natureza e os limites dos discursos jornalísticos. In: **Cadernos da Escola de Comunicação.** Curitiba: UniBrasil, n.1, out./nov. 2003.

SILVA, Carla Luciana. *Veja* e o PT: do “risco Lula” ao “Lula light”. In: **Revista Lutas Sociais.** São Paulo: NEILS, nº 15/16, p. 137-149, 2006.

ONLINE:

1ª PESQUISA com leitores de VEJA no iPad. Disponível em:

<http://www.publiabril.com.br/upload/files/0000/0417/Pesquisa_publiabril.pdf>, acessado em 17/04/2012 às 20:58.

ACERVO digital da revista *Veja*. Disponível em: <<http://www.veja.com/acervodigital/>>. Acessado em 23/04/2012 às 22:37

BIOGRAFIA de Luiz Inácio Lula da Silva. **Biblioteca da Presidência.** Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>>. Acessado em 23/04/2012 às 22:26.

CAMPANHAS Salariais: 1978. **ABC de Luta.** Disponível em:

<http://www.abcdeluta.org.br/materia.asp?id_CON=34>. Acessado em 11/04/2012 às 21:30.

COLON, Leandro. CPI dos Sanguessugas pede indiciamento de dez pessoas. **G1.** Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1387377-5601,00.html>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:33.

CONGRESSO cria CPI para investigar “mensalão” e compra de votos. **Folha Online.**

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u70262.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 1:26.

CRISE do dossiê já derrubou 5 petistas. **Folha Online.** Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u83514.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:41.

CRONOLOGIA das eleições. **Tribunal Superior Eleitoral.** Disponível em:

<<http://www.tse.jus.br/eleicoes/cronologia-das-eleicoes>>. Acessado em 20/05/2012 às 16:27.

EM SESSÃO conjunta, Câmara e Senado criam CPI dos Correios. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69182.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 12:27.

ENTENDA os casos envolvendo os cartões corporativos no governo. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u386659.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:49.

EXPEDIENTE. **Veja**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/expediente/>>. Acessado em 29/05/2012 às 1:18.

FERNANDO Collor. **Biblioteca da Presidência**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/fernando-collor>>. Acessado em 25/04/2012 às 21:53.

FERREIRA, Carlos. Collor foi primeiro alvo de impeachment na América Latina. **Uol Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/impeachment-collor-foi-primeiro-alvo-de-impeachment-na-america-latina.jhtm>>. Acessado em 04/06/2012 às 19:13.

GARTNER Says Apple Will Have a Free Run in Tablet Market Holiday Season as Competitors Continue to Lag. **Gartner**. Disponível em: <<http://www.gartner.com/it/page.jsp?id=1800514> >, acessado em 02/06/2012, às 18:00.

GUIBU, Flávio. Oito são denunciados em caso da cueca. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u74368.shtml>>. Acessado em 02/05/2012 às 23:22.

INQUÉRITO do Mensalão é convertido em Ação Penal 470. **Superior Tribunal Federal**. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=77522&caixaBusca=N>>. Acessado em 03/05/2012 às 3:36.

JEFFERSON denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69402.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 12:31.

JULGAMENTO do inquérito do Mensalão foi o maior da história, diz o ministro Celso de Mello. **Superior Tribunal Federal**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=71001&caixaBusca=N>>. Acessado em 05/03/2012 às 3:29.

LISTA dos réus no processo do Mensalão. **O Globo**. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/infograficos/lista-mensaleiros/>>. Acessado em 03/05/2012 às 3:05.

MARTINS, Ivan; BREDARIOLI, Cláudia. A história de Luiz Inácio Lula da Silva. **IstoÉ Dinheiro**. Disponível em <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/13255_A+HISTORIA+DE+LUIZ+INACIO+LULA+DA+SILVA>. Acessado em 23/04/2012 às 22:17.

MEIRELES, Andrei; KRIEGER, Gustavo. Bicho na campanha. **Época**. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI42738-15223,00-BICHO+NA+CAMPANHA.html>>. Acessado em 02/05/2012 às 21:53.

MENSALÃO. **Estadão**. Disponível em <<http://topicos.estadao.com.br/mensalao>>. Acessado em 02/05/2012 às 23:38.

MINISTRO Joaquim Barbosa conclui relatório do processo do Mensalão. **Superior Tribunal Federal**. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=77522&caixaBusca=N>>. Acessado em 03/05/2012 às 3:39.

PEREIRA, Matheus Belivacqua Campelo. Golpe Militar de 1964 – Instalação do Estado de Exceção e a luta pela Redemocratização. **Âmbito Jurídico**. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9499&revista_caderno=9>. Acessado em 07/06/2012 às 23:21.

PESQUISAS - Presidente. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/eleicoes/pesquisas-presidente.shtml>>. Acessado em 26/05/2012 às 14:11.

PIRES, Carol. Recorde de aprovação a Lula é mundial, diz CNT/Sensus. **Estadão**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,recorde-de-aprovacao-a-lula-e-mundial-diz-cntsensus,659612,0.htm>>. Acessado em 04/06/2012 às 17:29.

POLÍCIA Federal indícia Marinho por fraude e corrupção. **Folha Online**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69182.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 12:22.

PRÊMIO Esso de Jornalismo completa 56 anos de história. **Prêmio Esso**. Disponível em: <<http://www.premioesso.com.br/site/historia/index.aspx>>, acessado em 23/04/2012 às 20:16

RECONDO, Felipe. Oposicionistas derrotam governo e aprovam relatório da CPI dos Bingos. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u79671.shtml>>. Acessado em 02/05/2012 às 23:06.

_____. Entenda o esquema de compra irregular de ambulâncias. **Folha Online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u78858.shtml>>. Acessado em 03/05/2012 às 4:58.

RESULTADO da eleição 2002. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em <http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/2002/result_blank.htm>. Acessado em 25/04/2012 às 23:01.

REVISTA afirma que filho de Erenice Guerra cobrou propina; ministra nega. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/09/revista-afirma-que-filho-de-erenice-guerra-cobrou-propina-ministra-nega.html>>. Acessado em 03/05/2012 às 5:06.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. **Discurso de posse**. Disponível em: <http://www.fiec.org.br/artigos/temas/discurso_de_posse_do_presidente_Luiz_Inacio_Lula_da_Silva.htm>. Acessado em 09/06/2012, às 18:26.

VEJA. **Publiabril**. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>>. Acessado em 29/04/2012 às 17:32.

JORNAIS E REVISTAS:

A ARRANCADA de Lula. **Veja**, São Paulo, p. 54-58, 22 nov. 1989.

ALÉM das festas oficiais. **Veja**, São Paulo, p. 85-87, 10 mai. 1978.

ALCÂNTARA, Eurídepes. A crise explodiu antes da hora. **Veja**, São Paulo, p. 36-41, 19 jun. 2002.

A QUARTA tentativa. **Veja**, São Paulo, p. 38-46, 4 jul. 2001.

CABRAL, Otávio. O que será que ele sabe?. **Veja**, São Paulo, p. 48-51, 1 jun. 2005.

CADA um em seu lugar. **Veja**, São Paulo, p. 88-90, 23 mai. 1979.

CARNEIRO, Marcelo. O riso virou choro. **Veja**, São Paulo, p. 54-62, 5 abr. 2006.

CARTA ao leitor. **Veja**, São Paulo, p. 9, 17 ago. 2005.

CASTANHÊDE, Eliane. KRAKOVICS, Fernanda. Tropa de choque de Lula manobra e aniquila CPI. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A4, 5 mar. 2004.

CIVITA, Victor. Carta do Editor. **Veja**, São Paulo, p. 21, 11 set. 1968.

CRISTÃOS-NOVOS do capitalismo. **Veja**, São Paulo, p. 38-45, 25 set. 2002.

DIAS de intervenção. **Veja**, São Paulo, p. 116-125, 28 mar. 1979.

DINIZ, Laura; BRASIL, Sandra; CABRAL, Otávio. Lula e o futuro do lulismo. **Veja**, São Paulo, p. 72-78, 3 nov. 2010.

DO QUE elas se queixam. **Veja**, São Paulo, p. 60-61, 8 fev. 1978.

GREVE-Relâmpago. **Veja**, São Paulo, p. 93, 17 mai. 1978.

GUZZO, José Roberto. Carta ao leitor. **Veja**, São Paulo, p. 11, 9 jun. 1976.

_____. Carta ao leitor. **Veja**, São Paulo, p. 15, 9 abr. 1980.

JUNIOR, Policarpo. O homem-chave do PTB. **Veja**, São Paulo, p. 54-61, 15 mai. 2005.

LIMA, João Gabriel de; OYAMA, Thaís. O homem que faz a cabeça de Lula. **Veja**, São Paulo, p. 46-52, 25 set. 2002.

LIMA, João Gabriel de; OYAMA, Thaís; LIMA, Maurício. Um por todos.... **Veja**, São Paulo, p. 38-44, 6 nov. 2002.

LULA muda a história. **Veja**, São Paulo, p. 34-43, 30 out. 2002.

LULALICE no país das maravilhas. **Veja**, São Paulo, p. 30-32, 31 jul. 2002.

MAINARDI, Diogo. Pelo impeachment de Lula. **Veja**, São Paulo, p. 107, 3 mar. 2004.

OS RISCOS do ABC. **Veja**, São Paulo, p. 16-22, 9 abr. 1980.

POR um lugar no jogo político. **Veja**, São Paulo, p. 72-74, 9 fev. 1977.

QUEM se entende?. **Veja**, São Paulo, p. 110, 18 mai. 1977.

PETRY, André. O risco da involução. **Veja**, São Paulo, p. 46-47, 26 jan. 2005.

PORTELA, Fábio. A imprensa ideal dos petistas. **Veja**, São Paulo, p. 74-80, 29 set. 2010.

SOUZA, Ulysses Alves de. A história secreta de Veja. **Imprensa**, São Paulo, p. 75-105, 13 set. 1988.

RIBEIRO, Gustavo. Intrigas de Estado. **Veja**, São Paulo, p. 68-74, 27 out. 2010.

VEJA, São Paulo, Capa, 4 jul. 2001.

7 APÊNDICES

7.1 Descrição das Formações Discursivas identificadas na matéria de setembro de 2002			
Formação Discursiva (FD)	Sequência Discursiva (SD)	Número da SD	Página
1	“Recém convertidos à disciplina fiscal e à economia de mercado, Lula e o PT querem governar o Brasil. As pesquisas mostram que eles não estão longe desse objetivo.”	1	38
1	“O que boa parte da opinião pública deseja saber é como o PT, que durante vinte anos se preparou para a construção do socialismo, vai se sair agora diante do desafio de governar de acordo com os padrões capitalistas que se compromete a seguir.”*	2	40
1	“É uma questão mais complexa do que parece. Exige aprendizado, alteração de paradigmas mentais e a recusa de toda a agenda ideológica que o PT seguiu desde sua criação, há pouco mais de vinte anos.”*	3	40
1	“A pergunta é se o partido está mesmo disposto a enterrar sua cartilha histórica para administrar um país como o Brasil - o que é bem diferente do que se sair bem em administrações municipais e até estaduais.”*	4	40
1	“Sob o calor da atual campanha, com a rampa do Palácio do Planalto se aproximando no horizonte como nunca esteve, o PT agora decide primeiro e se reúne depois. O partido, que se notabilizou pelo assembleísmo, de repente parece confiar cegamente em Lula e Dirceu.”*	5	43
1	“Três meses de moderação anulam duas décadas de história? A indagação se coloca porque, embora a campanha de televisão não conta disso, o PT sempre foi o partido ‘contra tudo isso que está aí’. Há três anos, no congresso nacional de 1999, dez anos depois da queda do Muro de Berlim, o PT reafirmou sua crença no socialismo. No ano seguinte, em maio, Lula dizia que o PT estava ‘mais socialista do que nunca’. Até ser revista, ou seja, três meses atrás, o programa do partido prometia a ruptura do modelo econômico, renegava qualquer acordo com o FMI e pregava a suspensão das privatizações e a revisão das vendas de estatais já feitas. O mesmo documento mantinha um perturbador silêncio sobre a manutenção da estabilidade monetária e da disciplina fiscal, conquistas duras e preciosas da sociedade brasileira na década que passou.”*	6	43
1	“Na campanha presidencial de 1994, Lula acusava seu adversário, o então candidato Fernando Henrique, de ser apoiado pela Febraban, a entidade que representa os banqueiros e que Lula considerava um dos setores mais retrógrados da sociedade brasileira. Agora, o mesmo Lula reuniu-se com os banqueiros da Febraban - foi elogiado e saiu elogiando.”*	7	41
1	“Nos últimos dias, ele contentou platéias de grandes empresários e pecuaristas, que sempre foram o alvo dos petistas.”*	8	43
1	“No encontro com pecuaristas em Uberaba: os antigos adversários agora são chamados para dialogar.”*	9	43

1	“Ex-operário, ex-líder sindical, a principal figura de um partido fundado com orientação socialista.”	10	41
1	“Pela avaliação dos líderes, o PT e Luís Inácio se fortaleceram no processo de migração para o centro. ”*	11	44
1	“Se o Fora FHC tivesse vencido e o Zé Dirceu perdido a presidência, é quase certo que o PT teria tornado um partido insignificante ’, avaliou Lula recentemente a um grupo de amigos.”	12	43
1	“A ideia era tornar Lula um candidato capaz de atrair mais do que os 30% de fiéis seguidores que ele sempre consegue nas eleições - um patamar bom para passar do primeiro turno, mas insuficiente para vencer o pleito. ”	13	43
2	“Sob o calor da atual campanha, com a rampa do Palácio do Planalto se aproximando no horizonte como nunca esteve, o PT agora decide primeiro e se reúne depois. O partido, que se notabilizou pelo assembleísmo, de repente parece confiar cegamente em Lula e Dirceu.”*	1	43
2	“É cada vez menor o número de pessoas que duvidam dos compromissos democráticos do Partido dos Trabalhadores e de seu candidato à Presidência.”	2	38
2	“A maneira inequívoca com que Lula se comprometeu durante a campanha a manter intocados os fundamentos da estabilidade econômica também convenceu boa parte do eleitorado , conforme mostram as pesquisas de intenção de voto. ”	3	38
2	“Lula fala aos militares no Rio de Janeiro: ninguém duvida da vocação democrática do candidato do PT. ”	4	38
2	“Em primeiro lugar, é ingênuo imaginar que, dono de 40% das preferências eleitorais e de uma história ética impecável, Lula tenha emprestado seu antigo carisma e sua afabilidade e civilidade recém-adquiridas a uma gigantesca encenação. ”	5	42
2	“A nova imagem de Lula não pode ser tomada como a demonstração final de que o PT renegou integralmente suas conficções antigas. ”*	6	42
2	“A mudança de Lula pode ser tardia, porém suas razões parecem legítimas.”	7	42
2	“Durante os últimos meses, Luís Inácio Lula da Silva foi muito firme na definição de suas posições. ”	8	41
2	“Ele está gastando seu último cartucho. Está comprometendo nesta eleição e nesta fase de sua vida toda a biografia positiva que conseguiu escrever. ”	9	42
2	“Lula com as crianças em São Paulo, na semana passada: de bem com a vida, com a família e com o partido. ”	10	43
2	“A autocrítica e o rompimento com o passado por parte da maioria que hoje domina o PT são legítimos. ”	11	44
2	“Para eles, o essencial é o fato de o PT ter mantido intacta a fidelidade a alguns princípios básicos, como a ética e a capacidade de negociação, que nada têm a ver com esquerdismo. ”	12	44
2	“Na campanha presidencial de 1994, Lula acusava seu adversário, o então candidato Fernando Henrique, de ser apoiado pela Febraban, a entidade que representa os banqueiros e que Lula considerava um dos setores mais retrógrados da sociedade brasileira. Agora, o	13	41

	mesmo Lula reuniu-se com os banqueiros da Febraban - foi elogiado e saiu elogiando.”*		
2	“Lula também esteve festivamente na Fiesp, entidade que reúne a elite industrial de São Paulo.”	14	41
2	“Nos últimos dias, ele contentou platéias de grandes empresários e pecuaristas, que sempre foram o alvo dos petistas.”*	15	43
2	“‘Lula não é mais a ovelha negra das eleições presidenciais passadas’, diz Graham Stock, estrategista-chefe para a América Latina do banco JP Morgan.”	16	40
2	“No encontro com pecuaristas em Uberaba: os antigos adversários agora são chamados para dialogar.”*	17	43
2	“Todo mundo reconhece, a começar pelo próprio Lula, que o Brasil e o PT amadureceram.”	18	38
2	“Lula não hesitou em rever, ponto por ponto, vários itens essenciais de sua cartilha ideológica.”	19	41
2	“São inúmeros os exemplos em que o candidato e seu partido dão sinais de que estão se flexibilizando, amadurecendo, entendendo o mundo a sua volta.”	20	41
2	“Pela avaliação dos líderes, o PT e Luís Inácio se fortaleceram no processo de migração para o centro.”*	21	44
2	“É curioso constatar que, nas prefeituras e nos governos petistas, os administradores xiitas em geral têm se dado mal. Administrações que negociaram e admitiram entender-se com a oposição em geral se deram bem.”	22	44
2	“Outra lição evidente dessas comparações é que os chefes de governo do Partido dos Trabalhadores enfrentam oposição mais vigorosa do lado de dentro do que do lado de fora - e nesses embates tem vencido a corrente mais moderada. É com base nessas vitórias internas contra o radicalismo que Lula se apresenta ao eleitor brasileiro como um político moderado.”*	23	45
2	“O Lula da campanha fez tudo para apagar o Lula da história recente. ‘O mundo e o Brasil mudaram. O PT e eu mudamos’, repete ele. Lula sacramentou o acordo do governo com o FMI, comprometeu-se com a estabilidade e com a diminuição dos gastos públicos e até mesmo elogiou a política desenvolvimentista da ditadura militar.”	24	43
2	“Prometeu pagar a dívida externa, cumprir metas do FMI, manter as privatizações.”	25	41
2	“O professor Guido Mantega, guru econômico de Lula, está chefiando uma comissão que reúne petistas e técnicos da Febraban para estudar a transição do governo FHC para uma eventual administração barbuda.”	26	41
2	“‘O PT vai precisar superar o obstáculo de descrença do mercado no curto prazo, mas depois existe uma probabilidade razoável de que faça um governo correto do ponto de vista macroeconômico’, diz Sérgio Werlang, ex-diretor do Banco Central, hoje diretor do Banco Itaú e professor da Fundação Getúlio Vargas. Tradução: num eventual governo petista, haveria um período de adaptação, uma fase difícil, marcada por um certo desencontro administrativo.”	27	40
2	“Até porque, o caminho empreendido por ele rumo ao espectro	28	42

	político não tem volta.”		
2	“A democracia brasileira, a se fiar nas pesquisas de intenção de voto, pode levar ao poder Luís Inácio Lula da Silva, candidato à Presidência pelo Partido dos Trabalhadores.”	29	38
2	“Mas sua presença no segundo turno está praticamente assegurada, salvo desastres de última hora.”	30	38
2	“Essas questões são as que se colocam diante do eleitor, que tem expressado confiança no petista por uma porcentagem em torno de 40% das intenções de voto, o que equivale algo próximo à soma das obtidas pelos três concorrentes.”	31	45
3	“O que boa parte da opinião pública deseja saber é como o PT, que durante vinte anos se preparou para a construção do socialismo, vai se sair agora diante do desafio de governar de acordo com os padrões capitalistas que se compromete a seguir.”*	1	40
3	“Depois da queda de Ciro, Lula tomou o lugar do cearense como alvo do tiroteio eleitoral. Sua competência está sendo questionada nos programas eleitorais do tucano José Serra, para quem o Lula sorridente e flexível da televisão não passa de uma invenção de marketing.”	2	38
3	“O PT talvez seja o grupo político com maior credibilidade para reduzir o buraco da Previdência pública, de longe o principal item no déficit das contas governamentais. Terá força e disposição para contrariar suas bases? Dificilmente tomará um caminho tão traumático para suas tradições.”*	3	41
3	“Lula é aplaudido nos encontros com banqueiros, empresários e pecuaristas, mas as ambiguidades em torno dele ainda não se dissiparam.”	4	38
3	“Segundo Stock, os desafios atuais para um eventual governo petista são de três tipos. Primeiro: ainda existem dúvidas sobre certos aspectos da política econômica do PT. Segundo: não se conhecem os nomes dos integrantes de sua equipe econômica. Terceiro: não se sabe qual será a real influência no futuro governo dos militantes radicais do partido.”*	5	40
3	“A ideia é não atrapalhar Lula em sua manobra delicada para convencer o eleitorado de que ele pode fazer um governo viável. Isso explica em boa parte o sumiço do MST, embora os latifúndios continuem do mesmo tamanho e a injustiça no campo seja a mesma do ano passado. E explica o silêncio da CUT mesmo diante da maior taxa de desemprego da história recente do Brasil.”	6	43
3	“Três meses de moderação anulam duas décadas de história? A indagação se coloca porque, embora a campanha de televisão não conta disso, o PT sempre foi o partido ‘contra tudo que está aí’. Há três anos, no congresso nacional de 1999, dez anos depois da queda do Muro de Berlim, o PT reafirmou sua crença no socialismo. No ano seguinte, em maio, Lula dizia que o PT estava ‘mais socialista do que nunca’. Até ser revista, ou seja, três meses atrás, o programa do partido prometia a ruptura do modelo econômico, renegava qualquer acordo com o FMI e pregava a suspensão das privatizações e a revisão das vendas de estatais já	7	43

	feitas. O mesmo documento mantinha um perturbador silêncio sobre a manutenção da estabilidade monetária e da disciplina fiscal, conquistas duras e preciosas da sociedade brasileira na década que passou.”*		
3	“Mesmo para um político como Lula, cujo grande trunfo sempre foi a pureza de princípios, existem paralelos históricos a invocar para explicar sua guinada ao centro. Afinal, Karl Marx se declarou o primeiro antimarxista. ”	8	44
3	“ Pode-se especular , no caso de Lula, se o desvio para longe do radicalismo de esquerda não teria sido brusco demais , a ponto de trincar a estrutura interna do candidato e do partido.”	9	44
3	“Outra lição evidente dessas comparações é que os chefes de governo do Partido dos Trabalhadores enfrentam oposição mais vigorosa do lado de dentro do que do lado de fora - e nesses embates tem vencido a corrente mais moderada. É com base nessas vitórias internas contra o radicalismo que Lula se apresenta ao eleitor brasileiro como um político moderado.”*	10	45
3	“Mas também é um erro imaginar que a súbita transformação imposta a ele, primeiro pela mudança do mundo a sua volta e depois pelas necessidades eleitorais, tenha magnetizado todo o Partido dos Trabalhadores. ”	11	42
3	“Um segundo problema seriam as expectativas que o PT despertou em seu eleitorado. Esperam os que votam no PT que, se ganhar, o partido execute uma política inédita de benefícios sociais. Os funcionários públicos, que são a base mais forte do partido desde que se tornaram mais numerosos que os operários na relação de filiados da agremiação, aguardam uma compensação pela política salarial rígida em que vêm sendo mantidos pelo governo FHC. Como poderá cortar despesas um partido comprometido a esse tipo de pressões?”*	12	41
3	“A nova imagem de Lula não pode ser tomada como a demonstração final de que o PT renegou integralmente suas conficções antigas. ”	13	42
3	“O PT tem uma corrente mais próxima da social-democracia, representada por políticos como o ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque, o deputado José Genoíno, candidato ao governo de São Paulo, ou o senador paulista Eduardo Suplicy. Na outra ponta está o batalhão de radicais revolucionários que compõe mais ou menos uma terça parte das forças petistas. ”	14	43
3	“Se o petista ganhar a Presidência, esse bloco vai se mover novamente em busca de uma fatia de poder no novo arranjo governamental. Será difícil para Lula convencer esse segmento revolucionário de que as leis da estabilidade e do mercado precisam ser levadas a sério. Mais difícil ainda será calar essa fatia respeitável da agremiação petista. ”*	15	43
3	“Só com uma roupagem moderada, calculava Dirceu, Lula poderia se vender fora dos bolsões sinceros mas radicais do esquerdismo.”*	16	42
3	“Numa reunião recente com representantes do MST, Lula pediu que entendessem a atual moderação de seu discurso como necessidade de campanha. O negócio, avisou, era ganhar a eleição. ”	17	43

3	<p>“É bom que se diga que, em política, mudanças são frequentes. Em campanhas, o ajuste do candidato ao gosto do eleitor é uma manobra clássica. Está nos manuais. Como os artistas, os candidatos também tentam sempre ir até onde o povo está. Quando as pesquisas mostraram o apelo eleitoral de um anti-Lula, o próprio Luís Inácio passou a se apresentar como o anti-Lula.”</p>	18	43
3	<p>“Ao lado do Movimento dos Sem-Terra (MST), essa ala radical do PT está em silêncio há vários meses, ao que tudo indica para não prejudicar a imagem de Lula perante o eleitorado. As passeatas barulhentas e as espetaculosas invasões de terra estão em estado de hibernação.”</p>	19	43
3	<p>“A cúpula petista sustenta que se encontra contido o terço de militantes radicais que ainda permanece no PT. Eles seriam pacificados com cargos secundários num eventual governo Lula.”</p>	20	44
3	<p>“Cristãos-novos do capitalismo”</p>	21	TÍTULO
4	<p>“Segundo Stock, os desafios atuais para um eventual governo petista são de três tipos. Primeiro: ainda existem dúvidas sobre certos aspectos da política econômica do PT. Segundo: não se conhecem os nomes dos integrantes de sua equipe econômica. Terceiro: não se sabe qual será a real influência no futuro governo dos militantes radicais do partido.”*</p>	1	40
4	<p>“Três meses de moderação anulam duas décadas de história? A indagação se coloca porque, embora a campanha de televisão não conta disso, o PT sempre foi o partido ‘contra tudo isso que está aí’. Há três anos, no congresso nacional de 1999, dez anos depois da queda do Muro de Berlim, o PT reafirmou sua crença no socialismo. No ano seguinte, em maio, Lula dizia que o PT estava ‘mais socialista do que nunca’. Até ser revista, ou seja, três meses atrás, o programa do partido prometia a ruptura do modelo econômico, renegava qualquer acordo com o FMI e pregava a suspensão das privatizações e a revisão das vendas de estatais já feitas. O mesmo documento mantinha um perturbador silêncio sobre a manutenção da estabilidade monetária e da disciplina fiscal, conquistas duras e preciosas da sociedade brasileira na década que passou.”*</p>	2	43
4	<p>““O PT vai precisar superar o obstáculo de descrença do mercado no curto prazo, mas depois existe uma probabilidade razoável de que faça um governo correto do ponto de vista macroeconômico’, diz Sério Werlang, ex-diretor do Banco Central, hoje diretor do Banco Itaú e professor da Fundação Getúlio Vargas. Tradução: num eventual governo petista, haveria um período de adaptação, uma fase difícil, marcada por um certo desencontro administrativo.”*</p>	3	40
4	<p>“Um segundo problema seriam as expectativas que o PT despertou em seu eleitorado. Esperam os que votam no PT que, se ganhar, o partido execute uma política inédita de benefícios sociais. Os funcionários públicos, que são a base mais forte do partido desde que se tornaram mais numerosos que os operários na relação de filiados da agremiação, aguardam uma compensação pela política salarial rígida em que vêm sendo mantidos pelo governo FHC.</p>	4	41

	Como poderá cortar despesas um partido comprometido a esse tipo de pressões?"		
4	"Se o petista ganhar a Presidência, esse bloco vai se mover novamente em busca de uma fatia de poder no novo arranjo governamental. Será difícil para Lula convencer esse segmento revolucionário de que as leis da estabilidade e do mercado precisam ser levadas a sério. Mais difícil ainda será calar essa fatia respeitável da agremiação petista."*	5	43
4	"'O PT, se eleito, terá de passar por uma prova de fogo', diz Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas e ex-presidente do Banco Central. 'As expectativas negativas que se criaram em torno do partido são uma ameaça no curto prazo. A taxa de risco pode disparar. Lula precisaria agir rápido, construindo uma ponte de credibilidade que o ajudasse a superar os problemas dos primeiros meses'."	6	40
4	" São desafios que, embora contornados durante a campanha, vão aflorar numa eventual administração petista. "	7	41
4	"O PT talvez seja o grupo político com maior credibilidade para reduzir o buraco da Previdência pública, de longe o principal item no déficit das contas governamentais. Terá força e disposição para contrariar suas bases? Dificilmente tomará um caminho tão traumático para suas tradições. "*	8	41
4	"A essa altura, os eleitores que não votam em Lula e os indecisos, ainda a maioria, estão se perguntando se o PT está preparado para governar o Brasil. "	9	38
4	"A partir de agora, o tema do preparo do petista para a Presidência será uma das perguntas centrais que os eleitores farão nesta fase final de campanha, antes de decidir a quem entregarão o comando do país. "	10	45
4	"O PT está preparado para a Presidência?"	11	CAPA
*SDs que se repetem em mais de uma FD.			

7.2 Descrição das Formações Discursivas identificadas na matéria de outubro de 2002			
Formação Discursiva (FD)	Sequência Discursiva (SD)	Número da SD	Página
1	" A foto foi tirada por um profissional itinerante, figura corriqueira no interior pobre de Pernambuco durante a infância do presidente eleito. Ele tinha 3 anos. Meninos pobres como Lula não nascem no Brasil para ser presidentes da República. Antes dele, os mandatários da nação, mesmo os que se apresentavam como políticos de esquerda, foram todos escolhidos entre marechais, generais, fazendeiros, advogados e empresários. Como Machado de Assis, mulato, epilético, nascido pobre num morro carioca e que se tornou o maior escritor brasileiro de todos os tempos, Lula desafiou a história para chegar ao posto máximo da atividade política."*	1	35
1	" Estudou até a 5ª série. "	2	35
1	"Lula aos 3 anos com a irmã Maria: sandálias emprestadas pelo fotógrafo. "	3	34

1	“O sucesso do ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da República representa mais do que o triunfo da persistência - é a vitória do improvável. O imigrante nordestino que desembarcou em São Paulo montado num pau-de-arara chega ao Planalto ostentando não só o mérito de ter vencido a lógica que condenou tantos como ele à exclusão como o de ter virado de cabeça para baixo o script da trajetória política convencional.”*	4	37
1	“O ex-líder metalúrgico acabara de trocar o sindicalismo pela política e era um elemento ainda exótico demais na paisagem do poder . O orçamento da campanha também não dava margem para entusiasmo: de tão apertado, as viagens eram feitas de ônibus e o candidato se via obrigado a dormir em colchonetes espalhados nas casas de militantes. ”*	5	37
1	“A ressaca, curtida em exílio doméstico na companhia de alguns poucos amigos e muita cachaça de cambuci , só passou três meses depois.”	6	37
1	“Sentia-se explorado pelo PT, exausto diante da perspectiva de enfrentar uma eleição com pouquíssimas chances de vitória e prejudicado em sua vida pessoal. Em entrevista que concedeu à época, afirmou que a política o impediu de estar ao lado da mulher, Marisa, quando seus três filhos nasceram; reclamou do fato de que sua imagem pública não lhe permitia ‘ir a um baile e dançar até morrer’ ; e chegou a dizer que, na próxima encarnação, gostaria de vir ao mundo rico e anônimo, em vez de pobre e famoso. ”*	7	39
1	“Nasceu pobre e anônimo. Caçula dos meninos Silva, só foi conhecer o pai aos 7 anos de idade . Quando Aristides Inácio da Silva saiu de Garunhuns para tentar a vida em São Paulo, deixou a esposa, Eurídice, grávida de Lula. Em 1952, Lindu, como era chamada a mulher, decidiu juntar-se ao marido. Reuniu os sete filhos e embarcou com eles num pau-de-arara , numa viagem que durou treze dias - durante os quais Lula usou uma única camisa.”	8	39
1	“ O sonho de conhecer o pai desmoronou na chegada a Santos , onde ele trabalhava como estivador. Lula percebeu que Aristides não havia vindo só de Garunhuns. Trouxera uma prima de Lindu, com quem, a essa altura, já tinha dois filhos - ‘uns meninos que andavam na maior estica, com minha branca e tudo’ , lembra.”	9	39
1	“ “Para mim, é uma coisa incrível um pai negar um doce a uma criança. Mas o meu era um homem muito ignorante. Batia nos filhos, comprava pão doce só para ele e escondia da gente. Era um homem muito duro, talvez porque a vida tenha sido muito dura com ele.”	10	39
1	“Pegou os filhos e mudou-se para a Vila Carioca, periferia de São Paulo , numa casa que ficava nos fundos de um bar, cujo banheiro era o mesmo usado pela família. Os Silva na época eram tão pobres que, entre as lembranças de Lula, está a de ter saído correndo de vergonha quando um médico veio visitar sua irmã e a mãe não tinha uma cadeira para oferecer-lhe. Lindu sustentava os filhos lavando roupa para fora. Lula vendia tapioca na rua, fazia bicos de engraxate e entregava roupas de uma tinturaria. Lembra-se de ter percebido que a vida começava a melhorar quando, numa das	11	40

	mudanças da família, o caminhão de transportes já levava um fogão. ‘Eu e o meu irmão colocamos ele bem no alto da carroceria e fomos com muito orgulho em cima. Afinal de contas, a gente já tinha um fogão’, conta.”		
1	“Lula chora à toa. Chora quando lembra que a mãe passou horas numa fila para ganhar o primeiro presente de Natal que ele recebeu na vida, um carrinho de plástico.”	12	40
1	“Até seu primeiro dia de trabalho como torneiro mecânico, Lula havia feito poucas escolhas na vida. Não decidiu mudar-se para São Paulo e tampouco optou pela profissão de metalúrgico. Na verdade, queria ser motorista de caminhão, mas a mãe já havia resolvido que, ao menos o caçula dos meninos, teria um diploma no Senai. ”	13	41
1	““O negócio dele era jogar pelada e namorar. Dizia: ‘O que é que eu vou fazer no sindicato? Lá só tem ladrão e comunista’ ”, lembra Frei Chico.”	14	41
1	“Lula conta: ‘o codinome do sujeito era Ivo. Ele se sentou do meu lado com a cara enfiada num jornal e começou a me perguntar o que eu estava achando da conjuntura do país, como é que eu via isso e aquilo. Eu tinha de responder também fingindo que estava lendo o jornal. Quando fui embora, ele disse para eu não olhar para trás. Achei aquilo uma coisa tão ridícula que briguei com o Frei Chico: ‘Escuta aqui, eu não sou palhaço nem tenho a minha mãe na zona. Se os meus amigos quiserem falar comigo, diz para eles irem lá no sindicato’.”	15	42
1	“ Chora quando diz que, por causa da política, não conseguiu dar aos filhos aquilo que ele próprio gostaria de ter tido: um pai que o levasse para passear e que o ajudasse nos deveres da escola. ”*	16	40
1	“ Chorou quando, durante a campanha, um idoso se aproximou do seu carro e, pela janela, jogou-lhe um relógio no colo, dizendo ser a única coisa que podia oferecer para ajudá-lo nas eleições. ”	17	40
1	“ Lula se emociona ao falar do episódio. ‘Quando soube de tudo o que aconteceu com o meu irmão, me deu uma revolta muito grande. Pensei: como é que um cara bom como ele, pai de família, um sujeito que trabalha feito um condenado, pode ser preso e massacrado dessa maneira só porque pertence a um partido, só porque pensa diferente? Aquilo foi muito importante para a minha cabeça. Acho que foi lá que eu percebi que era preciso ir além da luta sindical’, diz.”	18	43
1	“Seu apartamento, em São Bernardo do Campo, é um dos poucos lugares em que manda menos que os outros. Assim como o sítio perto da Represa Billings, o local pertence aos domínios de Marisa, com quem se casou há 28 anos, três depois de ter enviuvado de Lurdes, morta durante o parto. Foi com sua ‘galega’, como chama a mulher, que Lula aprendeu a cuidar das próprias roupas íntimas, hábito que mantém mesmo quando está hospedado em hotéis: lava as meias, as peças de baixo e pendura tudo perto do aquecedor. Os filhos aprenderam a fazer o mesmo. ”	19	41
1	“Dos cinco que tem - Marcos, do casamento anterior da mulher; Fábio, Sandro e Luís Cláudio, da sua união com Marisa; e Lurian, fruto do romance com Mírian Cordeiro -, nenhum até hoje se arriscou a enveredar pela política. Marcos e Lurian, ele estudante	20	41

	de psicologia, ela jornalista, ainda demonstram algum interesse pela profissão do pai. Já Fábio, formado em biologia, Sandro, que cursa propaganda e marketing, e Luís Cláudio, o caçula, de 17 anos, querem distância do assunto.”		
1	“Entre os erros menores acumulados na eleição de 1989, um marcou-o tanto que virou motivo de piada entre os amigos. Lula credita parte de seu mau desempenho no fatídico debate com Collor, exibido pela Rede Globo, ao fato de ter chegado ao estúdio devendo-se várias noites de sono. ”	21	38
1	“ Entregou-se com fé de devoto à massagem relaxante prescrita por seu marqueteiro, Duda Mendonça, e, para enterrar de vez a imagem descabelada e exausta que exibiu no enfrentamento com o ex-governador de Alagoas, brincam assessores , passou a exigir maquiagem até para dar entrevista em rádio. ”	22	38
1	“Quando se irrita, fala alto, xinga, gesticula e dá murros na mesa . Berra que querem matá-lo sobrecarregando-lhe a agenda ou que é inacreditável que ninguém tenha conseguido lembrá-lo de um compromisso importante.”	23	40
1	“Sabe que, no minuto seguinte, o chefe poderá virar-se para seu assessor de imprensa - um tanto fora de forma e embrulhado em uma camiseta vermelha - para dizer-lhe que está ‘parecendo uma melancia de boné’ . Lula, o possesso, vira Lulinha Paz e Amor em questão de segundos. ”	24	40
1	“Outra de suas características, que amigos conhecem e desavisador descobrem rápido, é que Lula não gosta de críticas - pelo menos não as que tenham ele próprio como objeto.”	25	40
1	““O fato de Lula não ter passado pela clandestinidade, e de ter uma certa impaciência com o que considera excesso de solenidade , talvez explique sua resistência a algumas precauções. Às vezes, temos que chamar a atenção dele para as coisas que fala ao telefone’, conta Marco Aurélio Garcia.”*	26	42-43
2	“Sua vitória representa o triunfo de uma ideia, de uma férrea vontade pessoal, mas é também o certificado de qualidade da democracia brasileira. ”*	1	35
2	“O Brasil afirma-se como uma nação de extraordinária mobilidade social , com a chegada de um homem do povo à Presidência.”	2	35
2	“Lula presidente é uma demonstração para o mundo de que a democracia no Brasil, e por reflexo na América Latina, não é exercida apenas para salvar as aparências das elites que se revezam no poder. ”	3	35
2	“A foto foi tirada por um profissional itinerante, figura corriqueira no interior pobre de Pernambuco durante a infância do presidente eleito. Ele tinha 3 anos. Meninos pobres como Lula não nascem no Brasil para ser presidentes da República . Antes dele, os mandatários da nação, mesmo os que se apresentavam como políticos de esquerda, foram todos escolhidos entre marechais, generais, fazendeiros, advogados e empresários. Como Machado de Assis, mulato, epilético, nascido pobre num morro carioca e que se tornou o maior escritor brasileiro de todos os tempos, Lula desafiou a história para chegar ao posto máximo da atividade	4	35

	política.”*		
2	“O sucesso do ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da República representa mais do que o triunfo da persistência - é a vitória do improvável . O imigrante nordestino que desembarcou em São Paulo montado num pau-de-arara chega ao Planalto ostentando não só o mérito de ter vencido a lógica que condenou tantos como ele à exclusão como o de ter virado de cabeça para baixo o script da trajetória política convencional. ”*	5	37
2	“ Triunfo histórico ”	6	CAPA
2	“ O primeiro presidente de origem popular ”	7	CAPA
2	“ Lula muda a história ”	8	TÍTULO
3	“ Lula se especializou na arte de fazer do limão uma limonada. Com base em adversidades, amadureceu a si e ao partido que criou e construiu uma biografia desde já extraordinária. Agora, sai triunfante de sua quarta tentativa de eleger-se presidente da República. ”	1	43
3	“Sua vitória representa o triunfo de uma ideia, de uma férrea vontade pessoal , mas é também o certificado de qualidade da democracia brasileira.”*	2	35
3	“O sucesso do ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da República representa mais do que o triunfo da persistência - é a vitória do improvável. O imigrante nordestino que desembarcou em São Paulo montado num pau-de-arara chega ao Planalto ostentando não só o mérito de ter vencido a lógica que condenou tantos como ele à exclusão como o de ter virado de cabeça para baixo o script da trajetória política convencional.”*	3	37
3	“O ex-líder metalúrgico acabara de trocar o sindicalismo pela política e era um elemento ainda exótico demais na paisagem do poder. O orçamento da campanha também não dava margem para entusiasmo : de tão apertado, as viagens eram feitas de ônibus e o candidato se via obrigado a dormir em colchonetes espalhados nas casas de militantes.”*	4	37
3	“ Construiu sua vitória à base de derrotas. E, por meio delas, forjou o que é hoje. ”	5	37
3	“ O terceiro fracasso ocorreu em 1994, ano em que Lula, em sua segunda tentativa de chegar à Presidência, apostou todas as fichas no fracasso do Plano Real. A decisão se mostrou tão equivocada que, quatro anos depois, ele partiria para a terceira campanha presidencial com o entusiasmo de quem caminha para a forca. ”	6	38
3	“ Sentia-se explorado pelo PT, exausto diante da perspectiva de enfrentar uma eleição com pouquíssimas chances de vitória e prejudicado em sua vida pessoal. Em entrevista que concedeu à época, afirmou que a política o impediu de estar ao lado da mulher, Marisa, quando seus três filhos nasceram ; reclamou do fato de que sua imagem pública não lhe permitia ‘ir a um baile e dançar até morrer’; e chegou a dizer que, na próxima encarnação, gostaria de vir ao mundo rico e anônimo, em vez de pobre e famoso. ”*	7	39

3	“Chora quando diz que, por causa da política, não conseguiu dar aos filhos aquilo que ele próprio gostaria de ter tido: um pai que o levasse para passear e que o ajudasse nos deveres da escola.”*	8	40
3	“Ele temia ser identificado com aquilo que considerava a velha esquerda brasileira. Até hoje se arrepende da decisão”, afirma José Dirceu, presidente do PT e deputado federal. A diferença entre os votos do petista e os conquistados por Collor foi praticamente igual àquela obtida no primeiro turno pelo PMDB que Lula havia esnobado. Ele jamais esqueceu do episódio. Tanto que, nesta campanha, usou-o como argumento definitivo para convencer setores resistentes do PT a aderir à aliança do partido com o PL.”	9	38
3	“Lula tinha reais chances de vencer Fernando Collor em 1989, mas, como se sabe, de novo perdeu. Hoje, acredita que poderia ter evitado a derrota se não houvesse cometido o que considera seu maior erro político.”	10	38
3	“Vinte anos na oposição”	11	TÍTULO
4	“Lula não conquistou o mais alto posto da hierarquia do país alavancado por triunfos eleitorais. Jamais foi vereador e nunca administrou uma cidade. Também não se elegeu governador de Estado nem foi ministro de nada.”	1	37
4	“Ele nunca escondeu que odiou a experiência no Congresso. Detestava a burocracia do Legislativo e, mais do que tudo, o fato de que ali não mandava em nada.”	2	38
4	“A fábrica foi sua porta de entrada para a política - mas ele não a atravessou de bom grado nem por iniciativa própria. Quando o irmão, José Ferreira da Silva, o ‘Frei Chico’, soldador e militante do Partido Comunista, o convidou para participar do movimento sindical, o futuro líder metalúrgico tinha 23 anos e pouquíssimo interesse pelos destinos da categoria.”	3	41
4	“O flerte da direita com o metalúrgico, porém, teve tanto sucesso quanto o assédio da esquerda organizada sobre ele - nenhum.”	4	42
4	“Ligado historicamente às esquerdas, Lula elegeu-se com uma agenda política moderada e com a aceitação das regras civilizadas de gerência de contas públicas.”	5	35
4	“Lula e o PT, por seu lado, prometeram arquivar seu tradicional fascínio pelo projeto anticapitalista que acompanhou a história do partido desde sua fundação, duas décadas atrás.”	6	35
4	“Ninguém duvida de que entre suas qualidades está a extraordinária capacidade de conciliar diferenças. A sobrevivência de seu partido é a prova disso.”	7	42
4	“Disse que errara ao pensar que o Brasil era feito de metalúrgicos e ao dirigir-se ao eleitorado como se estivesse falando para pões na fábrica. Afirmou que ‘esse negócio de que trabalhador vota em trabalhador’ não funciona e que, se o partido quisesse ganhar alguma eleição, teria de perseguir ‘o voto do pobre e o voto do rico’. A partir daí, o slogan ‘Lula, um brasileiro como você’ foi banido para sempre da propaganda petista.”	8	37
4	“No início da década de 80, o PT era uma bomba prestes a explodir. Saco de gatos indóceis, abrigava desde o mais incendiário militante do MR-8 até o mais moderado egresso do PCB. ‘Naquele momento,	9	42

	o PT tinha três alternativas: podia virar um cartel de esquerdas, implodir diante das pressões das correntes radicais ou se transformar em um partido hegemônico', analisa um de seus fundadores, o atual secretário de Cultura da prefeitura de São Paulo, Marco Aurélio Garcia. Dois fatores ajudaram na consolidação da terceira alternativa: a criação do grupo Articulação, uma espécie de rolo compressor liderado por José Dirceu , que foi aos poucos cuidado de esmagar a ala ultra-radical do partido, e a habilidade de Lula em fortalecer sua posição de mediador, do que líder que paira acima das correntes e das disputas pessoais - a mesmíssima imagem que alavancou sua fulminante trajetória no sindicalismo."		
4	"Lula aceitou as negociações do atual governo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e não perdeu a oportunidade de informar os eleitores sobre sua decisão de pagar dívidas e respeitar contratos."	10	35
4	"Nesse percurso, há outro elemento que não pode ser desprezado: o fascínio que Lula exerce sobre uma multidão . 'No apogeu dos movimentos grevistas, quando ele pegava o microfone, você via 100 000 metalúrgicos, que cinco minutos antes estavam enfurecidos, ficar em silêncio total ', conta Frei Chico. 'Se o Lula quisesse tocar fogo no Brasil naquele momento, conseguiria. Ele tinha o controle total da massa ', diz."	11	42
4	"Com Leonardo Boff no Rio São Francisco: o PT nasce apoiado no tripé Igreja, intelectuais e trabalhadores."	12	42
4	"O fato de Lula não ter passado pela clandestinidade , e de ter uma certa impaciência com o que considera excesso de solenidade, talvez explique sua resistência a algumas precauções. Às vezes, temos que chamar a atenção dele para as coisas que fala ao telefone', conta Marco Aurélio Garcia."*	13	42-43
*SDs que se repetem em mais de uma FD.			

7.3 Descrição das Formações Discursivas identificadas na matéria de novembro de 2002			
Formação Discursiva (FD)	Seqüência Discursiva (SD)	Número da SD	Página
1	"Um deles é o deputado José Dirceu, 56 anos, presidente do PT, a quem coube, na semana passada, circular pelo Congresso reforçando a aproximação com aliados e trocando idéias com adversários . Objetivo: formar, desde já, uma base de apoio ao novo governo."	1	39
1	"Luiz Gushiken, Antônio Palocci e José Dirceu, a poderosa tríada do novo governo: um é amigo de Lula, o outro é o interlocutor no mercado e o terceiro é o braço forte na articulação política. "	2	41
1	" José Dirceu começou a estreitar a aproximação com o presidente eleito a partir de 1995, quando passaram ambos a construir o projeto de um PT moderado , sufocando as correntes mais radicais do partido."*	3	40
1	" José Dirceu é, ele próprio, o símbolo da guinada petista ao centro . 'Quando decidimos que o radicalismo ia matar o PT éramos	4	40-41

	minoria absoluta. Tínhamos 30% conosco’, recorda Dirceu. ‘A duras penas ganhamos a maioria, e nossa visão começou a se tornar hegemônica. Hoje temos o controle do partido’, completa ele.”*		
1	“O outro é o prefeito licenciado de Ribeirão Preto, o médico Antônio Palocci, 42 anos, estrela em ascensão no petismo que acaba de ser escalada para chefiar a equipe de cinquenta nomes que fará a transição mais civilizada da história brasileira. ”	5	39
1	“Antônio Palocci é o mais recente da turma. Com currículo de bom prefeito em Ribeirão Preto, cidade que administra pela segunda vez, Palocci entrou para a tróica por acidente do destino. Seu papel seria exercido por Celso Daniel, prefeito de Santo André que morreu assassinado em janeiro deste ano. Escalado de última hora, Palocci mostrou serviço e conquistou espaço na cúpula do petismo. ”	6	40
1	“ Antônio Palocci, militante de uma corrente trotskista anos atrás, está entre os primeiros convertidos à prática do capitalismo , como demonstra sua primeira gestão na prefeitura de Ribeirão Preto, entre 1993 e 1996. Privatizou o serviço de esgoto sanitário e as telecomunicações da cidade, provocando indignação entre as alas mais esquerdistas do partido. ‘Eu estou à direita de José Dirceu’, brinca ele, ao definir sua posição. Palocci também foi o artífice da contratação do publicitário Duda Mendonça, que construiu a parte mais visível de sua carreira trabalhando para o ex-prefeito Paulo Maluf. Em 2000, ao concorrer novamente à prefeitura de Ribeirão Preto, Palocci contratou Duda Mendonça, ficou encantado com o trabalho e fez questão de levá-lo para a campanha de Lula. ”	7	40
1	“Qualquer presidente, não importa a origem nem a ideologia, tem um círculo de colaboradores mais próximos. Fernando Collor de Mello celebrou a chamada República das Alagoas, grupo que se tornou mais conhecido pelas estripulias do que propriamente pela excelência de seu trabalho. O ex-presidente Itamar Franco cercava-se da turma do pão de queijo, assim apelidada por ser majoritariamente de Minas Gerais. A primeira eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1994, marcou o auge de um grupo de políticos paulistas, todos fundadores do PSDB. Além do presidente, a turma era composta por José Serra, derrotado no pleito presidencial, pelo ex-ministro Sergio Motta e pelo ex-governador Mário Covas, os dois últimos falecidos durante a gestão de FHC. A turma de Lula tem semelhanças de origem – também é composta por políticos que fizeram carreira em São Paulo e são igualmente fundadores do PT. ”*	8	40
1	“Vivendo as delícias de sua primeira semana como presidente eleito do Brasil, e festejado em sua visita a Brasília como se fosse um artista popular, Luiz Inácio Lula da Silva apresentou ao país sua santíssima trindade – a tróica que teve alta influência em sua campanha, tem profundo domínio sobre o Partido dos Trabalhadores e, possivelmente, terá papel relevante na formação de seu governo. ”	9	39
1	“ A um presidente, é fundamental ter críticos por perto. Conta a história que, numa reunião sobre um tema relevante da II Guerra, o presidente americano Franklin Roosevelt expôs uma opinião e esperava a concordância geral. Circundou a mesa e, dirigindo-se a	10	42

	um jovem general, recém-chegado a Washington, disse: ‘Estou certo de que você também concorda’. A resposta: ‘Não, não concordo, senhor’. Os demais assessores acharam que seria a primeira e última reunião do novato, mas Roosevelt ouviu-o com atenção. O jovem general era George Marshall, que liderou as tropas aliadas e batizou o plano que recuperou a Europa dos escombros da II Guerra. ”		
1	“Ao contrário. Já foi budista, praticou a macrobiótica e, ao preparar Lula para os debates da campanha, recorria a sessões de relaxamento e preleções recheadas de analogias. ‘Você não pode mais ser o tigre’, disse a Lula , quando tentava convencê-lo a passar uma imagem de estadista na televisão. ‘O tigre salta direto na jugular do inimigo, mas você agora é a águia: voa acima dos outros pássaros, fica pairando majestosamente sobre o inimigo até que, no momento certo, mergulha para dar o bote final.’ ”	11	42
1	“Antes, dissera a Lula que só faria a campanha e voltaria para casa, mas foi convencido a ficar. Por seu conhecimento em questões previdenciárias, pode virar ministro da Previdência. Se a saúde não permitir, com certeza integrará o grupo palaciano de Lula, pois seu papel, no fundo, é fazer uma avaliação pessoal e intransferível ao presidente eleito de como andam as coisas. ”	12	42
1	“Na campanha, enquanto a equipe comemorava em restaurantes ou bares uma notícia boa, José Dirceu ia direto para o hotel, para acordar cedo no dia seguinte. Se necessário, trabalha de dezesseis a dezoito horas por dia e cuida de tudo – da grande política aos detalhes. Durante a empreitada eleitoral, coube a ele decidir que Lula iria a apenas um debate na televisão. ‘Foi decisão minha, e não abriria mão disso de maneira alguma’, relembra. Uma semana antes do primeiro turno, negou-se a aceitar a pressão para que o partido antecipasse o nome do presidente do Banco Central. Ao mesmo tempo em que influi nas grandes questões, José Dirceu dá-se ao trabalho, por exemplo, de verificar se o palanque de um comício tem estrutura para agüentar a massa. No último comício da campanha, em São Bernardo do Campo, começou a temer que a estrutura despencasse sob o peso de tanta gente. Postou-se à entrada e impediu o acesso além de um certo número de convidados. ”	13	42-43
1	“ Com seu empenho por tudo, o presidente do PT teve um poder incontrastável na campanha de Lula. Um dos primeiros petistas a cultivar laços com empresários, banqueiros e políticos de todas as tendências, Dirceu quebrou a espinha dorsal das correntes radicais e acabou com o tradicional assembleísmo do partido. ‘Com ele, o PT passou a decidir primeiro e se reunir depois’, diz um dirigente do partido. Na campanha, Dirceu participou, quase sempre como mentor, de todas as articulações fundamentais. ‘Pouca gente sabe, mas foi Dirceu quem primeiro entendeu a potencialidade de um vice na chapa de Lula como o José Alencar, do Partido Liberal’, comenta um cacique petista. Graças a seu trabalho, o PT de Lula atraiu o apoio de dois ex-presidentes – José Sarney e Itamar Franco – e manteve uma linha direta com o presidente Fernando Henrique. Durante a campanha, José Dirceu falava quase diariamente com	14	43

	FHC por telefone.”*		
1	“Se de fato assumi-lo, Dirceu deve deixar a presidência do PT, pois Lula quer que o partido se mantenha forte e atuante, e não como linha administrativa auxiliar do governo. ‘Dirceu e Lula se entendem por sinais’ , define o empresário e consultor paulista Antoninho Marmo Trevisan, que votou em Lula.”	15	43
1	“Ele é o sujeito que nunca leva problemas para Lula. Palocci só chega diante do chefe com soluções à mão , e sempre com uma cara sorridente e descansada de quem acabou de sair do banho. Seu crescente poder no PT decorre do fato de, na campanha, ter sido o principal interlocutor do partido com empresários, banqueiros e o mercado financeiro – posição que herdou de Mercadante, que se ocupava de sua campanha ao Senado. Nessa função, Palocci surpreendeu. ‘Desenvolvemos um relacionamento fantástico’, diz Horácio Lafer Piva, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.”	16	44
1	“ Metódico e organizado, foi ele quem insistiu para que o PT colocasse por escrito seus compromissos econômicos , o que tomou a forma da Carta ao Povo Brasileiro, e tornou-se uma voz petista capaz de tranquilizar o mercado.”	17	44
1	“Não se sabe até quando vai durar a boa vontade da cúpula petista em relação ao mercado, tão odiado no PT até meses atrás. As primeiras manifestações dos mosqueteiros de Lula na semana passada, no entanto, parecem reafirmar aquilo que, a portas fechadas, os cardeais do partido vinham garantindo antes da eleição: as alas radicais e reacionárias do PT estão sob controle da hierarquia do partido, e não se espera que incomodem a ponto de confundir o jogo.”*	18	44
1	“ Os três mosqueteiros com quem é preciso falar para ser ouvido no governo de Lula. ”	19	CAPA
1	“ Um por todos... E todos por um ”	20	TÍTULO
2	“José Dirceu é, ele próprio, o símbolo da guinada petista ao centro. ‘Quando decidimos que o radicalismo ia matar o PT éramos minoria absoluta. Tínhamos 30% conosco’, recorda Dirceu. ‘A duras penas ganhamos a maioria, e nossa visão começou a se tornar hegemônica. Hoje temos o controle do partido’ , completa ele.”*	1	40-41
2	“Com seu empenho por tudo, o presidente do PT teve um poder incontestável na campanha de Lula. Um dos primeiros petistas a cultivar laços com empresários, banqueiros e políticos de todas as tendências, Dirceu quebrou a espinha dorsal das correntes radicais e acabou com o tradicional assembleísmo do partido. ‘Com ele, o PT passou a decidir primeiro e se reunir depois’ , diz um dirigente do partido. Na campanha, Dirceu participou, quase sempre como mentor, de todas as articulações fundamentais. ‘Pouca gente sabe, mas foi Dirceu quem primeiro entendeu a potencialidade de um vice na chapa de Lula como o José Alencar, do Partido Liberal’, comenta um cacique petista. Graças a seu trabalho, o PT de Lula atraiu o apoio de dois ex-presidentes – José Sarney e Itamar Franco – e manteve uma linha direta com o presidente Fernando Henrique. Durante a campanha, José Dirceu falava quase diariamente com	2	43

	FHC por telefone.”*		
2	<p>“Com sua trajetória ascendente, o PT transformou-se num partido com muitas estrelas de primeira grandeza. A sigla reúne técnicos respeitados, como o economista Guido Mantega, responsável pelas principais idéias econômicas da plataforma eleitoral de Lula, e o agrônomo José Graziano, que conseguiu agregar grandes cabeças sobre questões agrícolas e produzir o prato de resistência do início do mandato de Lula – o projeto de combate à fome, chamado de Fome Zero. Um trabalho que o qualificou para ocupar o primeiro órgão anunciado por Lula, a Secretaria Nacional de Emergência Social.”</p>	3	43
2	<p>“No plano político, o partido também tem uma constelação para exhibir. Nela, incluem-se nomes como Aloizio Mercadante, dono de uma votação histórica para o Senado por São Paulo, a esfuziante prefeita Marta Suplicy, que administra a principal capital do país, e o deputado José Genoíno, político popular e carismático e o primeiro petista a disputar um segundo turno para o governo paulista. Piada dentro do PT: quando há três cadeiras vagas e cinco cardeais petistas em pé, Genoíno não se senta, a menos que convidado. Já Mercadante se senta imediatamente e quer indicar quem vai sentar-se nas duas outras cadeiras.”</p>	4	43-44
2	<p>“A parte mais progressista e moderada do PT descobriu recentemente que jamais chegaria a lugar algum com aquela pregação ultrapassada de um modelo socialista para o Brasil, num momento em que os regimes comunistas foram varridos do mundo inteiro a partir do fim dos anos 80, só deixando vestígios em duas ditaduras, a de Cuba e a da Coreia do Norte. Até o último momento o PT continuou fazendo oposição irresponsável ao governo Fernando Henrique Cardoso, mas às vésperas da eleição presidencial finalmente resolveu dizer que estava jogando a toalha.”</p>	5	44
2	<p>“Não se sabe até quando vai durar a boa vontade da cúpula petista em relação ao mercado, tão odiado no PT até meses atrás. As primeiras manifestações dos mosqueteiros de Lula na semana passada, no entanto, parecem reafirmar aquilo que, a portas fechadas, os cardeais do partido vinham garantindo antes da eleição: as alas radicais e reacionárias do PT estão sob controle da hierarquia do partido, e não se espera que incomodem a ponto de confundir o jogo.”*</p>	6	44
2	<p>“Na semana passada, os líderes tucanos e pefelistas, agora na oposição, armaram um circo para satirizar o caminho de austeridade escolhido pelo PT e fartamente premiado nas urnas. Fizeram galhofa dizendo que, agora, o salário mínimo teria de subir para 100 dólares e a alíquota do imposto de renda deveria ser reduzida, como sempre pregou o partido de Lula. ‘Vai ser curioso ver o PT defendendo um salário mínimo menor que 240 reais’, ironizou o deputado Jutahy Junior, líder do PSDB na Câmara. O PT por muito tempo defendeu essas bandeiras, com o propósito de constranger o presidente Fernando Henrique e firmar-se como defensor dos excluídos. Mas isso não justifica a atitude de tucanos e pefelistas.”</p>	7	39-40
2	<p>“José Dirceu começou a estreitar a aproximação com o presidente</p>	8	40

	eleito a partir de 1995, quando passaram ambos a construir o projeto de um PT moderado, sufocando as correntes mais radicais do partido. ”*		
2	“ A cúpula da nova corte ”	9	CAPA
3	“ “Sem as reformas tributária e previdenciária não haverá renegociação da dívida dos Estados ’, disse José Dirceu, usando apenas uma forma delicada de se recusar a abrir o cofre para governadores endividados, já que uma coisa não tem nada a ver com a outra.”	1	40
3	“ “Não haverá mudança nas metas de inflação ’, completou Antônio Palocci, perseverando na linha da austeridade. ”	2	40
3	“Lula, em sua primeira visita a Brasília após a eleição presidencial, saúda militantes em frente ao Palácio do Planalto: por enquanto, promessa cumprida. ”	3	39
3	“Na posição de governo, o PT, agora, está lidando com o plano da realidade, e não do teatro político, como fez até anteontem. Nesse sentido, os cardeais do partido deram uma demonstração de realismo na semana passada, mantendo-se fiéis às promessas de austeridade feitas na campanha. ”	4	40
3	“FHC, reunido em Brasília com a equipe que dará informações ao novo governo, na transição mais civilizada do país: tanto no grupo mais próximo de FHC quanto no de Lula, só há ‘paulistas’ e fundadores de partido. ”	5	40
3	“Qualquer presidente, não importa a origem nem a ideologia, tem um círculo de colaboradores mais próximos. Fernando Collor de Mello celebrou a chamada República das Alagoas, grupo que se tornou mais conhecido pelas estripulias do que propriamente pela excelência de seu trabalho. O ex-presidente Itamar Franco cercava-se da turma do pão de queijo, assim apelidada por ser majoritariamente de Minas Gerais. A primeira eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1994, marcou o auge de um grupo de políticos paulistas, todos fundadores do PSDB. Além do presidente, a turma era composta por José Serra, derrotado no pleito presidencial, pelo ex-ministro Sérgio Motta e pelo ex-governador Mário Covas, os dois últimos falecidos durante a gestão de FHC. A turma de Lula tem semelhanças de origem – também é composta por políticos que fizeram carreira em São Paulo e são igualmente fundadores do PT. ”*	6	40
3	“ Economista de destaque no partido , o senador eleito Aloizio Mercadante também fez questão de avisar: ‘A alíquota do imposto de renda deve continuar em 27,5%’, reafirmou ele. ”	7	40
3	“Em conversas reservadas , Palocci até já comentou sua admiração pessoal por Armínio Fraga, atual presidente do Banco Central. ”	8	44
3	“ Seus representantes entraram em contato com as federações das indústrias, deram as mãos à federação dos bancos (Febraban) e até armaram um pacto com a bolsa de valores. ”	9	44
3	“É uma diversão para os adversários ver o PT defendendo políticas de austeridade pregadas pelo Fundo Monetário Internacional e aplicadas disciplinadamente pelo ministro Pedro Malan e por Armínio Fraga , presidente do Banco Central. Mas era exatamente	10	40

	essa posição de austeridade que o PT vinha prometendo seguir caso Lula viesse a ser eleito presidente da República. Na primeira semana após a eleição, o partido continuou reafirmando a mesma promessa. "		
*SDs que se repetem em mais de uma FD.			

7.4 Descrição das Formações Discursivas identificadas na matéria de setembro de 2010			
Formação Discursiva (FD)	Sequência Discursiva (SD)	Número da SD	Página
1	"A imprensa ideal dos petistas"	1	TÍTULO
1	"Desacorçoados com a revelação pela imprensa de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto, Lula e seu partido sacam do autoritarismo e atiram na imprensa, que acusam de ser golpista e de inventar histórias. Eles querem um jornalismo melhor? Não. Querem jornalismo nenhum."	2	75
1	"Os reflexos da sucessão de escândalos que fizeram a lama subir até o gabinete mais próximo da Presidência da República e derrubaram até agora sete funcionários do governo fizeram-se sentir pela primeira vez nas pesquisas eleitorais divulgadas na semana passada. Segundo o instituto Datafolha, a diferença entre os votos da petista Dilma Rousseff e a soma de seus concorrentes caiu 5 pontos percentuais em sete dias."	3	75
1	"A queda provocou uma violenta reação do governo. Não contra os acusados de malfeitorias e corrupção na Casa Civil, de onde emanaram os episódios mais cabeludos, mas contra quem os denunciou. Em uma série de comícios e entrevistas, o presidente Lula dedicou a semana a desferir ataques contra a imprensa com uma virulência inédita. Afirmou que os veículos de comunicação 'inventam' coisas e torcem 'para o Lula fracassar'. Vociferou contra jornais e revistas que destilariam 'ódio' e prometeu 'derrotar' aqueles que 'se comportam como se fosse um partido político'. Foi um passo perigoso."	4	75
1	"Quando um presidente da República tenta enxovalhar a imprensa que o critica e ameaça 'derrotá-la' significa que acaba de adentrar no temível pântano da censura - e pouca coisa pode ser mais deletéria do que isso para uma democracia."*	5	75
1	"Ao sujar suas botas nesse lodo, Lula se aproxima do que há de pior na política da América Latina. Trilha o caminho dos caudilhos e ombreia-se com tiranetes do porte de Hugo Chávez, o presidente venezuelano que, para não ver suas próprias contradições expostas, solapou jornais, emissoras de rádio e chegou a fechar o principal canal de TV da Venezuela, a RCTV."	6	75
1	"Na semana passada, num movimento concertado com os ataques presidenciais, o PT organizou uma manifestação contra o que chamou de 'golpismo midiático'. Anunciado no site oficial do partido, o ato convocava os filiados a enfrentar 'a onda de baixarias que visa forçar a ida de José Serra ao segundo turno'. A 'onda de baixarias', bem entendido, eram as reportagens que revelaram, entre outros descabros, que petistas violaram o sigilo	7	77

	de pessoas próximas ao candidato do PSDB, José Serra, e que a família de Erenice Guerra, ex-ministra da Casa Civil e ex-braço direito de Dilma Rousseff, operava um balcão de negócios na soleira da porta do gabinete presidencial.”		
1	“A nota irônica do episódio ficou por conta da atual diretoria do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, que se ofereceu para abrigar a manifestação petista contra... os jornalistas. Talvez tenha sido a forma encontrada por seus diretores de movimentar a desolada sede da entidade, esvaziada por sua irrelevância e falta de representatividade. ”	8	77-78
1	“Entre brados contra a ‘conspiração da imprensa’ disparados pelo presidente do PC do B, Renato Rabello, e discursos em defesa do ‘controle social da mídia’, feito pela deputada Luiz Erundina, do PSB, chegou-se a uma conclusão que deixou exultantes os participantes: Lula não avançou o quanto poderia no controle da imprensa. Dilma, se eleita, deverá fazê-lo.”*	9	78
1	“O principal defensor deste projeto é Franklin Martins, ex-sequestrador, ex-jornalista e atual ministro da Comunicação Social de Lula. ”	10	80
1	“ Os ataques de Lula (setembro de 2010): Depois que a imprensa trouxe à tona os escândalos da Casa Civil, Lula fez três discursos em que atacou os jornalistas. Em Juiz de Fora, disse que os veículos ‘inventam coisas’ contra ele. No dia seguinte, declarou que iria ‘derrotar jornais e revistas que se comportam como se fossem partido político’. Na terça, voltou à carga: ‘Liberdade de imprensa não significa que você pode inventar coisas o dia inteiro’. Bonito, hein, Lula...”*	11	79
1	“ Ele só quer elogios. ”	12	77
1	“A estratégia de tentar controlar a imprensa está no DNA do PT. ”	13	76
1	“ A liberdade sob ataque ”	14	CAPA
1	“ A revelação de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto renova no presidente Lula e no seu partido o ódio à imprensa livre ”	15	CAPA
2	“ A primeira investida em larga escala contra o que o partido chama de ‘mídia’ se deu em 2004. Naquele ano, Luiz Gushiken, então secretário de Comunicação do governo, levou a cabo uma tentativa frustrada de criar o Conselho Nacional de Jornalismo - um nome pomposo para esconder uma tentação totalitária. ”	1	76
2	“A realizar-se o desejo do PT, o conselho iria ‘orientar, disciplinar e fiscalizar’ os jornalistas. A ideia naufragou assim que foi revelada pela imprensa, mas não morreu nem foi enterrada. Em diversas oportunidades, o PT e o governo petista tentaram relançá-la - repaginada, recauchutada ou disfarçada de ‘conselhos’ - aqueles órgãos que seriam formados por uma certa ‘sociedade civil’ que ninguém jamais conseguiu enxergar fora do arco de alianças do partido e que teriam como função, por exemplo, interferir na programação das emissoras de TV.”	2	76-77
2	“ Franklin é o idealizador da estratégia de consumir o dinheiro público na compra do apoio - disfarçado de anúncio publicitário - de pequenos jornais, rádios do interior, revistas e blogs de alcance	3	80

	semelhante.”		
2	“Recentemente, Franklin Martins foi autorizado por Lula a viajar para a Europa, tão logo acabem as eleições, para convidar para um seminário representantes de instituições reguladoras da comunicação social da Inglaterra e da Bélgica. Não que o ministro deseje ouvir a opinião de alguém. Ele apenas espera que a presença de representantes de outros países legitime a conferência que tentará, mais uma vez, aprovar o velho programa petista de controle da mídia. ”	4	80
2	“ Não foi uma, não foram duas, não foram três. Desde 2003, o governo Lula tentou cercear a liberdade de imprensa em pelo menos seis ocasiões. ”	5	79
2	“Expulsão de Larry Rohter (maio de 2004): O planalto chegou a anunciar a expulsão do país do jornalista Larry Rohter, correspondente do <i>New York Times</i>. O motivo foi a reportagem em que ele relatava o fato de o presidente Lula gostar de beber muito. O governo acabou voltando atrás. ”	6	79
2	“Conselho Federal de Jornalismo (agosto de 2004): A missão do órgão que o governo tentou criar por meio do projeto de lei era ‘orientar, disciplinar e fiscalizar’ jornalistas - ou seja, controlar a imprensa. Diante das reações, o projeto foi engavetado.”	7	79
2	“ Projeto mordaza (agosto de 2008): Depois de VEJA revelar que o ex-presidente do STF Gilmar Mendes havia sido grampeado ilegalmente pela Abin, o então ministro Tarso Genro enviou ao Congresso projeto de lei que prevê quatro anos de prisão para quem divulgar o conteúdo de grampos - ou seja, jornalistas. O projeto ainda tramita na Câmara.”	8	79
2	“PNDH-3 (dezembro de 2009): O Programa Nacional dos Direitos Humanos-3 veio disfarçado de pacote de providências de apelo humanitário, mas contrabandeava medidas que possibilitavam a cassação de concessões de emissoras de rádio e TV por comitês compostos de integrantes nomeados pelo governo. Caiu diante da reação da sociedade.”*	9	79
2	“ Os ataques de Lula (setembro de 2010): Depois que a imprensa trouxe à tona os escândalos da Casa Civil, Lula fez três discursos em que atacou os jornalistas. Em Juiz de Fora, disse que os veículos ‘inventam coisas’ contra ele. No dia seguinte, declarou que iria derrotar jornais e revistas que se comportam como se fossem partido político ’. Na terça, voltou à carga: ‘Liberdade de imprensa não significa que você pode inventar coisas o dia inteiro’. Bonito, hein, Lula...”*	10	79
3	“Entre brados contra a ‘conspiração da imprensa’ disparados pelo presidente do PC do B, Renato Rabello, e discursos em defesa do ‘controle social da mídia’, feito pela deputada Luiz Erundina, do PSB, chegou-se a uma conclusão que deixou exultantes os participantes: Lula não avançou o quanto poderia no controle da imprensa. Dilma, se eleita, deverá fazê-lo. ”*	1	78
3	“ A petista Dilma Rousseff apresentou-se bem mais comedida do que seus companheiros de partido: ‘A imprensa pode falar o que bem entender. Eu, o máximo que vou fazer quando achar que devo,	2	79-80

	é protestar dizendo: está errado o que disseram por isso, por isso e por isso. Usando uma coisa fundamental que é o argumento'. Dilma também rechaçou a mais explosiva das propostas do seu partido: 'O único controle social da mídia que eu aceito é o controle remoto na mão do telespectador'. Se Dilma está sendo sincera em suas afirmações, não se sabe. Mas a ela, que nunca teve a oportunidade de exercer um cargo eletivo, cabe o benefício da dúvida."		
3	" Já em relação a certos representantes do alto-petismo restam apenas certezas, incluindo a de que, em um eventual governo Dilma, o partido insistirá na estratégia autoritária."	3	80
3	" Caso Dilma vença, seu próximo projeto será cuidar da reforma do arcabouço jurídico que regula o funcionamento das TVs abertas e fechadas, das rádios, dos provedores de internet e das empresas de telecomunicações no Brasil. Franklin pretende criar uma superagência reguladora para o setor. Ela seria responsável pelos aspectos técnicos do setor, mas também - e aqui mora o perigo - teria ascendência sobre os 'conteúdos' que ele produz. Eis o pensamento vivo e franco do ministro a respeito do assunto: 'Acham que regulação é um atentado à democracia, mas é o contrário: é parte da garantia de competição, de igualdade de direitos, da capacidade de inovação, da massificação dos serviços e do direito da sociedade à informação', embaralha."	4	80
3	"Programa de governo do PT (julho de 2010): No programa de governo do PT, aprovado por Dilma Rousseff, lia-se que o governo poderia interferir na programação, no gerenciamento e na propriedade das emissoras de rádio e TV. A péssima repercussão do documento fez com que o PT o modificasse, mas, mesmo alterado, ele continuou defendendo veladamente o controle da imprensa."	5	79
4	"Nos países democráticos , a liberdade de imprensa não é um assunto discutível, mas um dado da realidade. E nem eventuais opiniões divergentes, exageros e mesmo erros passíveis de arbitragem e punição cometidos por jornalistas podem pôr em risco o direito de informar, o dever de fiscalizar e de alertar para os abusos perpetrados por quem está no poder."	1	75
4	" Quando um presidente da República tenta enxovalhar a imprensa que o critica e ameaça 'derrotá-la' significa que acaba de adentrar no temível pântano da censura - e pouca coisa pode ser mais deletéria do que isso para uma democracia."*	2	75
4	" Os ataques de Lula contra a imprensa levaram o jornal carioca Extra , das Organizações Globo, a estampar na sua capa uma crítica tão bem-humorada quanto precisa . Na sexta-feira, o jornal circulou com uma carta de baralho em que Lula aparecia como o Rei. Sobre a extremidade superior da carta, a manchete dizia: 'Lula é bonito - Essa é a manchete para quem acha que o papel da imprensa é bajular os donos do poder e, por isso, deve publicar apenas notícias positivas do governo. Denúncias de falcatruas são um abuso, uma forma de conspiração'. Na outra extremidade do baralho, escrito de ponta-cabeça, vinha a contraposição: 'Bonito, hein, Lula.... - Essa é a	3	75-76

	manchete para os que acham que o papel da imprensa é fiscalizar os atos de qualquer governo, denunciando os desvios e lembrando que eles não estão acima do bem e do mal’.”		
4	“Em contrapartida à investida do governo e do PT, um grupo de notáveis se organizou para repudiar os ataques contra a liberdade de imprensa . O grupo incluía, além de representantes históricos da esquerda, como o jurista Hélio Bicudo, um dos fundadores do PT , nomes como o do arcebispo emérito de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns , e dos ex-ministros da Justiça Paulo Brossard, Miguel Reale Junior, José Carlos Dias e José Gregori . Reunido no centro de São Paulo, no Largo São Francisco, em frente à Faculdade de Direito, o grupo presenciou a leitura de um manifesto em defesa da democracia lido por Hélio Bicudo.”	4	78
4	“Colocado na internet, o manifesto contava com mais de 30.000 adesões até sexta-feira. No Rio de Janeiro, a concentração se deu no Clube Militar, onde 500 pessoas se reuniram para discutir os ataques à imprensa - estiveram lá os colunistas Reinaldo Azevedo, de VEJA , e Merval Pereira, de <i>O Globo</i> .”	5	78-79
4	“Os principais candidatos a presidente da República também repudiaram o cerco aos veículos de comunicação . O tucano José Serra, em campanha no Mato Grosso, afirmou: ‘O que está incomodando este pessoal é o fato de que a imprensa está apresentando notícias que mostram abusos, desvios de dinheiro, nepotismo, maracutaia com dinheiro público, e esta imprensa incomoda os donos do poder. É somente isso. Não há país democrático no mundo sem imprensa livre ’. A senadora Marina Siva, do PV , tratou do assunto em uma entrevista coletiva em São Paulo: ‘O presidente fez uma crítica à imprensa que é contraditória com toda a sua trajetória. Considero fundamental a cobertura da imprensa ’.”	6	79
4	“O contrapeso à corrente de Franklin dentro do partido é liderado pelo ex-ministro da Fazenda, Antonio Palocci, coordenador da campanha de Dilma . Em 2003, ele fez parte da campanha de Lula e foi o fiador da estabilidade econômica no governo. Espera-se que, em um eventual novo governo petista, seja também um fiador da estabilidade democrática.”	7	80
4	“ Ao contrário do que Lula e seu partido querem fazer crer , a liberdade de imprensa não constitui um fim em si mesmo nem visa a preservar a liberdade de expressão para jornalistas ou proprietários de empresas de comunicação. A liberdade de imprensa vai além disso: é um meio para garantir a perpetuação das sociedades livres e democráticas . E não por outra razão é quase sempre a primeira vítima das tiranias de todas as colorações.”	8	80
4	“PNDH-3 (dezembro de 2009): O Programa Nacional dos Direitos Humanos-3 veio disfarçado de pacote de providências de apelo humanitário, mas contrabandeava medidas que possibilitavam a cassação de concessões de emissoras de rádio e TV por comitês compostos de integrantes nomeados pelo governo. Caiu diante da reação da sociedade. ”*	9	79
4	“ O Extra satiriza os ataques de Lula. Dilma Rousseff (atrás, candidato do PSOL, Plínio Arruda Sampaio), felizmente, discorda : ‘A	10	77

	imprensa pode falar o que bem entender. O único controle social da mídia que eu aceito é o controle remoto na mão do telespectador.”		
*SDs que se repetem em mais de uma FD.			

7.5 Descrição das Formações Discursivas identificadas na matéria de outubro de 2010			
Formação Discursiva (FD)	Sequência Discursiva (SD)	Número da SD	Página
1	“ RELAÇÕES PERIGOSAS: As conversas às quais VEJA teve acesso mostram que o braço direito do presidente Lula, Gilberto Carvalho, e a candidata à Presidência Dilma Rousseff tentaram usar o Ministério da Justiça para executar ‘tarefas absurdas’. ”	1	69
1	“A reportagem que se vai ler a seguir não foge à regra. Ela revela, talvez da maneira mais clara até hoje, o tipo de governo produzido pela mentalidade petista de se apossar do estado, aparelhá-lo e usá-lo em seu benefício partidário. ”*	2	70
1	“VEJA já havia demonstrado nas reportagens ‘O polvo no poder’ e ‘A alegria do polvo’ como a Casa Civil fora transformada em um balcão de negócios , em que maços de dinheiro vivo apareciam nas gavetas de escritórios a poucos metros da sala do presidente da República. A presente reportagem relata as tentativas ousadas de petistas de alto coturno de conspurcar um dos mais antigos e venerandos ministérios da República, o da Justiça. ”*	3	70
1	“ É conhecido o desprezo que o PT nutre pelas instituições republicanas, mas o que se tentou no Ministério da Justiça, criado em 1822 por dom Pedro I, ultrapassa todas as fronteiras da decência. Em quase 200 anos de história, o ministério foi chefiado por homens da estatura de Rui Barbosa, Tancredo Neves e quatro futuros presidentes da República. O PT viu na tradicional instituição apenas mais um aparelho a serviço de seu projeto de poder. ”	4	70
1	“ Como ensina Franklin Martins, ministro da Supressão da Verdade, ‘às favas com a ética’ quando ela interfere nos interesses políticos e partidários dos atuais donos do poder. ”	5	70
1	“VEJA teve acesso a conversas entre autoridades da pasta que revelam a dimensão do desprezo petista pelas instituições. ”*	6	70
1	“ As ordens emanam do coração do governo — do chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho, e da candidata a presidente, Dilma Rousseff. ”	7	71-72
1	“Para o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, o diretor da PF, Luiz Fernando Corrêa, se valeu do aparato policial para monitorar autoridades. O ministro suspeitou que ele próprio houvesse sido vítima de grampos ilegais e que até o presidente Lula tivesse sido constrangido por Corrêa.”*	8	71
1	“O clima de desconfiança no Ministério da Justiça contaminou até o mais alto escalão. A certa altura das conversas, o chefe da pasta, Luiz Paulo Barreto, manifesta suspeita de que seu subordinado Luiz Fernando Corrêa, diretor-geral da Polícia Federal, o espione. Em inúmeras ocasiões, Barreto revelou a seus assessores não ter ascendência sobre Corrêa. O ministro chega a expressar em voz alta	9	73

	sua desconfiança de que o diretor da PF tem tanto poder que se dá ao luxo de decidir sobre inquéritos envolvendo pessoas da antessala do presidente da República. ”		
1	“Em um dos diálogos, o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, sua chefe de gabinete, Gláucia de Paula, e o então secretário nacional de Justiça Romeu Tuma Júnior conversam sobre a origem do poder do diretor da Polícia Federal, Luiz Fernando Corrêa — que teria conseguido, entre outras coisas, evitar o indiciamento de Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do presidente Lula.”	10	71
1	“O ministro, que diz ter tido conhecimento do indiciamento pelo próprio Gilberto Carvalho, revela que o diretor da PF promoveu uma encenação para iludi-lo, numa manobra para mostrar que seu poder emanava de fora da hierarquia do Ministério da Justiça. ”	11	73
1	“A conversa toma um rumo inesperado. Um dos interlocutores fica curioso para saber a fonte real de poder de Luiz Fernando, que lhe dá cobertura até para desafiar seu próprio chefe sem temor de represálias. ‘Ele deve ter alguma coisa...’, afirma. ”	12	73
1	“Procurado, Luiz Paulo Barreto informou que não comentaria nada antes de ter acesso ao áudio da conversa. Gilberto Carvalho negou que já tenha feito algum pedido a Pedro Abramovay, a mesma resposta de Dilma Rousseff. ”	13	73
1	“As conversas e sua vinda a público funcionam como o poder de limpeza da luz do sol sobre os porões. Elas são reveladoras da triste realidade vivida por instituições respeitadas quando passam a ser aparelhadas por integrantes de um projeto de poder. ”	14	73
1	“Espionagem oficial: O quartel-general da pré-campanha de Dilma Rousseff foi usado para espionar adversários. A mando de Luiz Lanzetta, o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr. comprou a quebra do sigilo fiscal do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge, e de aliados de José Serra.”*	15	73
1	“Outra demonstração disso surgiu na semana passada, quando a Polícia Federal forneceu a mais recente prova de quanto pode ser pernicioso a simbiose entre partido e governo. Na quarta-feira, depois de revelado que o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr., integrante do ‘grupo de inteligência’ da campanha de Dilma, foi o responsável pela violação do sigilo fiscal de Eduardo Jorge e de outros integrantes do PSDB, o militante petista Lula, atualmente ocupando a Presidência da República, anunciou ao país que a PF faria revelações sobre o caso — antegozando o fato de que um delegado, devidamente brifado sobre o que deveria dizer, jogaria suspeitas das patifarias de Amaury Ribeiro sobre os ombros do PSDB.”*	16	73
1	“ A tropa começou os trabalhos com o que considerava um grande trunfo, um dossiê intitulado ‘Operação Caribe’, produzido por Amaury e que narrava supostas transações financeiras de pessoas ligadas ao PSDB. As únicas peças do dossiê fajuto que não podiam ser lidas no Google haviam sido obtidas de forma preguiçosa e venal, compradas de bandidos com acesso a funcionários da Receita Federal — e pagas com dinheiro vivo. Os dados fiscais violados serviram de subsídio para o tal relatório que circulou no comitê de campanha.”	17	74

1	“Como ‘previu’ o militante petista que ora ocupa a Presidência da República , horas depois de sua entrevista apareceram as tais ‘novidades’. Um delegado anunciou que, com a identificação de Amaury, o caso estava encerrado, já que o ex-jornalista, ao violar o sigilo, ainda era funcionário do jornal <i>O Estado de Minas</i> , portanto não haveria nenhuma ligação com a campanha do PT.”	18	74
2	“Diálogos entre autoridades revelam que o Ministério da Justiça, o mais antigo e tradicional da República, recebeu e rechaçou pedidos de produção de dossiês contra adversários.”	1	69
2	“Pelo que é falado, não se pode deduzir que o Ministério da Justiça, ao qual se subordina a Polícia Federal, cedeu integralmente às descabidas investidas palacianas.”	2	70-71
2	“‘Não aguento mais receber pedidos da Dilma e do Gilberto Carvalho para fazer dossiês. (...) Eu quase fui preso como um dos aloprados’, disse Pedro Abramovay, secretário nacional de Justiça, em conversa com seu antecessor, Romeu Tuma Júnior. Abramovay é considerado um servidor público exemplar, um ‘diamante da República ’, como a ele se referiu um ex-ministro. Aos 30 anos, chegou ao Ministério da Justiça no início do governo Lula pelas mãos do ex-ministro Márcio Thomaz Bastos. A frase dele pode confirmar essa boa reputação, caso sua ‘canseira’ tenha se limitado a receber pedidos e não a atender a eles. ”	3	71
2	“Ao comentar sobre o próprio futuro, Abramovay revela o desejo de trabalhar na ONU. Em tom de desabafo, o advogado afirmava que já não conseguia conviver com a pressão.”	4	72
2	“Segundo ele, a situação só ia piorar com a nomeação para o cargo de Luiz Paulo Barreto, então secretário executivo, pela falta de força política do novo ministro, funcionário de carreira da pasta, em que também angariou excelente reputação. ‘Isso (o cargo de ministro) é maior que o Luiz Paulo. (...) Agora eles vão pedir... para mim... pedir para a Polícia (Federal)’, desabafou.”	5	72
2	“Acrescentou Tuma: ‘Há um jogo pesado de interesses escusos. Para atingir determinados alvos, lança-se mão, inclusive, de métodos ilegais de investigação. Ou você faz o que lhe é pedido sem questionar, ou passa a ser perseguido. Foi o que aconteceu comigo ’, afirma o ex-secretário, que deixou a pasta em junho, depois que vieram a público denúncias de que teria relacionamento com a máfia chinesa. Tuma Júnior atribui a investigação contra si — formalmente arquivada por falta de provas — a uma tentativa de intimidação por parte de pessoas que tiveram seus interesses contrariados. Ele não quis revelar quais seriam esses interesses: ‘Mas posso assegurar que está tudo devidamente documentado.’”	6	72
2	“Para o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, o diretor da PF, Luiz Fernando Corrêa, se valeu do aparato policial para monitorar autoridades. O ministro suspeitou que ele próprio houvesse sido vítima de grampos ilegais e que até o presidente Lula tivesse sido constrangido por Corrêa.”*	7	71
2	“Espionagem oficial: O quartel-general da pré-campanha de Dilma Rousseff foi usado para espionar adversários. A mando de Luiz Lanzetta, o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr. comprou a quebra do	8	73

	sigilo fiscal do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge, e de aliados de José Serra.”		
2	“Outra demonstração disso surgiu na semana passada, quando a Polícia Federal forneceu a mais recente prova de quanto pode ser pernicioso a simbiose entre partido e governo. Na quarta-feira, depois de revelado que o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr., integrante do ‘grupo de inteligência’ da campanha de Dilma, foi o responsável pela violação do sigilo fiscal de Eduardo Jorge e de outros integrantes do PSDB, o militante petista Lula, atualmente ocupando a Presidência da República, anunciou ao país que a PF faria revelações sobre o caso — antegozando o fato de que um delegado, devidamente brifado sobre o que deveria dizer, jogaria suspeitas das patifarias de Amaury Ribeiro sobre os ombros do PSDB.”*	9	73
2	“Em junho passado, VEJA revelou que o comitê de campanha de Dilma Rousseff arregimentou um grupo de arapongas para espionar o candidato José Serra, seus familiares e amigos. ”*	10	73
3	“De toda forma, deveria ter denunciado as ordens impertinentes e nada republicanas de ‘produzir dossiês’. ”	1	71
3	“ Mesmo um alto funcionário com excelente imagem não pode ficar ao mesmo tempo com a esmola e o santo. Em algumas passagens da conversa, Abramovay se mostra assustado diante das pressões externas e diz que pensa em deixar o governo. Não deixou. Existem momentos em que é preciso escolher. Antes de chegar ao ministério, ele trabalhou no gabinete da ex-prefeita Marta Suplicy, na liderança do PT no Senado e com o senador Aloizio Mercadante. Vem dessa etapa da carreira a explicação para a parte da frase em que ele diz ‘quase fui preso como um dos alopados’. A frase nos leva de volta à campanha eleitoral de 2006, quando petistas foram presos em um hotel ao tentar comprar um dossiê falso contra José Serra. A seu interlocutor, Abramovay sugere ter participado do episódio e se arrependido, a ponto de temer pedidos semelhantes vindos agora do Palácio do Planalto. Ele disse que quase foi preso na época do escândalo e que, por isso, teve de se esconder para evitar problemas. ‘Deu ‘bolo’ a história do dossiê’, comenta. Em pelo menos três ocasiões, Abramovay afirma que não está disposto a novamente agir de forma oficiosa. E justificou: ‘...os caras são irresponsáveis’”	2	71
3	“Procurado por VEJA, Abramovay disse: ‘Nunca recebi pedido algum para fazer dossiês, nunca participei de nenhum suposto grupo de inteligência da campanha da candidata Dilma Rousseff e nunca tive de me esconder — ao contrário, desde 2003 sempre exerci funções públicas’”	3	72
3	“ Romeu Tuma Júnior, seu interlocutor, porém, confirmou integralmente o teor das conversas: ‘O Pedro reclamou várias vezes que estava preocupado com as missões que recebia do Planalto. Ele me disse que recebia pedidos de Dilma e do Gilberto para levantar coisas contra quem atravessava o caminho do governo. ’”*	4	72
3	“O delegado Alessandro Moretti foi o escolhido apenas para comunicar à nação as graves revelações obtidas pelo trabalho	5	74

	policial — formalmente ele não participou do inquérito. A lealdade no caso era mais vital do que o profissionalismo policial. Número dois na diretoria de Inteligência da PF, Moretti é produto direto do aparelhamento na Polícia Federal.”		
4	“Estamos a menos de uma semana das eleições e, como escreveu o correspondente Stuart Grudgings, da agência noticiosa Reuters, políticos e jornalistas correrão às bancas mais próximas para ver se será esta a edição de VEJA que vai abalar a liderança de Dilma Rousseff nas pesquisas eleitorais. Embora a análise do funcionário da Reuters demonstre um total desconhecimento do que seja jornalismo, atividade em que os fatos fazem as notícias e não o contrário, ele acertou em seu diagnóstico a respeito da ansiedade que as capas de VEJA provocam no meio político. ”	1	70
4	“ VEJA já havia demonstrado nas reportagens ‘O polvo no poder’ e ‘A alegria do polvo’ como a Casa Civil fora transformada em um balcão de negócios, em que maços de dinheiro vivo apareciam nas gavetas de escritórios a poucos metros da sala do presidente da República. A presente reportagem relata as tentativas ousadas de petistas de alto coturno de conspurcar um dos mais antigos e venerandos ministérios da República, o da Justiça. ”*	2	70
4	“ VEJA teve acesso a conversas entre autoridades da pasta que revelam a dimensão do desprezo petista pelas instituições. ”*	3	70
4	“ Os diálogos mostram essas autoridades incomodadas com a natureza dos pedidos que vinham recebendo do Palácio do Planalto. ”	4	70
4	“ Os diálogos aos quais a reportagem teve acesso foram gravados legalmente e periciados para afastar a hipótese de manipulação. ”	5	71
4	“ Romeu Tuma Júnior, seu interlocutor, porém, confirmou integralmente o teor das conversas: ‘O Pedro reclamou várias vezes que estava preocupado com as missões que recebia do Planalto. Ele me disse que recebia pedidos de Dilma e do Gilberto para levantar coisas contra quem atravessava o caminho do governo.’ ”*	6	72
4	“ Mais uma vez, a feitiçaria dos petistas resultou em um tiro no próprio pé. Nunca aprendem que, uma vez aberta a caixa de Pandora, os fantasmas escapam e voam sem controle. ”	7	73
4	“ Em junho passado, VEJA revelou que o comitê de campanha de Dilma Rousseff arregimentou um grupo de arapongas para espionar o candidato José Serra, seus familiares e amigos. ”*	8	73
4	“ A reportagem que se vai ler a seguir não foge à regra. Ela revela, talvez da maneira mais clara até hoje, o tipo de governo produzido pela mentalidade petista de se apossar do estado, aparelhá-lo e usá-lo em seu benefício partidário. ”*	9	70
4	“ A verdade sobre os dossiês ”	10	CAPA
*SDs que se repetem em mais de uma FD.			

7.6 Descrição das Formações Discursivas identificadas na matéria de novembro de 2010			
Formação Discursiva (FD)	Sequência Discursiva (SD)	Número da SD	Página
1	“Lula entregará o cargo ao eu sucessor em 1º de janeiro. Para o Brasil, será o fim de uma era. Para ele, uma mudança pessoal tão brusca quanto a que enfrentou quando subiu pela primeira vez a rampa do Palácio, oito anos atrás. A rotina diária, com todos os seus detalhes, será a primeira coisa a amanhecer diferente em 2 de janeiro. Ao acordar, por exemplo, Lula não terá tido a visita noturna do funcionário destacado para dirigir-se ao quarto do presidente nas madrugadas com a função de verificar se o mandatário da nação repousa tranquilo. Lula gosta de contar do susto que levou na primeira noite que passou no Palácio da Alvorada. ‘Estava dormindo e, de repente, vi aquele sujeito no meu quarto. Só depois descobri que ele estava passando para ver se estava tudo bem.’”	1	73-74
1	“ Hoje , muitas madrugadas depois, ele se sente tão a vontade no palácio que, ao convidar assessores e amigos para visitá-lo, costuma dizer apenas: ‘Passa lá em casa’ . Quando recebe novas visitas, gosta de exibir os tapetes e mostrar as vastas estantes de livros da biblioteca. ‘Já li todos’, diz, brincando.”	2	74
1	“ Das regalias funcionais que fazem parte do poder, e que se vão quando ele termina, Lula deverá sentir especial saudade do Airbus da Presidência, o Aerolula, que recebeu em 2005. Ele não apenas gosta de viajar no jato como costuma se gabar do fato de tê-lo adquirido. ‘Precisava chegar um cara de coragem para fazer isso’, costuma dizer.”*	3	74
1	“Como o funcionário encarregado de checar sua respiração nas madrugadas, outros em breve deixarão de servir-lhe para ocupar-se de seu sucessor, como o médico das Forças Armadas que acompanha os exercícios matinais do presidente e as duas funcionárias encarregadas de assegurar que sua roupa esteja sempre lavada, passada e com os botões em dia. Tudo isso acabará em janeiro. E Lula já decidiu como viverá sua nova fase. ”	4	74
1	“Sua equipe se instalará na capital paulista em endereço de cartão-postal: uma confortável casa de três andares, com vista para o Parque do Ibirapuera. O imóvel já foi comprado e teve a reforma iniciada.”	5	76
1	“O pecuarista José Carlos Bumlai, fornecedor da carne dos churrascos do Palácio da Alvorada, foi destacado para fiscalizar as obras, que incluem a construção de um memorial da Presidência, salas para reunião e arquivos e espaço para os presentes que ele recebeu. O instituto contará com duas suítes para Lula e pessoas de sua intimidade. Os amigos do atual presidente já escalaram mantenedores para a instituição. Entre eles estão as empreiteiras Odebrecht, OAS e Andrade Gutierrez e o grupo JBS.”	6	76
1	“Momentos para lembrar: Lula joga futebol no Palácio do Planalto, em foto de 2003, e é aclamado no Nordeste. À direita, em visita ao Egito, em 2003. Ao lado, no Aerolula, o jato de que sentirá saudade. ”*	7	78

1	“Com o que vivem o ex-governantes: Para que os chefes de governo possam se manter depois de deixar o cargo, é comum que seu país lhe conceda direitos vitalícios, que incluem o pagamento de pensão e servidores bancados pelo estado - no Brasil, a pensão foi extinta em 1988.”*	8	76
1	“Sérgio Xavier Ferreira - Tradutor. Por saber o que Lula quer dizer com suas metáforas, Ferreira se tornou o tradutor preferido de Lula. Corrige seus erros de português e evita gafes. Tecla SAP do presidente desde 1992, Ferreira pode receber até 195 200 reais por ano do Itamaraty, em honorários e viagens.”*	9	75
1	“José Carlos Bumlai - Pecuárta. Criador de gado, Bumlai é conhecido por fornecer a carne dos churrascos de Lula. Tornou-se assim um dos melhores amigos dele e da primeira-dama, Marisa Letícia. Está cuidando da reforma da sede do Instituto Lula, em São Paulo.”	10	75
1	“Paulo Okamoto - Presidente do Sebrae. Amigo de Lula há trinta anos, o sindicalista Okamoto foi tesoureiro da campanha de 1989. Em 1990, participou da criação do Instituto Cidadania, onde Lula se abrigou após a derrota. Ficou conhecido como ‘doador universal’ por afirmar ter pago dívidas pessoais de Lula e sua família.”	11	74
1	“Desde que se tornou uma figura pública, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu mostras de ser um homem emotivo e afeito a arroubos de franqueza, algumas vezes desconcertantes. Na Festa pelo seu 65º aniversário, comemorado no dia 27 no Palácio do Planalto, ele provou que continua o mesmo. Referindo-se ao fato de ser aquele o último aniversário que celebraria antes de passar a faixa presidencial adiante, afirmou: ‘Com toda a sinceridade, preferia que este dia não tivesse chegado’. Na última semana, ele chorou quatro vezes em público.”	12	73
2	“Das regalias funcionais que fazem parte do poder, e que se vão quando ele termina, Lula deveria sentir especial saudade do Airbus da Presidência, o Aerolula, que recebeu em 2005. Ele não apenas gosta de viajar no jato como costuma se gabar do fato de tê-lo adquirido. ‘Precisava chegar um cara de coragem para fazer isso’, costuma dizer.”*	1	74
2	“Embora negue em público, o presidente cultivou planos de comandar algum órgão relevante da política internacional, como a ONU, o Banco Mundial ou a FAO, agência da ONU para agricultura e alimentação. Os projetos, porém, colidiram com a realidade - Lula não conseguiu apoio suficiente para eles. Em maio, o presidente reuniu-se no Rio de Janeiro com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, para expor sua pretensão. Ouviu que ela era inviável, dado que esses cargos costumam ser ocupados por diplomatas de carreira.”*	2	74-75
2	“Além disso, o alinhamento do Brasil com governos totalitários como os de Cuba, Irã e Venezuela enfraqueceu o presidente junto a comunidade internacional que define quem vai para onde.”	3	75
2	“Ban Ki-moon chegou a oferecer a Lula o comando de uma ação que a ONU desenvolverá para combater o aquecimento global, ao lado da alemã Angela Merkel, mas a proposta não animou o	4	75

	presidente. A negativa de Ban Ki-moon não foi suficiente para que Lula desistisse do seu pleito. Meses mais tarde, ele teve uma conversa com o comandante do Acnur (agência da ONU para refugiados), o ex-primeiro-ministro de Portugal António Guterres, mas o resultado foi igualmente desanimador.”*		
2	“Diante disso, Lula optou por um plano B. Abrirá um instituto que levará seu nome, nos mesmos moldes daquele que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso montou ao deixar o poder. O tucano seguiu o exemplo do ex-presidente americano Jimmy Carter, ganhador do Nobel da Paz de 2002 e até hoje cultuado como o melhor ex-presidente dos Estados Unidos. Bill Clinton, depois de deixar o cargo, em 2001, também criou um instituto de finalidades humanitárias. O de Lula cuidará do acervo de sua passagem pela Presidência e das obras do Instituto Cidadania, ligado ao PT e que já foi presidido por ele. ”*	5	75-76
2	“Sua principal ação, porém, não será no Brasil. Lula ambiciona fazer do instituto um meio para exportar a tecnologia de combate a fome que acredita ter desenvolvido em seus oito anos na Presidência. Quer viajar o mundo em palestras e firmar convênios com governos de países pobres, principalmente na África e na América Central, para ações de combate à fome, agricultura familiar e desenvolvimento do etanol.”	6	76
2	“A primeira delas diz respeito ao destino que ele dará a sua maior criação, o lulismo. ”	7	76
2	“Uma vez acomodado em seu novo escritório, Lula promete voltar a por o pé na estrada. Quer viajar pelo interior do país para ver os resultados do seu governo. O plano é reeditar a Caravana da Cidadania, que ele organizou para se preparar para a eleição presidencial de 1994.”*	8	76
3	“O presidente já chora em público a despedida do poder e cria instituto para disseminar as ideias do seu governo e influenciar o destino do país - agora e, quem sabe, em 2014. ”	1	72
3	“Embora negue em público, o presidente cultivou planos de comandar algum órgão relevante da política internacional, como a ONU, o Banco Mundial ou a FAO, agência da ONU para agricultura e alimentação.”*	2	74
3	“Ban Ki-moon chegou a oferecer a Lula o comando de uma ação que a ONU desenvolverá para combater o aquecimento global, ao lado da alemã Angela Merkel, mas a proposta não animou o presidente. A negativa de Ban Ki-moon não foi suficiente para que Lula desistisse do seu pleito. Meses mais tarde, ele teve uma conversa com o comandante do Acnur (agência da ONU para refugiados), o ex-primeiro-ministro de Portugal António Guterres, mas o resultado foi igualmente desanimador.”*	3	75
3	“Uma vez acomodado em seu novo escritório, Lula promete voltar a por o pé na estrada. Quer viajar pelo interior do país para ver os resultados do seu governo. O plano é reeditar a Caravana da Cidadania, que ele organizou para se preparar para a eleição presidencial de 1994. ”*	4	76
3	“Este parece ser o futuro imediato do futuro ex-presidente. Já no	5	76

	longo prazo, restam incógnitas.”		
3	“Se, no entanto, Lula trocar os dias de descanso em seu sítio pela militância política em qualquer esfera, vai assombrar quem quer que ocupe a cadeira que foi sua - como oposição ou influência, não necessariamente solicitada.”*	6	78
3	“A segunda questão demorará um pouco mais para ser respondida: concorrerá Lula à Presidência em 2014? São muitos os indícios de que sim, a começar pelo fato de onze entre dez interlocutores do presidente apostarem na tese. ‘Nenhum animal político do peso do Lula veste o pijama aos 65 anos’, diz o cientista político Paulo Fábio Dantas, da Universidade Federal da Bahia.”*	7	78
3	“É verdade que Lula resistiu a tentação do terceiro mandato, mas também é fato que cogitou dele. Tanto assim que, em discurso recente, expressou arrependimento pelo abandono da ideia. No fim de agosto, durante a cerimônia de sanção da lei complementar que criou o Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, brincou, dirigindo-se ao ministro da Defesa, Nelson Jobim: ‘Você poderia, junto dessa emenda complementar, ter mandado uma emendinha para mais uns anos de mandato’.”	8	78
3	“Ele sairá da Presidência, mas a Presidência sairá dele?”	9	CAPA
4	“Diante disso, Lula optou por um plano B. Abrirá um instituto que levará seu nome, nos mesmos moldes daquele que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso montou ao deixar o poder. O tucano seguiu o exemplo do ex-presidente americano Jimmy Carter, ganhador do Nobel da Paz de 2002 e até hoje cultuado como o melhor ex-presidente dos Estados Unidos. Bill Clinton, depois de deixar o cargo, em 2001, também criou um instituto de finalidades humanitárias. O de Lula cuidará do acervo de sua passagem pela Presidência e das obras do Instituto Cidadania, ligado ao PT e que já foi presidido por ele.”*	1	75-76
4	“Os cientistas políticos acreditam que a resposta para essa pergunta independe de quem será seu sucessor. Ela está vinculada unicamente à posição que o presidente assumir daqui para a frente. Se ele de fato se afastar da política, como chegou a prometer, o lulismo tenderá a esmaecer. Como o getulismo, vai se resumir a uma referência histórica - um quadro na parede.”	2	76-78
4	“Se, no entanto, Lula trocar os dias de descanso em seu sítio pela militância política em qualquer esfera, vai assombrar quem quer que ocupe a cadeira que foi sua - como oposição ou influência, não necessariamente solicitada.”*	3	78
4	“A segunda questão demorará um pouco mais para ser respondida: concorrerá Lula à Presidência em 2014? São muitos os indícios de que sim, a começar pelo fato de onze entre dez interlocutores do presidente apostarem na tese. ‘Nenhum animal político do peso do Lula veste o pijama aos 65 anos’, diz o cientista político Paulo Fábio Dantas, da Universidade Federal da Bahia.”*	4	78
4	“Desde a redemocratização, a maioria dos presidentes que deixaram o cargo não conseguiu deixar a política, mesmo quando os eleitores os abandonaram. José Sarney teve de mudar seu domicílio eleitoral para o Amapá para se eleger senador. Fernando	5	78

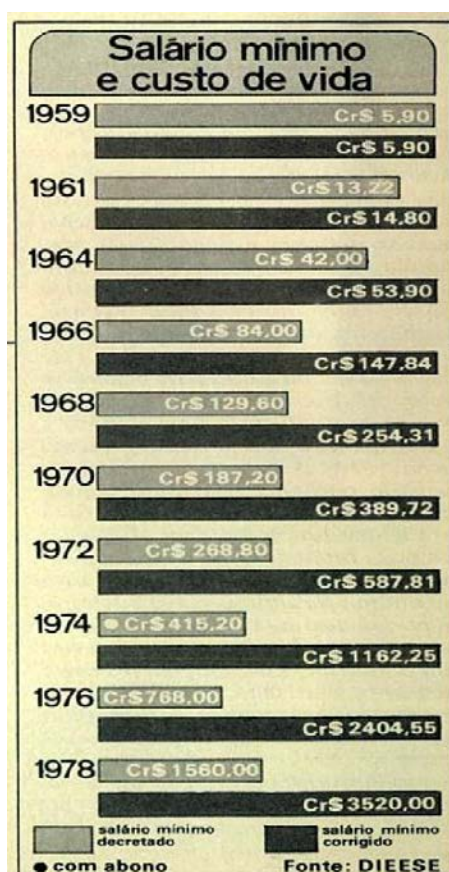
	Collor, após ter sido apeado do poder, perdeu uma eleição até se eleger senador por Alagoas. Itamar Franco tentou, sem sucesso, voltar à Presidência e se contentou em eleger-se governador e senador. A história da América Latina registra um caso em que a dificuldade de desencarnar do poder atingiu o paroxismo. Entre 1960 e 1996, o dominicano Joaquín Balaguer cumpriu sete mandatos presidenciais em seu país. No penúltimo, já estava cego e praticamente surdo, o que não o impediu de governar até o fim, concorrer e vencer na eleição seguinte (acusado de fraudar o pleito, como da vez anterior) e, em 2000, aos 94 anos de idade, disputar a Presidência pela derradeira vez, com a saúde completamente debilitada. Foi derrotado e morreu dois anos depois.”		
4	“No Brasil, o único ex-presidente que controlou a tentação de disputar eleições foi Fernando Henrique , que se manteve como conselheiro do seu partido, o PSDB.”	6	78
4	“Lula deixa a Presidência com uma popularidade recorde e alguns feitos notáveis. Deixa também a mancha dos escândalos que marcaram o seu governo, sendo o mensalão a mais indelével delas. Esses registros pertencem ao passado e são imutáveis. ”	7	78
4	“Já a forma com que Lula continuará a escrever a sua biografia a partir de agora é uma decisão que depende exclusivamente dele - e ela será fundamental para definir seu lugar na história. ”	8	78
4	“ Momentos para esquecer: Acima, Lula com José Dirceu, o ministro da Casa Civil que protagonizou o maior escândalo de seu governo: o mensalão. Ao lado, com o atômico Mahmoud Ahmadinejad. A proximidade com o ditador iraniano ajudou a enterrar as ambições do petista de assumir um cargo internacional. ”	9	76
4	“ Momentos para lembrar: Lula joga futebol no Palácio do Planalto, em foto de 2003, e é aclamado no Nordeste. À direita, em visita ao Egito, em 2003. Ao lado, no Aerolula, o jato de que sentirá saudade. ”*	10	78
4	“O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai se dedicar à criação do instituto que levará seu nome. Para auxiliá-lo, poderá contar com alguns velhos companheiros. ”	11	74
4	“Celso Amorim - Ministro das Relações Exteriores. Sua fidelidade a Lula é tal que se refere ao chefe como ‘nosso líder’. No Itamaraty, ele criou a chamada diplomacia megalomaniaca. Em 2009, trocou o PMDB pelo PT para concorrer ao Parlamento, mas desistiu. Trabalha para ficar onde está. Caso contrário, seguirá Lula no instituto.”	12	74
4	“Márcio Thomaz Bastos - Ex-ministro da Justiça. No governo, atuou como bombeiro de crises. Deixou o cargo em 2007, mas seguiu atuante nos bastidores. Delineou a defesa do governo no caso Erenice Guerra, sucessora de Dilma Rousseff na Casa Civil. Será um dos dez patronos-conselheiros do instituto.”	13	74
4	“Sérgio Xavier Ferreira - Tradutor. Por saber o que Lula quer dizer com suas metáforas, Ferreira se tornou o tradutor preferido de Lula. Corrige seus erros de português e evita gafes. Tecla SAP do presidente desde 1992, Ferreira pode receber até 195 200 reais por	14	75

	ano do Itamaraty, em honorários e viagens.”*		
4	“Paulo Vannuchi - Secretário de Direitos Humanos. Ex-militante de um grupo terrorista, foi o responsável no governo pelo Programa Nacional de Direitos Humanos-3, que sugeria, entre outras coisas, liberar o aborto, extinguir o direito à propriedade e manietar a imprensa. ”	15	75
4	“Marco Aurélio Garcia - Assessor especial da Presidência para Assuntos Internacionais. Imortalizado em 2007 por fazer gestos obscenos ao assistir ao noticiário sobre o acidente da TAM no qual morreram 199 pessoas em São Paulo, Top Top Garcia quer integrar o governo Dilma. Se não for possível, será incluído na equipe de assessores do instituto.”	16	75
4	“Lula e o futuro do lulismo ”	17	TÍTULO
4	“ Todos os homens do ex-presidente. ”	18	74
*SDs que se repetem em mais de uma FD.			

8 ANEXOS

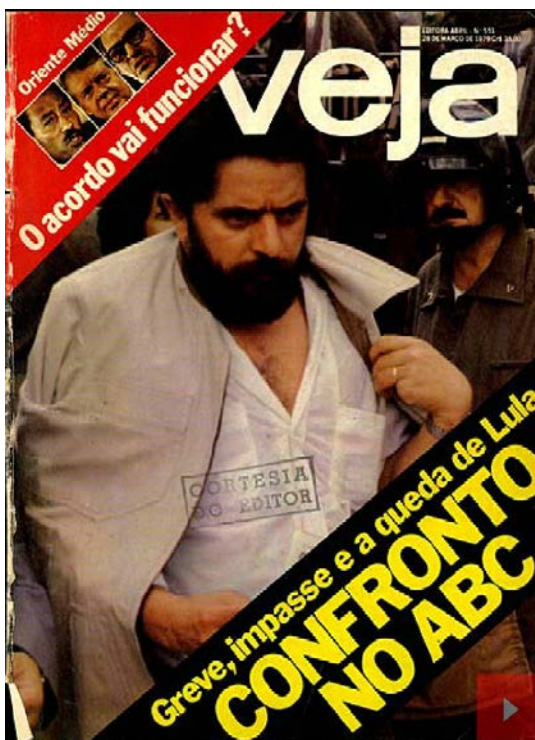


Capa da edição nº 1 de *Veja*, de 11/09/1968. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*¹⁴⁹



Infográfico que acompanha a matéria “Além das festas oficiais” (p. 86), publicada em 10/05/1978 em *Veja*. A barra clara representa o salário da época; a barra escura, o valor que deveria ter baseado no poder de compra so salário de 1959. Fonte: Acervo digital da revista *Veja*.

¹⁴⁹ Disponível em: < <http://www.veja.com/acervodigital/>>. Acessado em 23/04/2012 às 22:37



Edição nº 551 de *Veja*, publicada em 28/03/1979: foi primeira aparição de Lula na capa da revista. Fonte: Acervo digital da revista *Veja*.

Brasil

Radicais minam o PT

Grupos de extrema esquerda criam dificuldades para a formação do Partido dos Trabalhadores. São contra o Judiciário independente e o parlamento livre

Lula após horas de reunião...
...com a coordenação do PT, uma nota minimizando as divergências*

Tempo, porém, assegura que as modificações promovidas no texto original do manifesto marcaram "de modo mais nítido o caráter clássico do partido". Em outras declarações, a mesma expressão serviu para antecipar distintos desdobramentos no futuro do PT. Os trabalhadores saberão "separar o joio do trigo" e se livrarão dos radicais, afirmou Menos Amorim, presidente dos metalúrgicos de Osasco. "As bases do PT sabem separar o joio do trigo", discorreu o jornal *Companheiro*, outro porta-voz de radicais, referindo-se à derrota dos "reformistas".

SOCIAL DEMOCRATAS — Não se trata, portanto, de mera diferença de tom entre oradores. **Lula** e outros sindicalistas terão de enfrentar grupos ativos, acostumados a manobras que ocorreram a posições assumadas. No Colégio Sion, por exemplo, Mário Pedrosa, trotskista histórico, Apolônio de Carvalho, fundador do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, e Viciosa Caldeira Brandt, ex-presidente da UNE, recriaram o rótulo de "social democratas" em consequência da "moderação" de suas opiniões políticas.

PROGRAMA NÃO VALE — "O programa não vale, no essencial, como nós queremos. Quando propuseram a troca da palavra 'joio' por 'massa trabalhadora', aceitei imediatamente. Qual o problema?", defende-se **Lula**. "Além disso, o programa do PDS mostrou que os programas partidários não têm a menor importância. Se tivessem, todos nós deveríamos aderir ao programa do PDS, que tem quase todas nossas reivindicações." A prática, mais uma vez, parece denunciar o líder metalúrgico: em Porto Alegre, por exemplo, a militância dos grupos radicais tem criado sérios problemas para o PT.

Os trotskistas lideram os pequenos grupos

Preponderam entre os radicais que aderiram ao PT grupos de orientação trotskista, como a Convergência Socialista e o Movimento de Emancipação do Proletariado (MEPE). Em menor escala, emergem distâncias esquerdas, como a Cretelha, de Belo Horizonte, e a Avala (Avançar na Luta), de Porto Alegre, facção nascida da Libelo (Liberdade e Luta). Preocupados com

o fantasma da dupla militância, que poderia levá-los a enfrentar problemas com a polícia, os radicais gaúchos resolveram camuflar o cordão umbilical, identificando-se apenas como "militantes do PT". Assim, por exemplo, dois membros dirigentes da Avala gaúcha, Sérgio Saratava, o "Sérgio Pantera", e Vera Costa, a "Vera Operária", recusam-se sistematicamente a discorrer sobre o assunto. Para quem quiser saber o que pensam, os dois recomendam a leitura do jornal *Em Tempo*, de São Paulo — que também se recusa a declinar os nomes das organizações que representa.

Encontro no Sion: velhos comunistas transformados em meros liberais

Ayrtton Soares, além das vaia, ficou preocupado com algumas tentativas subleitas por parte dos grupos radicais. Uma delas, em relação ao livro de assinaturas. Cortes de que se tratava da ata de fundação, militantes radicais apressaram-se em assiná-lo em busca da obtenção da maioria. Com isso, registraram-se mais de 800 assinaturas num papel que mais tarde se revelou imprecisado, não constam nem a profissão, nem o endereço dos assinantes, como exige a Justiça Eleitoral.

No congresso do partido, previsto para os dias 12 e 13 de abril próximos, quando será eita a direção nacional do PT, as divergências tenderão a se acirrar. Viciosa Caldeira Brandt não parece preocupado. "O PT se pretende amplo e democrático", diz o ex-militante da Ação Popular (AP). "Os pequenos grupos, que não são pequenos por acaso, não terão a menor chance de controlar um processo realmente democrático." Para ele, a presença da extrema esquerda no PT é uma coisa inevitável, como é inevitável a adesão de outras organizações classistas ao PMDB.

JOIO DO TRIGO — Jacob Bittar, coordenador da comissão nacional provisória do partido e líder dos petroleiros de Paulínia, garante que o PT "jamais se livrará dos radicais". "O mesmo Em

*Da esquerda para a direita: Manuel de Cunha; Menos Amorim; Otávio Dória e José Álvaro Mendes.

VEJA, 27 DE FEVEREIRO, 1980

Página interna (12-13) da Edição 599 de *Veja*, publicada em 27/02/1980. É a primeira menção ao PT na revista, pouco depois de ele ser fundado. Fonte: Acervo digital da revista *Veja*.

AS DESVANTAGENS DA GREVE

Os metalúrgicos estão em greve porque não aceitaram o aumento que os patrões ofereceram, de 8,5%, ao ano. Mas você, junto com sua família, precisa levar em conta que a greve custa dinheiro para o grevista.

Vejamos algumas desvantagens:

- 1 - Se você não trabalhou ontem e hoje, você não perde 2 dias, perde 3.
- 2 - Se você não trabalhar amanhã, sua perda não será de 3 dias, mas sim, de 4 dias.
- 3 - Se a greve persistir, por exemplo até o dia 8, sua perda passará para 14 dias.
- 4 - Se a greve atingir 15 dias, você não perderá 15 dias, mas 22 dias.

Além disso, você sofre desconto de salário já em abril, perde dias de férias, perde parte do Fundo de Garantia, perde horas extras, perde parte do 13º e leva para a sua família um grande desgaste emocional.

Confira esta tabela e veja por que esta greve não vale a pena

Para quem ganha em abril de 79	Passa a ganhar em maio de 79	Com o aumento oferecido pela FIESP*	Os trabalhadores querem **	Diferença
5.000	6.100	9.216	9.391	Mais 175,00
6.000	7.320	11.058	11.216	Mais 158,00
8.000	9.760	14.705	14.915	Mais 210,00
10.000	12.200	18.289	18.550	Mais 261,00
15.000	18.300	27.249	27.638	Mais 389,00
20.000	24.400	36.210	35.865	Menos 345,00
30.000	36.600	53.521	53.011	Menos 520,00
40.000	48.800	70.420	69.749	Menos 671,00

(*) Proposta oferecida na mesa de negociações em 28/03/80.
 (**) Contra-proposta oferecida na mesa redonda do DRT em 31/03/80.

Assim, em termos médios, a FIESP ofereceu 5% de aumento em cima do INPC e os trabalhadores querem 5,8%. Será que isso vale uma greve? Pense bem. Na hora de sofrer os descontos de salário, você fica sozinho. Você e o seu carne.

COMISSÃO DE NEGOCIAÇÃO - FIESP

Infográfico que acompanha a matéria “Os riscos do ABC”, de 09/04/1980. *Veja* mostra em números porque os operários não devem entrar em greve. Fonte: Acervo digital da revista *Veja*.



Capas de 06/09/1989 e 10/06/1998 mostram a mudança no visual de Lula através dos anos. Fonte: Acervo digital da revista *Veja*.

8.1 MATÉRIAS UTILIZADAS NA ANÁLISE

a) CRISTÃOS- NOVOS DO CAPITALISMO (25/09/2002)



Capa de *Veja* da edição nº 1.770, de 25/09/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

CRISTÃOS-NOVOS DO CAPITALISMO

Recém-convertidos à disciplina fiscal e à economia de mercado, Lula e o PT querem governar o Brasil. As pesquisas mostram que eles não estão longe desse objetivo

A democracia brasileira, a se fiar nas pesquisas de intenção de voto, pode levar ao poder Luís Inácio Lula da Silva, candidato à Presidência pelo Partido dos Trabalhadores. Com um índice em torno de 40% nas pesquisas, Lula tem uma pequena chance estatística de ganhar no primeiro turno, caso supere a tendência de queda registrada na última sexta-feira e volte a crescer. Mas sua presença no segundo turno está praticamente assegurada, salvo desastres de última hora. A essa altura, os eleitores que não votaram em Lula e os indecisos, ainda a maioria, estão se perguntando se o PT está preparado para governar o Brasil. Depois da queda de Ciro, Lula tomou o lugar do cretense como alvo do tirocínio eleitoral. Sua competência está sendo questionada nos programas eleitorais do tucano José Serra, para quem o Lula sorridente e flexível da televisão não passa de uma invenção de marketing.

É cada vez menor o número de pessoas que duvidam dos compromissos democráticos do Partido dos Trabalhadores e de seu candidato à Presidência. A maneira inequívoca com que Lula se comprometeu durante a campanha a manter intactos os fundamentos da estabilidade econômica também convenceu boa parte do eleitorado, conforme mostram as pesquisas de intenção de voto. Lula é aplaudido nos encontros com banqueiros, empresários e peccuristas, mas as ambigüidades em torno dele ainda não se dissiparam.

Todo mundo reconhece, a começar pelo próprio Lula, que o Brasil e o PT amadureceram. O estado de crise em que termina o governo FHC não é uma recomendação confortável a respeito de todas as escolhas por ele feitas nos últimos oito anos. Mas, durante esses oito anos, as instituições brasileiras evoluíram muito. É impossível imaginar hoje uma volta ao padrão primitivo da ingerência absoluta do Estado na economia como ocorreu durante o regime militar ou mesmo na redemocratização do período José Sarney. Os militares investiram dinheiro do contribuinte em projetos fantásticos, como a colonização florestal e irresponsável da Amazônia ou a posse da tecnologia nuclear que poderia transformar o Brasil numa potência bélica. José Sarney se viu envolvido no tráfego e desastroso congelamento de preços do Plano Cruzado, seguido



PAZ E AMOR
Lula fala aos militares no Rio de Janeiro: ninguém duvida da vocação democrática do candidato do PT

veja 25 de setembro, 2002 39

Páginas 38 e 39 da edição de 25/09/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

da prisão de empresários e da falta de produtos nos supermercados. Nada disso é sequer imaginável no Brasil atual, um país que, com todos os seus males, pratica as regras econômicas universais incontornáveis no mundo globalizado. Nesse ambiente, tornou-se minúscula a margem de manobra de um presidente de qualquer partido disposto a engatar uma marcha à ré institucional no país.

O que a boa parte da opinião pública deseja saber é como o PT, que durante vinte anos se preparou para a construção do socialismo, vai se sair agora diante do desafio de governar de acordo com os padrões capitalistas que se compromete a seguir. É uma questão mais complexa do que parece. Exige aprendizagem, alteração de paradigmas mentais e a recusa de toda a agenda ideológica que o PT seguiu desde sua criação, há pouco mais de vinte anos. A pergunta é se o partido está mesmo disposto a enterrar sua cartilha histórica para administrar um país como o Brasil — o que é bem diferente do que se sair bem em administrações municipais e estaduais. "Lula não é mais a ovelha negra das eleições presidenciais passadas", diz Graham Stock, estrate-



MILITANTES
O comportamento dos radicais do PT num eventual governo de Lula ainda é uma incógnita

gista-chefe para a América Latina do banco americano JP Morgan. Segundo Stock, os discursos animais para um eventual governo petista são de três tipos. Primeiro: ainda existem dúvidas sobre certos aspectos da política econômica do PT. Segundo: não se conhecem os nomes dos integrantes de sua equipe econômica. Terceiro: não se sabe qual será a real influência no futuro governo dos militantes radicais do partido.

"O PT vai precisar superar o obstáculo de descrença do mercado no curto prazo, mas depois existe uma probabilidade razoável de que faça um governo correto do ponto de vista macroeconômico", diz Sérgio Werlang, ex-diretor do Banco Central, hoje diretor do Banco Itaú e professor da Fundação Getúlio Vargas. Tradução: num eventual governo petista, haveria um período de adaptação, uma fase difícil, marcada por um certo desmonte administrativo. "O PT, se eleito, será de passar

se tornaram mais numerosos que os operários na relação de filiação da agremiação, aguardam uma compensação pela política salarial rígida em que vêm sendo mantidos pelo governo FHC. Como poderá cortar despesas um partido subentido a esse tipo de pressões? O PT talvez seja o grupo político com maior credibilidade pública, de longe o principal item no déficit das contas governamentais. Terá força e disposição para contrariar seus bases? Difícilmente tomará um caminho tão traumático para suas tradições. São desafios que, embora contornados durante a campanha, vão ainda a base mais forte do partido desde que

ra reduzir o buraco da Previdência pública, das contas governamentais. Terá força e disposição para contrariar seus bases? Difícilmente tomará um caminho tão traumático para suas tradições. São desafios que, embora contornados durante a campanha, vão ainda a base mais forte do partido desde que

Durante os últimos meses, Luís Inácio Lula da Silva foi muito firme na definição de suas posições. Ex-oporário, ex-líder sindical, a principal figura de um partido fundado com orientação socialista, Lula não hesitou em rever, ponto por ponto, vários itens essenciais de sua cartilha ideológica. Prometeu pagar a dívida externa, cumprir metas do FMI, manter as privatizações. Na campanha presidencial de 1994, Lula acusava seu adversário, então candidato Fernando Henrique, de ser apoiado pela Febraban, a entidade que representa os banqueiros e que Lula considerava um dos setores mais retrógrados da sociedade brasileira. Agora, o mesmo Lula renuiu-se com os banqueiros da Febraban — foi elogiado e saiu elogiando. O professor Guido Mantega, guru econômico de Lula, está chefiando uma comissão que reúne petistas e técnicos da Febraban para estudar a transição do governo FHC para uma eventual administração barbadada. Lula também esteve festivamente na Fiep, entidade que reúne a elite industrial de São Paulo. São indícios os exemplos em que o candidato e seu partido dão sinais de que estão se flexibilizando, amadurecendo,

AS CHANCES DE LULA FAZER UM BOM GOVERNO

Economistas dizem quais seriam os

grandes desafios de uma eventual administração petista

Sérgio Werlang, diretor do Banco Itaú e professor da FGVSP

66 Existe uma probabilidade razoável de que o PT faça um bom governo do ponto de vista macroeconômico. Tudo indica que manterá a austeridade fiscal, o respeito aos contratos, o câmbio flutuante e a política de metas de inflação, pontos cruciais para um bom desempenho. Mas para isso terá de superar um obstáculo: a expectativa do mercado. O essencial, no curto prazo, é determinar, logo após a confirmação das urnas, a composição do Banco Central. É preciso que sejam pessoas vistas como capazes de assumir a tarefa. 55

Luciano Coutinho, professor da Fundação Getúlio Vargas

66 O PT pode fazer um bom governo porque está maduro para incorporar em sua equipe pessoas competentes para administrar o país. Lula tem muitas qualidades e uma delas é que ele sabe que não sabe tudo. Por isso, aprendeu a ouvir e aceitar críticas, ao contrário de outros políticos com formação acadêmica. Além disso, sempre teve compromisso com a base social e desejo de acreditar que para governar é preciso derrotar certos setores da sociedade. Hoje, sabe que é necessário promover entendimentos entre esses setores. Lula é um bom negociador. 55

Paulo Guedes, presidente do Banco Business School

66 Não estou muito otimista quanto a um bom governo, se o PT ganhar. Acho que será um momento muito difícil. O desafio do PT será cortar despesas, e trata-se de um partido que certamente sofrerá enormes pressões por maiores gastos sociais. Terá problemas também para mexer na previdência privada. E o mais importante é entender que em nenhum lugar do mundo a social-democracia conseguiu criar a dinâmica do crescimento. Tanto que o que se tem hoje é o predomínio da liberal-democracia na Europa e nos Estados Unidos. 55

Márcio da Nóbrega, líder do senador Zé Carlos

66 A grande dúvida é se, no governo, Lula aceitará o destino de continuar a missão complexa e paciente de FHC de construção institucional. Se falhar, será desastroso. Lula terá dois grandes desafios não complementares. O primeiro é conquistar a confiança do mercado, que não se convenceu de cumprir promessas de extinguir a fome, melhorar a saúde, financiar a agricultura e as exportações, recriar o Proálcool e reforçar o orçamento das Forças Armadas. Como fazer isso com um orçamento inflexível? 55

Raul Velloso, economista, diretor do Banco Itaú

66 Não acredito em um bom governo do PT. Não acho que o partido esteja preparado para lidar com as questões fundamentais da economia, num cenário tão difícil quanto o atual. O que um partido que tem o funcionalismo como parte essencial de sua base fará para reduzir o rombo na previdência pública, por exemplo? É um desafio muito grande. Caso venha a ser eleito, Lula não pode esperar o ano que vem. Terá de fazer um acordo com o atual governo para tomar as primeiras medidas ainda antes da posse. 55

Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Monetária do FGV-RJ e ex-presidente do Banco Central

66 O PT pode fazer um bom governo, porque tem um foco grande nas exportações e uma atenção especial às demandas sociais. Mas depende muito do realismo que adquirir para lidar com a conjuntura econômica. Terá de passar por uma prova de fogo. As expectativas negativas que se criaram em torno do PT são uma ameaça no curto prazo. A taxa de risco pode disparar. Por isso, Lula precisa agir rápido. Tem de construir uma ponte de credibilidade que o ajude a superar os problemas dos primeiros meses. 55

40 25 de setembro, 2002 veja

veja 25 de setembro, 2002 41

Páginas 40 e 41 da edição de 25/09/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

entendido o mundo a sua volta. Há um enigma no ar, estranho.

Em primeiro lugar, é ingênuo imaginar que, dozo de quase 40% das preferências eleitorais e de uma história ética impecável, Lula tenha emprestado seu antigo carisma e sua afabilidade e civilidade recém-adquiridas a uma gigantesca encenação. É possível, mas não é provável. A mudança de Lula pode ser tardia, porém suas razões parecem legítimas. Até porque o caminho empilhado por ele rumo ao centro do espectro político não tem volta. Ele está gastando seu último cartucho. Está comprometendo nesta eleição e, nesta fase de sua vida toda a biografia positiva que conseguiu escrever. Mas também é um erro imaginar que a súbita transformação imposta a ele, primeiro pela mudança do mundo a sua volta e depois pelas necessidades eleitorais, tenha marginalizado todo o Partido dos Trabalhadores. A nova imagem de Lula não pode ser tomada como a demonstração final de que o PT ressignificou integralmente suas convicções antigas. Isso só se revelará inteiramente no decorrer de um virtual governo petista.

Embora tenha se tornado pública de forma mais aguda durante a atual campanha, a migração do PT de Lula para a raiz central da pirâmide ideológica começou em 1995. Naquele ano, a dupla formada por Lula e pelo deputado federal José Dirceu ganhou as eleições internas da máquina partidária. Dirceu foi eleito presidente. Lula virou presidente de honra. Dispostos a dar uma face moderada ao PT, eles iniciaram um lento mas implacável processo de correções mais radicais. Ao darem andamento a esse processo, fizeram ao mesmo tempo sua mais usada aposta pessoal. Começaram a abandonar a imagem de radicalismo que sempre os definiu junto ao eleitorado e às bases do PT.

A ideia era tornar Lula um candidato capaz de atrair mais que os 30% de fiéis seguidores que ele sempre conseguiu nas eleições — um patamar bem para passar do primeiro turno, mas insuficiente para vencer o pleito. Só com uma rospagem moderada, calculava Dirceu, Lula poderia se vender fora dos bofêhos sinistros mas radicais do esquerdismo. Dirceu foi sendo reeleito presidente do PT nas eleições biânnias.



SEM CARRANHA
Lula com crianças em São Paulo, na semana passada: de bem com a vida, com a família e com o partido

significante”, avalia Lula recentemente a um grupo de amigos. Com pequenas variações semânticas, sabe-se que Dirceu insinua embasos dessa avaliação. Sob o calor da atual campanha, com a rampa do Palácio do Planalto se aproximando no horizonte como nunca esteve, o PT agora decide pondo-se a re-rever. O partido, que se notabilizou pelo assembléio, de repente parece confiar segamente na aposta de Lula e Dirceu. Há um clima de “agora ou nunca” no PT e na enorme ala de simpatizantes. A ideia é não atrapalhar Lula em sua manobra delicada para convencer o eleitorado de que ele pode fazer um governo viável. Isso explica em boa parte o surtinho do MST, embora os latifundiários continuem do mesmo tamanho e a injustiça no campo seja a mesma do ano passado. E explica o silêncio da CUT mesmo diante da maior taxa de desemprego da história recente do Brasil.

O PT tem uma corrente mais próxima da social-democracia, representada por políticos como o ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque, o deputado José Genoino, candidato ao governo de São Paulo, ou o senador paulista Eduardo Suplicy. Na outra ponta está o batalhão de radicais revolucionários que compõe mais ou menos uma terça parte das forças petistas. Ao lado do Movimento dos Sem-Terra (MST), essa ala radical do PT está em silêncio há vários meses, ao que tudo indica para não prejudicar a imagem de Lula perante o eleitorado. As passadas barulhentas e as espetaculosas invações de terra estão em estado de hibernação. Se o petista ganhar a Presidência, esse bloco vai se mover novamente em busca de uma fa-

ta de poder no novo arranjo governamental. Será difícil para Lula convencer esse segmento revolucionário de que as leis da estabilidade e do mercado precisam ser levadas a sério. Mais difícil ainda será calar essa fúria respeitável da agremiação petista. Num resplendor recente com representantes do MST, Lula pediu que entendessem a atual moderação de seu discurso como necessidade de campanha. O negócio, avisou, é ganhar a eleição.

Três meses de campanha moderada anulam duas décadas de história? A indagação se coloca porque, embora a campanha de televisão não de conta disso, o PT sempre foi o partido “contra isso tudo que está aí”. Há três anos, no congresso nacional de 1999, dez anos depois da queda do Muro de Berlim, o PT reafirmou sua crença no socialismo. No ano seguinte, em maio, Lula dizia que o PT estava “mais socialista do que nunca”. Até ser revisto, em junho, os seja, três meses atrás, o programa do partido prometia a ruptura do modelo econômico, renegava qualquer acordo com o FMI e pregava a suspensão das privatizações e a revisão das vendas de estatais já feitas. O mesmo documento mantinha um perturbador silêncio sobre a manutenção da estabilidade monetária e da disciplina fiscal, conquistas duras e preciosas da sociedade brasileira na década que passou.

O PT na campanha fez tudo para apagar o Lula da história recente. “O mundo e o Brasil mudaram. O PT e eu mudamos”, repetiu ele. Lula sacramento o acordo do governo com o FMI, comprometera-se com a estabilidade e com a diminuição dos gastos públicos e até mesmo elogiou a política desenvolvimentista da ditadura militar. Nos últimos dias, ele condescendia pláticas de grandes empresários e pecuaristas, que sempre foram alvo dos petistas. É bom que se diga que, em política, mudanças são frequentes. Em campanhas, o ajuste do candidato ao gosto do eleitor é uma manobra clássica. Está nos manuais. Como os artistas, os candidatos também tentam sempre ir até onde o povo está. Quando as pesquisas mostram apoio eleitoral de um anti-Lula, o projeto Luis Inácio passou a se apresentar como o anti-Lula. José Serra também se ofereceu aos eleitores não

42 25 de setembro, 2002 veja

DIALOGO
No encontro com pecuaristas em Uberlândia, os antigos adversários agora são chamados para dialogar

veja 25 de setembro, 2002 43

Páginas 42 e 43 da edição de 25/09/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

LULA-LÁ E LULA-CÁ

Lula antes	Lula agora
FMI "O pacto com o FMI vai engrasar as ações do próximo governo." a Julho de 2001	FMI "O acordo com o FMI pode dar tranquilidade para o Brasil conseguir respirar." a Agosto de 2002
REFORMA AGRÁRIA "No Brasil, as coisas só são feitas na marra, como a reforma agrária, que existe há 200 anos, mas só andou durante as Ligas Camponesas, há trinta anos, e agora, com o Movimento dos Sem Terra." a Dezembro de 1997	REFORMA AGRÁRIA "Se tem alguém que tem condições de seguir o MST, sou eu." a Setembro de 2002
SUBSÍDIOS "O que me surpreendeu é o governo dar 1 bilhão de dólares aos agricultores, poderia usar essa dinheiro em obras de saneamento, gerando milhares de empregos e distribuição de renda." a Maio de 1991	SUBSÍDIOS "Fomos um compromisso com o Prófoco, e nossa ideia é dar incentivos para que o consumidor troque o carro velho por um novo, a álcool, e preços populares." a Junho de 2002
ITAMAR FRANCO "Itamar é um funcionário de Ixoa de Fil." a Março de 1997	ITAMAR FRANCO "Sarney e Itamar foram melhores do que outros presidentes." a Agosto de 2002
PLANO REAL "Esse plano foi feito à custa do trabalhador." a Julho de 1994	PLANO REAL "O Plano Real foi um sucesso, mas FHC não soude aproveitá-lo para retomar o crescimento do país." a Setembro de 2002
PT "O PT é o único partido amado ou odiado. Não há meio-termo. É por isso que o PT é um grande partido." a Fevereiro de 2001	PT "Em política, é preciso ter disposição 24 horas por dia para conversar com quem quer que seja." a Julho de 2002
MILAGRE "É preciso analisar a que é possível fazer num governo em quatro anos. Não tem de ficar vendendo ilusão. Não tem milagre." a Junho de 2001	MILAGRE "Vamos precisar fazer um verdadeiro milagre e, com a competência de vocês e nossa disposição política, conseguiremos." a Julho de 2002
INFLAÇÃO "Não tem uma meta ideal. Não podemos ficar mais com a economia atrofada por um controle inflacionário, a taxa de crescimento do desenvolvimento econômico." a Junho de 2001	INFLAÇÃO "Ninguém precisa me ensinar a importância do controle da inflação." a Junho de 2002
ALIMENTOS "Prometo vamos combater a fome, depois vamos exportar. O que não dá é exportar vendendo as pessoas morrendo de fome aqui dentro." a Outubro de 2001	ALIMENTOS "O Brasil precisa é exportar alimentos para a Europa e o Japão." a Julho de 2002



como o candidato governista que é, mas como a negação de tudo que incomoda a opinião pública na administração de Fernando Henrique Cardoso. Mesmo para um político como Lula, cujo grande trunfo sempre foi a pureza de princípios, existem paralelos históricos a invocar para explicar sua guinada ao centro. Afinal, Karl Marx se declarou o primeiro anticomunista. A autocrítica e o rompimento com o passado por parte da maioria que hoje domina o PT são legítimos. Pode-se especular, no caso de Lula, se o desvio para longe do radicalismo esquerdista não teria sido brusco demais, a ponto de trincar a estrutura interna do candidato e do partido.

A cúpula petista sustenta que se encontra contido o tempo de militantes radicais que ainda permanece no PT. Eles seriam pacíficos com cargos secundários num eventual governo Lula. Pela avaliação dos líderes, o PT e Luis Inácio se fortaleceram no processo de migração para o centro. Para eles, o essencial é o fato de o PT ter mantido intacta a fidelidade a alguns princípios básicos, como a ética e a capacidade de negociação, que nada têm a ver com esquerdismo. É curioso constatar que, nas prefeituras e nos governos petistas, os administradores vixas em geral têm se dado mal. Administrações que negociaram e admitiram entender-se com a oposição em geral se deram bem.

Dois exemplos são Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul, e Zeca do PT, em Mato Grosso do Sul. O primeiro botou no secretariado a fina flor do corporativismo e arrematou a assessoria com um delegado do Movimento dos Sem-Terra instalado na Secretaria da Agricultura. O resultado consistiu numa catástrofe que foi da perda dos investimentos que a montadora Ford pretendia fazer no Estado ao descontrolar na segurança pública, passando por um show de invações no campo e por um processo de ideologização na educação pública que não se vê em outros Estados. Isso sem falar na explosão de um escândalo envolvendo alta patente do governo com controladores do jogo do bicho. Ollívio foi tão sectarista petista que nem mesmo o PT agüentou acusações de cunho criminal na campanha eleitoral.

O modelo se repete em São Paulo, onde a prefeita petista Luiza Erundina aplicou a cartilha partidária até nas entrelinhas. E acabou tudo enroscado em ações equivocadas que abandonou o partido, depois de encerrado o mandato, na companhia de um bloco considerável de militantes. Marta Suplicy, ao contrário, vem fazendo a chamada administração petista light, que em plena véspera de eleição retoma obras abandonadas pelo ex-prefeito Celso Pitta,

44 25 de setembro, 2002 veja

NOTAVES
Marta Suplicy, Alóbio Mercadante e Luis Cushman assistem a Lula no debate: voz ativa num governo petista

fase mais liberal, construiu a direção do partido empousando um filiado do PFL no secretariado e nomeando firme o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Como saldo, possui sólida chance de reeleição, mesmo tendo distribuído empregos entre parentes e empreitando acusações de cunho criminal na campanha eleitoral.

O modelo se repete em São Paulo, onde a prefeita petista Luiza Erundina aplicou a cartilha partidária até nas entrelinhas. E acabou tudo enroscado em ações equivocadas que abandonou o partido, depois de encerrado o mandato, na companhia de um bloco considerável de militantes. Marta Suplicy, ao contrário, vem fazendo a chamada administração petista light, que em plena véspera de eleição retoma obras abandonadas pelo ex-prefeito Celso Pitta,

44 25 de setembro, 2002 veja

veja 25 de setembro, 2002 45

Páginas 44 e 45 da edição de 25/09/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

TEXTO COMPLETO:

CRISTÃOS-NOVOS DO CAPITALISMO

Recém-convertidos à disciplina fiscal e à economia de mercado, Lula e o PT querem governar o Brasil. As pesquisas mostram que eles não estão longe desse objetivo.

Legenda de foto: PAZ E AMOR. Lula fala aos militares no Rio de Janeiro: ninguém duvida da vocação democrática do candidato do PT

A democracia brasileira, a se fiar nas pesquisas de intenção de voto, pode levar ao poder Luís Inácio Lula da Silva, candidato à Presidência pelo Partido dos Trabalhadores. Com um índice em torno de 40% nas pesquisas, Lula tem uma pequena chance estatística de ganhar no primeiro turno, caso supere a tendência de queda registrada na última sexta-feira e volte a crescer. Mas sua presença no segundo turno está praticamente assegurada, salvo desastres de última hora. A essa altura, os eleitores que não votam em Lula e os indecisos, ainda a maioria, estão se perguntando se o PT está preparado para governar o Brasil. Depois da queda de Ciro, Lula tomou o lugar do cearense como alvo do tiroteio eleitoral. Sua competência está sendo questionada nos programas eleitorais do tucano José Serra, para quem o Lula sorridente e flexível da televisão não passa de uma invenção de marketing.

É cada vez menor o número de pessoas que duvidam dos compromissos democráticos do Partido dos Trabalhadores e de seu candidato à Presidência. A maneira inequívoca com que Lula se comprometeu durante a campanha a manter intocados os fundamentos da estabilidade econômica também convenceu boa parte do eleitorado, conforme mostram as pesquisas de intenção de voto. Lula é aplaudido nos encontros com banqueiros, empresários e pecuaristas, mas as ambigüidades em torno dele ainda não se dissiparam.

Todo mundo reconhece, a começar pelo próprio Lula, que o Brasil e o PT amadureceram. O estado de crise em que termina o governo FHC não é uma recomendação confortável a respeito de todas as escolhas por ele feitas nos últimos oito anos. Mas, durante esses oito anos, as instituições brasileiras evoluíram muito. É impossível imaginar hoje uma volta ao padrão primitivo da ingerência absoluta do Estado na economia como ocorreu durante o regime militar ou mesmo na redemocratização do período José Sarney. Os militares investiram dinheiro do contribuinte em projetos fantasiosos, como a colonização forçada e irresponsável da Amazônia ou a posse da tecnologia nuclear que poderia transformar o Brasil numa potência bélica. José Sarney promoveu o truculento e desastroso congelamento de

preços do Plano Cruzado, seguido da prisão de empresários e da falta de produtos nos supermercados. Nada disso é sequer imaginável no Brasil atual, um país que, com todos os seus males, pratica as regras econômicas universais incontornáveis no mundo globalizado. Nesse ambiente, tornou-se minúscula a margem de manobra de um presidente de qualquer partido disposto a engatar uma marcha à ré institucional no país.

Legenda de foto: MILITANTES. O comportamento dos radicais do PT num eventual governo de Lula ainda é uma incógnita

O que boa parte da opinião pública deseja saber é como o PT, que durante vinte anos se preparou para a construção do socialismo, vai se sair agora diante do desafio de governar de acordo com os padrões capitalistas que se compromete a seguir. É uma questão mais complexa do que parece. Exige aprendizado, alteração de paradigmas mentais e a recusa de toda a agenda ideológica que o PT seguiu desde sua criação, há pouco mais de vinte anos. A pergunta é se o partido está mesmo disposto a enterrar sua cartilha histórica para administrar um país como o Brasil — o que é bem diferente do que se sair bem em administrações municipais e até estaduais. "Lula não é mais a ovelha negra das eleições presidenciais passadas", diz Graham Stock, estrategista-chefe para a América Latina do banco americano JP Morgan. Segundo Stock, os desafios atuais para um eventual governo petista são de três tipos. Primeiro: ainda existem dúvidas sobre certos aspectos da política econômica do PT. Segundo: não se conhecem os nomes dos integrantes de sua equipe econômica. Terceiro: não se sabe qual será a real influência no futuro governo dos militantes radicais do partido.

"O PT vai precisar superar o obstáculo de descrença do mercado no curto prazo, mas depois existe uma probabilidade razoável de que faça um governo correto do ponto de vista macroeconômico", diz Sérgio Werlang, ex-diretor do Banco Central, hoje diretor do Banco Itaú e professor da Fundação Getúlio Vargas. Tradução: num eventual governo petista, haveria um período de adaptação, uma fase difícil, marcada por um certo desencontro administrativo. "O PT, se eleito, terá de passar por uma prova de fogo", diz Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas e ex-presidente do Banco Central. "As expectativas negativas que se criaram em torno do partido são uma ameaça no curto prazo. A taxa de risco pode disparar. Lula precisaria agir rápido, construindo uma ponte de credibilidade que o ajudasse a superar os problemas dos primeiros meses."

Legenda de foto: SEM CARRANCA. Lula com crianças em São Paulo, na semana passada: de bem com a vida, com a família e com o partido

Um segundo problema seriam as expectativas que o PT despertou em seu eleitorado. Esperam os que votam no PT que, se ganhar, o partido execute uma política inédita de benefícios sociais. Os funcionários públicos, que são a base mais forte do partido desde que se tornaram mais numerosos que os operários na relação de filiados da agremiação, aguardam uma compensação pela política salarial rígida em que vêm sendo mantidos pelo governo FHC. Como poderá cortar despesas um partido submetido a esse tipo de pressões? O PT talvez seja o grupo político com maior credibilidade para reduzir o buraco da Previdência pública, de longe o principal item no déficit das contas governamentais. Terá força e disposição para contrariar suas bases? Dificilmente tomará um caminho tão traumático para suas tradições.

São desafios que, embora contornados durante a campanha, vão aflorar numa eventual administração petista. Durante os últimos meses, Luís Inácio Lula da Silva foi muito firme na definição de suas posições. Ex-operário, ex-líder sindical, a principal figura de um partido fundado com orientação socialista, Lula não hesitou em rever, ponto por ponto, vários itens essenciais de sua cartilha ideológica. Prometeu pagar a dívida externa, cumprir metas do FMI, manter as privatizações. Na campanha presidencial de 1994, Lula acusava seu adversário, o então candidato Fernando Henrique, de ser apoiado pela Febraban, a entidade que representa os banqueiros e que Lula considerava um dos setores mais retrógrados da sociedade brasileira. Agora, o mesmo Lula reuniu-se com os banqueiros da Febraban — foi elogiado e saiu elogiando. O professor Guido Mantega, guru econômico de Lula, está chefiando uma comissão que reúne petistas e técnicos da Febraban para estudar a transição do governo FHC para uma eventual administração barbuda. Lula também esteve festivamente na Fiesp, entidade que reúne a elite industrial de São Paulo. São inúmeros os exemplos em que o candidato e seu partido dão sinais de que estão se flexibilizando, amadurecendo, entendendo o mundo a sua volta. Há um enigma no ar, entretanto.

Em primeiro lugar, é ingênuo imaginar que, dono de quase 40% das preferências eleitorais e de uma história ética impecável, Lula tenha emprestado seu antigo carisma e sua afabilidade e civilidade recém-adquiridas a uma gigantesca encenação. É possível, mas não é provável. A mudança de Lula pode ser tardia, porém suas razões parecem legítimas. Até porque o caminho empreendido por ele rumo ao centro do espectro político não tem volta. Ele está gastando seu último cartucho. Está comprometendo nesta eleição e nesta fase de sua

vida toda a biografia positiva que conseguiu escrever. Mas também é um erro imaginar que a súbita transformação imposta a ele, primeiro pela mudança do mundo a sua volta e depois pelas necessidades eleitorais, tenha magnetizado todo o Partido dos Trabalhadores. A nova imagem de Lula não pode ser tomada como a demonstração final de que o PT renegou integralmente suas convicções antigas. Isso só se revelará inteiramente no decorrer de um virtual governo petista.

Legenda de foto: DIÁLOGO. No encontro com pecuaristas em Uberaba: os antigos adversários agora são chamados para dialogar

Embora tenha se tornado pública de forma mais aguda durante a atual campanha, a migração do PT de Lula para a raia central da piscina ideológica começou em 1995. Naquele ano, a dupla formada por Lula e pelo deputado federal José Dirceu ganhou as eleições internas da máquina partidária. Dirceu foi eleito presidente. Lula virou presidente de honra. Dispostos a dar uma face moderada ao PT, eles iniciaram um lento mas implacável expurgo das correntes mais radicais. Ao darem andamento a esse processo, fizeram ao mesmo tempo sua mais ousada aposta pessoal. Começaram ali a demolir a imagem de radicalismo que sempre os definiu junto ao eleitorado e às bases do PT.

A idéia era tornar Lula um candidato capaz de atrair mais que os 30% de fiéis seguidores que ele sempre consegue nas eleições — um patamar bom para passar do primeiro turno, mas insuficiente para vencer o pleito. Só com uma roupagem moderada, calculava Dirceu, Lula poderia se vender fora dos bolsões sinceros mas radicais do esquerdismo. Dirceu foi sendo reeleito presidente do PT nas eleições bianuais. A proposta dos radicais em 1999 de iniciar uma campanha nacional sob o slogan "Fora FHC" foi derrotada por apenas dois votos. "Se o 'fora FHC' tivesse vencido e o Zé Dirceu perdido a presidência, é quase certo que o PT teria se tornado um partido insignificante", avaliou Lula recentemente a um grupo de amigos. Com pequenas variações semânticas, sabe-se que Dirceu assina embaixo dessa avaliação.

Sob o calor da atual campanha, com a rampa do Palácio do Planalto se aproximando no horizonte como nunca esteve, o PT agora decide primeiro e se reúne depois. O partido, que se notabilizou pelo assembleísmo, de repente parece confiar cegamente na aposta de Lula e Dirceu. Há um clima de "agora ou nunca" no PT e na enorme ala de simpatizantes. A idéia é não atrapalhar Lula em sua manobra delicada para convencer o eleitorado de que ele pode fazer um governo viável. Isso explica em boa parte o sumiço do MST, embora os latifúndios

continuem do mesmo tamanho e a injustiça no campo seja a mesma do ano passado. E explica o silêncio da CUT mesmo diante da maior taxa de desemprego da história recente do Brasil.

Legenda de foto: NOTÁVEIS. Marta Suplicy, Aloizio Mercadante e Luiz Gushiken assistem a Lula no debate: voz ativa num governo petista

O PT tem uma corrente mais próxima da social-democracia, representada por políticos como o ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque, o deputado José Genoíno, candidato ao governo de São Paulo, ou o senador paulista Eduardo Suplicy. Na outra ponta está o batalhão de radicais revolucionários que compõe mais ou menos uma terça parte das forças petistas. Ao lado do Movimento dos Sem-Terra (MST), essa ala radical do PT está em silêncio há vários meses, ao que tudo indica para não prejudicar a imagem de Lula perante o eleitorado. As passeatas barulhentas e as espetaculosas invasões de terra estão em estado de hibernação. Se o petista ganhar a Presidência, esse bloco vai se mover novamente em busca de uma fatia de poder no novo arranjo governamental. Será difícil para Lula convencer esse segmento revolucionário de que as leis da estabilidade e do mercado precisam ser levadas a sério. Mais difícil ainda será calar essa fatia respeitável da agremiação petista. Numa reunião recente com representantes do MST, Lula pediu que entendessem a atual moderação de seu discurso como necessidade de campanha. O negócio, avisou, é ganhar a eleição.

Três meses de campanha moderada anulam duas décadas de história? A indagação se coloca porque, embora a campanha de televisão não dê conta disso, o PT sempre foi o partido "contra isso tudo que está aí". Há três anos, no congresso nacional de 1999, dez anos depois da queda do Muro de Berlim, o PT reafirmou sua crença no socialismo. No ano seguinte, em maio, Lula dizia que o PT estava "mais socialista do que nunca". Até ser revisto, em junho, ou seja, três meses atrás, o programa do partido prometia a ruptura do modelo econômico, renegava qualquer acordo com o FMI e pregava a suspensão das privatizações e a revisão das vendas de estatais já feitas. O mesmo documento mantinha um perturbador silêncio sobre a manutenção da estabilidade monetária e da disciplina fiscal, conquistas duras e preciosas da sociedade brasileira na década que passou.

O Lula da campanha fez tudo para apagar o Lula da história recente. "O mundo e o Brasil mudaram. O PT e eu mudamos", repete ele. Lula sacramentou o acordo do governo com o FMI, comprometeu-se com a estabilidade e com a diminuição dos gastos públicos e até mesmo elogiou a política desenvolvimentista da ditadura militar. Nos últimos dias, ele

contentou platéias de grandes empresários e pecuaristas, que sempre foram alvo dos petistas. É bom que se diga que, em política, mudanças são freqüentes. Em campanhas, o ajuste do candidato ao gosto do eleitor é uma manobra clássica. Está nos manuais. Como os artistas, os candidatos também tentam sempre ir até onde o povo está. Quando as pesquisas mostraram o apelo eleitoral de um anti-Lula, o próprio Luís Inácio passou a se apresentar como o anti-Lula. José Serra também se oferece aos eleitores não como o candidato governista que é, mas como a negação de tudo que incomoda a opinião pública na administração de Fernando Henrique Cardoso. Mesmo para um político como Lula, cujo grande trunfo sempre foi a pureza de princípios, existem paralelos históricos a invocar para explicar sua guinada ao centro. Afinal, Karl Marx se declarou o primeiro antimarxista. A autocrítica e o rompimento com o passado por parte da maioria que hoje domina o PT são legítimos. Pode-se especular, no caso de Lula, se o desvio para longe do radicalismo esquerdista não teria sido brusco demais, a ponto de trincar a estrutura interna do candidato e do partido.

A cúpula petista sustenta que se encontra contido o terço de militantes radicais que ainda permanece no PT. Eles seriam pacificados com cargos secundários num eventual governo Lula. Pela avaliação dos líderes, o PT e Luís Inácio se fortaleceram no processo de migração para o centro. Para eles, o essencial é o fato de o PT ter mantido intacta a fidelidade a alguns princípios básicos, como a ética e a capacidade de negociação, que nada têm a ver com esquerdismo. É curioso constatar que, nas prefeituras e nos governos petistas, os administradores xiitas em geral têm se dado mal. Administrações que negociaram e admitiram entender-se com a oposição em geral se deram bem.

Dois exemplos são Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul, e Zeca do PT, em Mato Grosso do Sul. O primeiro botou no secretariado a fina flor do corporativismo e arrematou a assessoria com um delegado do Movimento dos Sem-Terra instalado na Secretaria da Agricultura. O resultado consistiu numa catástrofe que foi da perda dos investimentos que a montadora Ford pretendia fazer no Estado ao descontrole na segurança pública, passando por um show de invasões no campo e por um processo de ideologização na educação pública que não se vê em outros Estados. Isso sem falar na explosão de um escândalo envolvendo alta patente do governo com controladores do jogo do bicho. Olívio foi tão sectariamente petista que nem mesmo o PT agüentou. Ele acabou perdendo nas prévias do partido, para Tarso Genro, ex-prefeito de Porto Alegre, o direito de disputar outra eleição.

Em outro figurino, Zeca do PT, governador de Mato Grosso do Sul, fez muita agitação no primeiro turno de sua campanha de 1998, mas já na segunda fase partia para a negociação, trocando apoios por compromissos. Com um grupo de empresários, chegou a assinar um

documento comprometendo-se a fazer nomeações de interesse desses patrocinadores. Na sua fase mais liberal, constrangeu a direção do partido empossando um filiado do PFL no secretariado e namorando firme o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Como saldo, possui sólida chance de reeleição, mesmo tendo distribuído empregos entre parentes e enfrentando acusações até de cunho criminal na campanha eleitoral.

O modelo se repete em São Paulo, onde a prefeita petista Luiza Erundina aplicou a cartilha partidária até nas entrelinhas. E acabou tão enroscada em ações equivocadas que abandonou o partido, depois de encerrado o mandato, na companhia de um bloco considerável de militantes. Marta Suplicy, ao contrário, vem fazendo a chamada administração petista light, que em plena véspera de eleição retoma obras abandonadas pelo ex-prefeito Celso Pitta, como o ônibus Fura-Fila. Não se tornou uma unanimidade, mas conseguiu vencer a descrença dos primeiros meses de governo. Outra lição evidente dessas comparações é que os chefes de governo do Partido dos Trabalhadores enfrentam oposição mais vigorosa do lado de dentro do que do lado de fora — e nesses embates tem vencido a corrente mais moderada. É com base nessas vitórias internas contra o radicalismo que Lula se apresenta ao eleitor brasileiro como um político moderado.

Essas questões são as que se colocam diante do eleitor, que tem expressado confiança no petista por uma porcentagem em torno de 40% das intenções de voto, o que equivale a algo próximo à soma das obtidas pelos três concorrentes. A partir de agora, o tema do preparo petista para a Presidência será uma das perguntas centrais que os eleitores farão nesta fase final de campanha, antes de decidir a quem entregarão o comando do país.

b) LULA MUDA A HISTÓRIA (30/10/2002)



Capa de *Veja* da edição nº 1.775, de 30/10/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.



Páginas 34 e 35 da edição de 30/10/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

ELEIÇÕES 2002

VINTE ANOS NA OPOSIÇÃO



O sucesso do ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da República representa mais do que o triunfo da persistência — é a vitória do improvável. O imigrante nordestino que desembarcou em São Paulo montado num pau-de-arara chegou ao Planalto ostentando não só o mérito de ter vencido a lógica que condenou tantos como ele à exclusão como o de ter virado de cabeça para baixo o script da trajetória política convencional. Lula não conquistou o mais alto posto da hierarquia do país alavancado por triunfos eleitorais. Jamais foi vencedor e nunca administrou uma cidade. Também não se elegeu governador de Estado nem foi ministro de nada. Construiu sua vitória à base de derrotas. E, por meio delas, forjou o que é hoje.

Sua primeira tentativa eleitoral, para o governo de São Paulo, se deu em 1982 e foi um jato de água fria no entusiasmo do político iniciante. O ex-líder metalúrgico acabara de trocar o sindicalismo pela política e era um elemento ainda exótico demais no paisagem do poder. O orçamento da campanha também não dava margem para entusiasmos de tão apertado, as viagens eram feitas de ônibus e o candidato se via obrigado a dormir em colchonetes espalhados nas casas de militantes. Lula tinha, no entanto, três trunfos que o faziam apostar numa votação encorajadora: liderava um partido que representava a grande novidade do cenário político brasileiro, contava com o apoio de

A chegada de Lula, um ex-torneiro mecânico, ao Palácio do Planalto é resultado de um trabalho político obcecado e disciplinado de duas décadas

Thais Oyama

trabalhadores, de setores da Igreja progressista e já era então o queridinho de uma ala de intelectuais que incluía nomes como o sociólogo Fernando Henrique Cardoso e o crítico literário e professor Antonio Candido, um dos intelectuais mais reverenciados pela esquerda. A abertura das urnas, porém, reservou-lhe uma surpresa: Lula terminou em quarto lugar, com 11% dos votos. "Ele ficou perplexo. Não entendeu o que havia acontecido", lembra Wander Bueno do Prado, seu ex-fiel escudeiro e hoje secretário adjunto de governo da prefeitura de São Bernardo do Campo. "Mesmo em cidades onde havia reunido 20 000 pessoas, não teve mais do que 500 votos. Ficou completamente prostrado, sem rumo", conta.

A ressaca, curtida em exílio doméstico na companhia de alguns poucos amigos e muita cachuca de cambuiá, só passou três meses depois. Lula emergiu dela com um mental que, para um recém-criado partido que chegara a resistir à própria legalização com o argumento de que estaria se "dobrando à legislação burguesa", caiu com a força de um coquetel Molotov. Disse que errara ao pensar que o Brasil era feito de metalúrgicos e ao dirigir-se ao eleitorado como se estivesse falando para peões na fábrica. afirmou que "esse respeito de que trabalhador vota em trabalhador não funciona" e que, se o partido quisesse ganhar alguma eleição, teria de perseguir "o voto do pobre e o voto do rico". A partir daí, o slogan "Lula, um brasileiro como você" foi batido para sempre da propaganda petista.

36 30 de outubro, 2002 veja 37

Páginas 36 e 37 da edição de 30/10/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

ELEIÇÕES 2002

1985

"Não podemos, não queremos e não devemos pagar a dívida externa"



Em 1989, a situação era diferente. Lula, pela primeira vez candidato à Presidência, tinha por trás de si um partido estruturado, um adversário sobre o qual pesava o estigma de aventureiro e um capital já mais ao ponto do eleitorado: cumpria um mandato de quatro anos como deputado constituinte, eleito o parlamentar mais votado do Brasil. Tecnicamente, sua única vitória nas urnas até então representou seu maior purgatório. Ele nunca escondia que odiava a experiência no Congresso. Detestava a burocracia do Legislativo e, mais do que tudo, o fato de que ali não mandava nada. "Aqui, eu valho tanto quanto um deputado do Amapá. Sou só um voto a mais", disse a amigos na época.

Lula tinha chances reais de vencer Fernando Collor em 1989, mas, como se sabe, de novo perdeu. Hoje, acredita que poderia ter evitado a derrota se não houvesse cometido o que considera seu maior erro político: a recusa em aceitar o apoio do então presidente Ulysses Guimarães na reta final da campanha. O deputado Waldir Pires, candidato do PMDB à Vice-Presidência, chegou a procurá-lo mais de uma vez com um apelo: "O doutor Ulysses só quer subir no seu palanque". Lula recusou. "Ele temia ser identificado com aquilo que considerava a velha esquerda brasileira. Até hoje se arrepende da decisão", afirma José Dirceu, presidente do PT e deputado federal. A diferença entre os votos do petista e os conquistados por Collor foi praticamente igual àquela obtida no primeiro turno pelo PMDB que Lula havia esboçado. Ele jamais se esqueceu do episódio. Tanto que, nesta campanha, usou-o como argumento definitivo para convencer setores resistentes do PT a aderir à aliança do partido com o PL.

1989

"O programa do PT é socialista. O socialismo é o objetivo final do partido"



Entre os erros memores acumulados na eleição de 1989, um marcou-o tanto que virou motivo de piada entre os amigos. Lula creditou parte de seu mau desempenho no fatídico debate com Collor, exibido pela Rede Globo, ao fato de ter chegado ao estúdio devendo-se várias noites de sono. Neste ano, por via das dúvidas, adotou o hábito de paralisar toda a atividade eleitoral pelo menos um dia antes dos embates. Entregou-se com fé de devoto à massagem relaxante prescrita por seu marqueteiro, Duda Mendonça, e, para entrar de vez a imagem descalçada e casaca que exibiu no enfrentamento com o ex-governador de Alagoas, brincam assessores, passou a exigir maquiagem até para dar entrevista em rádio.

O terceiro fracasso ocorreu em 1994, ano em que Lula, em sua segunda tentativa de chegar à Presidência, apostou todas as fichas no fracasso do Plano Real. A decisão se mostrou tão equivocada que, quatro anos depois, ele partiria para a terceira campanha presidencial com o entusiasmo de quem caminha para a força. Concorreu contra a vontade, pressionado pelo partido que fundara e que agora entregava como seu algoz. Sentiu-se explorado pelo PT, exasperado diante da perspectiva de enfren-

tar uma eleição com pouquíssimas chances de vitória e prejudicado em sua vida pessoal. Em entrevista que concedeu à época, afirmou que a política o impediu de estar ao lado da mulher, Maria, quando seus três filhos nasceram; reclamou do fato de que sua imagem pública não lhe permitia "ir a um baile e dançar até morrer"; e chegou a dizer que, na próxima encarnação, gostaria de vir ao mundo rico e anônimo, em vez de pobre e famoso.

Nasceu pobre e anônimo. Caçula dos meninos Silva, só foi conhecer o pai aos 7 anos de idade. Quando Aristides Inácio da Silva saiu de Garanhuns para tentar a vida em São Paulo, deixou a esposa, Eurídice, grávida de Lula. Em 1922, Linda, como era chamada a mulher, decidiu juntar-se ao marido. Respiro os sete filhos e embarcou com eles num pau-de-arara, numa viagem que durou treze dias — durante os quais Lula usou uma única camisa.

O sonho de conhecer o pai desmoronou na chegada a Santos, onde ele trabalhava como estivador. Lula recebeu que Aristides não havia vindo só de Garanhuns. Trouxera uma prima de Linda, com quem, a essa altura, já tinha dois filhos — "um menino que andava na maior estaca, com meitinha branca e tudo", lembra. Dessa época, Lula guarda uma lembrança que faz questão de contar toda vez que fala da infância. Certa vez, Aristides comprou sorvetes para os filhos. Distribuiu para um e para outro e, quando chegou a vez de Lula, parou. "Ele disse: 'Você, não, que você não sabe chupar sorvie'". Lula sempre repete a história para explicar por que nunca foi capaz de entender o pai. "Para mim, é uma coisa incrível um pai negar um doce a uma criança. Mas o meu era um homem muito ignorante. Batia nos filhos, comprava pão doce só para ele e escondia da gente. Era um homem muito duro, talvez porque a vida tenha sido muito dura com ele". Morreu em 1978. Lula só soube do fato dois dias depois, informado por carta. Aristides havia sido abandonado pela segunda mulher, vivia sozinho e foi enterrado como indigente.

Lula entra para a galeria dos dirigentes do país como o primeiro presidente de origem popular

 BRENNO DA FONSECA (1889-1901) Marechal	 FLÁVIO PEZOTO (1891-1894) Marechal	 PRUDENTE DE MORAES (1894-1898) Advogado	 CAMPOS SALLES (1896-1902) Advogado	 RODRIGUES ALVES (1902-1906) Promotor	 AFFONSO PENNA (1906-1909) Advogado	 NILO PEÇANHA (1909-1918) Advogado
--	--	---	--	--	--	---

 HERMES DA FONSECA (1918-1914) Marechal	 WENCESLAU BRAZ (1914-1918) Advogado e promotor	 DELFIN MOREIRA (1918-1919) Promotor e juiz	 EPIÁCIO PESSOA (1919-1922) Advogado e promotor	 ARTHUR BERNARDES (1922-1926) Advogado	 WASHINGTON LUÍS (1926-1930) Advogado e jornalista	 GETÚLIO VARGAS (1930-1945) Promotor e fazendeiro	 EURICO DUTRA (1946-1951) Marechal
--	--	---	--	---	---	--	---

38 30 de outubro, 2002 veja 39

Páginas 38 e 39 da edição de 30/10/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.



Lula separou-se dele pouco tempo depois da chegada da família a Santos. Pegou os filhos e mudou-se para a Vila Carioca, periferia de São Paulo, numa casa que ficava nos fundos de um bar, cujo banheiro era o mesmo usado pela família. Os Silva eram na época tão pobres que, entre as lembranças de Lula, está a de ter saído correndo de vergonha quando um médico veio visitar sua irmã e a mãe não tinha uma cadeira para oferecer-lhe. Lula sustentava os filhos lavando roupa para fora. Lula vendia latex na rua, fazia bucos de engraxate e entregava roupas de uma tintaria. Lembra-se de ter percebido que a vida começava a melhorar quando, numa das mudanças da família, o caminhão de transportes já levava um fogão: "Eu e o meu irmão colocamos ele bem no alto da carroceria e fomos com muito orgulho em cima. Afinal, de contas, a gente já tinha um fogão", conta, em um trecho do livro O Filho do Brasil, da escritora Denise Paraná.

Lula chora à toa. Chora quando lembra que a mãe passou horas numa fila para ganhar o primeiro presente de Natal que ele recebeu na vida, um carrinho de plástico. Chora quando diz que, por causa da política, não conseguiu dar aos filhos aquilo que ele próprio gostaria de ter sido um pai que o levasse para passear e que o ajudasse nos deveres da escola. Chora quando, durante a campanha, um idoso se aproximou do seu carro e, pela janela, jogou-lhe um relêgio no colo, dizendo ser a única coisa que podia oferecer para ajudá-lo nas eleições. Lula chora muito e, muitas vezes, explode também.

Quando se irrita, fala alto, xinga, gesticular e dá murros na mesa. Berra que querem mudá-lo sobrevendo e que a agenda ou que é inacreditável que

ninguém tenha conseguido lembrá-lo de um compromisso importante. Sua equipe de campanha, alvo mais frequente dessa ira nos últimos meses, costuma se arrebolar calada. Sabe que, no minuto seguinte, o chefe poderá virar-se para seu assessor de imprensa — um tanto fora de forma e emburrado em uma camiseta vermelha — para dizer-lhe que está "parecendo uma melancia de bose". Lula, o possessivo, vai Lullinha Paz e Amor em questão de segundos.

Outra de suas características, que amigos conhecem e desavisados descobrem rápido, é que Lula não gosta de críticas — pelo menos não as que te-

nham ele próprio como objeto. Tanto assim que, mesmo no mais restrito círculo político, possuiamos cartões se dão ao luxo de discutir uma atitude sua. O deputado Luiz Gushikien é um dos poucos que se atrevem a fazê-lo. O todo-poderoso José Dirceu dificilmente ousa. Seu apartamento, em São Bernardo do Campo, é um dos poucos lugares em que manda menos que os outros. Assim como o sítio perto da Represa Billings, o local pertence aos domínios de Marieta, com quem se casou há 28 anos, três meses depois de ter emigrado de Laredo, morta durante o parto. Foi com sua "galega", como chama a mulher, que Lula

1998

"Você chamar os banqueiros e dizer: 'Olhem, eu até reconheço a dívida, mas, entre pagar juros para vocês e encher a pança do povo, vou ficar com o povo brasileiro. Enquanto houver uma criança morrendo de fome no Brasil, não terei como pagar a dívida'"

2002

"O acordo com o FMI pode dar tranquilidade para o Brasil conseguir respirar"



aprendeu a cuidar das próprias roupas íntimas, hábito que mantém mesmo quando está hospedado em hotéis; lava as meias, as peças de baixo e pensava tanto perto do aquecedor. Os filhos aprenderam a fazer o mesmo.

Dos cinco que tem — Marcos, do casamento anterior da mulher; Fábio, Sandro e Luís Cláudio, da sua união com Marieta; e Lurian, fruto do romance com Mírian Cordeiro —, nenhum até hoje se arriscou a envolver-se pela política. Marcos e Lurian, ex-estudante de psicologia, ela jornalista, ainda demonstram algum interesse pela profissão do pai. Já Fábio, formado em biologia,

Sandro, que cursa propaganda e marketing, e Luís Cláudio, o caçula, de 17 anos, querem distância do assunto. Até seu primeiro dia de trabalho como torneiro mecânico, Lula havia feito poucas escolhas na vida. Não decidiu mudar-se para São Paulo e tampouco optou pela profissão de metalúrgico. Na verdade, queria ser motorista de caminhão, mas a mãe já havia resolvido que, ao menos o caçula dos meninos, teria um diploma do Senai.

A fábrica foi sua porta de entrada para a política — mas ele não a atravessou de bom grado nem por iniciativa própria. Quando o irmão, José Ferreira da Silva,

o "Frei Chico", soldador e militante do Partido Comunista, o convidou para participar do movimento sindical, o futuro líder metalúrgico tinha 23 anos e pouquíssimo interesse pelos destinos da categoria. "O negão dele era jogar pelada e namorar. Dizia: 'O que é que eu vou fazer no sindicato? Lá só tem ladrão e comunista'", lembra Frei Chico, apelidado assim pela calça no alto da cabeça, como a marca dos frades. Em 1968, Lula cedeu à pressão e ingressou no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo como suplente de secretário. Em 1975, foi eleito presidente da entidade e, em 1978, reconduzido ao cargo

Table with 12 columns showing portraits and names of political figures: CÉTILIO VARGAS (1931-1994), CAFÉ FILHO (1914-1994), JUSCELINO KUBITSEK (1896-1961), JÂNIO QUADROS (1901-1961), JOÃO GULART (1914-1984), CASTELLO BRANCO (1904-1967), COSTA E SILVA (1907-1969), EMÍLIO MEYER (1869-1974), ERNESTO GEZEL (1974-1979), JOÃO FRIBERTEO (1878-1985), JOSÉ SARNEY (1885-1990), FERNANDO COLLOR (1904-1992), ITAMAR FRANCO (1902-1995), FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (1900-2002), LUIS INACIO LULA DA SILVA (1944-).

Páginas 40 e 41 da edição de 30/10/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Article titled 'OS 12 TRABALHOS DE LULA' with a large photo of Lula. Text includes: 'com 98% dos votos. Para entender essa espetacular ascensão, é preciso olhar o Lula de hoje. Ninguém diria de que entre suas qualidades está a extraordinária capacidade de conciliar diferenças. A sobrevivência de seu partido é a prova desse talento. No início da década de 80, o PT era uma bomba prestes a explodir. Saco de gatos indóceis, abrigava desde o mais incendiário militante do PCB até o mais moderado ingresso do MR. "Naquele momento, o PT tinha três alternativas: podia virar um cartel de esquerdas, implodir diante das pressões das correntes radicais ou se transformar em um partido hegemônico". Com Leonardo Boff no Rio São Francisco o PT nasce apoiado no tripé Igreja, intelectuais e trabalhadores. A direita sabia disso tão bem quanto a esquerda. O general Gebrary do Costa e Silva, bruto político no Palácio do Planalto durante o governo Geisel e parte do governo Figueiredo, admitiu que os militares enxergavam em Lula a chance de surgimento de uma liderança "positiva" ou, em outras palavras, alguém que, desvinculado dos grupos tradicionais de esquerda, poderia ajudar o governo a construir o chamado "sindicalismo a favor". O fôlego da direita com o metalúrgico, porém, leve tanto sucesso quanto o assédio da esquerda organizada sobre ele — nenhum. Mais por di-

ferenças de estilo do que de ideologia, o namorado de Lula com o Partido Comunista, por exemplo, não durou mais que meia hora — começou e terminou num banco de praça. Certa vez, a pedido de Frei Chico, Lula aceitou encontrar-se com um militante do PCB. A reunião foi marcada na Praça da Matriz em São Bernardo. Lula conta: "O codinome do sujeito era Ivo. Ele se sentou do meu lado com a cara enfiada num jornal e começou a me perguntar o que eu estava achando da conjuntura do país, como é que eu via isso e aquilo. Eu tinha de responder também fingindo que estava lendo jornal. Quando fui embora, ele disse para eu não olhar para trás. Achei aquilo uma coisa tão ridícula que briguei com o Frei Chico. Escutei aqui, eu não sou palhaço nem tenho a minha mão na zona. Se os seus amigos quiserem falar comigo, diz para eles irem lá no sindicato". Fim do namoro com o partido. "O fato de Lula não ter passado pela clandestinidade, e de ter uma certa impaciência com o que considera excess-

OS 12 TRABALHOS DE LULA. List of 12 tasks: I. Manter a política de metas de inflação, controlando a taxa de juros; II. Continuar pagando as dívidas externas, para manter o crédito nos casos de emergência; III. Garantir a sobrevivência nas contas públicas, sustentando o câmbio flutuante e a Lei de Responsabilidade Fiscal; IV. Achar saída para o déficit da Previdência, que já é de mais de 50 bilhões de reais; V. Aumentar o fluxo de negócios com o exterior, para obter dólares e ter acesso a produtos de alta tecnologia; VI. Diminuir o desperdício nos projetos sociais — que gastam 21% do PIB —, mas ampliando sua abrangência; VII. Propor mudanças nos impostos para baixar os custos da produção e melhorar a justiça tributária; VIII. Condicionar, junto com governos estaduais e municipais, as ações nas regiões metropolitanas e as obras de infraestrutura; IX. Definir uma política de combate ao crime em conjunto com o Congresso, os Estados e os municípios; X. Promover a discussão sobre uma reforma que dê agilidade ao Poder Judiciário; XI. Envolver-se na discussão da reforma política que leve à fidelidade partidária e ao fim das legendas de aluguel; XII. Flexibilizar a legislação trabalhista de modo a incentivar a criação e a manutenção de mais empregos formais.

Páginas 42 e 43 da edição de 30/10/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

TEXTO COMPLETO:

LULA MUDA A HISTÓRIA

Ao escolherem o candidato do PT como o novo presidente do Brasil, os eleitores reconheceram a existência de duas forças poderosas: Lula e as instituições do país

"O menino é pai do homem", diz o ditado ancestral usado por escritores em diversos idiomas e culturas. O brasileiro Machado de Assis dá esse título a um dos capítulos de sua obra-prima, Memórias Póstumas de Brás Cubas. O menino Lula da fotografia abaixo mostra muito sobre a conquista do homem Lula no domingo passado nas urnas. A foto foi tirada por um profissional itinerante, figura corriqueira no interior pobre de Pernambuco durante a infância do presidente eleito. Ele tinha 3 anos. Meninos pobres como Lula não nascem no Brasil para ser presidentes da República. Antes dele, os mandatários da nação, mesmo os que se apresentavam como políticos de esquerda, foram todos escolhidos entre marechais, generais, fazendeiros, advogados, empresário e um sociólogo. Como Machado de Assis, mulato, epilético, nascido pobre num morro carioca e que se tornou o maior escritor brasileiro em todos os tempos, Lula desafiou a história para chegar ao posto máximo da atividade política. Sua vitória representa o triunfo de uma idéia, de uma férrea vontade pessoal, mas é também o certificado de qualidade da democracia brasileira.

Legenda foto: Lula aos 3 anos com a irmã Maria: sandálias emprestadas pelo fotógrafo

Da mesma forma que os prognósticos sobre seu futuro governo variam de acordo com as simpatias ou antipatias ideológicas, a ascensão de Lula pode ser lida de diversas maneiras. Mas sua simbologia é inegável. Lula presidente é uma demonstração para o mundo de que a democracia no Brasil, e por reflexo na América Latina, não é exercida apenas para salvar as aparências das elites que se revezam no poder. Ligado historicamente às esquerdas, Lula elegeu-se com uma agenda política moderada e com a aceitação das regras civilizadas de gerência das contas públicas. Estudou até a 5ª série. Projetou-se como líder sindical e político radical. Sua posse, em janeiro próximo, estará carregada de significados, todos favoráveis ao país. O Brasil afirma-se como uma nação de extraordinária mobilidade social, com a chegada de um homem do povo à Presidência. Sua democracia está madura o suficiente para receber no Planalto um partido desligado das esferas que tradicionalmente mandaram no país. Lula e

o PT, por seu lado, prometeram arquivar seu tradicional fascínio pelo projeto anticapitalista que acompanhou a história do partido desde sua fundação, duas décadas atrás.

A estabilidade institucional e econômica do Brasil não esteve em jogo nas eleições que levaram Lula ao poder. O novo presidente não recebeu das urnas mandato para revogá-la. A sociedade brasileira exigiu dos candidatos esse compromisso público e formal. Lula aceitou as negociações do atual governo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e não perdeu a oportunidade de informar os eleitores sobre sua decisão de pagar dívidas e respeitar contratos. A outra garantia vem da sociedade. As instituições brasileiras estão preparadas para funcionar independentemente das doutrinas e das convicções políticas do chefe de Estado. No domingo passado, portanto, os eleitores deram ao Brasil uma dupla vitória.

VINTE ANOS NA OPOSIÇÃO

A chegada de Lula, um ex-torneiro mecânico, ao Palácio do Planalto é resultado de um trabalho político obcecado e disciplinado de duas décadas

O sucesso do ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da República representa mais do que o triunfo da persistência – é a vitória do improvável. O imigrante nordestino que desembarcou em São Paulo montado num pau-de-arara chega ao Planalto ostentando não só o mérito de ter vencido a lógica que condenou tantos como ele à exclusão como o de ter virado de cabeça para baixo o script da trajetória política convencional. Lula não conquistou o mais alto posto da hierarquia do país alavancado por triunfos eleitorais. Jamais foi vereador e nunca administrou uma cidade. Também não se elegeu governador de Estado nem foi ministro de nada. Construiu sua vitória à base de derrotas. E, por meio delas, forjou o que é hoje.

Sua primeira tentativa eleitoral, para o governo de São Paulo, se deu em 1982 e foi um jato de água fria no entusiasmo do político iniciante. O ex-líder metalúrgico acabara de trocar o sindicalismo pela política e era um elemento ainda exótico demais na paisagem do poder. O orçamento da campanha também não dava margem para entusiasmo: de tão apertado, as viagens eram feitas de ônibus e o candidato se via obrigado a dormir em colchonetes espalhados nas casas de militantes. Lula tinha, no entanto, três trunfos que o faziam apostar numa votação encorajadora: liderava um partido que representava a grande novidade do cenário político brasileiro, tinha o apoio de trabalhadores, de setores da Igreja progressista e já era então o queridinho de uma ala de intelectuais que incluía nomes como o sociólogo Fernando Henrique Cardoso e o crítico literário e professor Antonio Candido, um dos

intelectuais mais reverenciados pela esquerda. A abertura das urnas, porém, reservou-lhe uma surpresa: Lula terminou em quarto lugar, com 11% dos votos. "Ele ficou perplexo. Não entendeu o que havia acontecido", lembra Wander Bueno do Prado, seu ex-fiel escudeiro e hoje secretário adjunto de governo da prefeitura de São Bernardo do Campo. "Mesmo em cidades onde havia reunido 20 000 pessoas, não teve mais do que 500 votos. Ficou completamente prostrado, sem rumo", conta.

A ressaca, curtida em exílio doméstico na companhia de alguns poucos amigos e muita cachaça de cambuci, só passou três meses depois. Lula emergiu dela com um mea-culpa que, para um recém-criado partido que chegara a resistir à própria legalização com o argumento de que estaria se "dobrando à legislação burguesa", caiu com a força de um coquetel Molotov. Disse que errara ao pensar que o Brasil era feito de metalúrgicos e ao dirigir-se ao eleitorado como se estivesse falando para peões na fábrica. Afirmou que "esse negócio de que trabalhador vota em trabalhador não funciona" e que, se o partido quisesse ganhar alguma eleição, teria de perseguir "o voto do pobre e o voto do rico". A partir daí, o slogan "Lula, um brasileiro como você" foi banido para sempre da propaganda petista.

Em 1989, a situação era diferente. Lula, pela primeira vez candidato à Presidência, tinha por trás de si um partido estruturado, um adversário sobre o qual pesava o estigma de aventureiro e um capital já mais ao gosto do eleitorado: cumprira um mandato de quatro anos como deputado constituinte, eleito o parlamentar mais votado do Brasil. Ironicamente, sua única vitória nas urnas até então representou seu maior purgatório. Ele nunca escondeu que odiou a experiência no Congresso. Detestava a burocracia do Legislativo e, mais do que tudo, o fato de que ali não mandava nada. "Aqui, eu valho tanto quanto um deputado do Amapá. Sou só um voto a mais", disse a amigos na época.

Lula tinha chances reais de vencer Fernando Collor em 1989, mas, como se sabe, de novo perdeu. Hoje, acredita que poderia ter evitado a derrota se não houvesse cometido o que considera seu maior erro político: a recusa em aceitar o apoio do então presidenciável Ulysses Guimarães na reta final da campanha. O deputado Waldir Pires, candidato do PMDB à Vice-Presidência, chegou a procurá-lo mais de uma vez com um apelo: "O doutor Ulysses só quer subir no seu palanque". Lula recusou. "Ele temia ser identificado com aquilo que considerava a velha esquerda brasileira. Até hoje se arrepende da decisão", afirma José Dirceu, presidente do PT e deputado federal. A diferença entre os votos do petista e os conquistados por Collor foi praticamente igual àquela obtida no primeiro turno pelo PMDB que Lula havia esnobado. Ele jamais se esqueceu do episódio. Tanto que, nesta campanha, usou-o como argumento definitivo para convencer setores resistentes do PT a aderir à aliança do partido com o PL.

Entre os erros menores acumulados na eleição de 1989, um marcou-o tanto que virou motivo de piada entre os amigos. Lula credita parte de seu mau desempenho no fatídico debate com Collor, exibido pela Rede Globo, ao fato de ter chegado ao estúdio devendo-se várias noites de sono. Neste ano, por via das dúvidas, adotou o hábito de paralisar toda a atividade eleitoral pelo menos um dia antes dos embates. Entregou-se com fé de devoto à massagem relaxante prescrita por seu marqueteiro, Duda Mendonça, e, para enterrar de vez a imagem descabelada e exausta que exibiu no enfrentamento com o ex-governador de Alagoas, brincam assessores, passou a exigir maquiagem até para dar entrevista em rádio.

O terceiro fracasso ocorreu em 1994, ano em que Lula, em sua segunda tentativa de chegar à Presidência, apostou todas as fichas no fracasso do Plano Real. A decisão se mostrou tão equivocada que, quatro anos depois, ele partiria para a terceira campanha presidencial com o entusiasmo de quem caminha para a força. Concorreu contra a vontade, pressionado pelo partido que fundara e que agora enxergava como seu algoz. Sentia-se explorado pelo PT, exausto diante da perspectiva de enfrentar uma eleição com pouquíssimas chances de vitória e prejudicado em sua vida pessoal. Em entrevista que concedeu à época, afirmou que a política o impediu de estar ao lado da mulher, Marisa, quando seus três filhos nasceram; reclamou do fato de que sua imagem pública não lhe permitia "ir a um baile e dançar até morrer"; e chegou a dizer que, na próxima encarnação, gostaria de vir ao mundo rico e anônimo, em vez de pobre e famoso.

Nasceu pobre e anônimo. Caçula dos meninos Silva, só foi conhecer o pai aos 7 anos de idade. Quando Aristides Inácio da Silva saiu de Garanhuns para tentar a vida em São Paulo, deixou a esposa, Eurídice, grávida de Lula. Em 1952, Lindu, como era chamada a mulher, decidiu juntar-se ao marido. Reuniu os sete filhos e embarcou com eles num pau-de-arara, numa viagem que durou treze dias – durante os quais Lula usou uma única camisa.

O sonho de conhecer o pai desmoronou na chegada a Santos, onde ele trabalhava como estivador. Lula percebeu que Aristides não havia vindo só de Garanhuns. Trouxera uma prima de Lindu, com quem, a essa altura, já tinha dois filhos – "uns meninos que andavam na maior estica, com minha branca e tudo", lembra. Dessa época, Lula guarda uma lembrança que faz questão de contar toda vez que fala da infância. Certa vez, Aristides comprou sorvetes para os filhos. Distribuiu para um e para outro e, quando chegou a vez de Lula, parou. "Ele disse: 'Você, não, que você não sabe chupar sorvete'." Lula sempre repete a história para explicar por que nunca foi capaz de entender o pai. "Para mim, é uma coisa incrível um pai negar um doce a uma criança. Mas o meu era um homem muito ignorante. Batia nos filhos, comprava pão doce só para ele e escondia da gente. Era um homem muito duro, talvez porque a vida

tenha sido muito dura com ele." Morreu em 1978. Lula só soube do fato doze dias depois, informado por carta. Aristides havia sido abandonado pela segunda mulher, vivia sozinho e foi enterrado como indigente.

Lindu separou-se dele pouco tempo depois da chegada da família a Santos. Pegou os filhos e mudou-se para a Vila Carioca, periferia de São Paulo, numa casa que ficava nos fundos de um bar, cujo banheiro era o mesmo usado pela família. Os Silva eram na época tão pobres que, entre as lembranças de Lula, está a de ter saído correndo de vergonha quando um médico veio visitar sua irmã e a mãe não tinha uma cadeira para oferecer-lhe. Lindu sustentava os filhos lavando roupa para fora. Lula vendia tapioca na rua, fazia bicos de engraxate e entregava roupas de uma tinturaria. Lembra-se de ter percebido que a vida começava a melhorar quando, numa das mudanças da família, o caminhão de transportes já levava um fogão: "Eu e o meu irmão colocamos ele bem no alto da carroceria e fomos com muito orgulho em cima. Afinal de contas, a gente já tinha um fogão", conta, em um trecho do livro *O Filho do Brasil*, da escritora Denise Paraná.

Lula chora à toa. Chora quando lembra que a mãe passou horas numa fila para ganhar o primeiro presente de Natal que ele recebeu na vida, um carrinho de plástico. Chora quando diz que, por causa da política, não conseguiu dar aos filhos aquilo que ele próprio gostaria de ter tido: um pai que o levasse para passear e que o ajudasse nos deveres da escola. Chorou quando, durante a campanha, um idoso se aproximou do seu carro e, pela janela, jogou-lhe um relógio no colo, dizendo ser a única coisa que podia oferecer para ajudá-lo nas eleições. Lula chora muito e, muitas vezes, explode também.

Quando se irrita, fala alto, xinga, gesticula e dá murros na mesa. Berra que querem matá-lo sobrecarregando-lhe a agenda ou que é inacreditável que ninguém tenha conseguido lembrá-lo de um compromisso importante. Sua equipe de campanha, alvo mais freqüente dessa ira nos últimos meses, costuma ouvir as broncas calada. Sabe que, no minuto seguinte, o chefe poderá virar-se para seu assessor de imprensa – um tanto fora de forma e embrulhado em uma camiseta vermelha – para dizer-lhe que está "parecendo uma melancia de boné". Lula, o possesso, vira Lulinha Paz e Amor em questão de segundos.

Outra de suas características, que amigos conhecem e desavisados descobrem rápido, é que Lula não gosta de críticas – pelo menos não as que tenham ele próprio como objeto. Tanto assim que, mesmo no mais restrito círculo petista, pouquíssimos cardeais se dão ao luxo de discutir uma atitude sua. O ex-deputado Luiz Gushiken é um dos poucos que se atrevem a fazê-lo. O todo-poderoso José Dirceu dificilmente ousa.

Seu apartamento, em São Bernardo do Campo, é um dos poucos lugares em que manda menos que os outros. Assim como o sítio perto da Represa Billings, o local pertence aos domínios de Marisa, com quem se casou há 28 anos, três depois de ter enviuvado de Lurdes, morta durante o parto. Foi com sua "galega", como chama a mulher, que Lula aprendeu a cuidar das próprias roupas íntimas, hábito que mantém mesmo quando está hospedado em hotéis: lava as meias, as peças de baixo e pendura tudo perto do aquecedor. Os filhos aprenderam a fazer o mesmo.

Dos cinco que tem – Marcos, do casamento anterior da mulher; Fábio, Sandro e Luís Cláudio, da sua união com Marisa; e Lurian, fruto do romance com Mírian Cordeiro –, nenhum até hoje se arriscou a enveredar pela política. Marcos e Lurian, ele estudante de psicologia, ela jornalista, ainda demonstram algum interesse pela profissão do pai. Já Fábio, formado em biologia, Sandro, que cursa propaganda e marketing, e Luís Cláudio, o caçula, de 17 anos, querem distância do assunto.

Até seu primeiro dia de trabalho como torneiro mecânico, Lula havia feito poucas escolhas na vida. Não decidiu mudar-se para São Paulo e tampouco optou pela profissão de metalúrgico. Na verdade, queria ser motorista de caminhão, mas a mãe já havia resolvido que, ao menos o caçula dos meninos, teria um diploma do Senai.

A fábrica foi sua porta de entrada para a política – mas ele não a atravessou de bom grado nem por iniciativa própria. Quando o irmão, José Ferreira da Silva, o "Frei Chico", soldador e militante do Partido Comunista, o convidou para participar do movimento sindical, o futuro líder metalúrgico tinha 23 anos e pouquíssimo interesse pelos destinos da categoria. "O negócio dele era jogar pelada e namorar. Dizia: 'O que é que eu vou fazer no sindicato? Lá só tem ladrão e comunista'", lembra Frei Chico, apelidado assim pela calva no alto da cabeça, como a marca dos frades. Em 1968, Lula cedeu à pressão e ingressou no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo como suplente de secretário. Em 1975, foi eleito presidente da entidade e, em 1978, reconduzido ao cargo com 98% dos votos. Para entender essa espetacular ascensão, é preciso olhar o Lula de hoje. Ninguém duvida de que entre suas qualidades está a extraordinária capacidade de conciliar diferenças. A sobrevivência de seu partido é a prova desse talento. No início da década de 80, o PT era uma bomba prestes a explodir. Saco de gatos indóceis, abrigava desde o mais incendiário militante do MR-8 até o mais moderado egresso do PCB. "Naquele momento, o PT tinha três alternativas: podia virar um cartel de esquerdas, implodir diante das pressões das correntes radicais ou se transformar em um partido hegemônico", analisa um de seus fundadores, o atual secretário de Cultura da prefeitura de São Paulo, Marco Aurélio Garcia. Dois fatores ajudaram na consolidação da

terceira alternativa: a criação do grupo Articulação, uma espécie de rolo compressor liderado por José Dirceu, que foi aos poucos cuidando de esmagar a ala ultra-radical do partido, e a habilidade de Lula em fortalecer sua posição de mediador, do líder que paira acima das correntes e das disputas pessoais – a mesmíssima imagem que alavancou sua fulminante trajetória no sindicalismo. Nesse percurso, há outro elemento que não pode ser desprezado: o fascínio que Lula exerce sobre uma multidão. "No apogeu dos movimentos grevistas, quando ele pegava o microfone, você via 100 000 metalúrgicos, que cinco minutos antes estavam enfurecidos, ficar em silêncio total", conta Frei Chico. "Se o Lula quisesse tocar fogo no Brasil naquele momento, conseguiria. Ele tinha o controle total da massa", diz.

A direita sabia disso tão bem quanto a esquerda. O general Golbery do Couto e Silva, bruxo político no Palácio do Planalto durante o governo Geisel e parte do governo Figueiredo, admitiu que os militares enxergavam em Lula a chance de surgimento de uma liderança "positiva" ou, em outras palavras, alguém que, desvinculado dos grupos tradicionais de esquerda, poderia ajudar o governo a construir o chamado "sindicalismo a favor". O flerte da direita com o metalúrgico, porém, teve tanto sucesso quanto o assédio da esquerda organizada sobre ele – nenhum. Mais por diferenças de estilo do que de ideologia, o namoro de Lula com o Partido Comunista, por exemplo, não durou mais que meia hora – começou e terminou num banco de praça. Certa vez, a pedido de Frei Chico, Lula aceitou encontrar-se com um militante do PCB. A reunião foi marcada na Praça da Matriz em São Bernardo. Lula conta: "O codinome do sujeito era Ivo. Ele se sentou do meu lado com a cara enfiada num jornal e começou a me perguntar o que eu estava achando da conjuntura do país, como é que eu via isso e aquilo. Eu tinha de responder também fingindo que estava lendo jornal. Quando fui embora, ele disse para eu não olhar para trás. Achei aquilo uma coisa tão ridícula que briguei com o Frei Chico: 'Escuta aqui, eu não sou palhaço nem tenho a minha mãe na zona. Se os seus amigos quiserem falar comigo, diz para eles irem lá no sindicato'". Fim do namoro com o partidão. "O fato de Lula não ter passado pela clandestinidade, e de ter uma certa impaciência com o que considera excesso de solenidade, talvez explique sua resistência a algumas precauções. Às vezes, temos de chamar a atenção dele para as coisas que fala ao telefone", conta Marco Aurélio Garcia.

No processo de transformação do líder sindical em líder político, um episódio teve importância decisiva: a prisão e a tortura de Frei Chico, nos porões do DOI-Codi, em 1975. Naquele ano, quando Lula viajou para o Japão para representar os metalúrgicos num congresso da Toyota, o irmão foi preso sob acusação de subversão. "Os policiais queriam que eu confessasse que o Lula tinha viajado para levar uma carta para o [líder comunista] Luís

Carlos Prestes, exilado na época," conta. Torturado durante uma semana, Frei Chico recebeu choques e conheceu a temida cadeira do dragão, instrumento no qual a vítima, com as pernas e os braços imobilizados por uma estrutura de madeira, era obrigada a apoiar as mãos sobre uma tampa para que fossem marteladas por seus algozes.

Legenda de foto: Com Leonardo Boff no Rio São Francisco: o PT nasce apoiado no tripé Igreja, intelectuais e trabalhadores

Lula se emociona ao falar do episódio. "Quando soube de tudo o que aconteceu com o meu irmão, me deu uma revolta muito grande. Pensei: como é que um cara bom como ele, pai de família, um sujeito que trabalha feito um condenado, pode ser preso e massacrado dessa maneira só porque pertence a um partido, só porque pensa diferente? Aquilo foi muito importante para a minha cabeça. Acho que foi lá que eu percebi que era preciso ir além da luta sindical", diz.

Lula especializou-se na arte de fazer do limão uma limonada. Com base em adversidades, amadureceu a si e ao partido que criou e construiu uma biografia desde já extraordinária. Agora, sai triunfante de sua quarta tentativa de eleger-se presidente da República. A pergunta que se faz é se saberá se comportar na vitória com o mesmo bom senso com que se portou diante das derrotas.

c) UM POR TODOS E TODOS POR UM (06/11/2002)



Capa de *Veja* da edição nº 1.776, de 06/11/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.



Páginas 38 e 39 da edição de 06/11/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

Especial

...E TODOS POR UM

dizendo que, agora, o salário mínimo teria de subir para 100 dólares e a alíquota do imposto de renda deveria ser reduzida, como sempre pregou o partido de Lula. "Mas se curioso ver o PT defendendo um salário mínimo menor que 240 reais", ironizou o deputado Juracy Junior, líder do PSDB na Câmara. O PT por muito tempo defendeu essa bandeira, com o propósito de constrianger o presidente Fernando Henrique e firmar-se como defensor dos excluídos. Mas isso não justifica a atitude de tucanos e petistas. Na posição de governo, o PT, agora, está lidando com o plano da realidade, não do teatro político, como fez até antonomasia. Nesse sentido, os cascais do partido deram uma demonstração de realismo na semana passada, mantendo-se fiéis às promessas de austeridade feitas na campanha.

«Sem as reformas tributária e previdenciária não haverá renegociação da dívida dos Estados», disse José Dirceu, usando apenas uma forma delicada de se recusar a abrir o cofre para governadores endividados, já que uma coisa não tem nada a ver com a outra. «Não haverá mudança nas metas de inflação», completou Antônio Palocci, perseverando na linha da austeridade. Economista de destaque no partido, o senador eleito Aloizio Mercadante também fez questão de avisar: «A alíquota do imposto de renda deve continuar em 27,5%», reafirmou ele. É uma diversão para os adversários ver o PT defendendo políticas de austeridade pregadas pelo Fundo Monetário Internacional e aplicadas disciplinadamente pelo ministro Pedro Malan e por Antônio Fraga, presidente do Banco Central. Mas era exatamente essa posição de austeridade que o PT vinha prometendo seguir caso Lula viesse a ser eleito presidente da República. Na primeira semana após a eleição, o partido continuou reafirmando a mesma promessa.

As três grandes estrelas do PT, Dirceu, Palocci e Gushiken, são os homens fortes

de Lula, as pessoas com quem se deve falar quando se espera ser ouvido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Formaram a trindade da linha de frente por caminhos diversos. Luiz Gushiken é um velho companheiro de Lula, dos tempos em que eram colegas de militância sindical, nos anos 70. José Dirceu começou a estreitar a aproximação com o presidente eleito a partir de 1995, quando passaram ambos a construir o projeto de um PT moderado, sufocando as correntes mais radicais do partido. Antônio Palocci é o mais recente da turma. Com currículo de bom prefeito em Ribeirão Preto, cidade que administra pela segunda vez, Palocci entrou para a tróica por acidente do destino. Seu papel seria exercido por Celso Daniel, prefeito de Santo André que morreu assassinado em janeiro deste ano. Escalado de última hora, Palocci neste serviço e conquistou espaço na cúpula do petismo.

Antônio Palocci, militante de uma corrente tucolista anos atrás, está entre os primeiros convertidos à prática do capitalismo, como demonstra sua primeira gestão na prefeitura de Ribeirão Preto, entre 1993 e 1996. Privatizou o serviço de esgoto sanitário e as telecomunicações da cidade, provocando indignação entre as alas mais esquerdistas do partido. «Eu estou à direita de José Dirceu», brinca ele, ao definir sua posição. Palocci também foi o artífice da contratação do publicitário Duda Mendonça, que construiu a parte mais visível de sua carreira trabalhando para o ex-prefeito Paulo Maluf. Em 2000, ao concorrer novamente à prefeitura



Luiz Gushiken, Antônio Palocci e José Dirceu, a poderosa tróica do novo governo: um é amigo de Lula, o outro é o interlocutor no mercado e o terceiro é o braço forte na articulação política

de Ribeirão Preto, Palocci contratou Duda Mendonça, ficou encantado com o trabalho e fez questão de levá-lo para a campanha de Lula. José Dirceu é, ele próprio, o símbolo da ganância petista ao cargo. «Quando decidimos que o radicalismo ia matar o PT éramos minoria absoluta. Tínhamos 30% dos votos», recorda Dirceu. «A duras penas ganhamos a

maioria, e nossa visão começou a se tornar hegemônica. Hoje temos o controle do partido», completa ele. Qualquer presidente, não importa a origem nem a ideologia, tem um círculo de colaboradores mais próximos. Fernando Collor de Mello celebrou a chamada República das Alagoas, grupo que se tornou mais conhecido pelas estripu-

lias do que propriamente pela excelência de seu trabalho. O ex-presidente Ilmar Franco cercava-se da turma do pólo de quitação, assim apelidada por ser majoritariamente de Minas Gerais. A primeira eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1994, marcou o auge de um grupo de políticos paulistas, todos fundadores do PSDB. Além do presidente, a

turma era composta por José Serra, derrotado no pleito presidencial, pelo ex-ministro Sérgio Mota e pelo ex-governador Mário Covas, os dois últimos falecidos durante a gestão de FHC. A turma de Lula tem semelhanças de origem — também é composta por políticos que fizeram carreira em São Paulo e são igualmente fundadores do PT.

Páginas 40 e 41 da edição de 06/11/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Especial



Luiz Gushiken desfruta a intimidade de Lula. As duas famílias se visitam, suas esposas são amigas e, entre os chefes petistas, é o único a frequentar regularmente o fechadíssimo sítio da família de Lula na Represa Billings, em São Paulo. Também é o único a discursar abertamente do chefe. A um presidente, é fundamental ter críticos por perto. Conta a história que, numa reunião sobre um tema relevante da II Guerra, o presidente americano Franklin Roosevelt expôs uma opinião e esperava a concordância geral. Circundou a mesa e, dirigindo-se a um jovem general, recém-chegado a Washington, disse: «Estou certo de que você também concorda». A resposta: «Não, não concordo, senhor». Os demais assessores acharam que seria a primeira e última reunião do novo, mas Roosevelt ouviu-o com atenção. O jovem general era George Marshall, que liderou as negociações e fez o plano que recuperou a Europa dos escombros da II Guerra.

Gushiken não tem nada da genialidade de FHC. Foi badista, praticou a ma-

crobiótica e, ao preparar Lula para os debates da campanha, recorria a sessões de relaxamento e preleções recheadas de analogias. «Você não pode mais ser o tigre», disse a Lula, quando tentava convencer-lo a passar uma imagem de estadista na televisão. «O tigre salta direto na jugular do inimigo, mas você agora é a fígula; vou acima dos outros plâsaros, fica pairando majestosamente sobre o inimigo até que, no momento certo, mergulha para dar o bote final». O grande truque do China é sempre parecer o que não é — indefeso e indefensivo. Com saúde frágil, teve um infarto alguns anos atrás, corrigido com a implantação de um balão na artéria, e se recupera de uma recente extração do estômago por causa de um tumor. Com o dozeano expandido cirurgicamente para fazer o papel de estômago, Gushiken mantém uma dieta rígida, comendo pouco e sempre. Na campanha, porém, mostrou fôlego, e a vitória petista pareceu já-lhe revitalizada. Antes, dissera a Lula que só faria a campanha e voltaria para casa, mas foi convencido a ficar. Por

seu conhecimento em questões previdenciárias, pode virar ministro da Previdência. Se a saúde não permitir, com certeza integrará o grupo palaciano de Lula, pois seu papel, no fundo, é fazer uma avaliação pessoal e intransferível ao presidente eleito de como andam as coisas. A relação de José Dirceu com Lula, que já tem duas décadas ao todo, é diferente. Limita-se à esfera política e partidária. O presidente do PT é um trabalhador compulsivo e exigente. É do tipo que dá bronca até em secretária eletrônica», comenta um colega que o conhece de perto. Na campanha, enquanto a equipe comemorava em restaurantes ou bares numa noite boaz, José Dirceu ia direto para o hotel, para acordar cedo no dia seguinte. Se necessário, trabalha de dezesseis a dezotto horas por dia e cuida de tudo — da grande política aos detalhes. Durante a empreitada eleitoral, coube a ele decidir que Lula iria a apenas um debate na televisão. «Foi decisão minha, e não abria mão disso de maneira alguma», relembra. Uma semana antes do

primeiro turno, negou-se a aceitar a pressão para que o partido antecipasse o nome do presidente do Banco Central. Ao mesmo tempo em que influi nas grandes questões, José Dirceu dá-se ao trabalho, por exemplo, de verificar se o palanque de um comício tem estrutura para aglutinar a massa. No último comício da campanha, em São Bernardo do Campo, começou a temer que a estrutura despenhasse sob o peso de tanta gente. Postou-se à entrada e impediu o acesso além de um certo número de convidados. Com seu erpetismo por tudo, o presidente do PT teve um poder incontestável na campanha de Lula. Um dos primeiros petistas a cultivar laços com empresários, banqueiros e políticos de todas as tendências, Dirceu quebrou a espinha dorsal das correntes radicais e acabou com o tradicional assembleísmo do partido. «Com

ele, o PT passou a decidir primeiro e se reunir depois», diz um dirigente do partido. Na campanha, Dirceu participou, quase sempre como mentor, de todas as articulações fundacionais. «Pouca gente sabe, mas foi Dirceu quem primeiro entendeu a potencialidade de um vice-rajado de Lula como o José Alencar, do Partido Liberal», comenta um cacique petista. Graças a seu trabalho, o PT de Lula atraiu o apoio de dois ex-presidentes — José Sarney e Itamar Franco — e manteve uma linha direta com o presidente Fernando Henrique. Durante a campanha, José Dirceu falava quase diariamente com FHC por telefone. Entre os petistas, Dirceu é o único que poderia escrever o cargo que gostaria de ocupar no novo governo e esse cargo, possivelmente, seria o Ministério da Justiça, se prevalecer a bola de cristal dos amigos de José Dirceu. Se de fato assim foi, Dirceu

deve deixar a presidência do PT, pois Lula quer que o partido se mantenha forte e unânime, e não como linha administrativa auxiliar do governo. «Dirceu e Lula se entendem por sinais», define o empresário e consultor paulista Antônio Marmo Trevisan, que viveu em Lula. Com sua trajetória ascendente, o PT transformou-se num partido com muitas estrelas de primeira grandura. A sigla reúne ícones respeitados, como o economista Guido Mantega, responsável pelas principais ideias econômicas da plataforma eleitoral de Lula, e o agrônomo José Graziano, que conseguiu agregar grandes cabeças sobre questões agrícolas e produzir o prato de resistência do início do mandato de Lula — o projeto de combate à fome, chamado de Fome Zero. Um trabalho que o qualifcou para ocupar o primeiro cargo anunciado por Lula, a Secretaria Nacional de Energia, Social, No plano político, o partido também tem uma constelação para existir. Nela, incluem-se nomes como Aloizio Mercadante, dono de uma votação histórica.

Páginas 42 e 43 da edição de 06/11/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Especial



Prédio do Banco do Brasil onde ficará a equipe de transição do novo governo

ra o Senado por São Paulo, a esultante prefeta Maria Saplley, que administra a principal capital do país, e o deputado José Genofino, político popular e carismático e o primeiro petista a disputar um segundo turno para o governo paulista. Nada dentro do PT, quando há três cadeiras vagas e cinco cadeiras petistas em pé, Genofino não se senta, a menos que convidado. Já Mercadante se senta imediatamente e quer indicar quem vai sentar-se nas duas outras cadeiras.

No PE, ser uma estrela que brilha diante das massas é uma coisa — e brilhar dentro do partido é outra. Nessa categoria, encaixa-se o secretário-geral do partido, Luiz Dileti, um exonerado articulador político, que muito auxiliou José Dirceu, mas sempre evitou os holofotes. E nessa categoria, também, que se encontra Antônio Palocci, que começou a crescer dentro do partido e depois se projetou para fora. Ele é o sujeito que nunca leva problemas para Lula. Palocci só chega diante do chefe com soluções à mão, e sempre com uma cara sorridente e descaída de quem acabou de sair do bueiro. Seu crescente poder no PT decorre do fato de, na campanha, ter sido o principal interlocutor do partido com empresários, banqueiros e o mercado financeiro — posição que herdou de Mercadante, que se ocupava de sua campanha ao Senado. Nessa função, Palocci surpreendeu. “Desenvolvemos um relacionamento fantástico”, diz Horácio Lafer Piva, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Em conversas reservadas, Palocci até já comentou sua admiração pessoal por Arminio Fraga, atual presidente do Banco Central. Metódico e organizado, foi ele quem insistiu para que o PT colocasse por escrito seus compromissos econômicos, o que tonou a forma da Carta ao Povo Brasileiro, e tornou-se uma voz petista capaz de tranquilizar o mercado. Por essas e outras, é cotado para assumir um vitimizado Ministério do Planejamento. A pasta teria mais importância que o Ministério da Fazenda, agregando Banco do Brasil e Caixa Econômica. Com isso, Palocci, estrela ascendente do petismo, ganharia ares de superministro. Por enquanto, isso ainda é uma questão aberta dentro do futuro governo. O fato é que Palocci pode ir para qualquer lugar. Mas, onde ele estiver, esse lugar terá peso na administração de Lula.

A parte mais progressista e moderada do PT descobriu recentemente que jamais chegaria a lugar algum com aquela pregação ultrapassada de um modelo socialista para o Brasil, num momento em que os regimes comunistas foram varridos do mundo inteiro a partir do fim dos anos 80, só deixando vestígios em duas ditaduras, a de Cuba e a da Coreia do Norte. Até o último momento o PT continuou fazendo oposição irresponsável ao governo Fernando Henrique Cardoso, mas às vésperas da eleição presidencial finalmente resolveu dizer que estava jogando a toalha. Seus representantes entraram em contato com as federações das indústrias, dentro as miles à federação dos bancos (Fetuban) e até armaram um pacto com a bolsa de valores. Não se sabe até quando vai durar a boa vontade da cúpula petista em relação ao mercado, tido odiado no PT até meses atrás. As primeiras manifestações dos mosqueteiros de Lula na semana passada, no entanto, parecem reafirmar aquilo que, a portas fechadas, os cardais do partido vinham garantindo antes da eleição: as alas radicais e reacionárias do PT estão sob controle da hierarquia do partido, e não se espera que incutemodem a ponto de confundir o jogo.

acompanhe notícias últimas sobre a transição em www.veja.com.br

Página 44 da edição de 06/11/2002. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

TEXTO COMPLETO:

UM POR TODOS E TODOS POR UM

Lula, em sua primeira visita a Brasília após a eleição presidencial, saúda militantes em frente ao Palácio do Planalto: por enquanto, promessa cumprida

Vivendo as delícias de sua primeira semana como presidente eleito do Brasil, e festejado em sua visita a Brasília como se fosse um artista popular, Luiz Inácio Lula da Silva apresentou ao país sua santíssima trindade – a tróica que teve alta influência em sua campanha, tem profundo domínio sobre o Partido dos Trabalhadores e, possivelmente, terá papel relevante na formação de seu governo. Um deles é o deputado José Dirceu, 56 anos, presidente do PT, a quem coube, na semana passada, circular pelo Congresso reforçando a aproximação com aliados e trocando idéias com adversários. Objetivo: formar, desde já, uma base de apoio ao novo governo. O outro é o prefeito licenciado de Ribeirão Preto, o médico Antônio Palocci, 42 anos, estrela em ascensão no petismo que acaba de ser escalada para chefiar a equipe de cinquenta nomes que fará a transição mais civilizada da história brasileira. E o primeiro indicado para integrar a equipe de transição vem a ser justamente o terceiro pé

do trio de apoio do presidente eleito: o ex-deputado Luiz Gushiken, 52 anos, o mais discreto da turma, a quem Lula chama de "China", numa referência afetuosa a sua ascendência oriental.

Na semana passada, os líderes tucanos e pefelistas, agora na oposição, armaram um circo para satirizar o caminho de austeridade escolhido pelo PT e fartamente premiado nas urnas. Fizeram galhofa dizendo que, agora, o salário mínimo teria de subir para 100 dólares e a alíquota do imposto de renda deveria ser reduzida, como sempre pregou o partido de Lula. "Vai ser curioso ver o PT defendendo um salário mínimo menor que 240 reais", ironizou o deputado Jutahy Junior, líder do PSDB na Câmara. O PT por muito tempo defendeu essas bandeiras, com o propósito de constranger o presidente Fernando Henrique e firmar-se como defensor dos excluídos. Mas isso não justifica a atitude de tucanos e pefelistas. Na posição de governo, o PT, agora, está lidando com o plano da realidade, e não do teatro político, como fez até anteontem. Nesse sentido, os cardeais do partido deram uma demonstração de realismo na semana passada, mantendo-se fiéis às promessas de austeridade feitas na campanha.

Legenda de foto: Luiz Gushiken, Antônio Palocci e José Dirceu, a poderosa tróica do novo governo: um é amigo de Lula, o outro é o interlocutor no mercado e o terceiro é o braço forte na articulação política

"Sem as reformas tributária e previdenciária não haverá renegociação da dívida dos Estados", disse José Dirceu, usando apenas uma forma delicada de se recusar a abrir o cofre para governadores endividados, já que uma coisa não tem nada a ver com a outra. "Não haverá mudança nas metas de inflação", completou Antônio Palocci, perseverando na linha da austeridade. Economista de destaque no partido, o senador eleito Aloizio Mercadante também fez questão de avisar: "A alíquota do imposto de renda deve continuar em 27,5%", reafirmou ele. É uma diversão para os adversários ver o PT defendendo políticas de austeridade pregadas pelo Fundo Monetário Internacional e aplicadas disciplinadamente pelo ministro Pedro Malan e por Armínio Fraga, presidente do Banco Central. Mas era exatamente essa posição de austeridade que o PT vinha prometendo seguir caso Lula viesse a ser eleito presidente da República. Na primeira semana após a eleição, o partido continuou reafirmando a mesma promessa.

As três grandes estrelas do PT, Dirceu, Palocci e Gushiken, são os homens fortes de Lula, as pessoas com quem se deve falar quando se espera ser ouvido pelo presidente Luiz

Inácio Lula da Silva. Formaram a trindade da linha de frente por caminhos diversos. Luiz Gushiken é um velho companheiro de Lula, dos tempos em que eram colegas de militância sindical, nos anos 70. José Dirceu começou a estreitar a aproximação com o presidente eleito a partir de 1995, quando passaram ambos a construir o projeto de um PT moderado, sufocando as correntes mais radicais do partido. Antônio Palocci é o mais recente da turma. Com currículo de bom prefeito em Ribeirão Preto, cidade que administra pela segunda vez, Palocci entrou para a tróica por acidente do destino. Seu papel seria exercido por Celso Daniel, prefeito de Santo André que morreu assassinado em janeiro deste ano. Escalado de última hora, Palocci mostrou serviço e conquistou espaço na cúpula do petismo.

Legenda de foto: FHC, reunido em Brasília com a equipe que dará informações ao novo governo, na transição mais civilizada do país: tanto no grupo mais próximo de FHC quanto no de Lula, só há "paulistas" e fundadores de partido

Antônio Palocci, militante de uma corrente trotskista anos atrás, está entre os primeiros convertidos à prática do capitalismo, como demonstra sua primeira gestão na prefeitura de Ribeirão Preto, entre 1993 e 1996. Privatizou o serviço de esgoto sanitário e as telecomunicações da cidade, provocando indignação entre as alas mais esquerdistas do partido. "Eu estou à direita de José Dirceu", brinca ele, ao definir sua posição. Palocci também foi o artífice da contratação do publicitário Duda Mendonça, que construiu a parte mais visível de sua carreira trabalhando para o ex-prefeito Paulo Maluf. Em 2000, ao concorrer novamente à prefeitura de Ribeirão Preto, Palocci contratou Duda Mendonça, ficou encantado com o trabalho e fez questão de levá-lo para a campanha de Lula. José Dirceu é, ele próprio, o símbolo da guinada petista ao centro. "Quando decidimos que o radicalismo ia matar o PT éramos minoria absoluta. Tínhamos 30% conosco", recorda Dirceu. "A duras penas ganhamos a maioria, e nossa visão começou a se tornar hegemônica. Hoje temos o controle do partido", completa ele.

Qualquer presidente, não importa a origem nem a ideologia, tem um círculo de colaboradores mais próximos. Fernando Collor de Mello celebrou a chamada República das Alagoas, grupo que se tornou mais conhecido pelas estripulias do que propriamente pela excelência de seu trabalho. O ex-presidente Itamar Franco cercava-se da turma do pão de queijo, assim apelidada por ser majoritariamente de Minas Gerais. A primeira eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1994, marcou o auge de um grupo de políticos paulistas, todos fundadores do PSDB. Além do presidente, a turma era composta por José

Serra, derrotado no pleito presidencial, pelo ex-ministro Sergio Motta e pelo ex-governador Mário Covas, os dois últimos falecidos durante a gestão de FHC. A turma de Lula tem semelhanças de origem – também é composta por políticos que fizeram carreira em São Paulo e são igualmente fundadores do PT.

Legenda de foto: Prédio do Banco do Brasil onde ficará a equipe de transição do novo governo

Luiz Gushiken desfruta a intimidade de Lula. As duas famílias se visitam, suas esposas são amigas e, entre os chefões petistas, é o único a frequentar regularmente o fechadíssimo sítio da família de Lula na Represa Billings, em São Paulo. Também é o único a discordar abertamente do chefe. A um presidente, é fundamental ter críticos por perto. Conta a história que, numa reunião sobre um tema relevante da II Guerra, o presidente americano Franklin Roosevelt expôs uma opinião e esperava a concordância geral. Circundou a mesa e, dirigindo-se a um jovem general, recém-chegado a Washington, disse: "Estou certo de que você também concorda". A resposta: "Não, não concordo, senhor". Os demais assessores acharam que seria a primeira e última reunião do novato, mas Roosevelt ouviu-o com atenção. O jovem general era George Marshall, que liderou as tropas aliadas e batizou o plano que recuperou a Europa dos escombros da II Guerra.

Gushiken não tem nada de general. Ao contrário. Já foi budista, praticou a macrobiótica e, ao preparar Lula para os debates da campanha, recorria a sessões de relaxamento e preleções recheadas de analogias. "Você não pode mais ser o tigre", disse a Lula, quando tentava convencê-lo a passar uma imagem de estadista na televisão. "O tigre salta direto na jugular do inimigo, mas você agora é a águia: voa acima dos outros pássaros, fica pairando majestosamente sobre o inimigo até que, no momento certo, mergulha para dar o bote final." O grande truque do China é sempre parecer o que não é – indefeso e inofensivo. Com saúde frágil, teve um infarto alguns anos atrás, corrigido com a implantação de um balão na artéria, e se recupera de uma recente extração do estômago por causa de um tumor. Com o duodeno expandido cirurgicamente para fazer o papel de estômago, Gushiken mantém uma dieta rígida, comendo pouco e sempre. Na campanha, porém, mostrou fôlego, e a vitória petista parece tê-lo revitalizado. Antes, dissera a Lula que só faria a campanha e voltaria para casa, mas foi convencido a ficar. Por seu conhecimento em questões previdenciárias, pode virar ministro da Previdência. Se a saúde não permitir, com certeza integrará o grupo palaciano de

Lula, pois seu papel, no fundo, é fazer uma avaliação pessoal e intransferível ao presidente eleito de como andam as coisas.

A relação de José Dirceu com Lula, que já tem duas décadas ao todo, é diferente. Limita-se à esfera política e partidária. O presidente do PT é um trabalhador compulsivo e exigente. "É do tipo que dá bronca até em secretária eletrônica", comenta um colega que o conhece de perto. Na campanha, enquanto a equipe comemorava em restaurantes ou bares uma notícia boa, José Dirceu ia direto para o hotel, para acordar cedo no dia seguinte. Se necessário, trabalha de dezesseis a dezoito horas por dia e cuida de tudo – da grande política aos detalhes. Durante a empreitada eleitoral, coube a ele decidir que Lula iria a apenas um debate na televisão. "Foi decisão minha, e não abriria mão disso de maneira alguma", relembra. Uma semana antes do primeiro turno, negou-se a aceitar a pressão para que o partido antecipasse o nome do presidente do Banco Central. Ao mesmo tempo em que influi nas grandes questões, José Dirceu dá-se ao trabalho, por exemplo, de verificar se o palanque de um comício tem estrutura para agüentar a massa. No último comício da campanha, em São Bernardo do Campo, começou a temer que a estrutura despencasse sob o peso de tanta gente. Postou-se à entrada e impediu o acesso além de um certo número de convidados.

Com seu empenho por tudo, o presidente do PT teve um poder incontestável na campanha de Lula. Um dos primeiros petistas a cultivar laços com empresários, banqueiros e políticos de todas as tendências, Dirceu quebrou a espinha dorsal das correntes radicais e acabou com o tradicional assembleísmo do partido. "Com ele, o PT passou a decidir primeiro e se reunir depois", diz um dirigente do partido. Na campanha, Dirceu participou, quase sempre como mentor, de todas as articulações fundamentais. "Pouca gente sabe, mas foi Dirceu quem primeiro entendeu a potencialidade de um vice na chapa de Lula como o José Alencar, do Partido Liberal", comenta um cacique petista. Graças a seu trabalho, o PT de Lula atraiu o apoio de dois ex-presidentes – José Sarney e Itamar Franco – e manteve uma linha direta com o presidente Fernando Henrique. Durante a campanha, José Dirceu falava quase diariamente com FHC por telefone. Entre os petistas, Dirceu é o único que poderia escolher o cargo que gostaria de ocupar no novo governo, e esse cargo, possivelmente, seria o Ministério da Justiça, se prevalecer a bola de cristal dos amigos de José Dirceu. Se de fato assumi-lo, Dirceu deve deixar a presidência do PT, pois Lula quer que o partido se mantenha forte e atuante, e não como linha administrativa auxiliar do governo. "Dirceu e Lula se entendem por sinais", define o empresário e consultor paulista Antoninho Marmo Trevisan, que votou em Lula.

Com sua trajetória ascendente, o PT transformou-se num partido com muitas estrelas de primeira grandeza. A sigla reúne técnicos respeitados, como o economista Guido Mantega, responsável pelas principais idéias econômicas da plataforma eleitoral de Lula, e o agrônomo José Graziano, que conseguiu agregar grandes cabeças sobre questões agrícolas e produzir o prato de resistência do início do mandato de Lula – o projeto de combate à fome, chamado de Fome Zero. Um trabalho que o qualificou para ocupar o primeiro órgão anunciado por Lula, a Secretaria Nacional de Emergência Social. No plano político, o partido também tem uma constelação para exhibir. Nela, incluem-se nomes como Aloizio Mercadante, dono de uma votação histórica para o Senado por São Paulo, a esfuziante prefeita Marta Suplicy, que administra a principal capital do país, e o deputado José Genoíno, político popular e carismático e o primeiro petista a disputar um segundo turno para o governo paulista. Piada dentro do PT: quando há três cadeiras vagas e cinco cardeais petistas em pé, Genoíno não se senta, a menos que convidado. Já Mercadante se senta imediatamente e quer indicar quem vai sentar-se nas duas outras cadeiras.

No PT, ser uma estrela que brilha diante das massas é uma coisa – e bilhar dentro do partido é outra. Nessa categoria, encaixa-se o secretário-geral do partido, Luiz Dulci, um esmerado articulador político, que muito auxiliou José Dirceu, mas sempre evitou os holofotes. É nessa categoria, também, que se encontra Antônio Palocci, que começou a crescer dentro do partido e depois se projetou para fora. Ele é o sujeito que nunca leva problemas para Lula. Palocci só chega diante do chefe com soluções à mão, e sempre com uma cara sorridente e descansada de quem acabou de sair do banho. Seu crescente poder no PT decorre do fato de, na campanha, ter sido o principal interlocutor do partido com empresários, banqueiros e o mercado financeiro – posição que herdou de Mercadante, que se ocupava de sua campanha ao Senado. Nessa função, Palocci surpreendeu. "Desenvolvemos um relacionamento fantástico", diz Horácio Lafer Piva, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Em conversas reservadas, Palocci até já comentou sua admiração pessoal por Armínio Fraga, atual presidente do Banco Central. Metódico e organizado, foi ele quem insistiu para que o PT colocasse por escrito seus compromissos econômicos, o que tomou a forma da Carta ao Povo Brasileiro, e tornou-se uma voz petista capaz de tranquilizar o mercado. Por essas e outras, é cotado para assumir um vitaminado Ministério do Planejamento. A pasta teria mais importância que o Ministério da Fazenda, agregando Banco do Brasil e Caixa Econômica. Com isso, Palocci, estrela ascendente do petismo, ganharia ares de superministro. Por enquanto, isso ainda é uma questão aberta

dentro do futuro governo. O fato é que Palocci pode ir para qualquer lugar. Mas, onde ele estiver, esse lugar terá peso na administração de Lula.

A parte mais progressista e moderada do PT descobriu recentemente que jamais chegaria a lugar algum com aquela pregação ultrapassada de um modelo socialista para o Brasil, num momento em que os regimes comunistas foram varridos do mundo inteiro a partir do fim dos anos 80, só deixando vestígios em duas ditaduras, a de Cuba e a da Coreia do Norte. Até o último momento o PT continuou fazendo oposição irresponsável ao governo Fernando Henrique Cardoso, mas às vésperas da eleição presidencial finalmente resolveu dizer que estava jogando a toalha. Seus representantes entraram em contato com as federações das indústrias, deram as mãos à federação dos bancos (Febraban) e até armaram um pacto com a bolsa de valores. Não se sabe até quando vai durar a boa vontade da cúpula petista em relação ao mercado, tão odiado no PT até meses atrás. As primeiras manifestações dos mosqueteiros de Lula na semana passada, no entanto, parecem reafirmar aquilo que, a portas fechadas, os cardeais do partido vinham garantindo antes da eleição: as alas radicais e reacionárias do PT estão sob controle da hierarquia do partido, e não se espera que incomodem a ponto de confundir o jogo.

d) A IMPRENSA IDEAL DOS PETISTAS (29/09/2010)



Capa de *Veja* da edição nº 2.184, de 29/09/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

Brasil

A IMPRENSA IDEAL DOS PETISTAS

Desacoroados com a revelação de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto, Lula e seu partido sacam do autoritarismo e atiram na imprensa, que acusam de ser golpista e inventar histórias. Eles querem um jornalismo melhor? Não. Querem jornalismo nenhum

FABIO PORTALEA



Os reflexos da sucessão de escândalos que fizeram a fama sobre a imprensa mais próxima da Presidência da República e destruíram até agora sete serviços fizeram sentir pela primeira vez nas pesquisas eleitorais divulgadas na semana passada. Segundo o instituto Datafolha, a diferença entre os votos do petista Dilma Rousseff e a soma de seus concorrentes caiu 5 pontos porcentuais em sete dias. A queda provocou uma violenta reação do governo. Não contra os acusados de malfeitorias e corrupção na Casa Civil, de onde emanaram os episódios mais cabeludos, mas contra quem os denunciou. Em uma série de comentários e entrevistas, o presidente Lula dedicou a semana a desferir ataques contra a imprensa com uma virulência inédita. Afirmou que os veículos de comunicação "inventam" coisas e incitem "para o Lula fracassar". Veiculou contra jornais e revistas que desilariam "ódio" e prometeu "demorar" aqueles que "se comportam como se fossem um partido político". Foi um passo perigoso.

Nos países democráticos, a liberdade de imprensa não é um assunto discursivo, mas um dado da realidade. E nem eventuais opiniões divergentes, exageros e mesmo erros passíveis de arbitragem e punições cometidos por jornalistas podem pôr em risco o direito de informar, o dever de fiscalizar e de alertar sobre os abusos perpetrados por quem está no poder. Quando um presidente da República tenta envolver a imprensa que critica e ameaça "detronizá-la", significa que acaba de adotar o temível plântano da censura — e pouca coisa pode ser mais deletéria do que isso para uma democracia. Ao sugar suas botas nesse lado, Lula se aproxima do que há de pior na política da América Latina. Trilha o caminho dos caudilhos e embriaga-se com tiranias do porte de Hugo Chávez, o presidente venezuelano que, para não ver suas próprias contradições expostas, suspendeu jornais, emissoras de rádio e chegou a fechar o principal canal de TV da Venezuela, a RCTV.

Os ataques de Lula contra a imprensa levaram o jornal carioca *Extra*, da

veja | 29 DE SETEMBRO 2010 | 71

Páginas 74 e 75 da edição de 29/09/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Brasil

Organizações Globo, a estampar na sua capa uma crítica tão bem-humorada quanto precisa. Na sexta-feira, o jornal circulou com uma carta de baralho em que Lula aparecia como o Rei. Sobre a extremidade superior da carta, a manchete dizia: "Lula é bonito". Essa é a manchete para quem acha que o papel da imprensa é bafalar os donos do poder e, por isso, deve publicar apenas notícias positivas do governo. Denúncias de falcatruas são um abuso, uma forma de conspiração. Na outra extremidade do baralho, escrita de ponta-cabeça, vinha a contraproposição: "Bonito, hein, Lula...". Essa é a manchete para os que acham que o dever da imprensa é fiscalizar os atos de qualquer governo, denunciando os desvios e lembrando aos donos do poder que eles não estão acima do bem e do mal.

A estratégia de tentar controlar a imprensa está no DNA do PT. A primeira investida em larga escala contra o que o partido chama de "traição" se deu em 2004. Naquele ano, Luiz Gushiken, então secretário de Comunicação do governo, levou a cabo uma tentativa frustrada de criar o Conselho Federal de Jornalismo — um nome pomposo para esconder uma tentativa totalitária. A realização do desejo do PT, o conselho iria "orientar, disciplinar e fiscalizar"



ELE SÓ QUER ELOGIOS O *Extra* satiriza em ataques de Lula. Dilma Rousseff faz o discurso em apoio ao candidato do PSOL, Plínio de Arruda Sampaio. *Helizemer, divulgação*

zar" os jornalistas. A ideia naufragou assim que foi revelada pela imprensa, mas não morreu sem tentativas. Em diversas oportunidades, o PT e o governo petista tentaram relançá-la — repaginada, reavaliada ou distancada de "censuras", aquelas coisas que seriam formadas por uma certa "sociedade civil" que ninguém jamais conseguiu enxergar fora do arco de alianças do partido e que teriam como função, por exemplo, interferir na programação das emissoras de TV.

Na semana passada, num movimento coordenado com os ataques presidenciais, o PT organizou uma manifestação contra o que chamou de "polipósio midiático". Anunciado no site oficial do partido, o ato convocava os filiados a enfrentar "a onda de baixarias que visa ferir a ida de José Serra ao segundo turno". A "onda de baixarias", bem entendido, eram as reportagens que revelaram, entre outros escândalos, que petistas violaram o sigilo de pessoas próximas ao candidato do PSDB, José Serra, e que a família de Erasmo Guerra, ex-ministro da Casa Civil e ex-branco direito de Dilma Rousseff, operava um bulcão de negócios na soleira da porta do gabinete presidencial. A nota íntida do episódio ficou por conta da atual diretoria do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, que se ofereceu para arbitrar a manifestação petista contra... os jornalistas. Talvez tenha sido a ferma encontrada por seus



"LULA NÃO SUPORTA CRÍTICAS: ATRAPALHAM O SEU PERSONAGEM"

O filósofo Roberto Romano, professor de ética e filosofia política da Unicamp, notabilizou-se por ser um dos primeiros intelectuais brasileiros a apontar os desvios autoritários do governo Lula. Na semana passada, ele recebeu *VEJA* em sua casa, em São Paulo, e concedeu a entrevista que se segue, em que fala com a coragem e a lucidez costumeiras sobre liberdade de imprensa, petismo e autoritarismo

INTELLECTUAL DE CORAGEM O filósofo Roberto Romano, em defesa da democracia

A que o senhor atribui os ataques do governo à liberdade de imprensa? Nos últimos anos, o presidente Lula se acotovelou a não ser fiscalizado. Os parlamentares, como só pensam em receber recursos do Executivo, abstram mão de sua função de vigiar o governo. O Tribunal de Contas da União tentou assumir a função, mas foi silenciado. O Ministério Público Federal, inequivocamente, desistiu de investigar. A Polícia Federal está sob controle. Nesse cenário, a única fiscalização sobre o governo é feita pela imprensa. Por isso, a preocupação em controlá-la.

O exercício da fiscalização é o que mais incomoda o governo? Eu gosto muito da figura criada pelo alemão Erich Auerbach,

no livro *Mimesis*: a realidade é um imenso palco com inúmeras cenas se desenrolando. O que faz o propagandista? Escolhe uma que lhe interessa, joga o holofote sobre ela e deixa as demais na sombra. O que o espectador está vendo é real. Mas alerta Auerbach: "Da realidade faz parte toda a verdade". Ou seja, para que aquela cena específica tenha seu real significado, seria preciso iluminar todas as outras cenas também. Lula diz: "A economia vai bem", e ilumina um determinado aspecto da economia. Os dados são verdadeiros, mas essa não é toda a realidade. Lula se irita com a imprensa, porque ela coloca holofotes sobre cenas que ele gostaria de manter escondidas, na sombra. O stalinismo fazia isso quando apagava a imagem de Trotsky

de fotografias históricas. O ideal do pensamento autoritário é estar tirando da foto aquilo que lhe é desagradável. Lula quer tirar da foto as denúncias de corrupção em seu governo.

De onde vêm esse pensamento? Lula nunca foi um estadista das botas de esquadra... Isso vem desde seus tempos de sindicalista, quando mobiliza massas. Não é um conhecimento ao modo da esquerda clássica, que passava pelo estudo da obra do italiano Antonio Gramsci ou da prática do revolucionário russo Lenin. É um conhecimento intuitivo. Digo isso porque, quando ele encontra resistências na imprensa, considera aquilo um desrespeito direto à sua personalidade. Nesse ponto,

veja | 29 DE SETEMBRO 2010 | 71

Páginas 76 e 77 da edição de 29/09/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.



PELA DEMOCRACIA Helio Bicudo, fundador do PT, lê o manifesto contra a exclusão autoritária do governo Lula

diretores de movimentar a desolada sede da entidade, esvaziada por sua irrelevância e falta de representatividade. Entre brados contra a "conspiração da imprensa" disparados pelo presidente do PCdoB, Renato Rabello, e discursos em defesa do "controle social da mí-

dia", feitos pela deputada Luiza Erundina, do PSB, chegou-se a uma conclusão que deixou exultantes os participantes: Lula não avançou quanto poderia no controle da imprensa. Dilma, se eletta, deverá fazê-lo.

Em contrapartida à investida do governo e do PT, um grupo de notáveis se organizou para repulgar os ataques contra a liberdade de imprensa. O grupo incluía, além de representantes históricos da esquerda, como o jurista Hé-

lio Bicudo, um dos fundadores do PT, nomes como o arcebispo emérito de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, e os ex-ministros da Justiça Paulo Brossard, Miguel Reale Junior, José Carlos Dias e José Gregori. Reunido no centro de São Paulo, no Largo São Francisco, em frente à Faculdade de Direito, o grupo presenciou a leitura de um manifesto em defesa da democracia feita por Helio Bicudo. Colocado na internet, o manifesto costava com mais de 30.000

assinaturas. Ele não tem nada de democrático, não representa a sociedade. São instrumentos criados e manobrados pelo PT para pressionar as instituições. Os petistas têm vociferado, nas últimas semanas, contra o que chamam de "partido da mídia golpista", que abarca toda a grande imprensa. À que se deve esse discurso? É uma questão que merece reflexão. Em primeiro lugar, a imprensa como monopólio não existe. Ela tem várias tendências e facetas. Por outro lado, a relação de uma revista ou de um jornal com seus leitores não é a mesma de um partido com seus filiados, ou é disso. Portanto, ao contrário do que diz Lula, a

imprensa não é um partido e não funciona como tal. O "partido da mídia", que ele costuma citar, é uma invenção do PT. É um ente que só existe na propaganda petista. O que há de comum entre VEJA e Globo, por exemplo? Quase nada. São interesses diferentes, tanto do ponto de vista comercial quanto do estratégico. Quando o PT e o Lula dizem que existe esta entidade, a "mídia golpista", e que ela forma um partido, isso não passa de uma construção mental.

Até que ponto a estratégia petista de atacar a imprensa põe em risco a democracia? Se nós termos de perguntar ao PT o que podemos esperar, acusamos a liberdade de expressão e, com ela, a democracia está em risco. Uma coisa semelhante ocorreu nesta semana no México: um jornal que fica em uma área dominada por quadrilhas de narcotraficantes, em Chihuahua, desistiu de ser independente porque seus jornalistas estavam sendo assassinados. A partir desse ponto, é possível afirmar que não há mais liberdade de imprensa no México e, portanto, não há mais democracia. No Brasil, podemos caminhar muito rapidamente para isso. Se termos de perguntar ao PT para poder citar o que nós pensamos ou denunciar os erros do governo, a democracia estará morta.

NÃO FOI UMA, NÃO FORAM DUAS, NÃO FORAM TRÊS

Desde 2003, o governo Lula tentou cercar a liberdade de imprensa em pelo menos seis ocasiões

- **EXPULSÃO DE LARRY ROYTER (MAIO DE 2004)** O Planalto chegou a anunciar a expulsão do país do jornalista Larry Royter, correspondente do New York Times. O motivo foi a reportagem em que ele relatava o fato de o presidente Lula gostar de beber muito. O governo acabou voltando atrás.
- **COMISSÃO FEDERAL DE JORNALISMO (AGOSTO DE 2004)** A missão do órgão que o governo tentou criar por meio de projeto de lei era "orientar, disciplinar e fiscalizar" jornalistas — ou seja, controlar a imprensa. Diante das reações, o projeto foi engavetado.
- **PROJETO MONDACA (AGOSTO DE 2005)** Depois de VEJA revelar que o ex-presidente do STF Gilmar Mendes havia sido grampoado ilegalmente pela Abin, o então ministro Sérgio Cabral enviou ao Congresso projeto de lei que punia quatro anos de prisão para quem divulgar o conteúdo de grampo — ou seja, jornalistas. O projeto ainda tramita na Câmara.
- **PROJ-3 (DEZEMBRO DE 2005)** O Programa Nacional de Direitos Humanos-3 veio disfarçado de pacote de providências de apelo humanitário, mas continha medidas que possibilitavam a cassação de concessões de emissoras de rádio e TV por comitês compostos de integrantes nomeados pelo governo. Caiu diante da reação da sociedade defendendo veiosamente o controle da imprensa.
- **PROGRAMA DE GOVERNO DO PT (JULHO DE 2008)** No programa de governo do PT, aprovado por Dilma Rousseff, lia-se que o governo poderia intervir na programação, no gerenciamento e na propriedade das emissoras de rádio e TV. A péssima repercussão do documento fez com que o PT o modificasse, mas, mesmo alterado, ele continuou defendendo veiosamente o controle da imprensa.
- **OS ANOS DE LULA (DEZEMBRO DE 2010)** Depois que a imprensa trouxe à tona os escândalos da Casa Civil, Lula fez três discursos em que atacou os jornalistas. Em Juiz de Fora, disse que os veículos "inventam coisas" contra ele. No dia seguinte, declarou que não "deturpa jornais e revistas que se comportam como se fossem partido político". Na terça, voltou à carga: "Liberdade de imprensa não significa que você pode inventar coisas o dia inteiro". Bontz, heim, Lula...



ele está mais próximo dos caudillos sul-americanos, todos, como o argentino Juan Perón, sabiam muito bem fazer propaganda do personagem que encarnavam. Falavam com os nossos criando imagens, símbolos, figuras. Eis a razão pela qual Lula não suporta ser criticado: atrapalha o seu personagem. Qualquer um que lhe faça críticas passa a ser visto como inimigo.

Esse fenômeno já ocorreu antes no Brasil?

Sim, o presidencialismo brasileiro está repleto de personagens messiânicos que vivem de propaganda. Getúlio Vargas, Jânio Quadros, Fernando Collor e, agora, Luiz Inácio Lula da Silva. Eles conseguiram descer fundo na consciência

popular com ajuda de muita publicidade. Getúlio é lembrado até hoje como "pai dos pobres", porque criou um órgão chamado DIO, o Departamento de Imprensa e Propaganda, que organizou uma campanha altamente competente de persuasão de massas. Jânio e Collor não conseguiram atingir esse patamar. Lula tenta seguir o caminho getulista.

Reiteradamente, o governo organiza "conselhos nacionais" para debater a liberdade de imprensa e as comunicações. Queo legítimos eles são?

Esses conselhos não passam de grupos organizados pelo governo petista para tratar de legitimar seus pontos de vista sobre temas

BRASIL

ABR

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE

MUDEM

SERRA: "Não há país democrático sem imprensa livre"

Recentemente, Franklin Martins foi autorizado por Lula a viajar para a Europa, não logo acabem as eleições, para convulsar para um seminário representantes de instituições reguladoras da comunicação social da Inglaterra e da Bélgica. Não que o ministro desejou ouvir a opinião de alguém. Ele apenas espera que a presença de representantes de outros países legitime a conferência que tentará, mais uma vez, aprovar o velho programa petista de controle da mídia. O contraponto a corrente de Franklin dentro do partido é liderado pelo ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci, coordenador da campanha de Dilma. Em 2002, ele fez parte da campanha de Lula e foi o fiador da estabilidade econômica no governo. Espera-se que, em um eventual novo governo petista, seja também um fiador da estabilidade democrática.

As contradições do que Lula e seu partido querem fazer crescer, a liberdade de imprensa não constitui um fim em si mesmo, nem visa a preservar a liberdade de expressão para jornalistas ou proprietários de empresas de comunicação. A liberdade de imprensa vai além disso: é um meio para garantir a perpetuação das sociedades livres e democráticas. E não por outra razão é quase sempre a primeira vítima das tiranias de todas as colerações.

"Superior stabat lupus..."

Como na fábula do romano Fedro (15 a.C. -50 d.C.), em que o lobo bebe no regato acima do cordeiro, mas mesmo assim acusa sua presa de sugar o leite, a esquerda dos Kirchner para acusar os donos do Clarín e do Nación tiram cimitizas da Nación Nacional.

1975 Setembro

Para lavrar o dinheiro proveniente de sequestros, terroristas montoneros, de esquerda, despostraram 17 milhões de dólares no banco de David Graiver, financista e sócio majoritário da Papel Prensa.

A ACUSAÇÃO DOS KIRCHNER

Os grupos Clarín e La Nación tiram cimitizas da Nación Nacional contra a família Graiver, que amedrontada, tira vendas de a linha da tempo por investir.

"O lobo estava no acima"

TEXTO COMPLETO:

A IMPRENSA IDEAL DOS PETISTAS

Desacorçoados com a revelação pela imprensa de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto, Lula e seu partido sacam do autoritarismo e atiram na imprensa, que acusam de ser golpista e de inventar histórias. Eles querem um jornalismo melhor? Não. Querem jornalismo nenhum

Os reflexos da sucessão de escândalos que fizeram a lama subir até o gabinete mais próximo da Presidência da República e derrubaram até agora sete funcionários do governo fizeram-se sentir pela primeira vez nas pesquisas eleitorais divulgadas na semana passada. Segundo o instituto Datafolha, a diferença entre os votos da petista Dilma Rousseff e a soma de seus concorrentes caiu 5 pontos porcentuais em sete dias. A queda provocou uma violenta reação do governo. Não contra os acusados de malfeitorias e corrupção na Casa Civil, de onde emanaram os episódios mais cabeludos, mas contra quem os denunciou. Em uma série de comícios e entrevistas, o presidente Lula dedicou a semana a desferir ataques contra a imprensa com uma virulência inédita. Afirmou que os veículos de comunicação “inventam” coisas e torcem “para o Lula fracassar”. Vociferou contra jornais e revistas que destilariam “ódio” e prometeu “derrotar” aqueles que “se comportam como se fosse um partido político”. Foi um passo perigoso.

Nos países democráticos, a liberdade de imprensa não é um assunto discutível, mas um dado da realidade. E nem eventuais opiniões divergentes, exageros e mesmo erros passíveis de arbitragem e punição cometidos por jornalistas podem pôr em risco o direito de informar, o dever de fiscalizar e de alertar para os abusos perpetrados por quem está no poder. Quando um presidente da República tenta enxovalhar a imprensa que o critica e ameaça “derrotá-la” significa que acaba de adentrar no temível pântano da censura - e pouca coisa pode ser mais deletéria do que isso para uma democracia. Ao sujar suas botas nesse lodo, Lula se aproxima do que há de pior na política da América Latina. Trilha o caminho dos caudilhos e ombreia-se com tiranetes do porte de Hugo Chávez, o presidente venezuelano que, para não ver suas próprias contradições expostas, solapou jornais, emissoras de rádio e chegou a fechar o principal canal de TV da Venezuela, a RCTV.

Os ataques de Lula contra a imprensa levaram o jornal carioca Extra, das Organizações Globo, a estampar na sua capa uma crítica tão bem-humorada quanto precisa. Na sexta-feira, o jornal circulou com uma carta de baralho em que Lula aparecia como o Rei. Sobre a

extremidade superior da carta, a manchete dizia: “Lula é bonito - Essa é a manchete para quem acha que o papel da imprensa é bajular os donos do poder e, por isso, deve publicar apenas notícias positivas do governo. Denúncias de falcatruas são um abuso, uma forma de conspiração”. Na outra extremidade do baralho, escrito de ponta-cabeça, vinha a contraposição: “Bonito, hein, Lula.... - Essa é a manchete para os que acham que o papel da imprensa é fiscalizar os atos de qualquer governo, denunciando os desvios e lembrando que eles não estão acima do bem e do mal”.

A estratégia de tentar controlar a imprensa está no DNA do PT. A primeira investida em larga escala contra o que o partido chama de “mídia” se deu em 2004. Naquele ano, Luiz Gushiken, então secretário de Comunicação do governo, levou a cabo uma tentativa frustrada de criar o Conselho Nacional de Jornalismo - um nome pomposo para esconder uma tentação totalitária. A realizar-se o desejo do PT, o conselho iria “orientar, disciplinar e fiscalizar” os jornalistas. A ideia naufragou assim que foi revelada pela imprensa, mas não morreu nem foi enterrada. Em diversas oportunidades, o PT e o governo petista tentaram relançá-la - repaginada, recauchutada ou disfarçada de “conselhos” - aqueles órgãos que seriam formados por uma certa “sociedade civil” que ninguém jamais conseguiu enxergar fora do arco de alianças do partido e que teriam como função, por exemplo, interferir na programação das emissoras de TV.

Na semana passada, num movimento concertado com os ataques presidenciais, o PT organizou uma manifestação contra o que chamou de “golpismo midiático”. Anunciado no site oficial do partido, o ato convocava os filiados a enfrentar “a onda de baixarias que visa forçar a ida de José Serra ao segundo turno”. A “onda de baixarias”, bem entendido, eram as reportagens que revelaram, entre outros descabros, que petistas violaram o sigilo de pessoas próximas ao candidato do PSDB, José Serra, e que a família de Erenice Guerra, ex-ministra da Casa Civil e ex-braço direito de Dilma Rousseff, operava um balcão de negócios na soleira da porta do gabinete presidencial. A nota irônica do episódio ficou por conta da atual diretoria do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, que se ofereceu para abrigar a manifestação petista contra... os jornalistas. Talvez tenha sido a forma encontrada por seus diretores de movimentar a desolada sede da entidade, esvaziada por sua irrelevância e falta de representatividade. Entre brados contra a “conspiração da imprensa” disparados pelo presidente do PC do B, Renato Rabello, e discursos em defesa do “controle social da mídia”, feito pela deputada Luiz Erundina, do PSB, chegou-se a uma conclusão que deixou exultantes os participantes: Lula não avançou o quanto poderia no controle da imprensa. Dilma, se eleita, deverá fazê-lo.

Em contrapartida à investida do governo e do PT, um grupo de notáveis se organizou para repudiar os ataques contra a liberdade de imprensa. O grupo incluía, além de representantes históricos da esquerda, como o jurista Hélio Bicudo, um dos fundadores do PT, nomes como o do arcebispo emérito de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e dos ex-ministros da Justiça Paulo Brossard, Miguel Reale Junior, José Carlos Dias e José Gregori. Reunido no centro de São Paulo, no Largo São Francisco, em frente à Faculdade de Direito, o grupo presenciou a leitura de um manifesto em defesa da democracia lido por Hélio Bicudo. Colocado na internet, o manifesto contava com mais de 30.000 adesões até sexta-feira. No Rio de Janeiro, a concentração se deu no Clube Militar, onde 500 pessoas se reuniram para discutir os ataques à imprensa - estiveram lá os colunistas Reinaldo Azevedo, de VEJA, e Merval Pereira, de O Globo.

Os principais candidatos a presidente da República também repudiaram o cerco aos veículos de comunicação. O tucano José Serra, em campanha no Mato Grosso, afirmou: “O que está incomodando este pessoal é o fato de que a imprensa está apresentando notícias que mostram abusos, desvios de dinheiro, nepotismo, maracutaia com dinheiro público, e esta imprensa incomoda os donos do poder. É somente isso. Não há país democrático no mundo sem imprensa livre”. A senadora Marina Siva, do PV, tratou do assunto em uma entrevista coletiva em São Paulo: “O presidente fez uma crítica à imprensa que é contraditória com toda a sua trajetória. Considero fundamental a cobertura da imprensa”. A petista Dilma Rousseff apresentou-se bem mais comedida do que seus companheiros de partido: “A imprensa pode falar o que bem entender. Eu, o máximo que vou fazer quando achar que devo, é protestar dizendo: está errado o que disseram por isso, por isso e por isso. Usando uma coisa fundamental que é o argumento”. Dilma também rechaçou a mais explosiva das propostas do seu partido: “O único controle social da mídia que eu aceito é o controle remoto na mão do telespectador”. Se Dilma está sendo sincera em suas afirmações, não se sabe. Mas a ela, que nunca teve a oportunidade de exercer um cargo eletivo, cabe o benefício da dúvida. Já em relação a certos representantes do alto-petismo restam apenas certezas, incluindo a de que, em um eventual governo Dilma, o partido insistirá na estratégia autoritária.

O principal defensor deste projeto é Franklin Martins, ex-sequestrador, ex-jornalista e atual ministro da Comunicação Social de Lula. Franklin é o idealizador da estratégia de consumir o dinheiro público na compra do apoio - disfarçado de anúncio publicitário - de pequenos jornais, rádios do interior, revistas e blogs de alcance semelhante. Caso Dilma vença, seu próximo projeto será cuidar da reforma do arcabouço jurídico que regula o funcionamento das TVs abertas e fechadas, das rádios, dos provedores de internet e das

empresas de telecomunicações no Brasil. Franklin pretende criar uma superagência reguladora para o setor. Ela seria responsável pelos aspectos técnicos do setor, mas também - e aqui mora o perigo - teria ascendência sobre os “conteúdos” que ele produz. Eis o pensamento vivo e franco do ministro a respeito do assunto: “Acham que regulação é um atentado à democracia, mas é o contrário: é parte da garantia de competição, de igualdade de direitos, da capacidade de inovação, da massificação dos serviços e do direito da sociedade à informação”, embaralha.

Recentemente, Franklin Martins foi autorizado por Lula a viajar para a Europa, tão logo acabem as eleições, para convidar para um seminário representantes de instituições reguladoras da comunicação social da Inglaterra e da Bélgica. Não que o ministro deseje ouvir a opinião de alguém. Ele apenas espera que a presença de representantes de outros países legitime a conferência que tentará, mais uma vez, aprovar o velho programa petista de controle da mídia. O contrapeso à corrente de Franklin dentro do partido é liderado pelo ex-ministro da Fazenda, Antonio Palocci, coordenador da campanha de Dilma. Em 2003, ele fez parte da campanha de Lula e foi o fiador da estabilidade econômica no governo. Espera-se que, em um eventual novo governo petista, seja também um fiador da estabilidade democrática.

Ao contrário do que Lula e seu partido querem fazer crer, a liberdade de imprensa não constitui um fim em si mesmo nem visa a preservar a liberdade de expressão para jornalistas ou proprietários de empresas de comunicação. A liberdade de imprensa vai além disso: é um meio para garantir a perpetuação das sociedades livres e democráticas. E não por outra razão é quase sempre a primeira vítima das tiranias de todas as colorações.

e) INTRIGAS DE ESTADO (27/10/2010)



Capa de *Veja* da edição nº 2.188, de 27/10/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.



Páginas 68 e 69 da edição de 27/10/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

Brasil




Estamos a menos de uma semana das eleições e, como escreve o correspondente Stuart Gradings, da agência noticiosa Reuters, políticos e jornalistas correm às burras mais próximas para ver se será esta a edição de VEJA que vai abalar a liderança de Dilma Rousseff nas pesquisas eleitorais. Embora a análise do funcionário da Reuters demonstre um total desconhecimento do que seja jornalismo, afinidade em que os fatos fazem as notícias e não o contrário, ele acertou em seu diagnóstico a respeito da ansiedade que as capas de VEJA provocam no meio político. A reportagem que se vai ler a seguir não foge à regra. Ela revela, talvez da maneira mais clara até hoje, o tipo de governo produzido pela mentalidade petista de se apoiar do estado, aparelhá-lo e usá-lo em seu benefício partidário. VEJA já havia demonstrado nas reportagens "O polvo no poder" e "A alegria do polvo" como a Casa Civil fora transformada em um balcão de negócios, em que maços de dinheiro vivo apareciam nas gavetas de escritórios a poucos metros da sala do presidente da República. A presente reportagem relata as tentativas usuais de petistas de alto escalão de conspirar um dos mais antigos e venerados ministros da República, o da Justiça.

É cobice o desprezo que o PT nutre pelas instituições republicanas, mas o que se tem no Ministério da Justiça, criado em 1822 por dom Pedro I, ultrapassa todas as fronteiras da deficiência. Em quase 200 anos de história, o ministério foi chefiado por homens da estatura de Rui Barbosa, Tancredi Neves e quatro futuros presidentes da República. O PT vai na tradicional instituição apenas mais um aparelho a serviço de seu projeto de poder. Como ensinava Franklin Martins, ministro da Supremacia da Verdade, "as favas com a ética" quando ela interfere nos interesses políticos e partidários dos membros do poder. VEJA teve acesso a conversas entre autoridades da pasta que revelam a dimensão do desprezo petista pelas instituições. Os diálogos mostram essas autoridades incomodadas com a narração dos pedidos que vinham recebendo do Palácio do Planalto. (...) não se pode deduzir que o Ministério da Justiça, ao qual se subordina a Polícia Federal, cedeu integralmente as descobertas investigadas rubricadas. "Não aguento mais receber pedidos da Dilma e do Gilberto Carvalho para fazer dossiês (...). Há quase 10 anos como um dos alçados", disse Pedro Abramovay, secretário nacional de Justiça, em conversa com seu antecessor, Romeu Tuma Júnior. Abramovay é considerado um servidor público exemplar, um "diamante da República", como a ele se referiu um ex-ministro. Aos 30 anos, chegou ao Ministério da Justiça no início do governo Lula pelas mãos do ex-ministro Márcio Thomaz Bastos. A frase dele pode confirmar essa boa reputação, caso sua "cancêra" tenha se limitado a receber pedidos e não a atender a eles. De toda forma, deveria ter denunciado os pedidos insistentes e nada republicanas de "produzir dossiês".

Mesmo um alto funcionário com excelente imagem não pode ficar ao mesmo tempo com a enxada e o santo. Em algumas passagens da conversa, Abramovay se mostra assustado diante das pressões externas e diz que pensa em deixar o governo. Não deixou. Existem momentos em que é preciso escolher. Antes de chegar ao ministério, ele trabalhou no gabinete da ex-prefeita Marta Suplicy, na liderança do PT no Senado e como senador Aloizio Mercadante. Vem dessa etapa da carreira a explicação para a parte da frase em que ele diz "quase 10 anos como um dos alçados". A frase nos leva de volta a campanha eleitoral de 2008, quando petistas foram presos em um hotel ao tentar comprar um dossiê falso contra José Serra. A seu interlocutor, Abramovay sugere ter participado do episódio e se arrependido, a ponto de ter pedido semelhantes vindos agora do Palácio do Planalto. Ele disse que quase foi preso na época do escândalo e que, por isso, teve de se esconder para evitar problemas. "Deu 'bô' a história do dossiê", comenta. Ele afirma que não está disposto a novamente agir de forma etílica. O justicista: "...os caras são irresponsáveis".

Os diálogos aos quais a reportagem teve acesso foram gravados legalmente e perdidos para afastar a hipótese de manipulação do Ministério da Justiça. A narração do governo — do chefe de gabi-

Em um dos diálogos, o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, sua chefe de gabinete, Gláucia de Paula, e o então secretário nacional de Justiça Romeu Tuma Júnior conversam sobre a origem do poder do diretor da Polícia Federal, Luiz Fernando Corrêa — que teria conseguido, entre outras coisas, evitar o indiciamento de Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do presidente Lula.

Gláucia de Paula
O Gilberto (Carvalho, chefe de gabinete da Presidência) foi indiciado?
O processo foi travado. Deu m... (..)
O negócio do grampo.
O Luiz Fernando falou pra não se preocupar.
Gláucia de Paula
Tem certeza disso?
Ministro Luiz Paulo Barreto
O ministro Márcio (Thomaz Bastos) que me contou isso.
O Gilberto (Carvalho) me contou isso.
Tuma
Esse cara tem alguma coisa, não é possível (...).

FOGO AMIGDO Para o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, o chefe da PF, Luiz Fernando Corrêa (acima), se valeu do aparato policial para monitorar autoridades. O ministro suspeitou que ele próprio tivesse sido vítima de grampo legítimo e que até o presidente Lula (ao lado) tivesse sido constrangido por Corrêa

27 | 27 DE OUTUBRO, 2010 | veja

Páginas 70 e 71 da edição de 27/10/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Brasil





note da Presidência, Gilberto Carvalho, e a candidata a presidente, Dilma Rousseff. A conversa mais longa durou cinquenta minutos e aconteceu em janeiro deste ano, no gabinete do então secretário nacional de Justiça e antecessor de Abramovay no cargo, Romeu Tuma Júnior. Os interlocutores discutiam a sucessão do ex-ministro Tarso Genro. Ao comentar sobre o próprio futuro, Abramovay revela o desejo de trabalhar na ONU. Em tom de desabafo, o advogado afirmava que já não conseguia conviver com a pressão. Segue, então, a situação só a piorar com a nomeação para o cargo de Luiz Paulo Barreto, então secretário executivo, pela falta de força política do novo ministro, funcionário de carreira da pasta, em que também angariou excelente reputação. "Isso é o cargo de ministro? É maior que o Luiz Paulo. (...) Agora eles vão pedir... para mim... pedir para a Polícia (Federal)", desabafou.

Precisado por VEJA, Abramovay disse: "Nunca recebi pedido algum para fazer dossiês, nunca participei de nenhum suposto grupo de inteligência da campanha da candidata Dilma Rousseff e nunca tive de me esconder — ao contrário, desde 2003 sempre exerci funções públicas". Romeu Tuma Júnior, seu interlocutor, porém, confirmou integralmente o teor das conversas: "O Pedro reclamou várias vezes que estava preocupado com as missões que recebia do Planalto. Ele me disse que recebia pedidos de Dilma e do Gilberto para levantar coisas contra quem atravessava o caminho do governo". Acrescentou Tuma: "Há um jogo pesado de interesses escusos. Para atingir determinados alvos, lança-se mão, inclusive, de métodos ilegais de investigação. Ou você faz o que lhe é pedido sem questionar, ou passa a ser perseguido. Foi o que aconteceu comigo", afirma o ex-secretário, que deixou a pasta em junho, depois que vieram a público denúncias de que teria relacionamento com a máfia chinesa. Tuma Júnior atribui a investigação contra si — formalmente arquivada por falta de provas — a uma tentativa de intimidação por parte de pessoas que tiveram seus interesses contrariados. Ele não quis revelar quais seriam esses interesses: "Mas posso assegurar que está tudo devidamente documentado".

ESPIONAGEM OFICIAL O quartel-general da pré-campanha de Dilma Rousseff (acima) foi usado para espionar adversários. A mando de Luiz Paulo Barreto (à esquerda), o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr. (abaixo) compôs a guarda do sigilo fiscal do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge (à direita), e aliados de José Serra

O clima de desconfiança no Ministério da Justiça continuou até o mais alto escalão. A certa altura das conversas, o chefe da pasta, Luiz Paulo Barreto, manifestou suspeita de que seu subordinado Luiz Fernando Corrêa, diretor-geral da Polícia Federal, o espionava. Em inúmeras ocasiões, Barreto revelou a seus assessores não ter ascendência sobre Corrêa. O ministro chega a expressar em voz alta sua desconfiança de que o diretor da PF tem tanto poder que se dá ao luxo de decidir sobre inquirições envolvendo pessoas da antessala do presidente da República. Um desses casos é relatado por Barreto em conversa no seu próprio gabinete, ocorrida em meados de maio. A sua chefe de gabinete, Gláucia de Paula, Barreto fala sobre o possível indiciamento de Gilberto Carvalho, braço direito do presidente Lula. Em 2008, a PF interceptou telefonemas em que o chefe de gabinete da Presidência conversava com o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, um dos investigados na Operação Satiagraha, que prendeu o banqueiro Daniel Dantas.

Outra demonstração disso surgiu na semana passada, quando a Polícia Federal forneceu a mais recente prova de quanto pode ser perniciosa a simbiose entre partido e governo. Na quarta-feira, depois de revelado que o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr., integrante do "grupo de inteligência" da campanha de Dilma, foi o responsável pela violação do sigilo fiscal de Eduardo Jorge e de outros integrantes do PSDB, o militante petista Lula, atualmente ocupando a Presidência da República, anunciou ao país que a PF faria revelações sobre o caso — atezgando o fato de que um delegado, devidamente blindado sobre o que deveria dizer, jogaria suspeitas das patifarias de Amaury Ribeiro sobre os ombros do PSDB. Mais uma vez, a ferocidade dos petistas resultou em um tiro no próprio pé. Nunca aprendem que, uma vez aberta a caixa de Pandora, os fantasmas escapam e tornam-se sempre mais contumazes. Em junho passado, VEJA revelou que o comitê de campanha de Dilma Rousseff arregimentou um grupo de arapongas para espionar o candidato José Serra, seus familiares e amigos. A tropa

27 | 27 DE OUTUBRO, 2010 | veja

Páginas 72 e 73 da edição de 27/10/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Brasil

LABORATÓRIO DE PERÍCIAS
Prof. Dr. Ricardo Medina de Figueiredo

SOLICITANTE: Revista VEJA

I) MATERIAL QUESTIONADO
Ao perito foi apresentado o seguinte material:
Dois arquivos de áudio, formato WAV, intitulados "Tiecho_01" e "Tiecho_02". As características de cada arquivo são mostradas nas figuras 01 e 02.

II) OBJETIVOS PERCISAS
I.1) Verificar a autenticidade das gravações, no sentido de detectar eventuais indícios de manipulação fraudulenta do material originalmente gravado.
I.2) Verificar se as vozes dos Srs. Luiz Paulo BARRETO e PEDRO ABRAMOVSKY ocorrem nas gravações questionadas, mais especificamente nos arquivos Tiecho_01.wav e Tiecho_02.wav, respectivamente.

III) EXAME DE AUTENTICIDADE DE GRAVAÇÃO
Toda a extensão das gravações foi analisada espectralmente, com monitoração
Não foram encontrados, ao longo das gravações pericisadas, indícios de manipulação fraudulenta, podendo-se considerar autênticas para todos os fins periciais.

IV) IDENTIFICAÇÃO DAS VOZES QUESTIONADAS
A qualidade das gravações pericisadas, em especial a voz de
Com base nestes aspectos, e confrontando-se amostras das vozes questionadas com os padrões apresentados ao perito (entrevistas dos Srs. Luiz Paulo Barreto e Pedro Abramovsky em programação de TV), podemos concluir que as mesmas ocorrem nas gravações questionadas. Mais especificamente, a voz do Sr. Luiz Paulo Barreto, no arquivo Tiecho_01.wav, ocorre

Campos, 21 de outubro de 2010
Prof. Dr. Ricardo Medina de Figueiredo

27 | 27 DE OUTUBRO DE 2010 | VEJA

Página 74 da edição de 27/10/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

TEXTO COMPLETO:

INTRIGAS DE ESTADO

Diálogos entre autoridades revelam que o Ministério da Justiça, o mais antigo e tradicional da República, recebeu e rejeitou pedidos de produção de dossiês contra adversários

Legenda de foto: **RELAÇÕES PERIGOSAS**. As conversas às quais VEJA teve acesso mostram que o braço direito do presidente Lula, Gilberto Carvalho, e a candidata à Presidência Dilma Rousseff tentaram usar o Ministério da Justiça para executar “tarefas absurdas”

Estamos a menos de uma semana das eleições e, como escreveu o correspondente Stuart Grudgings, da agência noticiosa Reuters, políticos e jornalistas correrão às bancas mais próximas para ver se será esta a edição de VEJA que vai abalar a liderança de Dilma Rousseff nas pesquisas eleitorais. Embora a análise do funcionário da Reuters demonstre um total

desconhecimento do que seja jornalismo, atividade em que os fatos fazem as notícias e não o contrário, ele acertou em seu diagnóstico a respeito da ansiedade que as capas de VEJA provocam no meio político. A reportagem que se vai ler a seguir não foge à regra. Ela revela, talvez da maneira mais clara até hoje, o tipo de governo produzido pela mentalidade petista de se apossar do estado, aparelhá-lo e usá-lo em seu benefício partidário. VEJA já havia demonstrado nas reportagens “O polvo no poder” e “A alegria do polvo” como a Casa Civil fora transformada em um balcão de negócios, em que maços de dinheiro vivo apareciam nas gavetas de escritórios a poucos metros da sala do presidente da República. A presente reportagem relata as tentativas ousadas de petistas de alto coturno de conspurcar um dos mais antigos e venerandos ministérios da República, o da Justiça.

“Não aguento mais receber pedidos da Dilma e do Gilberto Carvalho para fazer dossiês. (...) Eu quase fui preso como um dos alopados.”

Legenda de foto: Pedro Abramovay, atual secretário nacional de Justiça, em conversa com seu antecessor, Romeu Tuma Júnior

É conhecido o desprezo que o PT nutre pelas instituições republicanas, mas o que se tentou no Ministério da Justiça, criado em 1822 por dom Pedro I, ultrapassa todas as fronteiras da decência. Em quase 200 anos de história, o ministério foi chefiado por homens da estatura de Rui Barbosa, Tancredo Neves e quatro futuros presidentes da República. O PT viu na tradicional instituição apenas mais um aparelho a serviço de seu projeto de poder. Como ensina Franklin Martins, ministro da Supressão da Verdade, “às favas com a ética” quando ela interfere nos interesses políticos e partidários dos atuais donos do poder. VEJA teve acesso a conversas entre autoridades da pasta que revelam a dimensão do desprezo petista pelas instituições. Os diálogos mostram essas autoridades incomodadas com a natureza dos pedidos que vinham recebendo do Palácio do Planalto. Pelo que é falado, não se pode deduzir que o Ministério da Justiça, ao qual se subordina a Polícia Federal, cedeu integralmente às descabidas investidas palacianas. “Não aguento mais receber pedidos da Dilma e do Gilberto Carvalho para fazer dossiês. (...) Eu quase fui preso como um dos alopados”, disse Pedro Abramovay, secretário nacional de Justiça, em conversa com seu antecessor, Romeu Tuma Júnior. Abramovay é considerado um servidor público exemplar, um “diamante da República”, como a ele se referiu um ex-ministro. Aos 30 anos, chegou ao Ministério da Justiça no início do governo Lula pelas mãos do ex-ministro Márcio Thomaz Bastos. A frase dele pode confirmar essa boa reputação, caso sua “canseira” tenha se limitado

a receber pedidos e não a atender a eles. De toda forma, deveria ter denunciado as ordens impertinentes e nada republicanas de “produzir dossiês”.

Mesmo um alto funcionário com excelente imagem não pode ficar ao mesmo tempo com a esmola e o santo. Em algumas passagens da conversa, Abramovay se mostra assustado diante das pressões externas e diz que pensa em deixar o governo. Não deixou. Existem momentos em que é preciso escolher. Antes de chegar ao ministério, ele trabalhou no gabinete da ex-prefeita Marta Suplicy, na liderança do PT no Senado e com o senador Aloizio Mercadante. Vem dessa etapa da carreira a explicação para a parte da frase em que ele diz “quase fui preso como um dos alopados”. A frase nos leva de volta à campanha eleitoral de 2006, quando petistas foram presos em um hotel ao tentar comprar um dossiê falso contra José Serra. A seu interlocutor, Abramovay sugere ter participado do episódio e se arrependido, a ponto de temer pedidos semelhantes vindos agora do Palácio do Planalto. Ele disse que quase foi preso na época do escândalo e que, por isso, teve de se esconder para evitar problemas. “Deu ‘bolo’ a história do dossiê”, comenta. Em pelo menos três ocasiões, Abramovay afirma que não está disposto a novamente agir de forma oficiosa. E justificou: “...os caras são irresponsáveis”.

“O Pedro reclamou várias vezes que estava preocupado com as missões que recebia do Planalto. Ele realmente me disse que recebia pedidos da Dilma e do Gilberto para levantar coisas contra quem atravessava o caminho do governo.”

Legenda de foto: Romeu Tuma Junior, ex-secretário nacional de Justiça

Os diálogos aos quais a reportagem teve acesso foram gravados legalmente e periciados para afastar a hipótese de manipulação. As ordens emanam do coração do governo — do chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho, e da candidata a presidente, Dilma Rousseff. A conversa mais longa durou cinquenta minutos e aconteceu em janeiro deste ano, no gabinete do então secretário nacional de Justiça e antecessor de Abramovay no cargo, Romeu Tuma Júnior. Os interlocutores discutem a sucessão do ex-ministro Tarso Genro. Ao comentar sobre o próprio futuro, Abramovay revela o desejo de trabalhar na ONU. Em tom de desabafo, o advogado afirmava que já não conseguia conviver com a pressão. Segundo ele, a situação só ia piorar com a nomeação para o cargo de Luiz Paulo Barreto, então secretário executivo, pela falta de força política do novo ministro, funcionário de carreira da pasta, em que também angariou excelente reputação. “Isso (o cargo de ministro) é maior que

o Luiz Paulo. (...) Agora eles vão pedir... para mim... pedir para a Polícia (Federal)”, desabafou.

Procurado por VEJA, Abramovay disse: “Nunca recebi pedido algum para fazer dossiês, nunca participei de nenhum suposto grupo de inteligência da campanha da candidata Dilma Rousseff e nunca tive de me esconder — ao contrário, desde 2003 sempre exerci funções públicas”. Romeu Tuma Júnior, seu interlocutor, porém, confirmou integralmente o teor das conversas: “O Pedro reclamou várias vezes que estava preocupado com as missões que recebia do Planalto. Ele me disse que recebia pedidos de Dilma e do Gilberto para levantar coisas contra quem atravessava o caminho do governo”. Acrescentou Tuma: “Há um jogo pesado de interesses escusos. Para atingir determinados alvos, lança-se mão, inclusive, de métodos ilegais de investigação. Ou você faz o que lhe é pedido sem questionar, ou passa a ser perseguido. Foi o que aconteceu comigo”, afirma o ex-secretário, que deixou a pasta em junho, depois que vieram a público denúncias de que teria relacionamento com a máfia chinesa. Tuma Júnior atribui a investigação contra si — formalmente arquivada por falta de provas — a uma tentativa de intimidação por parte de pessoas que tiveram seus interesses contrariados. Ele não quis revelar quais seriam esses interesses: “Mas posso assegurar que está tudo devidamente documentado”.

Legenda de foto: Para o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, o diretor da PF, Luiz Fernando Corrêa (à dir.), se valeu do aparato policial para monitorar autoridades. O ministro suspeitou que ele próprio houvesse sido vítima de grampos ilegais e que até o presidente Lula tivesse sido constrangido por Corrêa

O clima de desconfiança no Ministério da Justiça contaminou até o mais alto escalão. A certa altura das conversas, o chefe da pasta, Luiz Paulo Barreto, manifesta suspeita de que seu subordinado Luiz Fernando Corrêa, diretor-geral da Polícia Federal, o espione. Em inúmeras ocasiões, Barreto revelou a seus assessores não ter ascendência sobre Corrêa. O ministro chega a expressar em voz alta sua desconfiança de que o diretor da PF tem tanto poder que se dá ao luxo de decidir sobre inquéritos envolvendo pessoas da antessala do presidente da República. Um desses casos é relatado por Barreto em conversa no seu próprio gabinete, ocorrida em meados de maio. À sua chefe de gabinete, Gláucia de Paula, Barreto fala sobre o possível indiciamento de Gilberto Carvalho, braço direito do presidente Lula. Em 2008, a PF interceptou telefonemas em que o chefe de gabinete da Presidência conversava com o

advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, um dos investigados na Operação Satiagraha, que prendeu o banqueiro Daniel Dantas.

Em um dos diálogos, o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto (à esq.), sua chefe de gabinete, Gláucia de Paula, e o então secretário nacional de Justiça Romeu Tuma Júnior conversam sobre a origem do poder do diretor da Polícia Federal, Luiz Fernando Corrêa — que teria conseguido, entre outras coisas, evitar o indiciamento de Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do presidente Lula.

Gláucia de Paula: O Gilberto (Carvalho, chefe de gabinete da Presidência) foi indiciado?

Ministro Luiz Paulo Barreto: O processo foi travado. Deu m... (...) O negócio do grampo. O Luiz Fernando falou pra não se preocupar.

Gláucia de Paula: Tem certeza disso?

Ministro Luiz Paulo Barreto: O ministro Márcio (Thomaz Bastos) que me contou isso. O Gilberto (Carvalho) me contou isso.

Tuma: Esse cara tem alguma coisa, não é possível (...).

O ministro, que diz ter tido conhecimento do indiciamento pelo próprio Gilberto Carvalho, revela que o diretor da PF promoveu uma encenação para iludi-lo, numa manobra para mostrar que seu poder emanava de fora da hierarquia do Ministério da Justiça. A conversa toma um rumo inesperado. Um dos interlocutores fica curioso para saber a fonte real de poder de Luiz Fernando, que lhe dá cobertura até para desafiar seu próprio chefe sem temor de represálias. “Ele deve ter alguma coisa...”, afirma. Procurado, Luiz Paulo Barreto informou que não comentaria nada antes de ter acesso ao áudio da conversa. Gilberto Carvalho negou que já tenha feito algum pedido a Pedro Abramovay, a mesma resposta de Dilma Rousseff. As conversas e sua vinda a público funcionam como o poder de limpeza da luz do sol sobre os porões. Elas são reveladoras da triste realidade vivida por instituições respeitadas quando passam a ser aparelhadas por integrantes de um projeto de poder.

Legenda de foto: O quartel-general da pré-campanha de Dilma Rousseff foi usado para espionar adversários. A mando de Luiz Lanzetta (à esq.), o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr. (abaixo) comprou a quebra do sigilo fiscal do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge (à dir.), e de aliados de José Serra

Outra demonstração disso surgiu na semana passada, quando a Polícia Federal forneceu a mais recente prova de quanto pode ser pernicioso a simbiose entre partido e governo. Na quarta-feira, depois de revelado que o ex-jornalista Amaury Ribeiro Jr., integrante do “grupo de inteligência” da campanha de Dilma, foi o responsável pela violação do sigilo fiscal de Eduardo Jorge e de outros integrantes do PSDB, o militante petista Lula, atualmente ocupando a Presidência da República, anunciou ao país que a PF faria revelações sobre o caso — antegozando o fato de que um delegado, devidamente brifado sobre o que deveria dizer, jogaria suspeitas das patifarias de Amaury Ribeiro sobre os ombros do PSDB. Mais uma vez, a feitiçaria dos petistas resultou em um tiro no próprio pé. Nunca aprendem que, uma vez aberta a caixa de Pandora, os fantasmas escapam e voam sem controle.

Em junho passado, VEJA revelou que o comitê de campanha de Dilma Rousseff arregimentou um grupo de arapongas para espionar o candidato José Serra, seus familiares e amigos. A tropa começou os trabalhos com o que considerava um grande trunfo, um dossiê intitulado “Operação Caribe”, produzido por Amaury e que narrava supostas transações financeiras de pessoas ligadas ao PSDB. As únicas peças do dossiê fajuto que não podiam ser lidas no Google haviam sido obtidas de forma preguiçosa e venal, compradas de bandidos com acesso a funcionários da Receita Federal — e pagas com dinheiro vivo. Os dados fiscais violados serviram de subsídio para o tal relatório que circulou no comitê de campanha. Como “previu” o militante petista que ora ocupa a Presidência da República, horas depois de sua entrevista apareceram as tais “novidades”. Um delegado anunciou que, com a identificação de Amaury, o caso estava encerrado, já que o ex-jornalista, ao violar o sigilo, ainda era funcionário do jornal O Estado de Minas, portanto não haveria nenhuma ligação com a campanha do PT. O delegado Alessandro Moretti foi o escolhido apenas para comunicar à nação as graves revelações obtidas pelo trabalho policial — formalmente ele não participou do inquérito. A lealdade no caso era mais vital do que o profissionalismo policial. Número dois na diretoria de Inteligência da PF, Moretti é produto direto do aparelhamento na Polícia Federal.

f) LULA E O FIM DO LULISMO (03/11/2010)



Capa de *Veja* da edição nº 2.189, de 03/11/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

Brasil

O presidente da República já chora em público a despedida do poder, cria instituto nos moldes do de Fernando Henrique Cardoso para disseminar as ideias do seu governo e influenciar o destino do país — e, quem sabe, voltar em 2014

Laura Diniz, Sandra Brasil e Otávio Carral



Desde que se tornou uma figura pública, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu mostras de ser um homem emotivo e afeto a atouros de franqueza, algumas vezes desconcertantes. Na festa pelo seu 65º aniversário, comemorado no dia 27 no Palácio do Planalto, ele provou que continua o mesmo. Referindo-se ao fato de ser aquele o último aniversário que celebraria antes de passar a faixa presidencial adiante, afirmou: "Com toda a sinceridade, prefiro que este dia não tivesse chegado". Na última semana, ele chorou quatro vezes em público. Lula entregará o cargo ao seu sucessor em 1º de janeiro. Para o Brasil, será o fim de uma era. Para ele, uma mudança pessoal tão brusca quanto a que enfrentou quando

E O FUTURO DO LULISMO

Lula

Páginas 72 e 73 da edição de 03/11/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

Brasil

subiu pela primeira vez a rampa do palácio, oito anos atrás. A revista diária, com todos os seus detalhes, será a primeira coisa a amanhecer diferente em 2 de janeiro. Ao acordar, por exemplo, Lula não terá sido a visita noturna do funcionário destacado para dirigir-se ao quarto do presidente nas madrugadas com a função de verificar se o mandatório da nação repousa tranquilo. Lula gosta de contar do suso que levou na primeira noite que passou no Palácio da Alvorada. "Estava dominado e, de repente, vi aquele sujeito no meu quarto. Só depois descobri que ele estava passando para ver se estava tudo bem". Hoje, muitas madrugadas depois, ele se sente tão à vontade no palácio que, ao convidar assessores e amigos para visita lá, costuma dizer apenas: "Passa lá em casa". Quando recebe novas vis-

tas, gosta de exibir os tapetes e mostrar as vastas escantes de livros da biblioteca. "Já li todos", diz, brincando. Das regalias funcionais que fazem parte do poder, e que se vão quando ele termina, Lula deverá sentir especial saudade do Airbus da Presidência, o Aerolula, que recebeu em 2005. Ele não apenas gosta de viajar no jato como costuma se gabar do fato de tê-lo adquirido. "Precisa chegar um cara de coragem para fazer isso", costuma dizer. Como o funcionário encarregado de checar sua respiração nas madrugadas, outros em breve deixarão de servir-lhe para ocupar-se de seu sucessor, como o médico das Forças Armadas que acompanha os exercícios matinais do presidente e as duas funcionárias encarregadas de assegurar que sua roupa esteja sempre lavada, passada e com os botões em dia. Tudo isso acabará em janeiro. E Lula já decidiu como viverá sua nova fase.

Embora negue em público, o presidente cultivou planos de comandar algum órgão relevante da política internacional, como a ONU, o Banco Mundial ou a FAO, agência da ONU para agricultura e alimentação. Os projetos, porém, colidiram com a realidade — Lula não conseguiu apoio suficiente



65 ANOS Ao lado da mulher, Mariza, o presidente Lula comemora o seu último aniversário no poder: "Queris que esse dia nunca mais chegue?"

para eles. Em maio, o presidente reunia-se no Rio de Janeiro com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, para expor sua pretensão. Ouvia que ela era inviável, dado que esses cargos costumam ser ocupados por diplomatas de carreira. Além disso, o alinhamento do Brasil com governos totalitários como os de Cuba, Irã e Venezuela enfraqueceu o presidente junto à comunidade internacional que define quem vai para onde. Ban Ki-moon chegou a oferecer a Lula o comando de uma ação que a ONU desenvolverá para combater o aquecimento global, ao lado da alemã Angela Merkel, mas a proposta não animou o presidente. A negativa de Ban Ki-moon não foi suficiente para que Lula desistisse do seu pleito. Meses mais tarde, ele teve uma conversa com o comandante do Acnur egípcio da ONU para refugiados, o ex-primeiro-ministro de Portugal António Guterres, mas o resultado foi igualmente desanimador.

Todos os homens do ex-presidente

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai se dedicar à criação do instituto que levará o seu nome. Para assimilar, poderá contar com alguns velhos companheiros



CELSO AMORIM	MÁRCIO THOMAZ BASTOS	LUÍZ FERNANDO FURLAN	PAULO OKAMOTTO	SÉRGIO XAVIER FERREIRA	PAULO VANNUCHI	MARCO AURÉLIO GARCIA	JOSÉ CARLOS BUMILAI
Ministro das Relações Exteriores	Ex-ministro da Justiça	Ex-ministro do Desenvolvimento	Presidente do Sebrae	Tradutor	Secretário de Direitos Humanos	Assessor especial da Presidência para Assuntos Internacionais	Pecarista
Sua fidelidade à Lula é tal que se refere ao chefe como "nosso líder". No Itamaraty, ele criou a chamada diplomacia negociadora. Em 2009, tocou o PMDB pelo PT para concorrer ao Parlamento, mas desistiu, trabalha para ficar onde está. Caso contrário, seguiria com Lula no instituto	No governo, atuou como bombardeio de crises. Deixou o cargo em 2007, mas seguiu atuante nos bastidores. Deixou a defesa do governo no caso Ericson Guerra, sucessora de Dilma Rousseff na Casa Civil. Será um dos dez patronos-consultores do instituto	Outro dos dez patronos-consultores do instituto, o ex-presidente da Sadia deixou os negócios para ingressar no governo em 2003. Saiu da vida pública em 2007, fundou a Sadia com a Petrólio e, hoje, dirige o conselho do Brasil Foods, resultado da união das duas empresas	Amigo de Lula há trinta anos, o sindicalista Okamoto foi o tesoureiro da campanha de 1989. Em 1990, participou da criação do Instituto Cidadania, onde Lula se abrigou após a derrota. Ficou conhecido como "doador universal" por ajudar a pagar dívidas pessoais de Lula e sua família	Por saber o que Lula quer dizer com suas metáforas, Ferreira se tornou o tradutor preferido de Lula. Conseguiu seus emos de português e evita gafes. Teceu SAP do presidente desde 1992. Ferreira pode receber até 195.200 reais por ano do Itamaraty, em honorários e viagens	Ex militante de um grupo terrorista, foi o responsável no governo pelo Programa Nacional de Direitos Humanos 3, que sugeria, entre outras coisas, liberar o aborto, extinguir o direito à propriedade e manter a empresa	Imortalizado em 2007 por fazer gestos obscenos ao assistir ao noticiário sobre o acidente da TAM no qual morreram 193 pessoas em São Paulo, Top Top Garcia quer instigar o governo Dilma. Se não for possível, será incluído na equipe de assessores do instituto	Criador de gado, Bumilai é conhecido por fornecer a carne dos churrascos de Lula. Tomou-se assim um dos melhores amigos dele e da primeira-dama, Mariza Letícia. Está cuidando da reforma da sede do instituto Lula, em São Paulo

Páginas 74 e 75 da edição de 03/11/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Brasil

Com o que vivem os ex-governantes

Para que os chefes de governo possam se manter depois de deixar o cargo, é comum que seu país lhes conceda direitos vitalícios, que incluem pagamento de pensão e servidores bancados pelo estado — no Brasil, a pensão foi extinta em 1988

- No Brasil**
 - Dois carros oficiais com motoristas e despesas, como combustível, pagas
 - Quatro servidores, à escolha do ex-presidente, para trabalhar em sua segurança e apoio
 - Dois assessores com salário de 9000 reais cada um
- Nos Estados Unidos**
 - Pensão mensal equivalente a 28000 reais, caso o ex-presidente não ocupe cargo eletivo ou comissionado no governo ou no Distrito Federal
 - Segurança por dez anos
 - Escrótório, em qualquer lugar do território americano, devidamente equipado, mobiliado e com despesas pagas
 - 165000 reais anuais para contratação de assessores
 - Até 1,7 milhão de reais por ano com viagens e segurança
- Na França**
 - Pensão mensal de 12000 reais, além de 30000 reais por mês para fazer parte do Conselho Constitucional, caso não-ocupar cargo incompatível com o posto
 - Escrótório com as despesas telefônicas pagas
 - Carro oficial com motorista
 - Um secretário e seguranças
- No Reino Unido**
 - Pensão mensal equivalente a 15000 reais
 - 21000 reais por mês para despesas com assessores e escrótório
 - Cinco com motorista
 - Segurança



MOMENTOS PARA ESQUECER Acima, Lula com José Dirceu, o ministro da Casa Civil que protagonizou o maior escândalo de seu governo: o mensalão. Ao lado, com o assessor iraniano Almadinejad. A proximidade com o ditador iraniano ajudou a promover as ambições do pré-lula de assumir um cargo internacional



Diante disso, Lula optou por um plano B. Abriu um instituto que levará seu nome, nos mesmos moldes daquele que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso montou ao deixar o poder. O tucano seguiu o exemplo do ex-presidente americano Jimmy Carter, ganhador do Nobel da Paz de 2002 e até hoje cultuado como o melhor ex-presidente dos Estados Unidos. Bill Clinton, depois de deixar o cargo, em 2001, também criou um instituto de finalidades humanitárias. O de Lula cuidará do acervo de sua passagem pela Presidência e das obras do Instituto Cidadania, ligado ao PT e que já foi preterido por ele. Sua equipe se instalará na capital paulista em endereço de cartão-postal: uma confortável casa de três andares, com vista para o Parque do Ibirapuera. O imóvel já foi comprado e se ve a reforma iniciada. O pecarista José Carlos Bumilai, forrocedor da carne dos churrascos do Palácio da Alvorada, foi destacado para fiscalizar as obras, que incluem a construção de um memorial da Presidência, sala para reuniões e arquivos e espaço para os presentes que ele recebeu. O instituto contará com duas suítes para Lula e pessoas de sua intimidade. Os amigos do atual presidente já escalaram man-

tenedores para a instituição. Entre eles estão as empreiteiras Odebrecht, OAS e Andrade Gutierrez e o grupo JBS. Uma vez acomodado em seu novo escritório, Lula promete voltar a pôr o pé na estrada. Quer viajar pelo interior do país para ver os resultados do seu governo. O plano é reeditar a Caravana da Cidadania, que ele organizou para se preparar para a eleição presidencial de 1994. Sua principal ação, porém, não será no Brasil. Lula ambiciona fazer do instituto um meio para exportar a tecnologia de combate à fome que acredita ter desenvolvido em seus oito anos na Presidência. Quer viajar o mundo em palestras e firmar contatos com governos de países pobres, principalmente na África e na América Central, para ações de combate à fome, agricultura familiar e desenvolvimento do exato. Esse parece ser o futuro imediato do futuro ex-presidente. Já no longo prazo, restam incógnitas. A primeira delas diz respeito ao destino que ele dará à sua maior criação, o Ibilismo. Os cientistas políticos acreditam que a resposta para essa pergunta independe de quem será seu sucessor. Ela está vinculada unicamente à posição que o presidente assumir daqui para a frente.

Página 76 da edição de 03/11/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista Veja.

Brasil



MOMENTOS PARA LEMBRAR
Lula joga futebol no Palácio da Alvorada, em fins de 2003 (acima), e é aclamado no Nordeste (foto maior). À direita, em visita ao Egito, em 2002. Ao lado, no Arredóia (2009), o justo de que sentirá saudade

Se ele de fato se afastar da política, como chegou a prometer, o lulismo tenderá a esmaecer. Como o getulismo, vai se resumir a uma referência histórica — um quadro na parede. Se, no entanto, Lula trocar os dias de descanso em seu sítio pela militância política em qualquer esfera, vai assombrar quem quer que ocupe a cadeira que foi sua — como oposição ou infância, não necessariamente solicitada. A segunda questão demorará um pouco mais para ser respondida: concorrerá Lula à Presidência em 2014? São muitos os indícios de que sim, a começar pelo fato de onze entre dez interlocutores do presidente apostarem na tese: "Nenhum animal político do peso de Lula veste o pijama aos 65 anos", diz o cientista político Paulo Fábio Dantas, da Universidade Federal da Bahia.

É verdade que Lula resistiu à tentação do terceiro mandato, mas também é fato que cogitou dele. Tanto assim que, em discurso recente, expressou arrependimento pelo abandono da ideia. No fim de agosto, durante a cerimônia de sanção da lei complementar que criou o Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, brincou, dirigindo-se ao ministro da Defesa, Nelson Jobim: "Você poderia, junto dessa emenda complementar, ter mandado uma emendinha para mais uns anos de mandato?". Desde a redemocratização, a maioria dos presidentes que deixaram o cargo não conseguiu deixar a política, mesmo quando os eleitores os abandonaram. José Sarney teve de mudar seu domicílio eleitoral para o Amapá para se eleger senador. Fernando Collor, após ter sido apeado do poder, perdeu uma eleição até se eleger senador por Alagoas. Itamar Franco tentou, sem sucesso, voltar à Presidência e se converteu em eleger-se governador e senador. A história da América Latina registra um caso em que a dificuldade de desencarnar do poder atingiu o paroxismo: entre 1960 e 1996, o dominicano Joaquín Balaguer cumpriu sete mandatos presidenciais em seu país. No penúltimo, já estava cego e praticamente surdo, o que não o impediu de governar até o fim, derrotar e vencer na eleição seguinte (acusado de fraudar o pleito, como da vez anterior) e, em 2000, aos 94 anos de idade, disputar a Presidência pela derradeira vez, com a saúde completamente debilitada. Foi derrotado e morreu dois anos depois. No Brasil, o único ex-presidente que controlou a tentação de disputar eleições foi Fernando Henrique (leia entrevista do ex-presidente), que se manteve como conselheiro do seu partido, o PSDI.

Lula deixa a Presidência com uma popularidade recorde e alguns feitos notáveis. Deixa também a mancha dos escândalos que marcaram o seu governo, sendo o mensalão a mais indelével delas. Esses registros pertencem ao passado e são imutáveis. Já a forma com que Lula continuará a escrever a sua biografia a partir de agora é uma decisão que depende exclusivamente dele — e ela será fundamental para definir seu lugar na história. ■

COM REPORTRIAGEM DE ANDRÉ VARGAS, KALLEO COURA E MARCELO SPERANÇO

Página 78 da edição de 03/11/2010. Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*.

TEXTO COMPLETO:

LULA E O FUTURO DO LULISMO

O presidente já chora em público a despedida do poder e cria instituto para disseminar as ideias do seu governo e influenciar o destino do país - agora e, quem sabe, em 2014

Desde que se tornou uma figura pública, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu mostras de ser um homem emotivo e afeito a arroubos de franqueza, algumas vezes desconcertantes. Na Festa pelo seu 65º aniversário, comemorado no dia 27 no Palácio do Planalto, ele provou que continua o mesmo. Referindo-se ao fato de ser aquele o último aniversário que celebraria antes de passar a faixa presidencial adiante, afirmou: "Com toda a sinceridade, preferia que este dia não tivesse chegado". Na última semana, ele chorou quatro vezes em público. Lula entregará o cargo ao seu sucessor em 1º de janeiro. Para o Brasil, será o fim de uma era. Para ele, uma mudança pessoal tão brusca quanto a que enfrentou quando subiu pela primeira vez a rampa do Palácio, oito anos atrás. A rotina diária, com todos os seus detalhes, será a primeira coisa a amanhecer diferente em 2 de janeiro. Ao acordar, por

exemplo, Lula não terá tido a visita noturna do funcionário destacado para dirigir-se ao quarto do presidente nas madrugadas com a função de verificar se o mandatário da nação repousa tranquilo. Lula gosta de contar do susto que levou na primeira noite que passou no Palácio da Alvorada. “Estava dormindo e, de repente, vi aquele sujeito no meu quarto. Só depois descobri que ele estava passando para ver se estava tudo bem”. Hoje, muitas madrugadas depois, ele se sente tão a vontade no palácio que, ao convidar assessores e amigos para visitá-lo, costuma dizer apenas: "Passa lá em casa". Quando recebe novas visitas, gosta de exibir os tapetes e mostrar as vastas estantes de livros da biblioteca. “Já li todos”, diz, brincando.

Das regalias funcionais que fazem parte do poder, e que se vão quando ele termina, Lula devera sentir especial saudade do Airbus da Presidência, o Aerolula, que recebeu em 2005. Ele não apenas gosta de viajar no jato como costuma se gabar do fato de tê-lo adquirido. "Precisava chegar um cara de coragem para fazer isso", costuma dizer. Como o funcionário encarregado de checar sua respiração nas madrugadas, outros em breve deixarão de servir-lhe para ocupar-se de seu sucessor, como o médico das Forças Armadas que acompanha os exercícios matinais do presidente e as duas funcionárias encarregadas de assegurar que sua roupa esteja sempre lavada, passada e com os botões em dia. Tudo isto acabou em janeiro. E Lula já decidiu como viverá sua nova fase.

BOX: Todos os homens do ex-presidente: O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai se dedicar à criação do instituto que levará seu nome. Para auxiliá-lo, poderá contar com alguns velhos companheiros.

Celso Amorim - Ministro das Relações Exteriores. Sua fidelidade a Lula é tal que se refere ao chefe como ‘nosso líder’. No Itamaraty, ele criou a chamada diplomacia megalomaniaca. Em 2009, trocou o PMDB pelo PT para concorrer ao Parlamento, mas desistiu. Trabalha para ficar onde está. Caso contrário, seguirá Lula no instituto.

Márcio Thomaz Bastos - Ex-ministro da Justiça. No governo, atuou como bombeiro de crises. Deixou o cargo em 2007, mas seguiu atuante nos bastidores. Delineou a defesa do governo no caso Erenice Guerra, sucessora de Dilma Rousseff na Casa Civil. Será um dos dez patronos-conselheiros do instituto .

Luiz Fernando Furlan – Ex-ministro do desenvolvimento. Outro dos dez-patronos conselheiros do instituto, o ex-presidente da Sadia deixou os negócios para integrar o governo em 2003. Saiu da vida pública em 2007, fundiu a Sadia com a Perdigão e, hoje, dirige o conselho da Brasil Foods, resultado da união das duas empresas.

Paulo Okamoto - Presidente do Sebrae. Amigo de Lula há trinta anos, o sindicalista Okamoto foi tesoureiro da campanha de 1989. Em 1990, participou da criação do Instituto Cidadania, onde Lula se abrigou após a derrota. Ficou conhecido como 'doador universal' por afirmar ter pago dívidas pessoais de Lula e sua família.

Sérgio Xavier Ferreira - Tradutor. Por saber o que Lula quer dizer com suas metáforas, Ferreira se tornou o tradutor preferido de Lula. Corrige seus erros de português e evita gafes. Tecla SAP do presidente desde 1992, Ferreira pode receber até 195 200 reais por ano do Itamaraty, em honorários e viagens.

Paulo Vannuchi - Secretário de Direitos Humanos. Ex-militante de um grupo terrorista, foi o responsável no governo pelo Programa Nacional de Direitos Humanos-3, que sugeria, entre outras coisas, liberar o aborto, extinguir o direito à propriedade e manietar a imprensa.

Marco Aurélio Garcia - Assessor especial da Presidência para Assuntos Internacionais. Imortalizado em 2007 por fazer gestos obscenos ao assistir ao noticiário sobre o acidente da TAM no qual morreram 199 pessoas em São Paulo, Top Top Garcia quer integrar o governo Dilma. Se não for possível, será incluído na equipe de assessores do instituto.

José Carlos Bumlai - Pecuarista. Criador de gado, Bumlai é conhecido por fornecer a carne dos churrascos de Lula. Tornou-se assim um dos melhores amigos dele e da primeira-dama, Marisa Letícia. Está cuidando da reforma da sede do Instituto Lula, em São Paulo.

Embora negue em público, o presidente cultivou planos de comandar algum órgão relevante da política internacional, como a ONU, o Banco Mundial ou a FAO, agência da ONU para agricultura e alimentação. Os projetos, porém, colidiram com a realidade - Lula não conseguiu apoio suficiente para eles. Em maio, o presidente reuniu-se no Rio de Janeiro com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, para expor sua pretensão. Ouvia que ela era inviável, dado que esses cargos costumam ser ocupados por diplomatas de carreira. Além disso, o alinhamento do Brasil com governos totalitários como os de Cuba, Irã e Venezuela enfraqueceu o presidente junto a comunidade internacional que define quem vai para onde. Ban Ki-moon chegou a oferecer a Lula o comando de uma ação que a ONU desenvolverá para combater o aquecimento global, ao lado da alemã Angela Merkel, mas a proposta não animou o presidente. A negativa de Ban Ki-moon não foi suficiente para que Lula desistisse do seu pleito. Meses mais tarde, ele teve uma conversa com o comandante do Acnur (agência da ONU para refugiados), o ex-primeiro-ministro de Portugal António Guterres, mas o resultado foi igualmente desanimador.

Legenda de foto: 65 ANOS. Ao lado da mulher, Marisa, o presidente Lula comemora o seu último aniversário no poder: “Queria que esse dia nunca tivesse chegado”

Diante disso, Lula optou por um plano B. Abrirá um instituto que levará seu nome, nos mesmos moldes daquele que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso montou ao deixar o poder. O tucano seguiu o exemplo do ex-presidente americano Jimmy Carter, ganhador do Nobel da Paz de 2002 e até hoje cultuado como o melhor ex-presidente dos Estados Unidos. Bill Clinton, depois de deixar o cargo, em 2001, também criou um instituto de finalidades humanitárias. O de Lula cuidará do acervo de sua passagem pela Presidência e das obras do Instituto Cidadania, ligado ao PT e que já foi presidido por ele. Sua equipe se instalará na capital paulista em endereço de cartão-postal: uma confortável casa de três andares, com vista para o Parque do Ibirapuera. O imóvel já foi comprado e teve a reforma iniciada. O pecuarista José Carlos Bumlai, fornecedor da carne dos churrascos do Palácio da Alvorada, foi destacado para fiscalizar as obras, que incluem a construção de um memorial da Presidência, salas para reunião e arquivos e espaço para os presentes que ele recebeu. O instituto contará com duas suítes para Lula e pessoas de sua intimidade. Os amigos do atual presidente já escalaram mantenedores para a instituição. Entre eles estão as empreiteiras Odebrecht, OAS e Andrade Gutierrez e o grupo JBS. Uma vez acomodado em seu novo escritório, Lula promete voltar a por o pé na estrada. Quer viajar pelo interior do país para ver os resultados do seu governo. O plano é reeditar a Caravana da Cidadania, que ele organizou para se preparar para a eleição presidencial de 1994. Sua principal ação, porém, não será no Brasil. Lula ambiciona fazer do instituto um meio para exportar a tecnologia de combate a fome que acredita ter desenvolvido em seus oito anos na Presidência. Quer viajar o mundo em palestras e firmar convênios com governos de países pobres, principalmente na África e na América Central, para ações de combate à fome, agricultura familiar e desenvolvimento do etanol.

Legenda de foto: MOMENTOS PARA ESQUECER. Acima, Lula com José Dirceu, o ministro da Casa Civil que protagonizou o maior escândalo do seu governo: o mensalão. Ao lado, com o atômico Mahmoud Ahmadinejad. A proximidade com o ditador iraniano ajudou a enterrar as ambições do petista de assumir um cargo internacional.

Este parece ser o futuro imediato do futuro ex-presidente. Já no longo prazo, restam incógnitas. A primeira delas diz respeito ao destino que ele dará a sua maior criação, o lulismo. Os cientistas políticos acreditam que a resposta para essa pergunta independe de

quem será seu sucessor. Ela está vinculada unicamente à posição que o presidente assumir daqui para a frente. Se ele de fato se afastar da política, como chegou a prometer, o lulismo tenderá a esmaecer. Como o getulismo, vai se resumir a uma referência histórica - um quadro na parede. Se, no entanto, Lula trocar os dias de descanso em seu sítio pela militância política em qualquer esfera, vai assombrar quem quer que ocupe a cadeira que foi sua - como oposição ou influência, não necessariamente solicitada. A segunda questão demorará um pouco mais para ser respondida: concorrera Lula a Presidência em 2014? São muitos os indícios de que sim, a começar pelo fato de onze entre dez interlocutores do presidente apostarem na tese. "Nenhum animal político do peso do Lula veste o pijama aos 65 anos", diz o cientista político Paulo Fábio Dantas, da Universidade Federal da Bahia.

Legenda de foto: MOMENTOS PARA LEMBRAR. Lula joga futebol no Palácio da Alvorada, em foto de 2003 (acima), e é aclamado no Nordeste (foto maior). À direita, em visita ao Egito, em 2003. Ao lado, no Aerolula (2009), o jato de que sentirá saudade.

É verdade que Lula resistiu a tentação do terceiro mandato, mas também é fato que cogitou dele. Tanto assim que, em discurso recente, expressou arrependimento pelo abandono da ideia. No fim de agosto, durante a cerimônia de sanção da lei complementar que criou o Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, brincou, dirigindo-se ao ministro da Defesa, Nelson Jobim: "Você poderia, junto dessa emenda complementar, ter mandado uma emendinha para mais uns anos de mandato". Desde a redemocratização, a maioria dos presidentes que deixaram o cargo não conseguiu deixar a política, mesmo quando os eleitores os abandonaram. José Sarney teve de mudar seu domicílio eleitoral para o Amapá para se eleger senador. Fernando Collor, após ter sido apeado do poder, perdeu uma eleição até se eleger senador por Alagoas. Itamar Franco tentou, sem sucesso, voltar à Presidência e se contentou em eleger-se governador e senador. A história da América Latina registra um caso em que a dificuldade de desencarnar do poder atingiu o paroxismo. Entre 1960 e 1996, o dominicano Joaquín Balaguer cumpriu sete mandatos presidenciais em seu país. No penúltimo, já estava cego e praticamente surdo, o que não o impediu de governar até o fim, concorrer e vencer na eleição seguinte (acusado de fraudar o pleito, como da vez anterior) e, em 2000, aos 94 anos de idade, disputar a Presidência pela derradeira vez, com a saúde completamente debilitada. Foi derrotado e morreu dois anos depois. No Brasil, o único ex-presidente que controlou a tentação de disputar eleições foi Fernando Henrique, que se manteve como conselheiro do seu partido, o PSDB.

Lula deixa a Presidência com uma popularidade recorde e alguns feitos notáveis. Deixa também a mancha dos escândalos que marcaram o seu governo, sendo o mensalão a mais indelével delas. Esses registros pertencem ao passado e são imutáveis. Já a forma com que Lula continuará a escrever a sua biografia a partir de agora é uma decisão que depende exclusivamente dele - e ela será fundamental para definir seu lugar na história.